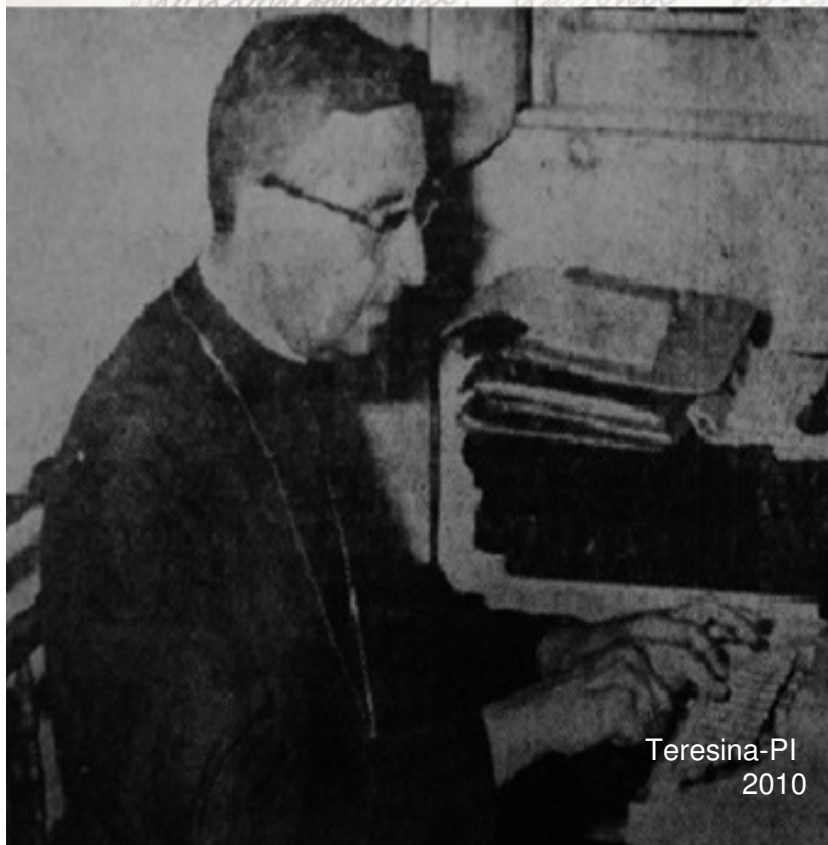




UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL
MESTRADO EM HISTÓRIA DO BRASIL

SONIA MARIA DOS SANTOS CARVALHO

DOM AVELAR BRANDÃO VILELA:
uma biografia histórica



Teresina-PI
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL
MESTRADO EM HISTÓRIA DO BRASIL

Sônia Maria dos Santos Carvalho

DOM AVELAR BRANDÃO VILELA:
uma biografia histórica

Teresina
2010

Sônia Maria dos Santos Carvalho

DOM AVELAR BRANDÃO VILELA:
uma biografia histórica

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Piauí, como requisito à obtenção do título de Mestre em História do Brasil.

Orientadora: Profa. Dra. Áurea da Paz Pinheiro

Teresina

2010

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco

C331d Carvalho, Sônia Maria dos Santos.
Dom Avelar Brandão Vilela [manuscrito] : uma biografia
histórica / Sônia Maria dos Santos Carvalho. – 2010.
207 f.

Impresso por computador (printout).

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro
de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em
História do Brasil, 2010.

“Orientadora: Profa. Dra. Áurea da Paz Pinheiro”.

1. Biografia - Piauí. 2. História - Piauí. 3. Arquidiocese de
Teresina. 4. Dom Avelar Brandão Vilela. I. Título.

CDD 920.981.22

Sônia Maria dos Santos Carvalho

DOM AVELAR BRANDÃO VILELA:
uma biografia histórica

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Piauí, como requisito à obtenção do título de Mestre em História do Brasil.

Área de Concentração: História, Memória, Cidade e Trabalho.

Aprovado em: 08/06/2010

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Áurea da Paz Pinheiro – UFPI
Doutora em História Social
Orientadora

Prof. Dr. Gustavo Fortes Said – UFPI
Doutor em Ciências da Comunicação
Examinador

Profa. Dra. Vanessa Maria Brasil – UnB
Doutora em História Social
Examinadora

À Júlia, a Arthur e Álvaro, pelos beijos e abraços nos momentos de exaustão.

À Zora-Yonara e à Sandra, pela cumplicidade e cuidado que só as irmãs de sangue e coração podem dispensar.

À Francisca e Raimundo (mãe e pai), e ao meu avô Francisco, que, lavradores quando crianças, não sabiam ao certo o que significava o Mestrado para a minha vida acadêmica, mas se alegraram imensamente pelo meu ingresso e apostaram em uma conclusão satisfatória.

À amiga Izabel e a meu afilhado João, por incentivo incomum à minha felicidade.

A Tomaszewski Hipólito de Moura, por sua atenção, aposta no meu sucesso e conselhos de quem já vivenciou todo o processo de Mestrado.

Aos professores e amigos da quinta turma do Mestrado em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, que me ensinaram, voluntariamente ou não, que todos os dias posso inventar-me historiadora.

Pequena Folha

Tu eras também uma pequena folha
que tremia no meu peito.
O vento da vida pôs-te ali.
A princípio não te vi: não soube
que ias comigo,
até que as tuas raízes
atravessaram o meu peito,
se uniram aos fios do meu sangue,
falaram pela minha boca,
floresceram comigo.

Pablo Neruda

AGRADECIMENTOS

Sou uma jornalista por formação que se inventa historiadora. Com esta pesquisa, coloque-me pela primeira vez como pesquisadora do campo historiográfico. Não terminaria este trabalho sem dar o devido crédito à Dra. Áurea da Paz Pinheiro, que visualizou minhas possibilidades,

acompanhou-me e orientou-me com sapiência de grande mestra. Agradeço pelas orientações e parcerias em artigos e eventos, pois todas estas experiências ajudaram a construir meu surgimento no campo da História.

Agradeço aos doutores Francisco Alcides do Nascimento, Teresinha Queiroz, Edwar Castelo Branco, Pedro Vilarinho e Antônio de Pádua, meus professores do Mestrado, pois, cada um, a seu modo, indicou-me formas de inserção nesta área de conhecimento, e despertou admiração pelo compromisso com que trata as pesquisas em História. Deles e da minha orientadora vieram conselhos úteis à conduta dentro desta Pós-Graduação. Fica um sentimento de gratidão também aos servidores pelo atendimento carinhoso e respeitoso em todas as ocasiões.

Aos funcionários do Museu do Sertão em Petrolina(PE); do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe; do Laboratório Reitor Eugênio de Andrade Veiga da Universidade Católica de Salvador; do Seminário Maior de Aracaju; do Arquivo Público do Piauí; do Jornal *O Dia*, em Teresina; da Hemeroteca do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Piauí; e Núcleo de História Oral da Universidade Federal do Piauí, deixo agradecimentos pelo entendimento das necessidades da pesquisa e pela recepção gentil que me foi oferecida. Agradeço ainda aos funcionários das cúrias metropolitanas de Teresina, Aracaju e Petrolina. Não seria possível reunir este universo de fontes sem o atendimento que me prestaram ao longo destes dois anos.

Agradeço aos quatorze colegas de sala: Arimateia, Eliane, Cícero, Lindalva, Gustavo, Leda, Mara, Rodrigo, Jarbas, Reginaldo, Iara, Regiany, João e Gislane, pelas conversas, ideias, críticas e sugestões sobre o meu trabalho. Cada um ensinou-me algo que levarei em consideração nos próximos desafios. À Eliane, a Gustavo, Cícero, João, Reginaldo e à Iara, um *muito obrigada* particular, pelos motivos que cada um conhece bem Mesmo cheios de humildade, saibam que foram importantes para mim nesta caminhada. À Marylu, a Mairton e Warrington Veras, precursores no Programa de Pós-Graduação, pela atenção na indicação de fontes.

À Francisca Joana de Carvalho, Raimundo Francisco de Carvalho, Zora, Sandra, Arthur, Júlia, Alvaro, Moisés Mendes da Silva, Izabel Gheller, João Robert, Danuse Santiago e Clara Marcília, Tomaszewski – familiares e amigos – um agradecimento impossível de ser expressado em plenitude, pelo muito que me ajudaram. Talvez consiga alguma aproximação ao dizer que foi por vocês que construí este trabalho. Obrigada por compreenderem todas as minhas recusas e ausências em nome do Mestrado, e pela paciência que tiveram quando meu único assunto em nossas conversas era a pesquisa que fazia nesta Pós-Graduação.

Meu sentimento de gratidão à Universidade Estadual do Piauí, pelas concessões para a redução de minha carga horária, medida imprescindível para a dedicação a esta pesquisa. Aos meus alunos e orientandos, que me incentivaram durante o biênio.

A Deus, por ter enviado forças que me atravessaram, quando estive a ponto de me considerar pequena demais para esta missão.

RESUMO

A presente dissertação foi construída em forma de biografia histórica, na qual o contexto social ganha importância como cenário de construção da singularidade do personagem

histórico. Realiza uma leitura, entre as muitas possíveis, da vida de Dom Avelar Brandão Vilela, relacionando-a aos contextos nos quais viveu nas cidades de Aracaju-SE, Petrolina-PE, Teresina-PI e Salvador-BA entre 1912 e 1986. O objetivo central é narrar aspectos de sua trajetória, reunindo diversas janelas de pesquisa sobre o tema para futuras investigações. As fontes utilizadas constituíram jornais impressos, cartas pessoais do religioso ou a ele endereçadas, e entrevistas com seus contemporâneos, colhidas nas cidades supramencionadas. A narrativa foi estruturada a partir de sua formação sacerdotal e exercício eclesial em Aracaju; das paixões que travou com os habitantes das cidades nas quais trabalhou, gerando identificações e conflitos; dos silêncios e pronunciamentos sobre sua vida familiar; da fuga aos enquadramentos nos quais os contemporâneos desejaram aprisionar-lhe; e nos discursos e homilias nos quais construiu suas visões sobre o tempo, a igreja e o homem. Pelos textos publicados em jornais ou registrados em cartas, Dom Avelar legitimou seu lugar de fala, defendeu posturas de aproximação da Igreja Católica com questões de ordem social e assistencial, e assim conquistou condições de atuar na cidade dentro ou fora do campo eclesiástico.

Palavras-chaves: Dom Avelar Brandão Vilela. Biografia. Arquidiocese de Teresina. Igreja Católica.

ABSTRACT

This dissertation was compiled in a historical biographical style in which the social context gains importance as a setting for the construction of the uniqueness of historical character. An article is made, among the many possible, about the life of Dom Avelar Brandão Vilela, related to the social contexts in which he lived in the cities of Aracaju, Petrolina, Teresina and Salvador from 1912 to 1986. The main objective is to describe aspects of his career

combining several windows of research about the subject for future investigations. The resources utilized were print newspapers, personal letters from the religious or addressed to him and interviews with his contemporaries located in the cities of Teresina, Piauí; Petrolina, Pernambuco; Salvador, Bahia, and Aracaju in Sergipe. The narrative was structured beginning with his priestly formation to his ecclesial exercise in Aracaju, to the passions that fought with the inhabitants of the cities in which he worked, generating identifications and conflicts, to the silences and statements about his family life, through the path of frameworks in which his contemporaries tried to limit him and in the speeches and homilies that formed his views over time in regards to the church and man. Through texts published in newspapers or registered letters, Dom Avelar legitimized his place as a speaker, defending positions to unify the Catholic Church on issues of social order and care, thereby overcoming work conditions in the city within or outside the ecclesiastical circle.

Keywords: Dom Avelar Brandão Vilela. Biography. Archdiocese of Teresina. Catholic Church.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Dom Avelar Brandão Vilela em postal alusivo ao jubileu de ouro sacerdotal, comemorado em 27 de outubro.....	14
Figura 02	Dom Avelar Brandão Vilela ao tomar posse em Petrolina, em 1946.....	69
Figura 03	Monumento em homenagem a Dom Avelar erguido na Praça São Benedito, no Centro de Teresina.....	78

Figura 04	Bilhete de fiel católica solicitando ajuda financeira.....	84
Figura 05	Postal de lembrança do 1º Congresso Eucarístico de Petrolina enviado por Dom Avelar a sua mãe em 1948.....	100
Figura 06	Capa da Revista do 1º Congresso Eucarístico de Petrolina.....	100
Figura 07	Altar monumento erguido em Teresina para as sessões magnas do 1º Congresso Eucarístico de Teresina, em 1960...	102
Figura 08	Concentração popular para recepção do núncio apostólico, no último dia do 1º Congresso Eucarístico de Teresina.....	103
Figura 09	Capa da Revista Caravana, em edição especial de cobertura do 1º Congresso Eucarístico de Teresina.....	104
Figura 10	Dom Avelar Brandão Vilela o primeiro a ser produzido pelo serviço de clicheteria do Jornal <i>O Dia</i>	108
Figura 11	Cartões de despedida e ramallete espiritual oferecidos a Dom Avelar pelos fiéis do Piauí, em 1971.....	126
Figura 12	Multidão na missa de despedida dos piauienses, em 05 de maio de 1971, em frente a Igreja Nossa Senhora do Amparo..	128
Figura 13	Dom Avelar em foto de honra aos pais no dia da ordenação sacerdotal, em Aracaju.....	136
Figura 14	Dom Avelar com os pais e os nove irmãos, no Engenho Mata Verde.....	136
Figura 15	Dom Avelar com a mãe e dois irmãos, no Engenho Mata Verde, em 1926, aos 14 anos.....	143
Figura 16	Dom Avelar, no Palácio Campo Grande, em Salvador, em maio de 1971.....	165
Figura 17	Dom Avelar partindo de Salvador com destino a São Paulo, onde realizaria tratamento no Instituto do Coração, em 1986....	176

SUMÁRIO

1	O BISPO NO OBSERVATÓRIO.....	13
2	O ARCEBISPO NO PRELO E AS CIDADES ENGALANAS.....	27
2.1	O Arcebispo no prelo.....	34
2.2	A Cidade da falta: a Teresina viva, péssima e que deixa saudades.	46
2.3	A Capital engalanada para o arcebispo.....	57

2.4	As cerimônias de posse: expectativas e simbolismos.....	65
3	AS INTERVENÇÕES, OS CONFLITOS, AS DESPEDIDAS.....	76
3.1	Mudanças institucionais na Igreja Católica, novas vivências na cidade.....	85
3.2	Congressos eucarísticos: transformação das cidades em monumentos.....	97
3.3	A Imprensa que Construiu o Arcebispo.....	105
3.4	O Arcebispo agindo na Imprensa: batalhas e constituição narrativa do mundo.....	111
3.5	As Despedidas do Piauí.....	125
4	A CONSTRUÇÃO DE UM MODELO DE VIDA COERENTE.....	132
4.1	O falar de si: a fuga aos enquadramentos e invenção da postura moderadora.....	147
4.2	O trabalho da expressão: palavras a serviço da missão de pastor..	162
5	A USINA E A FALTA DO FIM.....	178
	REFERÊNCIAS.....	181
	ANEXOS.....	196

1 O BISPO NO OBSERVATÓRIO

Completo, com a graça de Deus, cinquenta anos de sacerdócio. Fiel ao chamado de Cristo e da Igreja, servi como pude aos desígnios do Senhor, neste meio século de vida consagrada, anunciando o Amor, a Justiça e a Paz. Os pequenos dissabores que tive perderam-se no oceano das infinitas alegrias com que o Pai quis, benevolmente, pontilhar o meu caminho. O passado construído, mais do que nunca, é hoje estímulo para o futuro que ainda me resta perfazer. Unido a Maria Santíssima, continuarei rogando o auxílio divino, para melhor atender a outros tantos apelos do Evangelho, que por certo virão. Nada tenho de que me queixar, mas muito para agradecer. Bendigo, então, pelo padre que fui ontem.

Pelo padre que sou hoje. Pelo padre que quero ser, até o fim (Dom Avelar Brandão Vilela).¹

Avelar Brandão Vilela nasceu em treze de junho de 1912, em Viçosa, Alagoas. Seus pais, Elias Brandão Vilela e Isabel Brandão Vilela, eram proprietários do Engenho Mata Verde, naquele município. Foi ordenado padre em Aracaju, Sergipe, em vinte e sete de outubro de 1935, dia da Festa de Cristo Rei. Nesta capital, durante onze anos, exerceu cargos de professor de Psicologia, Português e Literatura Luso-Brasileira; secretário do Bispado, capelão, cônego, diretor espiritual do seminário Sagrado Coração de Jesus, assistente diocesano e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Foi eleito bispo de Petrolina, em Pernambuco, em junho de 1946, pelo Papa Pio XII, e sagrado em 27 de outubro do mesmo ano. No decênio em que esteve na cidade, realizou dois congressos eucarísticos e semanas ruralistas, fundando o Instituto São José para iniciação profissional de jovens; organizou setores da Ação Católica e instalou a Campanha Nacional de Educação Rural. Chegou ao Piauí em 6 de maio de 1956, aos quarenta e quatro anos, na condição de segundo arcebispo da Arquidiocese de Teresina, e permaneceu até 6 de maio de 1971, quando foi transferido para Salvador, sede primacial da Igreja Católica no Brasil. Em 2 de fevereiro de 1973, anunciou que fora escolhido pelo papa Paulo VI como cardeal da Igreja de Roma. Em meados dos anos 1960, ao assumir a Diretoria Nacional do Movimento de Educação de Base (MEB), a Vice-Presidência e Presidência interina da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a Presidência do Conselho Episcopal Latino Americano (CELAM), projetou-se internacionalmente, chegando a participar de todas as sessões do Concílio Vaticano II (1962-1965), e a coordenar a Conferência de Medellín, na Colômbia, em 1968. Posteriormente, participou da elaboração do primeiro Sínodo dos Bispos a convite do Papa Paulo VI, e de todos os consistórios realizados desde então.

Em Salvador, Bahia, Dom Avelar Brandão Vilela redigiu o texto que dá início à presente dissertação. Trata-se de um fragmento que compõe o postal comemorativo de seu jubileu de ouro sacerdotal, realizado em 27 de outubro de 1985. O fragmento está no verso de uma foto de Dom Avelar. Na imagem, encontra-se sentado, usando a veste talar preta, adornada por faixa e botões vermelhos e o colar com crucifixo sobre o peito. Imagem e texto dialogam e representam o arcebispo primaz do Brasil, em momento de revisão da sua trajetória de vida, avaliando o que conseguiu fazer na condução de seu ofício, cujo resultado seria a conjugação de suas possibilidades de existência atravessadas, segundo o clérigo, por auxílio divino.

¹ VILELA, Dom Avelar Brandão. Postal do seu Jubileu Sacerdotal de Ouro. Salvador, 27 out. 1985. Disponível em acervo pessoal de Mons. Bernardino Pacífico da Luz, ordenado sacerdote em 19 dez. 1948, em cerimônia presidida por Dom Avelar, em Petrolina (PE).

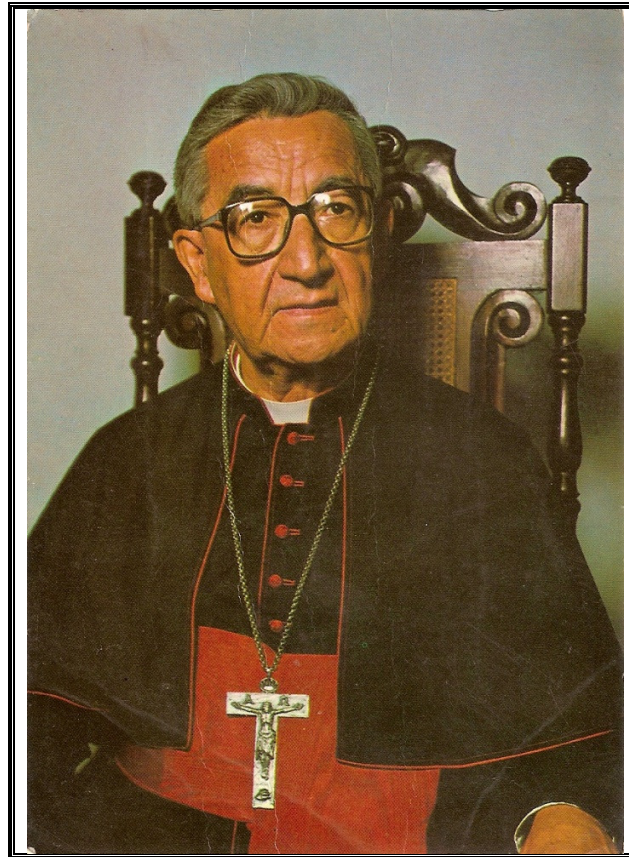


Figura 1 – Dom Avelar Brandão Vilela, em postal alusivo ao Jubileu de Ouro Sacerdotal, comemorado em 27 de outubro de 1985.

Fonte: Acervo pessoal do Monsenhor Bernardino Pacífico da Luz.

Em uma primeira leitura, as reflexões sobre o passado, presente e futuro podem ser atribuídas ao simbolismo típico das celebrações de jubileu de ouro dentro do contexto católico. Contudo, em Dom Avelar Brandão Vilela, o exame da própria vida era exercício permanente e angústia existencial, presentes em pronunciamentos e entrevistas concedidas quando assumia cargos na Igreja Católica ou recebia títulos honoríficos de cidadania e incorporação em academias literárias. O anterior, o hoje e o amanhã, assim como o temporal e o divino não existiriam senão através de vinculações. Para o religioso, passado, presente e futuro, trajetória terrena e mística são composições em constante contato e influência mútua compondo um conceito próprio de tempo.²

Avelar Brandão Vilela foi padre, bispo, arcebispo metropolitano, arcebispo primaz do Brasil e cardeal da Igreja Católica, nascido no Nordeste brasileiro. Embora a Igreja o tenha incumbido de apostolados somente nesta região, sua atuação foi nacional e internacional pelos cargos que ocupou junto a organismos católicos, como o Conselho

² Para Dom Avelar, o tempo é uma partícula da eternidade que se localiza no espaço e logo desaparece. É um sopro quente e fugaz do infinito, no homem que transita pelos caminhos efêmeros da vida. VILELA, Dom Avelar Brandão. Discurso do acadêmico por ocasião de seu ingresso à Casa de Lucídio Freitas – Academia Piauiense de Letras. In: DANTAS, Deoclécio. **Dom Avelar Brandão Vilela, uma vida a serviço da paz**. Teresina: Gráfica do Povo, 2006. p. 52.

Episcopal Latino-Americano (CELAM) e a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

É possível refletir o papel de um indivíduo na história a partir dos cargos exercidos ao longo dos anos. Porém, uma existência humana é mais complexa, abraçando as ideias, as posturas e as articulações que um indivíduo estabelece com os demais.

Ciente da efemeridade do tempo dentro da noção de eternidade, como rebelde às classificações exteriores, Dom Avelar Brandão Vilela definiu-se pela identificação junto ao cargo que ocupava, na fusão de todas as épocas. “Sou um bispo da igreja, de uma igreja viva e que, sendo eterna, tem compromisso com o passado, o presente e o futuro”.³ Além dos apostolados, foi articulador e agente de desenvolvimento social nas cidades em que trabalhou; escreveu com intensidade, distinguiu-se na hierarquia eclesial como palestrante e orador sacro. Foi homem de ideias, e despertou paixões, em forma de estima ou protesto, ao construir autoridade fora do campo eclesial, com permissões para gerência de enfrentamentos pela leitura moderada de situações conflituosas.

Há muito o que conservar se quisermos manter a nossa identidade, e muito o que renovar se quisermos ser fiéis à nossa vocação de peregrinos da história. Sou moderador quando as radicalizações intransigentes se levantam. [...] Eis o que sou.⁴

A vida de Avelar Brandão Vilela foi marcada por sua crença, na necessidade constante de constituir-se membro de uma religião viva em todos os tempos. Nesta narrativa histórica, busco analisar o permanente esforço do clérigo em eternizar suas ideias, de sua religião e Igreja, unindo a própria existência às frações de seu passado, presente e futuro.

Busco construir uma biografia histórica de Avelar Brandão Vilela, dentre as muitas faces e interfaces de sua vida, considero os cargos que ocupou, mas coloco na centralidade desta proposta de pesquisa a identificação existente entre o personagem e os fiéis católicos das cidades de Aracaju, Petrolina, Teresina e Salvador; a sua relação com a palavra escrita e oral e as incoerências e dificuldades divulgadas e silenciadas ao longo da vida. Apresento Avelar Brandão Vilela imerso na teia de relações socioculturais de seu tempo, formação, atitudes, tensões, desafios, incertezas, utopias...

A quantidade e qualidade das fontes que consultei e de problemas que visualizei ao analisá-las tornam esta investigação repleta de chaves de pesquisa sobre a existência e atitudes da Igreja Católica, a religiosidade e espiritualidade dos católicos, instigando ou

³ VILELA, Dom Avelar Brandão. Não me agrada ser instrumentalizado nem pela direita, nem pela esquerda. **Diário de Notícias**, Salvador, 22 a 23 abr. 1973, Caderno 2, p. 7.

⁴ VILELA, Dom Avelar Brandão. Um bispo da Igreja Viva. **Jornal da Bahia**, Salvador, 1 jun. 1971, ano XIII, n. 3678, p. 3.

auxiliando novas propostas de investigação, independente do campo de estudos selecionado.

Priorizei, nesta dissertação sobre o clérigo, personagem central do texto que elaboro, incoerências, descontinuidades e permanências, silêncios e pronunciamentos, um corpo de informações capazes de capturar faces de seu viver, quando tantas outras poderiam constar a partir de posturas de investigação diferenciadas. Apresento, portanto, uma proposta biográfica, que não segue uma linha cronológica da vida na integralidade. Ao contrário, ocupo-me em descrever e analisar as posturas tomadas por Avelar Brandão Vilela no tempo rebelde ao calendário e às respostas obtidas, sejam essas em forma de protestos ou aplausos públicos. Falo de suas escolhas, retomo temas já estudados para aprofundá-los ou auxiliar no entendimento de novas questões. Elaboro uma biografia histórica preocupada com as atitudes e relações do personagem com os contextos sociais⁵ e históricos e menos afeita ao ordenamento cronológico.

A opção por uma *Biografia e Contexto* se justifica pela complexidade inerente à trajetória de vida e ao gênero historiográfico. Discorrer sobre a vida de um personagem é compreender a impossibilidade de respostas fixas, de reconstituição plena dos sentimentos, dúvidas e harmonizações características. Porém, é possível tratar a existência de Avelar Brandão Vilela no contexto social e pensá-lo como agente desse contexto, acatando as limitações ou imposições do cenário, dialogando e intervindo a ponto de modificá-las. Na prática do exercício tenso de existir foi cunhada sua postura como bispo em todos os tempos.⁶

Concordo com Le Goff, para quem a escolha da biografia histórica, em que pese ser “uma das maneiras mais difíceis de fazer história”,⁷ é observatório privilegiado para refletir acerca das convenções, limitações e necessidades do historiador. A escolha do gênero historiográfico mostrou-se, nesta pesquisa, um observatório privilegiado do personagem, uma vez que me permitiu mergulhar nos registros deixados sobre ele, por ele e por seus contemporâneos. A dissertação tem como seu protagonista central Avelar

⁵ O contexto é pensado como uma realidade bem mais heterogênea e estratificada, em que os efeitos das ações do indivíduo não são considerados no seu imediatismo, mas em uma perspectiva temporal mais ampla. O contexto nas biografias históricas é percebido tanto em sua horizontalidade quanto na sua riqueza vertical. ROJAS, Carlos Antônio Aguirre. La biografía como gênero historiográfico – *algunas reflexiones sobre sus posibilidades actuales*. In: SCHMIDT, Benito (Org.). **O Biográfico**. Perspectivas interdisciplinares. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 21.

⁶ Giovanni Levi coloca que nenhum sistema normativo é de fato suficientemente estruturado para eliminar toda a possibilidade de escolha consciente, de manipulação ou interpretação das regras de negociação. “Parece-me que a biografia constitui neste sentido, o lugar ideal para se verificar o caráter instersocial – e ainda assim importante – da liberdade que as pessoas dispõem, assim como para se observar a maneira como funcionam concretamente os sistemas normativos que nunca estão isentos de contradições”. LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaina, FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da História Oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 167.

⁷ Le Goff também recomenda que a biografia seja elaborada como narração de uma vida que se articula em torno de certos acontecimentos individuais e coletivos. LE GOFF, Jacques. **São Luis – Biografia**. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 20.

Brandão Vilela, religioso imerso nas tensões e utopias de seu tempo, que dialoga com outros agentes sociais e constrói a si próprio.⁸

Por considerar as relações entre o indivíduo e as sociedades nas quais viveu, a perspectiva biográfica adotada para esta pesquisa é a de *Biografia e Contexto*, segundo tipologia proposta por Levi, para quem a biografia conserva sua especificidade, todavia, a época, o meio e a ambiência também são muito valorizados como fatores capazes de caracterizar uma atmosfera que explicaria as singularidades das trajetórias.⁹

Avelar Brandão Vilela estabelece relações com os fiéis, clérigos de hierarquias diversas, bispos, arcebispos e papas. Em cada tempo e espaço essas relações foram diferenciadas. Construir uma biografia histórica sobre um determinado personagem é perceber o seu processo de individualização, mutante, conquistado e diferenciado nas diversas sociedades nas quais esteve presente, excedendo esforços de enquadramento linear e acumulativo de sua vida.

Entendo Avelar Brandão Vilela como criador e criatura de suas posturas no existir. Tal qual Certeau, no estudo *The practice of everyday life*, compreendo que cada homem é um *locus*, em que uma incoerente e frequentemente contraditória pluralidade de determinações relacionais interagem.¹⁰ Assim, o personagem que apresento é esse indivíduo que atingiu distinção social pela intelectualidade e popularidade junto às classes sociais pobres, por reconhecer carências materiais e financeiras. O seu pertencimento a uma elite eclesial católica, antes de ser empecilho, só encorpou o esforço de construção de uma dissertação biográfica.¹¹

Para Pinheiro, construir uma biografia pode parecer, à primeira vista, fácil, desde que se disponha de documentos e de talento para escrever. Por outro lado [...] faz-se

⁸ Em seu estudo sobre as relações entre indivíduos e sociedade, Norbert Elias reflete sobre a impossibilidade de colocar os dois conceitos – indivíduo e sociedade – em conceituações opostas. Para ele, a historicidade de cada indivíduo, o fenômeno do crescimento até a idade adulta são a chave para a compreensão do que é sociedade. A sociabilidade inerente aos seres humanos só se evidencia quando se tem presente o que significam as relações com outras pessoas para a criança pequena. [...] Não existe um grau zero de vinculabilidade social do indivíduo, um ‘começo’, ou uma ruptura nítida em que ele ingresse na sociedade como que vindo de fora, como um ser não afetado pela rede, e então comece a se vincular a outros seres humanos. ELIAS, Norbert. **A sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 30-31.

⁹ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO; FERREIRA, op. cit., 2002, p. 175.

¹⁰ Apud SCHMIDT, Benito Bisso. Luz e papel, realidade e imaginação: as biografias na história, no jornalismo, na literatura e no cinema. In: SCHMIDT, op. cit., 2000, p. 63-64.

¹¹ Cidadãos comuns, mas também indivíduos pertencentes às elites podem constituir objetos de biografias históricas, contrariando a ideia de que biografias feitas sobre personagens destacados seriam sempre suspeitas ou comprometidas do ponto de vista histórico metodológico. Alguns historiadores, tais como Georges Duby, que escreveu sobre o cavaleiro medieval Guilherme Marechal, e Jacques Le Goff, sobre São Luís e São Francisco de Assis; além de Norbert Elias, autor de trabalho com marcas biográficas sobre Mozart, ao analisá-los sob a ótica sociológica, podemos ver que esses trabalhos são exemplos das potencialidades do gênero biográfico. DUBY, Georges. **Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo**. Rio de Janeiro: Graal, 1987; LE GOFF, op. cit., 1999. _____. **São Francisco de Assis**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. ELIAS, Norbert. **Mozart: sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

necessário saber quais as implicações e as exigências da biografia histórica?¹² Acrescento a esse questionamento as reflexões de Le Goff, para quem a biografia não exige

[...] apenas os métodos intrínsecos de fazer história: posição de um problema, busca crítica das fontes, tratamento num tempo suficiente para determinar a dialética da continuidade e da troca, redação adequada para valorizar um esforço de explicação, ou consciência do risco atual – ou seja, antes de tudo, da distância que nos separa – da questão tratada. A biografia confronta o historiador com os problemas essenciais – porém clássicos – de seu ofício de um modo particularmente agudo e complexo.¹³

Graduei-me em Jornalismo,¹⁴ e, ao analisar a produção historiográfica sobre os meios de comunicação piauienses, obtive as primeiras informações sobre Avelar Brandão Vilela. O personagem que conheci naquele momento tinha sido o fundador da Rádio Pioneira, em 1962, em Teresina, e carregava uma história marcada por uma intervenção social singular, merecedora mesmo de esforço específico de pesquisa. Nas primeiras conversas informais com os contemporâneos do religioso, e em entrevistas realizadas com essas pessoas, percebi um discurso pronto a ser entregue, apresentando-o como pessoa de moral irretocável, personalidade extemporânea e realizadora de grandes obras assistenciais e pastorais, em tempos de indicadores socioeconômicos dos mais críticos já vividos na capital piauiense, Teresina, e no interior do Estado.¹⁵ Não constavam informações mais detalhadas sobre sua trajetória, que pudessem quebrar naturalizações e motivações de identificação dos fiéis com o religioso. Havia, portanto, lacunas investigativas.

Ao elaborar um levantamento prévio para a produção de uma biografia histórica, encontrei trabalhos¹⁶ dedicados a faces específicas da vida de Avelar Brandão Vilela.

¹² PINHEIRO, Áurea da Paz. **O desmoronar das utopias. Abdias Neves (1876-1928): anticlericalismo e política no Piauí nas três primeiras décadas do século XX.** Tese (Doutorado) □ Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, nov., 2003. p.16.

¹³ LE GOFF, op. cit., 1999, p. 20.

¹⁴ Sou Graduada em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí, desde ago. 2001.

¹⁵ Realizei entrevistas temáticas com o padre Tony Batista e a professora Cecília de Araújo Mendes, em jul. 2008, aqui estão discursos dessa natureza. Porém, essa naturalização dos discursos sobre o arcebispo também é sentida pelo pesquisador Warrington Wallace Veras de Araújo, que elaborou a dissertação **Dom Avelar Brandão Vilela, entre o texto e o contexto: trajetória e representações do arcebispo do Piauí (1956-1971)**, apresentada em 2008 ao Mestrado em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí.

¹⁶ Dissertações que abordaram direta ou indiretamente o personagem Avelar Brandão Vilela, ligadas ao Mestrado em História do Brasil da UFPI: *História e Repressão: fragmentos de uma memória oculta em meio às tensões entre a Igreja Católica e o regime militar em Teresina*, de Maria do Amparo Alves de Carvalho (2006); *A Igreja Católica e os tempos Modernos: A luta pela construção de uma neocristandade em Teresina (1948-1960)*, de Luciana de Lima Pereira (2008); *Dom Avelar Brandão Vilela, entre o texto e o contexto: trajetória e representações do arcebispo do Piauí (1956-1971)*, de Warrington Wallace Veras de Araújo (2008) e *Contra a Foice e o Martelo. Considerações sobre o discurso anticomunista piauiense no período de 1959-1969: uma análise a partir do jornal O Dia*, de Marylu Alves de Oliveira (2008). Em 2009, foi apresentado o trabalho de pesquisa *Práticas de devoção à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro na Vila Operária, em Teresina Piauí*, de Ana Cristina da Costa Lima. Há ainda as publicações *História e Memória da Rádio Pioneira de Teresina, de Francisco Alcides do Nascimento (2004)*. Fora do campo historiográfico,

Tomavam-no a partir da vida como religioso ou na condição de articulador social e político, porém, dentro de questões intrínsecas a um campo geográfico e humano mais restrito. Percebi a ausência de uma narrativa biográfica que pudesse oferecer informações de sua trajetória vista de modo mais amplo, oportunizando reflexões sobre o Avelar Brandão Vilela escritor, religioso e filho de uma numerosa família de plantadores de cana-de-açúcar no sertão alagoano.

Comecei então a questionar: Como conhecer a trajetória de vida de Avelar Brandão Vilela, como obter informações além de seus feitos reconhecidos e das obras registradas? Como perceber as naturalizações e tentar desnaturalizá-las? Como entender sentimentos, confidências, silêncios que tanto caracterizam a existência humana, porém nem sempre são permitidos na frieza e formalidade dos textos eclesiásticos?

Para encontrar essas repostas, recorri ao estudo de cartas pessoais ou endereçadas ao clérigo, discursos, palestras, registros de solenidades que promoveu e fontes hemerográficas e orais; recorri ao que os jornais publicaram sobre ele, mas percebendo, em particular, suas intervenções e colocações em primeira pessoa.

As fontes hemerográficas foram consideradas por mim como integrantes de um processo sociointerativo, em que cada veículo criou seus códigos internos de produção de sentido, segundo os quais trataram a notícia e transformam um acontecimento em fato público. A resultante no tempo dessas manifestações impressas pode ser analisada segundo o conceito de lugar de memória,¹⁷ criado por Pierre Nora, e que possibilita uma articulação entre memória e produção jornalística. Portanto, percebo essas fontes como campo de memória.

Para o trato das cartas pessoais ou a ele dirigidas, o amparo teórico veio de Certeau, quando questiona: “daquilo que cada um faz, o que é que se escreve?”¹⁸ “posicionamento considerado por guiar o entendimento quanto à falta de identidade entre o que cada um faz e aquilo que dele se escreve. Homilias e palestras foram estudadas à luz do conceito foucaultiano de *prática discursiva*,¹⁹ considerada um conjunto de regras

há o livro reportagem *A outra igreja: memórias das ações de Dom Avelar Brandão Vilela e a construção de um outro catolicismo no Piauí*, de Elane Odorico e Elias Monteiro (2008); *O presente do passado: a Faculdade Católica de Filosofia na História da educação do Piauí*, de Maria do Carmo Bonfim, Maria das Graças Pereira e Francisca de Souza (2002). Esses trabalhos são exemplos de obras que tratam das realizações de Avelar Brandão Vilela na condição de arcebispo, além de muitas outras que o citam como líder religioso e político, ao abordarem o contexto histórico dos anos 1950 e 1960; *O Piauí no século XX*, de Zózimo Tavares (2003); e *Economia e desenvolvimento do Piauí*, de Felipe Mendes (2003).

¹⁷ Segundo Nora, lugar de memória é unidade significativa, de ordem ideal, da qual a vontade dos homens ou o trabalho do tempo fez um elemento simbólico do patrimônio da memória e de uma comunidade qualquer. NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares **Projeto História** - Revista do programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, p. 7, 1981.

¹⁸ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1**. Artes de fazer. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 106.

¹⁹ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 16. ed. São Paulo: Loyola, 1996. p. 34.

anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definem em uma determinada época e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística as condições do exercício da função enunciativa.

A História Oral²⁰ foi utilizada. A técnica da entrevista temática foi selecionada pelo interesse particular nas lembranças acerca do personagem e sua atividade religiosa. Para Verena Alberti,²¹ a História Oral torna-se válida pela necessidade de preencher lacunas sobre o problema proposto, que, porventura, as fontes documentais não conseguiram sanar. Uso, portanto, suportes teóricos e metodológicos de natureza interdisciplinar.

Ponto comum nas fontes estudadas é o seu caráter narrativo. Nas cartas pessoais, jornais ou depoimentos, os autores estabelecem um modo de se constituírem diante dos problemas dados, narrando suas impressões do e no tempo. Para Motta,²² narrativa é a tradução do conhecimento objetivo e subjetivo do mundo, o conhecimento sobre a natureza física, as relações humanas, os valores, as crenças, as identidades e representações em relatos. Pelos enunciados narrativos, tornamo-nos capazes de colocar as coisas em relação umas com as outras, trabalhar ordens e perspectivas e compreender as coisas do mundo. Narrar, portanto, é uma atitude do presente que se defronta com ações do passado, coloca em perspectiva ações históricas e inclui exercícios de memória. Na prática, o narrador se investe na organização narrativa e solicita determinada interpretação por parte de seus destinatários, como se faz no jornalismo ou nos discursos e palestras.

A metodologia de análise do *corpus* documental materializado em jornais deu-se pelo que Motta denomina de análise pragmática da narrativa jornalística, cujos procedimentos de investigação se debruçam sobre o conjunto de notícias de um mesmo tema, publicadas cotidianamente, para, em seguida, empreender reflexão sobre aquilo que a dinâmica jornalística separou em edições diárias, semanais ou em outra periodicidade. Afinal, é assim que o leitor percebe as narrativas e constrói sua memória, em intervalos de tempo, recebendo e reestruturando novos elementos a cada notícia unitária; passando a um construto contínuo da realidade que vai vivendo.

Avelar Brandão Vilela é um personagem impossível de aprisionar em fronteiras geográficas, dada a projeção nacional e internacional de sua atuação como religioso ao

²⁰ História Oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas. HOLANDA, Fabíola; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007. p. 15.

²¹ ALBERTI, Verena. Fontes orais: histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 66.

²² MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística In: LAGO, Claudia; BENETTI, Márcia (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes: 2007. p. 78.

longo dos anos. Em virtude dessa constatação e perseguindo o objetivo de abrir chaves de pesquisa em níveis horizontais e verticais de sua existência, busco fontes históricas de natureza e suportes diversos nas capitais e na cidade onde o personagem viveu e trabalhou ao longo dos anos. Percorro Teresina (PI), que, por ser meu lugar de fala, teve detalhamento privilegiado no decorrer da construção do texto; Salvador (BA), Aracaju (SE), além da cidade de Petrolina, em Pernambuco. Cobri, assim, os principais centros de formação e atuação de Avelar Brandão Vilela.

Na capital piauiense, consultei os documentos da Cúria Metropolitana de Teresina, digitalizei cartas pessoais e todas as edições do jornal católico *O Dominical* existentes no acervo, disponibilizando cópias à própria instituição como forma de auxiliar em trabalhos futuros. A investigação ali realizada auxiliou no conhecimento das relações políticas, manifestações de paixão e estima existentes entre Avelar Brandão Vilela, na condição de Arcebispo, e os habitantes da cidade. Acessei os jornais católicos na sua integralidade, o que me permitiu conhecer a fala da Igreja Católica institucionalizada pelo Arcebispo nas décadas de 1950 e 1960. Pelo caráter próprio que reveste a imprensa católica, as mensagens do Arcebispo na imprensa escrita era a tradução dos caminhos e determinações da Igreja de Roma na cidade de Teresina, o que influenciava nas relações estabelecidas com seus habitantes.

Os jornais comerciais *O Dia* e *Jornal do Piauí*, publicados entre 1955 e 1971, foram consultados no acervo do Arquivo Público do Estado do Piauí durante todo o ano de 2008. Utilizei a metodologia da análise pragmática da narrativa jornalística para as matérias, artigos, fotografias e colunas que citavam o Arcebispo. Analisei o contexto jornalístico mais amplo das páginas, que, em seguida, foram digitalizadas e analisadas como um *corpus* documental temático, de acordo com os objetivos de cada capítulo da dissertação.

As revistas *Caravana*, *Veja*, e *IstoÉ* - que trazem informações sobre o Arcebispo e a conjuntura social e econômica ou acerca da religião católica no Brasil da época - foram, respectivamente, colhidas na Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castelo Branco, da Universidade Estadual do Piauí, e na Hemeroteca do Curso de Comunicação Social da mesma instituição ou em sebos de diversas localidades. As entrevistas com jornalistas e religiosos e com o personagem foram colhidas junto ao Núcleo de História Oral da Universidade Federal do Piauí e ao Acervo da Rádio Pioneira de Teresina. A pesquisa nas fontes citadas permitiu-me conhecer as relações entre os homens e as mulheres de imprensa, religiosos e o Arcebispo. Percebi, nas lembranças, faces dessas relações, além de enquadramento de memória que costuma cercar o pensamento sobre o personagem.

Em Petrolina, cidade na qual Avelar Brandão Vilela exerceu o episcopado pela primeira vez (1946-1955), foi consultado o jornal *O Farol*. Consultei o acervo da Biblioteca Cid Carvalho, o que me permitiu acessar obras com representações do religioso em sua estada e partida para Teresina, ocorrida em 1956, além de notar a estima e dissensos ali estabelecidos. Observei as concepções que os habitantes fizeram acerca do papel de Avelar Brandão Vilela, na condição de bispo, e como este percebia sua missão naquele território. Trabalhei na identificação e seleção destas fontes na primeira quinzena de fevereiro de 2009.

A fase seguinte de coleta de fontes aconteceu entre os dias 1 a 4 de abril de 2009, na capital sergipana, Aracaju, onde o religioso tornou-se sacerdote e exerceu os primeiros anos de vida religiosa. No acervo da Cúria Metropolitana e do Instituto Histórico Geográfico de Sergipe, consultei o jornal *A Cruzada* e obra acadêmica produzida sobre a intelectualidade católica da década de 1930, fontes que ajudaram a compreender a constituição do personagem como religioso, com missão adicional no campo político e assistencial e no entendimento da crescente acumulação de cargos na hierarquia eclesial que marcou sua trajetória.

Por último, consultei o acervo do Laboratório Reitor Eugênio de Andrade, da Universidade Católica de Salvador, na Bahia, entre os dias 4 e 9 de abril de 2009. A Instituição foi criada para conservação e restauração do acervo da Cúria Metropolitana de Salvador, e contém cartas, recortes jornalísticos e fotográficos que o Arcebispo levou consigo quando partiu de Teresina, em 1971, e assumiu o cargo de Arcebispo Primaz do Brasil, na capital baiana. Esse acervo, em particular, foi de grande auxílio para a pesquisa, pois concentra documentação pessoal endereçada aos parentes e amigos, comunicações com diretores de periódicos, cartões de despedida e congratulações; além de registros jornalísticos de suas passagens por outras cidades e seu pensamento sobre os contextos vividos, expressos em jornais e em revistas de várias capitais brasileiras. Este acervo ampliou o olhar da pesquisa, tornando-a capaz de perceber Dom Avelar através de 21 jornais impressos.

Reunidas as fontes, com mais de duas mil imagens disponíveis à investigação, passei à fase de sistematizar esse *corpus* documental. Procedi à leitura para a seleção de características mais presentes, harmonizações, disputas, pronunciamentos e silêncios. Dessa forma, estariam focalizados não somente os cargos e as obras, mas as relações estabelecidas e as concepções sobre o tempo, a Igreja Católica, os contextos sociais e sobre si próprio, componentes presentes na riqueza de uma trajetória de vida. Cheguei a um corpo final de 350 imagens selecionadas e analisadas, referentes aos diversos momentos de sua constituição como membro da Igreja Católica.

O cruzamento das fontes, onde inclui ainda depoimentos e entrevistas, permitiu a construção de uma biografia histórica estruturada em três partes que dialogam entre si, aprofundam informações dos anteriores, retomam momentos da trajetória do personagem, porém, sob o ponto de vista das ideias principais, podem ser entendidos de modo independente. Quais sejam:

- O ARCEBISPO NO PRELO E AS CIDADES ENGALANAS trata da formação intelectual de Avelar Brandão Vilela em 1930; apresenta o contexto de formação sacerdotal da época para auxiliar na compreensão do comportamento do personagem e das permissões sociais que obteve para agir nas cidades. As escritas, jornalísticas e pessoais, estudadas demonstram um religioso constituindo-se e cercando o seu lugar de fala para uma legitimação das ações nos campos eclesiais ou fora desse espaço. Trata, ainda, das cerimônias de recepção programadas para o religioso nas cidades nas quais exerceu apostolado. A intenção é abordar a expectativa, os sentimentos e a efervescência que atingiam a população, deixando transparecer as suas carências e desejos em relação à figura do religioso. Dedico-me a iniciar o leitor na percepção de um homem na construção de sua alteridade, a partir do estudo e análise dos contextos sociais nos quais teve de viver.

- AS INTERVENÇÕES, OS CONFLITOS, AS DESPEDIDAS. Aborda as identificações entre Avelar Brandão Vilela e os habitantes das cidades nas quais trabalhou, privilegiando as intervenções presentes nesses espaços, realizadas para mobilizar a população, e as controvérsias que essas ações provocaram nos setores descontentes. São vistas, de modo mais específico, as relações do religioso com os teresinenses sob a ótica da nova postura, mais política, ao tempo em que também vem à tona o ponto de vista religioso, detendo-se nas intervenções que promoveu na cidade de Teresina e que mudaram as formas de perceber e usufruir o espaço urbano, com destaque para a Faculdade Católica de Filosofia e Congresso Eucarístico realizado em 1960.

Nesse momento da pesquisa procuro mostrar Teresina múltipla, viva nos jornais e textos construídos sobre as décadas de 1950 e 1960, bem como as memórias presentes nas fontes orais e jornais impressos. As relações do religioso com a cidade, presente nos periódicos e lembranças dos jornalistas contemporâneos do personagem; as impressões sobre o papel da imprensa na missão religiosa foram analisadas de modo a refletir sobre um Arcebispo que já se imiscuiu na capital e, continuamente, pela palavra escrita, constituía-se agente social legitimado a mudar o cenário teresinense não sem atravessar conflitos com a intelectualidade da época. As despedidas de Dom Avelar, em meio a

novas manifestações de delírio popular, ainda são abordadas neste momento de pesquisa.

- A CONSTRUÇÃO DE UM MODELO DE VIDA COERENTE. Neste momento Avelar Brandão Vilela encontra-se em família, em meio aos silêncios e pronunciamentos que ele e seus contemporâneos realizaram em torno desse ponto da vida do personagem ainda pouco abordado. É percebido o esforço por uma construção de imagem pública e não privada, típica dos líderes religiosos católicos, imagem que se pretende mais identificada com o cargo e menos com as fraquezas e contradições. Há uma reflexão sobre o Arcebispo rebelde às classificações externas e preocupado em tomar para si a tarefa de qualificação social, constituindo-se homem equilibrado e pronto para dirimir conflitos dentro e fora da Igreja. Em seguida, descrevo o momento em que seus discursos acusam suas mudanças de opinião sobre a Igreja Católica e sobre sua própria condição humana, característica que foi se fortalecendo com a chegada dos sinais de debilidade física e o câncer em 1983. O objetivo foi perceber o homem Avelar Brandão Vilela identificado com sua missão religiosa, porém admitindo suas fragilidades, medos, conflitos e contradições.

Por mais que tenha sido objeto de estudo, Avelar Brandão Vilela constitui ainda campo fértil de análise, longe de atingir seu esgotamento. Sem pretensões de oferecer um trabalho que o observe em sua completude, espero, ao final, que o leitor sinta-se motivado a lançar seu olhar particular sobre o tema, encontrando possibilidades de aprofundar as ideias ora lançadas. Esta pesquisa foi realizada, inclusive, por se acreditar no valor do contributo interdisciplinar, e crendo que escrever e estudar História é, também, reinventar-se como historiador, sendo ou não nativo da oficina histórica, nos olhares para o passado, futuro e presente. Em olhares de todos os tempos.

2 O ARCEBISPO NO PRELO E AS CIDADES ENGALANADAS

Quem tiver problemas políticos, dirija-se às autoridades políticas e não ao bispo.²³

A advertência acima compunha uma placa informativa exposta às portas do Palácio Arquiepiscopal Nossa Senhora das Graças em Teresina, em meados de 1950. A recomendação simbolizava o entendimento da Igreja Católica local acerca de seu papel frente aos setores administrativos e políticos da cidade, concretizado no posicionamento pastoral de Dom Severino Vieira de Melo.²⁴ Conductor da firmiação doutrinária do catolicismo, o Arcebispo pensava a Igreja de seu tempo a partir da identificação de fronteiras explícitas entre os campos religioso, social e político.

No entanto, o que se viu, após a chegada de seu sucessor ao Piauí, Avelar Brandão Vilela, em cinco de maio de 1956, foi a instalação de um governo episcopal na contramão da diretriz sintetizada na placa informativa da década de 1950. Contrariada com veemência através das práticas do agora Arcebispo, Avelar Brandão Vilela nos quinze anos após sua posse.

Eleger a trajetória de Avelar Brandão Vilela na centralidade de uma biografia histórica é buscar entendê-la com suas contrariedades, conflitos, harmonizações, silêncios e pronunciamentos presentes nas fontes orais, visuais e escritas. É ir além das obras que se atribuem à sua autoria. Compreender a existência de um personagem

²³ O RENOVADOR e o diplomata. **Revista Veja**, Rio de Janeiro, n. 231, p. 50, 7 fev. 1973.

²⁴ O PERNAMBUCANO Dom Severino Vieira de Melo foi o 3º bispo do Piauí (1924-1944); 1º bispo de Teresina (1944-1952) e 1º arcebispo de Teresina (1953-1955). Faleceu em 27 maio 1955, no Palácio Arquiepiscopal de Nossa Senhora das Graças. Ver CARVALHO JUNIOR, Dagoberto de. **História Episcopal do Piauí**. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1980. p. 95.

através de suas realizações é um caminho possível, porém, fracionado e vazio da riqueza que flui nas relações que estabeleceu, dos posicionamentos legitimados, das paixões despertadas, sendo essas constituídas com outro, que é externo, mas não necessariamente antítese do personagem.

Neste capítulo, questiono as relações que o religioso estabeleceu com os católicos das cidades que trabalhou, a forma como fora recebido e as ações que executou nos espaços de seu apostolado. Porém, daquilo que cada um faz, o que se escreve?²⁵ Afinal, não há identidade uniforme entre o que cada um faz e aquilo que dele se escreve. Os registros são representações, elaborações, havendo um excedente que preserva a diferença entre a ação e a escrita. Há o que o arcebispo fez. Existiram relações construídas com as sociedades nas quais viveu e há o que se escreveu sobre essas ações. As minhas reflexões se debruçam sobre este último, reconhecendo que são dois polos distintos, mas relacionados entre si.

É necessário pensar a formação religiosa e intelectual de Avelar Brandão Vilela através do cruzamento de fontes produzidas por ele próprio ou sobre ele, enquanto cumpria estudos preparatórios para o presbiterado no Seminário Sagrado Coração de Jesus, e ascendia na hierarquia eclesiástica, em Aracaju, Sergipe. Como seminarista, chegou a essa casa de formação em Aracaju, em 1930, para prosseguir os estudos religiosos iniciados em 1925, no Seminário Arquiepiscopal de Maceió, Alagoas.²⁶ Permaneceu na capital sergipana até 1946, quando foi sagrado bispo e transferido para Petrolina, Pernambuco.

As cartas e artigos de jornal, assinados durante dez anos de permanência do personagem no campo eclesial sergipano, não possuem potencial que justifique a totalidade das ações que promoveu desde então. Considerar isso seria negar a importância das habilidades acumuladas em período seguinte (1945-1956), quando viveu a primeira experiência como bispo, na cidade de Petrolina. Seria ainda julgar que os registros do passado explicariam a totalidade de suas ações futuras. As fontes que consultei são pensadas, portanto, como chaves de apreensão de uma figura eclesial estimulada pelo meio intelectual e por características pessoais, a trabalhar a sua trajetória de vida, em particular a religiosa, empregando e reempregando ferramentas de

²⁵ Michel de Certeau explicita que entre o que se faz e o que se escreve há um excedente que preserva a diferença entre ambos. Neste capítulo, reflito sobre o que se escreveu a respeito das relações entre Dom Avelar e as cidades nas quais trabalhou. CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1**. Artes de fazer. 14. ed. Petrópolis, RJ: VOZES, 2008. p.106.

²⁶ No terceiro capítulo, este período da trajetória de vida do personagem será abordado com maiores detalhes.

interlocução social, a exemplo dos jornais, como aconteceu no semanário católico *A Cruzada*.²⁷

A cidade de Teresina dos anos 1950 e 1960, apresentada pelos jornais impressos *O Dia* e *Jornal do Piauí*,²⁸ bem como as demonstrações de estima nas cerimônias de chegada as cidades Petrolina e Salvador completam as reflexões deste primeiro capítulo. São leituras, dentre outras tantas possíveis das relações que o religioso construiu com os fiéis católicos. Os jornais impressos são as fontes consultadas, pensadas a partir de três leituras diversas, dependentes entre si e, sucessivamente, mais aprofundadas. Em princípio como caldeirões de formação de identidade e posicionamento social, quando jornalistas e colaboradores, como Avelar Brandão Vilela, os utilizavam para comunicar suas angústias imediatas e exercitar a prática enunciativa de interferência no seu tempo, identificação de si, da cidade e qualificação de um outro colocado como interlocutor. A segunda leitura entende que o trabalho dos jornalistas - na lida de perceber, constituir, condensar e publicar, no período de um dia, o registro de verdades para os próximos tempos - demonstra como o religioso e os cidadãos afetavam-se mutuamente. Na última leitura, as práticas de escrita do personagem são analisadas como uma modalidade de ação, ou como maneiras de fazer²⁹ a si.

Escrever como discursar no púlpito era uma prática constante do Arcebispo, criando um jogo de relações mediante a estratificação da sua função, traduzida no exercício de diversos papéis na Igreja Católica e fora dela, como o de professor, diácono, subdiácono, padre, cônego e secretário do bispado. Com essas maneiras de fazer, criou para si um espaço para jogar com as maneiras de utilizar a ordem imposta do lugar. A partir do seu posto na hierarquia católica e da cidade em que teve de viver, sob regimes de convivência diferenciados e que lhe impunham expectativas e normas, instaurou a pluralidade de seu trabalho; portanto se construiu como político, assistente social ou promotor de causas educacionais.

²⁷ *Jornal da Diocese de Aracaju* de periodicidade semanal, com seis páginas. Voltou a circular a 10 de fevereiro de 1935, no governo episcopal de Dom José Tomás Gomes da Silva, dirigido por um conselho editorial formado por padres e presidido pelo sacerdote João Moreira Lima. A redação e administração localizavam-se no próprio Seminário Diocesano.

²⁸ O *Jornal O Dia* foi fundado em 14 jul. 1923, e dirigido por Abdias Neves, mas teve vida curta, durou apenas dois anos. Foi reaberto em 1 fev. 1951, sob a direção de Raimundo Leão Monteiro, com redação de Orivaldo Bugyja Britto, circulava às quintas-feiras e domingos, com seis páginas em cada edição. Em 1962, fora arrendado pelo Partido Trabalhista Brasileiro e em 1964 adquirido pelo coronel do Exército Otávio Miranda. O *Jornal do Piauí* era também bissemanário e composto por seis páginas em cada edição. Foi fundado em 1951 por Antônio de Almendra Freitas e dirigido por José Gayoso de Almendra Freitas, José Camillo da Silveira Filho, pela bancada de deputados estaduais do Partido Social Democrático, posteriormente pelo jornalista Arimateia Tito Filho, e, a partir de 1957, por José Vieira Chaves. Os dois foram selecionados por terem circulação ininterrupta no Estado durante todo o governo episcopal de Dom Avelar Brandão Vilela. PINHEIRO FILHO, Celso. **História da imprensa no Piauí**. 3. ed. Teresina: Zodíaco, 1997. p. 232.

²⁹ Utilizo as reflexões sobre as maneiras de fazer e de falar nas práticas cotidianas, adaptando o pensamento de Michel de Certeau para o pensamento de um espaço próprio que Dom Avelar Brandão Vilela construiu para si. CERTEAU, op. cit., 2008, p. 103.

Quem tiver problemas políticos, dirija-se às autoridades políticas, e não ao bispo, caracteriza atitude do episcopado de Dom Severino Vieira de Melo, mas não o traduz em detalhes justos perante os registros do trabalho eclesial por ele efetuado. O seu bispado foi o mais longo do Piauí,³⁰ e representou um período de organização administrativa da Igreja Católica local, decisivo para o quadro institucional vigente em 1950. O seu apostolado, percebido na contramão da linha cronológica a partir de Dom Avelar, remete a uma relação mais silenciosa ou distante da política partidária e governos estabelecidos. Quando pensado nas contingências de seu tempo, encontra-se um bispo com o olhar interno ativado, aberto à estruturação física e financeira da instituição eclesiástica, mergulhado na introspecção institucional, desde a sua posse, em 1924. Ao longo dos 31 anos de trabalho, duas novas dioceses foram criadas no Piauí, em Parnaíba e Oeiras,³¹ e reintegrada parte do patrimônio eclesial perdido por questões legais no município de Piracuruca,³² cidade localizada a 204 km da capital Teresina. Há ainda o empenho de Dom Severino na reabertura das casas de instrução da Diocese, reinaugurando o Colégio Diocesano em 1925, e o Seminário dois anos depois; o que o fez trocar de moradia oficial, saindo do Palácio Episcopal para residir na Chácara Tabajara.

As vitórias sucessivas obtidas pelo bispo em questões de reorganização da estrutura católica refletiram junto à Santa Sé, que cedeu aos apelos de interiorização e autonomia em relação à Província Eclesiástica do Maranhão, a qual a diocese piauiense respondia hierarquicamente.³³ Dom Severino conseguiu, em 1952, realizar a reunião dos bispos da Província Eclesiástica do Maranhão na capital piauiense, ocasião em que obteve consenso para o pedido de elevação da Diocese de Teresina à categoria de Arcebispado. No mesmo ano, em documento datado de nove de agosto, a Santa Sé criou a Província Eclesiástica do Piauí e o elegeu como seu primeiro titular. A solenidade de

³⁰ MELO, Padre Claudio. **Piauí Diocese e Província Eclesiástica**. Teresina: Arquidiocese de Teresina, 1993. p. 72.

³¹ Foi criada ainda a Prelazia de Bom Jesus do Gurgueia pelo Papa Pio XII, em 16 dez. 1944. Ao acatar a criação das duas dioceses, o papa automaticamente modificou a denominação da Diocese do Piauí para Diocese de Teresina. MELO, Pe., op. cit., 1993, p. 61.

³² Na questão de Piracuruca, a atuação de Dom Severino teria sido fundamental. Foi o autor da ação contra Raimundo Rodrigues Lima e Antônio H. Rodrigues Lima, em prol da interpretação correta do documento de vendas de terras da Santa Sé na região. Por falha de redação, o documento foi interpretado segundo o interesse dos compradores, indo à venda mais que as zonas estéreis das fazendas e lesando o patrimônio eclesial. Há, no arquivo da Cúria Metropolitana de Teresina, cópia do jornal **O Piauí**, n. 215, 14 out. 1928, com publicação da peça judicial de defesa dos réus, assinada pelo desembargador Antônio da Costa.

³³ Dom Severino Vieira de Melo obteve consentimento para a fundação das paróquias de Porto Alegre – hoje município de Luzilândia – Miguel Alves, Altos e Simplício Mendes, e a anexação da freguesia de São João do Piauí à Prelazia de Bom Jesus do Gurgueia. Outras conquistas a ele atribuídas são: a formação de patrimônio para essas novas dioceses do Estado, reconstrução do Centro Cultural Católico, a vinda da Ordem Franciscana para o Convento de São Benedito, restauração da Igreja de Nossa Senhora das Dores, a aquisição, por doação e compra, de metade do que se configura atualmente como Palácio Episcopal; obtenção de novos bens patrimoniais para a Diocese, eleição de um bispo auxiliar para Teresina e até mesmo o funcionamento de um cinema no Centro Cultural Católico. *O Dominical*, semanário publicado pela Diocese de Teresina, desde 1948, também foi criado em seu governo. CARVALHO JUNIOR, Dagoberto de. **História Episcopal do Piauí**. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1980. p. 95.

instalação ocorreu na Catedral de Nossa Senhora das Dores, a quatro de janeiro de 1953, com a leitura da bula *Quemadmodum Insignis*, assinada pelo papa Pio XII (1939-1958).

A postura de mergulho no próprio bispado não significou alheamento integral do cenário político local. Dom Severino atuou em situações fora do campo religioso em ao menos três situações específicas: quando da chegada da Coluna Prestes ao Piauí, em 1925; no ano seguinte, quando se tentou introduzir o divórcio no Brasil, e, em 1952, durante as comemorações do centenário de fundação de Teresina.

No primeiro caso, intermediou a desistência da passagem por Teresina das tropas chefiadas por Luís Carlos Prestes, Juarez Távora e Miguel Costa, oferecendo-se para ir pessoalmente ao acampamento instalado pelos revoltosos no povoado Natal, município de Monsenhor Gil, a 60 quilômetros da capital. Juarez Távora encontrava-se preso em Teresina, o que fez crescer um temor de invasão pelos integrantes da Coluna. O bispo viajou para o acampamento, a cavalo, em janeiro de 1926, levando uma carta do líder preso ao comando revolucionário, atestando a inconveniência de um ataque à cidade. Após conversar com os demais líderes, retornou com a certeza de que a invasão não ocorreria. Juarez Távora foi embarcado para o Rio de Janeiro, e as tropas se retiraram do acampamento.

Durante a campanha do divórcio, em 1926, Dom Severino mobilizou as paróquias, e pediu que amigos de deputados federais lhes telegrafassem manifestando oposição ao divórcio. Solicitou ainda que as câmaras municipais manifestassem repúdio à possibilidade de dissolução do casamento, e pessoalmente se dirigiu aos poderes públicos estaduais e federais, colocando a campanha divorcista como um atentado à Religião, à Pátria, e à Família.³⁴

Outro momento de inserção política ocorreu em 1952, quando Teresina vivia as festividades relacionadas ao seu primeiro centenário de fundação. Tendo recebido convite para participar da 1ª Feira de Amostras, onde a artista carioca Elvira Pagã, famosa por apresentar-se seminua, fora convidada a cantar, Dom Severino respondeu em carta enviada à comissão organizadora que não iria comparecer nem mesmo agradecer o convite, pois não poderia participar de evento com a presença de uma artista

[...] cuja triste crônica é por demais conhecida e tem merecido o repúdio dos elementos sãos dos grandes centros como o Rio, São Paulo, Recife, Paraíba e São Luis do Maranhão. Não acham VV.SS., que como tal convite nos insultam em nosso caráter de Bispos da Igreja Católica, mestra e defensora da moralidade e dos bons costumes? E que com tal anúncio afrontam o brio da família teresinense e os bons hábitos do nosso povo além de colocar-nos em um nível por demais baixo de civilização?³⁵

³⁴ MELO, Pe, op. cit., 1993, p. 60.

³⁵ MELO, Pe, op. cit., 1993, p. 60.

Diante da repercussão da carta de Dom Severino e do apoio recebido de entidades como a União dos Moços Católicos, a artista não veio ao Piauí, sob a justificativa adicional de que não era produto do meio teresinense e não teria sentido ser integrada a um evento intitulado 1ª Feira de Amostras.

O legado de Dom Severino formou-se enquanto a Santa Sé conservava práticas que, se por um lado contribuía para manter a imagem de instituição respeitada, dedicada aos assuntos do espírito e guardiã inabalável da moral cristã, por outro perpetuava ritos católicos distantes da compreensão popular. Monsenhor Isaac Vilarinho percebia a instituição no Piauí do fim dos anos 1940, revestida de um caráter quase medieval ou caracterizada pela forte vivência de um espírito da cristandade.³⁶

Não era um cenário local exclusivo. Até a realização do Concílio Vaticano II (1962-1965),³⁷ em Roma, e mesmo anos depois de sua realização, setores da Igreja Católica em todo o mundo permaneceram resistentes a mudanças internas e à aceitação de novas formas de vivenciar a religiosidade.

A filosofia de São Tomás de Aquino, centrada na infalibilidade da instituição eclesiástica e de seu maior líder, o Papa, e a ideia do necessário reajustamento do homem moderno à doutrina cristã ainda eram marcas do catolicismo à época. Obrigatória nos seminários no início do século XX, defendia-se a existência de uma Igreja fechada e autosuficiente, dando ênfase à crença em aspectos universais e perenes, como a essência religiosa do homem e do cosmo, e à possibilidade de redenção da sociedade para a vivência harmoniosa dos povos. Nessa perspectiva, as angústias do homem, as incertezas, as questões de economia e política, os conflitos de natureza social, racial e sexual eram considerados secundários, continentes diante da grandiosidade do horizonte metafísico.³⁸

Na Igreja Católica nordestina, nas décadas de 1930 e 1940, vigorava um modelo profundamente hierarquizado e centralizado na figura do bispo, que permitia a participação de leigos somente em associações como apostolados da oração,

³⁶ Vigário no período de transição decorrido do falecimento de Dom Severino, em 27 maio 1955, e a posse do novo arcebispo, a 5 maio 1956, Dom Avelar Brandão Vilela. CARVALHO, Maria do Amparo Alves de. **História e repressão**: fragmentos de uma memória oculta em meio às tensões entre igreja católica e o regime militar em Teresina. 2006. 229 p. Dissertação (Mestrado) □ UFPI, Teresina, 2006. p. 127.

³⁷ Segundo Scott Mainwaring, o Concílio Vaticano II marcou um dos mais importantes eventos na história do catolicismo romano, pois enfatizou a missão social da Igreja, declarou a importância do laicato, motivou maiores responsabilidades e co-responsabilidades entre papas e bispos, ou entre padres e leigos, desenvolveu a noção de Igreja como o povo de Deus, valorizou o diálogo ecumênico, modificou a liturgia de modo a torná-la mais acessível. MAINWARING, Scott. **Igreja católica e política no Brasil - 1916/1985**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 62. As conclusões das plenárias conciliares. Site do Vaticano. Disponível em: <http://vatican.mondosearch.com/search_pt.aspx?query=Conc%EDlio+Vaticano+II&x=24&y=1>. Acesso em: 21 nov. 2008.

³⁸ AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus van der. **História da Igreja no Brasil**: ensaio e interpretação a partir do novo. Tomo II/3-2. Terceira época 1930-1964. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 98.

congregações à semelhança das Filhas de Maria e em ações de apoio material e logístico ao trabalho evangelizador. Nesse quadro, o bispo era o príncipe da Igreja.³⁹

De fato, os desdobramentos conciliares que implicaram nas alterações da liturgia e do uso da língua vernácula nas missas foram aplicados de modo paulatino, mas polêmico, somente na década de 1960, exigindo de clérigos e fiéis a participação em cursos de renovação e preparação litúrgica com fins de adaptação às novas determinações, conforme eram publicadas as licenças papais de mudanças nos ritos.⁴⁰ Por sua vez, a renovação ocorreu em meio a protestos dos conservadores, defensores da permanência das práticas simbolizadoras da entendida essência cristã, como o uso do latim nas missas.

Uma Igreja de introspecção, mobilizada no sentido de organizar-se e ganhar legitimidade perante a estrutura institucional superior; dedicada ao reconhecimento de Cristo pelos homens, seja pela negação do mundo seja pela missão de conserto do mundo, porém estruturada financeira e organicamente. Diante das dificuldades temporais, foi o terreno ou cenário sobre o qual Dom Avelar trabalhou em Teresina.

O contexto de suas relações iniciais com a cidade torna-se, portanto, objeto de interesse em paralelo aos momentos vividos nos demais municípios. Neste estudo, enfatizo o contexto teresinense, mas destaco a formação intelectual e religiosa de Dom Avelar em Aracaju.

2.1 O Arcebispo no prelo

[...] Voltei-me para 30 anos atrás, quando do dia festivo da ordenação sacerdotal daquele jovem viçosense que se chama Avelar. Reportei-me aos dias, também, em que ingressamos ainda crianças no Seminário Arquiepiscopal de Nossa Senhora da Assunção, lá do alto do Jacuntinga, a cobrir à distância o horizonte e o mar. [...] Viera ele de Viçosa, sentado no vagão de passageiros, acompanhado do seu ilustre tio Brandão Vilela. [...] Ensinarão-nos, naquelas primeiras séries do curso de Humanidades, as cadeiras e disciplinas de Latim, Português, Francês e Matemática. Sem falsa modéstia, apraz-me memorizar que éramos nós dois os mais estudiosos da classe e concorrentes de notas por matérias. Os graus de promoção e aproveitamento, até a terceira série, sempre nos foram de efetivas disputas das melhores colocações. Quando da conclusão do terceiro ano ginasial, transferiram-me para o Seminário Episcopal Sagrado Coração de Jesus, em formosa cidade de Aracaju. [...] Surpreendi-me quando ao regressar das férias de 1930, tomara conhecimento de que meu colega Avelar também se transferira para o Seminário, que Dom José Gomes fundara para os filhos de seus diocesanos. Convivemos juntos ainda por mais um ano de estudos filosóficos [...] Deixei o

³⁹ CAVALCANTE, Pe. Francisco José P. **Diocese de Petrolina: 80 anos de evangelização**. Petrolina: Gráfica Franciscana, 2004. p. 9.

⁴⁰ Em comunicado oficial ao clero e aos fiéis, Dom Avelar anuncia a vigência nas Igrejas piauienses da nova Constituição da Sagrada Liturgia, segundo a determinação conciliar votada na sessão conciliar de 1963 e aprovada sob o documento *Sacrum Liturgium*. AVISO ao Revmo. Clero e aos fiéis. **O Dominical**. Teresina, 16 fev. 1964, n. 7/64, p. 1.

jovem viçoense em Aracaju a desfrutar da estima e confiança dos superiores hierárquicos.⁴¹

A longa citação do deputado federal Medeiros Netto, publicada no jornal católico *O Dominical*, reúne fragmentos da formação religiosa e intelectual de Dom Avelar, divulgadas quando assumiu a vice-presidência do Conselho Episcopal Latino Americano, tornando-se, para a imprensa católica, sinônimo de proeminência no episcopado nacional. Certificados de conclusão do ginásio ou preparatório em Humanidades, conforme o curso era chamado à época, integram o acervo documental sobre Avelar Brandão Vilela, disponível no Laboratório Eugênio de Andrade Veiga, da Universidade Católica de Salvador, na Bahia. Em seu conteúdo, consta a provação plena ou com distinção nas disciplinas de História do Brasil, Latim, Aritmética e Francês, no início de 1930, confirmando os dados da memória do colega de estudos.

O prosseguimento da formação deu-se no Seminário Episcopal Sagrado Coração de Jesus, em Aracaju, casa de formação posta em segundo plano na análise de pesquisadores sobre o religioso, em função das obras que o caracterizam como fundador de paróquias, movimentos sindicais rurais, igrejas, centros sociais e ginásios públicos. Contudo, a casa era considerada, na década de 1930, centro diferenciado de formação católica e intelectual de uma série de presbíteros, na perspectiva episcopal de Dom José Tomás Gomes da Silva,⁴² paraibano e primeiro Arcebispo de Aracaju, que, em 1913, alocou a própria residência como sede de formação de novos padres. À época, a fundação do seminário constituiu-se como primeiro núcleo sergipano dedicado à formação superior, fornecendo material humano para outros institutos de formação.

Seu seminário foi, durante aquilatados anos, o principal centro de estudos de Sergipe, dele saindo não apenas sacerdotes de Cristo, pastores do rebanho católico, mas também homens de boas e apuradas letras, muitos deles de admirável formação clássica. O ensino público, no Ateneu Sergipense e na Escola Normal Rui Barbosa, sempre contou com a colaboração de padres ilustres que se tornaram também mestres da Universidade Federal de Sergipe. Muitos e muitos deles trabalharam na imprensa do Estado, tomaram assento na Academia Sergipana de Letras, figuraram entre os pesquisadores do nosso passado, integrando o quadro social do nosso Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.⁴³

Existiam diferenças no plano de formação religiosa e intelectual do Seminário de Aracaju, que, se não determinaram a singularidade do seminarista Avelar em relação aos demais, constituíram um campo de construção de sua atuação religiosa particular. Na contramão do funcionamento de casas semelhantes no Brasil, o investimento na formação clássica de seminaristas voltada para as carências educacionais da região

⁴¹ NETTO, Medeiros. Menino de Viçosa. *O Dominical*, Teresina, 10 jan. 1965, n. 2/65, p. 5.

⁴² BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro. *Os padres de D. José: Seminário Sagrado Coração de Jesus (1913-1933)*. 2004. 201p. Dissertação (Mestrado) □ UFSE, São Cristóvão, 2004. p. 88.

⁴³ CALASANS, José. *Os padres de D. José. A Tarde*, Salvador, 23 out. 1985, n. 1220, p. 6.

cooperou para a construção de uma elite intelectual dirigente, confiante em si mesma, de formação missionária catequética, através da qual, Dom José Tomás Gomes da Silva estabeleceu uma hegemonia de poder, traduzida em uma corporação fechada, preservadora de verdades divinas reveladas, antepondo a consciência trancafiada nos seminários à própria razão como enunciadora de novas verdades científicas.⁴⁴ Avelar Brandão Vilela observou essa diretriz, obedeceu as normas de formação e dialogou com elas a ponto de divergir, em seus artigos, quanto à condenação das verdades científicas, dentro dos limites possíveis para sua condição, e construir uma intelectualidade destacada dos demais.

Conforme condições de existir de um lugar, os intelectuais podem constituir grupo social de contornos vagos, incompreendido por vezes em seu raio de atuação, e, por longos períodos, ser considerado pouco significativo em termos de tamanho.⁴⁵ Sob essa perspectiva, afirma-se que a intelectualidade dos padres ali formados pode ser tomada no duplo aspecto polimorfo e polifônico do termo, relativo à sua compreensão e extensão. São muitas as vozes e variadas as formas de expressão intelectual, ganhando proeminência as que dialogam com maior afinidade com os demais constituintes do contexto social.

Em acepção global, os intelectuais são criadores, além de mediadores dos saberes, e atuam no sentido da difusão e vulgarização de conhecimentos. Em acepção mais restrita, assumem facetas de engajamento no serviço das causas em que acreditam. Como dois elementos de natureza sociocultural, essas facetas, a global e a mais restrita, não seriam autônomas entre si, mas interdependentes. E a notoriedade eventual ou especialização deste intelectual, reconhecida pela sociedade em que vive – especialização que legitima e mesmo privilegia sua intervenção nos debates das cidades – emerge das práticas e estratégias que este intelectual põe a serviço das causas que defende.⁴⁶

O semanário católico de Aracaju, *A Cruzada*, contém parte da atividade intelectual do seminarista, diácono, clérigo e posteriormente cônego Avelar Brandão Vilela, desenvolvendo-se em fases distintas ao longo de uma década e meia de permanência em terras sergipanas. Secretário do Bispado, capelão da Igreja de São Salvador, professor de História do Brasil no Círculo Operário Católico, assistente da Liga Feminina Católica, docente titular das disciplinas de Português, Literatura Portuguesa e Psicologia, cônego do cabido diocesano, diretor do Departamento de Vocações Sacerdotais e diretor

⁴⁴ LIMA, Jackson da Silva. **Os estudos filosóficos em Sergipe**. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1995. p. 130.

⁴⁵ SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: REMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: UFRJ/Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 234.

⁴⁶ Id. *ibid.*

espiritual do seminário (1938-1946), foi também integrante da Academia Literária de Santo Tomás de Aquino, professor de Latim⁴⁷ e redator do jornal católico.

O grau de entrosamento do clérigo com a hierarquia local e a vontade de progresso na vida religiosa estão presentes na sua escrita e nos documentos oficiais da casa de formação sacerdotal em Aracaju. No livro de registro histórico do seminário, os estatutos exigiam que, durante os estudos, cada seminarista possuísse ligação direta com um morador da capital, chamado de correspondente, capaz de lhes prestar ajuda financeira para o pagamento da pensão e acolhida em caso de necessidade, como doenças.⁴⁸ O jovem Avelar, no entanto, aparece no Livro de Matrícula dos Alunos, em 1933, quando cumpriria o segundo ano de Teologia, como responsável por si próprio, sem nenhum mantenedor externo a responder por ele. Naquele mesmo ano, diante do fechamento do seminário por motivos financeiros, foi enviado ao Seminário de Olinda, com recomendações especiais do bispo de Aracaju, para o cumprimento da última etapa de estudos teológicos. Mesmo a distância, Avelar continuou dialogando com seu principal orientador.

Em carta escrita à família em outubro de 1934, avisou sobre comunicado - expedido por Dom José Tomás Gomes da Silva no mês anterior, solicitando documentações para o seu ingresso no subdiaconato e diaconato, tais como certidões de batismo e de casamento dos pais, e comprobatórios de execução do processo canônico *de vita, gênese et moribus*⁴⁹ - segundo o qual padres da Igreja Matriz de Viçosa, sua terra natal, deveriam levantar informações a respeito do cenário familiar do seminarista, com vistas a encontrar possíveis impedimentos à sua carreira sacerdotal. Vencida a burocracia, o subdiaconato e o diaconato lhe seriam conferidos, inaugurando um momento de definição pessoal. “Diga a todos que rezem por mim, porque o subdiaconato

⁴⁷ Estes dois últimos quando ainda era seminarista, entre 1933 e 1942. Concessões dessa natureza, fruto do perfil do seminarista e da necessidade de pessoal qualificado para ministrar aulas, eram rotina no Seminário de Aracaju, apesar de contrárias às determinações canônicas. Tanto essa irregularidade como as constantes ausências de Avelar Brandão Vilela no cargo de diretor espiritual do Seminário, já em 1946, foram motivo de repreensão oficial por parte de monsenhor Manoel Pedro da Cunha Castro. Em 8 jun. 1946, esteve em Aracaju como visitador apostólico dos Seminários do Brasil para vistoriar a casa de formação sacerdotal de Aracaju, e assinalou no Registro Histórico do Seminário a solicitação de providência para o fim das “irregularidades”.

⁴⁸ O Livro 1, do Registro Histórico do Seminário Sagrado Coração de Jesus, determina a existência dos correspondentes de cada seminarista, em seu Capítulo II – Da pensão, Artigo 19, p. 7.

⁴⁹ *Vita, gênese et moribus* compunha a segunda das três fases do processo de habilitação que um candidato ao sacerdócio necessitaria atravessar para atender as exigências canônicas. Consistia no envio pelo vigário-geral do bispado e juiz do processo como um todo de um edital a ser recebido pelo vigário do local da residência do habilitando e lido em missa solicitando as seguintes informações à comunidade: se o habilitando era ou não filho legítimo, se havia cometido algum crime que o tornasse indigno ao cargo de padre, se devia restituição de honra ou promessa de casamento ou se era constrangido a se tornar religioso. MICELI, Sérgio. **A Elite eclesíastica brasileira**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2000. p. 33.

é o passo mais sério que hei de dar na vida. Uma vez recebido, não se pode mais voltar. Abençoe com mamãe o filho que muito lhe quer. Avelar”.⁵⁰

O clima de estima e de aposta no futuro sacerdotal de Avelar Brandão Vilela foi percebido pelo bispo de Aracaju, o que inferimos a partir de documentos pessoais. Em carta redigida no município de Propriá, em Sergipe, e endereçada a seu pai, a afinidade fica demonstrada no esforço de ordenação, não obstante o impedimento da idade, pois Avelar Brandão Vilela estava com apenas 23 anos, mas secretariava o bispo em longas viagens pastorais. A agenda episcopal, somada às questões da idade impediriam a sonhada ordenação sacerdotal no município em que nascera.

No dia 27 deste, festa de Cristo Rei, serei ordenado sacerdote de Nosso Senhor Jesus Cristo. Está bem perto o dia em que se realizarão os meus ideais. Minha satisfação é incomensurável! Não esperava que fosse tão já minha sagrada ordenação. Julgava mesmo que não viesse mais este ano a dispensa de idade. [...] O Sr. Bispo não pode, no momento, ir até Viçosa. Sou o primeiro a reconhecer. Tudo isso devido a não se poder, com antecedência, marcar a ordenação por falta de idade. Há mais de um mês D. José está fora da Diocese. [...] O Sr. Bispo vem cansadíssimo desta viagem longa e trabalhosa. Em princípios de novembro terá de viajar a Bahia. Como, poder ordenar-me em Viçosa?⁵¹

Nas cartas pessoais e nos jornais, principalmente no semanário católico *A Cruzada*, estão conteúdos representativos de uma intensa atividade intelectual e religiosa que merece exame mais detalhado. Nas condições de seminarista e cônego, até sua ordenação episcopal em 1946, registrou ideias por intermédio da imprensa e plantou sinais do forjar-se como religioso. Avelar Brandão Vilela, em Aracaju, estivera, portanto, no prelo.

De fato, examinando sua trajetória, é possível percebê-lo próximo ou envolvido diretamente com a imprensa. O *Curriculum Vitae*,⁵² preparado em 1976, por sua assessoria em Salvador, elenca as relações diretas com as mídias. Em Teresina, manteve a crônica diária no rádio, denominada *Oração por um dia feliz*, nas emissoras de rádio Difusora e Pioneira, e na redação frequente no semanário impresso católico *O Dominical*.

Em terras baianas, foi titular de coluna fixa no jornal *A Tarde*. Deu continuidade à crônica diária *Oração por um dia feliz*, e manteve o programa semanal *A Voz do Pastor*, na Rádio Cultura, este último como programa de evangelização oficial da Arquidiocese de Salvador, no contexto de engajamento do povo de Deus em marcha. Além dessas

⁵⁰ VILELA, Avelar Brandão. Carta redigida no Seminário de Olinda, em 11 out. 1934, quando cursava o penúltimo ano de Teologia fora de Sergipe, por recomendação do bispo de Aracaju, Dom José Tomás Gomes da Silva, diante do fechamento do Seminário de Aracaju. O documento encontra-se no acervo do Laboratório Eugênio Veiga, da Universidade Católica de Salvador, em Salvador.

⁵¹ Ibid. Carta redigida no Seminário da cidade de Propriá, Sergipe, em 13 out. 1935, durante viagem pastoral. O documento encontra-se no acervo do Laboratório Eugênio Veiga, da Universidade Católica de Salvador.

⁵² Material disponível no acervo do Laboratório Eugênio Veiga, da Universidade Católica de Salvador, em Salvador, Bahia.

participações, ainda havia contribuições semanais no jornal impresso *O Mensageiro*, de cunho católico, e apresentação de um programa diário na *TV Itapoã*, denominado *Sementes de Contemplação*. Por sua iniciativa, foi adquirida, em regime de cotas entre ele e os vigários da Arquidiocese de Salvador a Rádio Excelsior;⁵³ e, antes, a própria Rádio Pioneira de Teresina, fundada em 1962.⁵⁴

Como órgão da Ação Católica Diocesana de Aracaju, *A Cruzada* vinha de uma suspensão de publicação, motivada pela falta de recursos financeiros. Por isso, expôs na sua edição de retomada a intenção de explorar a imprensa cristã e os princípios de Santo Tomás de Aquino, com vistas à doutrinação e defesa das verdades do Cristo, e à aplicação de uma divisa missão baseada em “fazer brilhar a luz de Deus através de todos os caminhos do homem. E os caminhos do homem, planos ou tortuosos, são, de qualquer modo, caminhos de Deus”.⁵⁵ As edições destacavam pronunciamentos do Papa Pio XI sobre a importância da manutenção financeira, pelos católicos, de uma imprensa que representasse os interesses da Igreja e valorizasse a sua presença no meio social. Porém, em edição de 1935, o reforço da autoridade papal à causa do periodismo ganhou contornos explícitos, dando a dimensão da importância conferida à prática jornalística pela Santa Sé. Nas palavras de Pio XI, “a imprensa, integralmente católica é a minha voz. Não digo eco da minha voz, mas propriamente a minha voz”.⁵⁶

Para os padres e o bispo de Aracaju, a Igreja Católica modelada pelo papado de Pio XI entendia a necessidade de revitalização presencial do catolicismo no mundo, adquirindo um modo específico de lidar com suas fragilidades internas, sem modificações profundas na natureza conservadora.⁵⁷ A década de 1930, portanto, vivenciava uma oposição à secularização e a outras religiões, pregando, no respeito à hierarquia e à ordem, um lugar para o catolicismo capaz de se aninhar às demais instituições, como os governos e a imprensa. A concepção de missão integral da Igreja guardava a fé como um fenômeno interno, necessário para se manter contato íntimo com Jesus Cristo dentro de um sentido devocional. Havia o antagonista a esta cristandade, traduzido no mundo moderno, que corroía a fé e encorajava o culto da personalidade, do prestígio, do

⁵³ A Rádio Excelsior de Salvador foi adquirida em 22 nov. 1984, em nome de Dom Avelar, o acionista majoritário, e dos monsenhores Gaspar Sadoc e Manoel Sampaio Python com recursos da Arquidiocese de São Salvador. Em seu testamento, o Arcebispo explica a aquisição por pessoas físicas pela impossibilidade legal de a Arquidiocese tornar-se a proprietária. Após sua morte, a emissora seria legada aos seus substitutos, desde que entendessem o seu pertencimento ao patrimônio da Arquidiocese.

⁵⁴ A imprensa desperta o interesse dos bispos brasileiros com maior ênfase a partir do século XX, quando se intensificou a publicação de cartas pastorais específicas sobre o assunto. Conforme LUSTOSA, O. P. Oscar de Figueiredo. **Os Bispos do Brasil e a imprensa**. 2. São Paulo: Loyola, 1983. (Coleção Cadernos de História da Igreja no Brasil).

⁵⁵ ADLUCEM. **A Cruzada**, Aracaju, 10 fev. 1935, n. 1, p. 1.

⁵⁶ PIO XI e os meios de comunicação. **A Cruzada**, Aracaju, 9 jun. 1935, n.17, p. 1.

⁵⁷ MAINWARING, Scott. **Igreja católica e política no Brasil – 1916/1985**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 43.

conforto, do dinheiro e do poder. O produto dessa tensão era a marca da espiritualidade centrada em uma ética de renúncia e de sacrifício na vida terrena.

Da centralidade na devoção pessoal, enxergava-se, em aparente paradoxo, a necessária intervenção na sociedade secular através da imprensa de alcance massivo, como o rádio e a televisão. Com inspiração no pensamento tomista, os clérigos acreditavam que a fidelidade ou conversão de fiéis aos seus preceitos seria possível através do convencimento intelectual. Afinal, se homem moderno era um ser perdido, carente do poder pedagógico da Igreja, esta cumpriria o seu papel de ordenamento de vida e rememoração valorativa do homem, ao utilizar meios da modernidade, como a imprensa, de modo positivado e voltado ao crescimento da fé. O ganho da instituição seria na razão direta em que conseguisse transformar os seus seguidores, atingidos pela imprensa católica, em militantes católicos.

Os anos de 1930 foram de investimento, na publicação de livros e jornais, e programas radiofônicos, por parte da Igreja Católica; aconteceu na esperança fazer frente ao avanço de ideias contrárias a seus preceitos. “Tendo o catolicismo romanizado origem marcadamente letrada, era normal que considerassem a imprensa como o seu principal instrumento de difusão da fé e de guerra contra o demônio.⁵⁸ Daí o tom pedagógico e panfletário que o jornal *A Cruzada* utilizou para organizar e reduzir a pluralidade do mundo em dois polos antagônicos: o bem e o mal. Havia uma imprensa benéfica, a católica. Seus antagonistas diretos eram os veículos de comunicação apartados dos preceitos cristãos, abertos à veiculação de material sobre o comunismo, o paganismo, o ateísmo ou que negassem a essência católica do povo brasileiro. Caberia ao bom católico atender ao preceito do padre Leonel Franca, quando advertiu sobre o poder do jornalismo na difusão e perpetuação dos valores no mundo moderno: “agitar ideias é mais grave que mobilizar exércitos”.⁵⁹

No pensamento oficial da Igreja Católica, era necessário reconhecer a ditadura vencedora e gloriosa da imprensa, conforme os termos proferidos pelo cardeal do Rio de Janeiro, Sebastião Leme.⁶⁰ Pela universalidade e alcance, a imprensa teria a capacidade de minar e destruir construções do pensamento humano ou fechar os homens quanto às verdades de Cristo. Os católicos, portanto, não poderiam deixar instrumento tão poderoso nas mãos dos inimigos da Igreja. Ativando o ataque à má imprensa, a comunidade era convocada a alimentar a consciência católica para a proteção e apoio à imprensa da

⁵⁸ AZZI, Riolando & GRIJP, Klaus van der. **História da Igreja no Brasil**: ensaio e interpretação a partir do novo. Tomo II/3-2. Terceira época 1930-1964. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 187.

⁵⁹ A BOA imprensa. **A Cruzada**, Aracaju, 10 fev. 1935, n. 1, p. 2.

⁶⁰ LEME, Cardeal Sebastião. Ditadura gloriosa e vencedora da imprensa. **A Cruzada**, Aracaju, 21 abr. 1935, n. 10, p. 1.

Igreja. Dessa postura, vem a repetição em caráter intensivo das verdades católicas, em variadas modalidades de veículos de comunicação.

Em 1937, o editorial que comemora os dois anos de retomadas das operações de *A Cruzada* traz clichê enquadrando o corpo editorial do veículo, e texto resumindo o sentimento de alcance dos objetivos traçados.

A CRUZADA sente-se feliz na luta que empreendeu com ardor inexcedível, porque sua voz não reboia nas quebradas do solo sergipano para fomentar o desvario da guerra, nem as desordens que as falsas ideologias pretendem inocular no coração magnânimo do nosso povo [...] Levantou-se nos horizontes nevoentos da hora que passa, para, qual luminosa estrela engastada no céu azul do pensamento contemporâneo, conduzir os adoradores hodiernos aos pés do Mestre, à manjedoura de Belém.⁶¹

Avelar Brandão Vilela envolveu-se naquele ambiente jornalístico, abraçando a perspectiva inicial acerca do periodismo católico. Sua participação é visível nos comunicados oficiais do bispado, expedindo a agenda episcopal ou diretrizes internas norteadoras do cotidiano da Diocese, bem como no agendamento que o veículo faz das viagens a serviço da Igreja. Há constantes informes sobre a sua própria progressão hierárquica, com indicações de participações em congressos eucarísticos, datas de recebimento das ordens menores, dos programas de ordenação em 1935 e cobertura da viagem que realizou à cidade de Viçosa em caravana com representantes da Diocese de Sergipe, para a realização de sua primeira missa.

A sua faceta articulista foi desenvolvida naquele contexto. A depender da pauta em questão, publicou seus pareceres sobre as relações entre homem, ciência, modernidade, fé e ação social, legitimando-os conforme a função religiosa do momento: a de secretário, professor, diácono ou assistente de movimentos como a Ação Católica Diocesana e a Liga Feminina Católica. Do local de fala emergia o argumento original da escrita. Importavam os debates públicos travados nos veículos de comunicação que atingissem os valores cristãos de seu tempo, reservando a si, no ambiente dos prelos, uma função adicional à sua rotina religiosa: de diálogo com ideias vigentes para interpretação e mediação de conhecimentos para os fiéis da diocese. Operava uma vigilância permanente da arena jornalística, crendo na necessidade de os semanários católicos trabalharem na salvação dos homens, caso contrário, seriam sufocados pelo conteúdo ordinário de um campo de debates em mudanças. Para ele, os meios de comunicação formavam uma complexa zona de convergência de discursos e ideias, na qual vinha se configurando a opinião pública brasileira. “Como sentinelas de valores inalienáveis da consciência católica e faróis norteadores das verdades do Cristo”,⁶² os jornais católicos

⁶¹ CONTINUANDO a jornada... **A Cruzada**, Aracaju, 10 fev. 1937, n. 90, p. 1.

⁶² VILELA, Pe. Avelar Brandão. A missão do jornal católico. **A Cruzada**, Aracaju, 13 out. 1935, n. 35, p. 1.

seriam denunciadores de artimanhas dos erros sociais, baseados na divulgação de uma pedagogia isenta da preocupação com o divino. Dentre as batalhas de ideias travadas a partir de sua função jornalística, emergiu aquela de apoio à inclusão do ensino religioso nas escolas brasileiras, cruzada que toda a Igreja nacional travou junto ao governo brasileiro nos anos 1930, até a promulgação da Carta Constitucional de 1937.

Outros embates de ideias também foram percebidos, dando a ver um autor atento às agitações clericais internas e aos desafios que ciência, homem e modernidade apresentavam à Igreja Católica, colocando à prova a perenidade da instituição e incitando seus membros a um posicionamento público, fora da sombra de uma verdade cristã imutável e absoluta.

O problema religioso,⁶³ alvo de uma série de artigos, foi colocado como o mais complexo diante da crise existencial. Nascido pela condição racionalista própria do homem e caracterizado pelo antagonismo entre espírito e corpo, seria superior a todos os demais dramas humanos, pela gerência involuntária do espírito sobre a matéria. O corpo, em sua multiplicidade aparente e essência efêmera e fraca, ofereceria questões simples e pouco numerosas à ciência. O espírito, no entanto, seria o campo de ocorrência dos mais importantes fenômenos humanos, apesar de desconhecido e atravessado por dúvidas que só a religião seria capaz de responder. O fiel católico, carente do senso de verdade, teria de buscar a orientação religiosa para suas angústias espirituais, devendo deixar a matéria em segundo plano. Para o padre Avelar Vilela, o homem de seu tempo perdia-se no intervalo entre estas atitudes: ao invés de fixar eixos vitais em torno de um ideal absoluto – de um Deus revelado pelos ensinamentos de Cristo – deixava-se arrastar pela frivolidade do mundo hodierno ou inconsistência própria do relativismo humano, sentindo a matéria humana como superiora ao divino. O problema religioso surgia como resultado deste confronto de atitudes em paralelo: haveria um Deus que se humanizara em Cristo e humilhara-se chegando à condição humano-divina; mas na contramão era afrontado pela ação de um homem guindado às ações sobrenaturais diversas, procurando elevar-se para humilhar Deus.

Outra faceta do problema seria a dificuldade de entendimento da consistência e fixidez da palavra divina diante da efemeridade e volatilidade mundana. Enquanto o mundo pediria explicações novas para as condições de existir, ressaltando imobilidade e angústia pelo nomadismo dos conhecimentos e impossibilidade das certezas, permaneceria enraizada a verdade do Evangelho, resistente à passagem do tempo. O ideal pedagógico da Igreja Católica deveria ser entendido como aquele que tenta operar em um espaço estreito para quebrar a ideia de incapacidade da verdade cristã de ser

⁶³ VILELA, Pe. Avelar Brandão. O problema religioso. **A Cruzada**, Aracaju, 23 fev. 1936, n. 50, p. 1.

eterna e atender às necessidades e angústias da atualidade. A fixidez e eternidade da mensagem, antes de constituírem fraquezas, seriam símbolo da segurança espiritual almejada pelo homem.⁶⁴

Dramas de consciência, reformulações e questionamentos sobre a existência ou não dos pecados capitais, dos quais a Igreja Católica se valeu para balizar a conduta dos povos, chegam ao pensamento do padre como uma provocação da ciência para com o catolicismo. Em 1937, o professor de Biologia do Ateneu Pedro II de Aracaju, Garcia Moreno, publicou artigo, em jornal comercial da capital sergipana, questionando a doutrina católica referente ao pecado. A resposta da Igreja local foi dada pelo padre Avelar Vilela, colega do autor do artigo no magistério, em tom desafiador, que contrapôs o quanto seu desconhecimento sobre a postura religiosa o descredenciaria a falar sobre o assunto.

Vamos saber o que ensina a igreja a respeito do pecado e o que pode, a seu respeito, dizer a ciência. [...] Pecado, portanto, segundo o pensamento da igreja, é um ato consciente, um ato humano, verdadeiramente livre. [...] E que coisa pode nos dizer a ciência? [...] Nos disse que a explicação endocrinológica dos pecados mortais (talvez quisesse dizer pecados capitais), os sete aleijões da alma humana, longe de ser ateia é quase sempre católica. [...] A igreja ensina que se pode pecar sobre as influências do mundo, do diabo e da carne. Mas não disse que essas três influências por si só, sejam realmente o pecado. Há imensa distância entre uma e outra afirmação. Bem razão teve Alfredo Roussel para, em pleno funcionamento de suas faculdades intelectuais, afirmar que 'a igreja tem uma só coisa a temer: ser mal conhecida'.⁶⁵

Em outro momento, foi publicado artigo em que Menotti Del Picchia decretara o fim da caridade no ambiente hodierno ou o arcaísmo da terminologia *caridade*, concebida como ação desinteressada pelo bem do outro. O sentido evangélico da expressão havia, no seu entender, sucumbido mediante ascensão capitalista. Tornara-se, para o rico, somente um rito de distinção social ou adorno classista, substituído pelo termo *assistência social*. A caridade fora esvaziada de sentido cristão e apagada na pompa econômica, porque, sendo um ato individual, humilharia e não repararia as desigualdades sociais. O padre Avelar Vilela, em um embate direto, questionou tais colocações.

Basta! O Sr. Menotti já falou demais sobre a caridade, entretanto, segundo me parece, não sabe ainda o que seja, realmente, a caridade. Falar muito nem sempre é sinônimo de ter conhecimento da matéria que se discute [...] Tenho a dizer que a caridade por ele descrita não é nem de longe a terceira das virtudes teológicas. [...] A assistência social, sucedânea da caridade não exclui, de maneira nenhuma, esta que é a terceira virtude teológica. [...] A própria assistência social, quando inspirada nos princípios cristãos, que outra coisa é senão caridade?"⁶⁶

⁶⁴ Ibid. O ideal pedagógico. **A Cruzada**, Aracaju, 1 nov. 1936, n. 70, p. 1.

⁶⁵ VILELA, Pe. Avelar Brandão. Os pecados, a ciência e a igreja. **A Cruzada**, Aracaju, 31 out. 1937, n. 123, p. 6.

⁶⁶ Ibid. Caridade, arcaísmo. **A Cruzada**, Aracaju, 11 ago. 1935, n. 26, p. 1.

A presença do padre Avelar Vilela nos jornais assumiu pautas diversas, além das que registram sua agenda social e as ideias que defendeu em tom panfletário. No entanto, além dele, somente padres que alcançaram o episcopado ou os jubileus sacerdotais⁶⁷ receberam de *A Cruzada* atenção ou espaços editoriais semelhantes. Da presença de Monsenhor Vilas-Boas, vigário capitular e representante da Diocese na caravana que rumou à cidade alagoana, em novembro de 1935, resultou artigo de página completa publicado com o título *Viçosa das Alagoas*.⁶⁸ A cidade, com pouco mais de 60 mil habitantes, foi contada em roteiro sentimental como a terra acolhedora do amigo recém-ordenado, enriquecida na presença de familiares.

Entre as publicações em torno da ordenação de Avelar Brandão Vilela em Aracaju, na igreja matriz de São Salvador, em 27 de outubro de 1935, e a realização de sua primeira missa na cidade natal de Viçosa, em Alagoas, o jornal reforçou seus dados biográficos em matérias valorizadas por clichês, raras no jornalismo da época. Com elogios rememorou a trajetória e qualidades atribuídas a ele,⁶⁹ em um trabalho de distinção intelectual.

As maneiras de fazer, de Avelar Brandão Vilela na imprensa, indicam ações de reemprego do jornal para além da função de manter o católico bem informado ou defender a Igreja Católica. Quando se tornam produtos que se disseminam na rede intelectual, comercial e política da cidade, os impressos podem ser pensados como uma estratégia do religioso, “onde estão inclusos tipos de operações capazes de produzir, mapear e impor”.⁷⁰ No caso, houve o mapeamento do contexto social e a produção de sua singularidade naquele cenário. Os contextos de uso da fala do personagem remetem às circunstâncias por ele interpretadas, e à estratégia de calcular uma atuação diante de relações estabelecidas. A seu favor há o fato de constituir-se autoridade religiosa, legitimada pela sociedade como um intelectual com autonomia de fala em assuntos vários.⁷¹

No lugar social, circunscrito ao personagem, estão as possibilidades de gerir relações com a exterioridade. Os jornais eram uma arena pública, lugar de poder, de querer e de diferenciar. Escrever era comunicar sua particularidade, exercitar a fala

⁶⁷ Como, por exemplo, o monsenhor Vilas-Boas, posteriormente sagrado bispo de Garanhuns-PE.

⁶⁸ VILAS-BOAS, Monsenhor. *Viçosa de Alagoas*. **A Cruzada**. Aracaju, 1 dez. 1935, n. 41, p. 6.

⁶⁹ Padre Olívio Teixeira, redator de *A Cruzada*, representou o jornal católico na viagem em caravana que saiu de Aracaju, chegando de trem a Viçosa, terra natal de Dom Avelar, na noite de 9 nov. 1935. Foram recebidos na estação da Great Western com banda de música da Polícia Militar, coral de normalistas e populares, que formaram cortejo até a residência onde ficariam hospedados. Padre Avelar Brandão Vilela. **A Cruzada**, Aracaju, 24 nov. 1935, n. 40, p. 1.

⁷⁰ CERTEAU, op. cit., 2008, p. 92.

⁷¹ O conceito de estratégia é tomado a partir de Certeau, para quem *estratégia* vem a ser o cálculo (ou a manipulação) das relações de força que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. CERTEAU, op. cit., 2008, p. 99.

legitimada, com base na condição religiosa, e construir singularidades na relação com um outro, representado pelos leitores.

Alicerçado por construções textuais, o personagem histórico Avelar Brandão Vilela inventou-se, reunindo nas predisposições pessoais e externas – como a formação no Seminário Sagrado Coração de Jesus – as condições de avaliação de cenário e de atuação pastoral. Não foi em Pernambuco e tampouco no Piauí o mesmo idealista de tom panfletário da década de 1930. Ao contrário, textos veiculados em meados de 1940 e 1950 começam a demonstrar maior abertura ao diálogo e tolerância em relação à pluralidade de ideias, em um perfil mais aproximado do Arcebispo que Teresina irá conhecer. A capital piauiense de 1950 e 1960, bem como as reações de êxtase pela respectiva chegada do religioso, Dom Avelar Brandão Viela, são tratadas a seguir.

2.2 A cidade da falta: a Teresina viva, péssima e que deixa saudades

Os contextos nos quais se encontrava Teresina na década de 1950 foram analisados através dos jornais *O Dia* e *Jornal do Piauí*. Neles estão olhares sobre a cidade e seus habitantes, envolvidos em acontecimentos humanos sucedâneos, acumulados e transitórios no tempo. Como perseguem as faces de uma realidade mutante e vivenciam a rotatividade de personagens tanto na sua produção quanto no produto, os impressos são caros à pesquisa histórica. Conforme Pinheiro, em artigo sobre a importância da existência de políticas públicas para a conservação das fontes hemerográficas no Piauí:

[...] estas são fontes que dizem sobre as imagens e representações construídas pela intelectualidade que participou da política brasileira, oferecem valiosas informações sobre embates políticos entre grupos rivais, bem como sobre a situação econômica e social do Estado. [...] A leitura dos artigos abre chaves de pesquisa, problemas e hipóteses de investigação.⁷²

Artigos, crônicas, notas, clichês e gravuras, a disposição gráfica do corpo de letras e imagens no papel-jornal, organizados conforme a linguagem jornalística da época são mapas de olhares e de poder e representam as falas desejosas do estatuto de verdade e as forças simbólicas em atuação. Os enunciados jornalísticos ganham o espaço da cidade e adentram as redes comerciais, econômicas, políticas, compondo o próprio cenário urbano; são repertórios com os quais os usuários procedem a operações próprias no exercício de existência em determinado tempo e lugar. A cidade, representada pelos jornalistas é viva e ganha representações diferenciadas. Portanto, no papel-jornal de 1950, Teresina é plural. Críticas se alternam com saudade e elogios.

⁷² PINHEIRO, Áurea Paz. Fontes hemerográficas. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides & VAINFAS, Ronaldo (Org.). *História e historiografia*. Recife: Bagço, 2006. p. 55.

Àquela década, o Piauí sofria uma de suas piores crises econômicas.⁷³ As riquezas e divisas estaduais possibilitadas pelo ciclo do extrativismo nos maniçobais e carnaubais já não existiam, deixando os cofres públicos desabastecidos e impossibilitados de investimento em áreas sociais. O comerciante Pedro de Almendra Freitas (1950-1954),⁷⁴ do PSD, governava o Estado, quando o número de habitantes superava a casa de um milhão – cerca de 1.046.669 pessoas, conforme o senso demográfico daquele ano. À época, o Piauí possuía quarenta e nove municípios vivendo o início do fenômeno de urbanização.⁷⁵ Já a capital do Estado, com 90.723 habitantes, representava menos de 9% da população total, que, como um todo, amargava um índice de analfabetismo dos maiores do País: de cada quatro piauienses com dez anos ou mais, três não sabiam ler e escrever.

A partir da metade da década, Teresina viveu a ampliação da capacidade da Usina Termoelétrica, fundada no governo Rocha Furtado (1946-1950). Contudo, em todo o Piauí, apenas 17 localidades contavam com energia elétrica produzida por geradores que abasteciam as cidades até as 21 horas. Quanto às comunicações, somando as linhas telefônicas da capital com as de Parnaíba, existiam apenas 700 aparelhos no Estado. A vida comercial fluía pela venda de produtos agropecuários e extrativistas e era irrisório o volume de vendas de produtos como ferragens e materiais de construção. A navegação pelo rio Parnaíba, que faz divisa com o Estado do Maranhão, entrou em declínio no fim de 1940, até extinguir-se na década seguinte, deixando no passado o escoamento de produtos extrativistas rumo à exportação pelo porto da cidade de Parnaíba.

Em decorrência da falta de articulação política entre o Estado e o governo central, até 1955, quando foi inaugurada a ponte sobre o rio Poti, ligando o centro à zona Leste da capital,⁷⁶ as obras mais importantes construídas no Piauí com recursos federais foram açudes, os primeiros trechos de ferrovias na região Norte, e a ponte metálica sobre o rio Parnaíba, inaugurada em 1939. Ou seja, não houve ajuda financeira federal para a construção de obras expressivas nos setores de infraestrutura em um intervalo de dezesseis anos. O Estado, portanto, carecia articular-se politicamente e planejar ações que visassem o desenvolvimento econômico. O período era de recessão, marcado pela crise que levaria ao encerramento das atividades da Companhia de Navegação do rio Parnaíba, em 1955, e da Companhia de Fiação e Tecidos Piauiense, em 1957, naquele momento a maior fábrica da cidade.

⁷³ MENDES, Felipe. **Economia e desenvolvimento do Piauí**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003. p. 177.

⁷⁴ GOVERNO DO PIAUÍ. **Governadores do Piauí: uma perspectiva histórica**. Teresina: Fundação CEPRO, 1993. p. 141.

⁷⁵ Porém, cerca de 84% da população no início da década de 1950 ainda viviam nas zonas rurais. MENDES, Felipe, op. cit., 2003, p.175.

⁷⁶ À época, o Piauí já era governado por Jacob Gayoso e Almendra (1954-1958), também do PSD.

Na contramão do ritmo piauiense, o Nordeste crescia em importância para o Governo Federal. O Vale do rio São Francisco assegurou recursos na constituição brasileira, entrando no espírito de desenvolvimento a partir da criação da Comissão do Vale do São Francisco – hoje CODEVASF. Outro marco para o Nordeste foi a inauguração da Usina de Paulo Afonso. Construída na Bahia pela CHESF em 1948, começou a levar energia para as principais capitais nordestinas – João Pessoa, Salvador, Recife, Aracaju e Maceió – já no início da segunda metade da década de 1950. O Banco do Nordeste também iniciou, à época, estudos sobre o potencial econômico da região. Porém, “o Piauí permaneceu alheio aos novos rumos que aos poucos eram delineados para a economia nordestina”.⁷⁷

Até 1956, quando o Governo do Estado tomou as primeiras medidas para se organizar administrativamente, com vistas a enfrentar o problema do subdesenvolvimento, o setor político preocupou-se com questões políticas locais, sem olhar para o desenvolvimento regional que se organizava em seu entorno. Foi somente a partir daquele ano que o cenário político e econômico sofreu a entrada de novas ideias no contexto social. Um agente dessas ideias transformadoras foi Dom Avelar Brandão Vilela.⁷⁸ A partir de 1956, com a chegada do novo Arcebispo, ocorreram significativas mudanças de rumo necessárias ao Piauí. Alagoano de família agroindustrial, o arcebispo trouxe uma visão dos problemas sociais sintonizada com o Nordeste.⁷⁹ Sua inserção na cidade é pensada, portanto, como mobilizadora das reflexões sobre um cenário de desenvolvimento para a capital.

No fim do governo de Jacob Gayoso e Almendra (1954-1957), do PSD, e ao longo de todo o mandato de Chagas Rodrigues (1958-1962), do PTB, o setor público estadual buscou adaptar-se ao Brasil em mudança. O mandato do último governador da década de 1950 começou em clima de dinamismo, com a criação da Companhia de Desenvolvimento do Nordeste, colocando a situação nordestina em debate. Como a política de aceleração do crescimento econômico do governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961) batia às portas do Estado, Chagas Rodrigues definiu um estilo de governo desconhecido até então no Piauí, com mobilização popular e forte uso da mídia.⁸⁰ Mantinha um programa na Rádio Clube, denominado *Falando com o Povo*, e recebia a imprensa semanalmente para divulgar posicionamentos, além de conceder longas entrevistas pelo rádio. A preocupação desenvolvimentista do governo buscou concentrar-se no industrialismo, no planejamento e na modernização institucional.

⁷⁷ MENDES, Felipe, op. cit., 2003, p. 187.

⁷⁸ Ibid., 2003, p.182.

⁷⁹ MENDES, Felipe, op. cit., 2003, p. 182.

⁸⁰ MEDEIROS, Antônio José. **Movimentos sociais e participação política**. Teresina: CEPAC, 1996. p. 89.

A partir de 1955, e ao longo da transferência entre dois governos estaduais de legendas diferentes, PSD e PTB, foram criadas assessorias de governo e instituições voltadas ao desenvolvimento econômico e agropecuário do Piauí, aumentando o poder estatal no direcionamento da economia. É dessa época a criação do FRIPISA (1957), da CEPISA (1959), da TELEPISA (1960) e da AGESPISA (1962),⁸¹ para gerir, respectivamente, frigorífico, energia, comunicações telefônicas do Estado e serviços de abastecimento de água.

Naquele contexto, os jornais, guardadas as diferenças pertinentes à formação gráfica, ligações políticas e linhas editoriais, simbolizadas nas escolhas de seus lemas, não possuíam as características de separação de matérias por editorias, ou dedicação ao aspecto factual e noticioso dos acontecimentos nos moldes do jornalismo atual. A fase vigente era a dos textos dispostos segundo grafismo irregular, sendo comum encontrar artigos distribuídos por duas ou até três páginas diferentes, com ou sem prévio aviso ao leitor. Fotos e clichês se popularizaram somente no fim da década de 1960, e as temáticas políticas, urbanas e sociais eram presentes, principalmente nas crônicas sociais. A crônica social praticamente nasceu com os jornais piauienses:

[...] inicialmente com noticiário sobre casamentos, óbitos, batizados, nascimentos e viagens. Foi aos poucos, destacando-se, ao ponto de adquirir importância fundamental em qualquer jornal moderno. O interessante é que através das mesmas, os segredos mais transcendentais da política e dos negócios foram desvendados. Filtra conversas havidas na intimidade dos lares, largadas nos salões de beleza e captadas pelos cronistas, com antecedência de dias sobre a aúrcia dos comentaristas em assuntos políticos e econômicos.⁸²

O jornal *O Dia* chegou ao ano de 1955 intitulado-se como *órgão independente, noticioso e político* e como *o jornal das multidões*, seguindo linha política de oposição ao governo do PSD. Era dirigido por Raimundo Leão Monteiro, com redação de Orivaldo Bugyja Britto. O primeiro, mais conhecido por Mundico Santídio, era tido como “irreverente, combativo ao extremo. Liderou por largo período a classe a que pertencia e foi campeão de processos baseados na Lei de Imprensa”.⁸³

[...] como a lei facultava ao indiciado a retratação, havendo para tal uma audiência prévia, nessa audiência Mundico, com a mais inocente das expressões, dizia para o juiz: ‘Dr., fui mal interpretado. Conhecendo esse moço desde menino, como conheço, como poderia injuriá-lo ou caluniá-lo?’ Encerrada a audiência e o processo arquivado com a retratação, no dia seguinte lá vinha o jornal repetindo tudo e acrescentando ainda mais. Novo processo, nova retratação mais dramática.

⁸¹ As siglas se referem respectivamente a Frigoríficos do Piauí S/A, Centrais Elétricas do Piauí S/A, Telefones do Piauí S/A e Águas e Esgotos do Piauí S/A.

⁸² PINHEIRO FILHO, Celso. **História da imprensa no Piauí**. 3. ed. Teresina: Zodiaco, 1997. p. 190.

⁸³ Celso Pinheiro Filho, advogado, o defendeu em dez processos dessa natureza. PINHEIRO FILHO, op. cit., p. 152.

O infeliz terminava por desistir. Aí, o Mundico também desistia, pois não costumava tripudiar sobre o cadáver do adversário.⁸⁴

Arrendado pelo Partido Trabalhista Brasileiro, do governador Chagas Rodrigues, em 1962, *O Dia* foi posteriormente comprado pelo coronel do Exército Otávio Miranda, que o modernizou graficamente e tentou desvinculá-lo da crítica ou apoio político-partidário explícitos.

O outro periódico analisado, o *Jornal do Piauí*, era também bissemanário e dirigido por José Gayoso de Almendra Freitas, José Camillo da Silveira e bancada de deputados estaduais do Partido Social Democrático. Posteriormente foi dirigido por Arimateia Tito Filho, e, a partir de 1957, por José Vieira Chaves. Teve a colaboração de jornalistas de prestígio no Piauí, como, por exemplo, Macário Oliveira e Deoclécio Dantas. Não trazia lema junto à logomarca para resumir a linha editorial adotada, mas eram nítidas as influências políticas do PSD.

A profissão de jornalista até então era menos considerada como campo profissional autônomo que espaço de doutrinação política e de legitimação da intelectualidade local. Mas, naquele contexto, passou a existir como carreira, cuja arena de produção possuía uma estrutura mínima, com redação, oficinas e salas de gerenciamento. Os jornais do Piauí, em meados de 1950, começaram a pensar em si como empresas, tratando com maior relevância as questões comerciais.

O pessimismo com que o teresinense via sua cidade era a marca nos impressos. Teresina era a cidade da falta. Sem instalações sanitárias, a ser implantadas somente no fim de 1960, no governo de Helvídio Nunes; sem uma grande companhia telefônica, só instalada na década seguinte; desprovida de universidade ou mesmo de energia elétrica de qualidade, cujo advento se deu nos anos 1970; era uma capital com grandes problemas de infraestrutura e tomada como atrasada em relação às demais do Nordeste. Na análise social empreendida pelos jornais impressos, estava o cotidiano do trânsito, mercados públicos, oferta de ensino, abastecimento alimentício; distribuição de energia, rede telefônica e água, além das questões sanitárias que condicionavam a qualidade de vida dos moradores e dos usos da cidade, pensados aqui como práticas diretamente ligadas aos personagens que nela vivem e dela se utilizam.

A vida mais próxima das residências foi percebida. O *Jornal do Piauí* chegou a publicar colunas específicas sobre os bairros da capital, como *Teresina em 7 Dias*, em novembro de 1956, e *Notas Soltas*, abril de 1957, nas quais os colunistas Rômulo Petrônio e Simplício Araújo, respectivamente, abriram espaços para discutir os problemas dessas localidades urbanas, e ainda convidavam o público a enviar suas reclamações

⁸⁴ Id. *ibid.*

para a redação do jornal. Foram divulgadas as demandas dos leitores de um modo mais direto, dando outra configuração à mediação jornalística, praticada até então, e aproximando as relações dos veículos com os leitores.

Na enunciação dos discursos, surgia a *terra do já teve*⁸⁵ e uma profusão de fortes sentimentos em relação à capital. Sendo o espaço urbano de Teresina planejado quando da sua fundação, os jornalistas percebiam tratamentos políticos diferenciados dispensados aos cidadãos. Os governos do município não ofereciam equidade de infraestrutura aos moradores das zonas centrais e suburbanas, condicionando-os a consumos diferenciados desses espaços, sob a perspectiva do binômio zelo/abandono. O centro era privilegiado em relação aos bairros, mas não estava isento de reclamações por conta de problemas estruturais. O cronista Califas resumiu a preocupação em uma de suas crônicas, apontando como culpados a gestão do município e o comportamento do próprio cidadão.

Não é a primeira vez que chamamos a atenção do Departamento de Saúde Pública para o estado sanitário de nossa capital. Se não fosse, talvez, o sol causticante de Teresina, turbilhão de micróbios infestariam a cidade [...] em virtude de não haver nela esgotos e da falta de asseio em muitas de suas ruas, quer nos arrebaldes, quer no centro urbano. A saúde pública, além do mais, fecha os olhos aos infratores das leis sanitárias, pois não são poucas as casas em Teresina, com águas represadas nos quintais [...] e nas poucas residências que possuem fossas higiênicas, a água não sobe a caixa para lavá-las. E até mesmo no centro da cidade se cria porco em chiqueiros ou solto no quintal.⁸⁶

O discurso, atribuindo os usos e práticas urbanas às péssimas condições de saúde, perdurou ao longo da segunda metade da década de 1950⁸⁷, quando Dom Avelar chegou a Teresina. O tom dos textos era de cobrança, exigindo mais disciplina por parte do povo e do poder municipal no viver em sociedade. Em geral, aludiam à falta de educação para a saúde. Os impressos assumiram, nesse sentido, o papel de disciplinador do comportamento social, pois o poder público pouco fazia para ensinar o cidadão a viver no perímetro urbano, segundo as regras de civilidade. Daí, o motivo de sua luta particular em prol da saúde pública. No artigo *Falta de higiene nos bares*, a questão sanitária entra em pauta, apontando a situação em estabelecimentos do centro comercial da cidade, como botequins, lanchonetes e bares:

Higiene é o que não existe neles, como se pode constatar logo na entrada, pois é raro o que tem parede revestida de azulejo, como exige o regulamento da Saúde

⁸⁵ Em nota na coluna Tópicos e notícias Teresina é chamada de Terra do Já Teve. Conforme Tópicos e Notícias. **O Dia**, Teresina, 6 maio 1956, n. 353, p. 1.

⁸⁶ PELA saúde do povo. **O Dia**, Teresina, 23 out. 1955, n. 30, p. 2.

⁸⁷ Os discursos jornalísticos que criticavam a situação sanitária da cidade e o péssimo comportamento dos moradores já aconteciam antes da década de 1950. Na sua tese de doutorado, apresentada em 1999 à banca de História da Universidade Federal de Pernambuco, **A cidade sob fogo**: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945), o professor Francisco Alcides do Nascimento traz uma discussão sobre Teresina como a cidade do desejo de modernização, do embelezamento e as iniciativas do poder público em afastar do centro da cidade os símbolos da pobreza, como as casas de palha comuns naquela época.

Pública e deveria constar nas especificações das plantas a serem aprovadas pela Prefeitura. E quando o freguês se serve sente que a louça é mal lavada, a colher do sorvete tem a parte de baixo pegajosa e os copos não raro, manchados de batom. Alguns empregados respondem aos que reclamam, dizendo que tem pouca água. E por isso, a lavagem das louças servidas do café é feita numa vasilha em que as xícaras são mergulhadas na mesma água, a qual depois pode até ser fervida e servida ao público como bom café. [...] Cremos que deve ser exigido de todos os bares que servem café a colocação de um aparelho de água fervendo à vista de todos os fregueses para a imersão das xícaras a fim de matar os micróbios, pois é comum uma pessoa sadia tomar café com uma louça anteriormente usada por um enfermo das mais horripilantes e contagiosas moléstias.⁸⁸

A Teresina doente emergia dos periódicos. O fim da década foi marcado por epidemia de tuberculose com casos de óbitos. Em outro momento, no artigo denominado *A tuberculose em Teresina*, a equipe do jornal *O Dia* colocou a capital em dramática situação dentre as demais. “Depois de Manaus, é a cidade verde a mais atingida em óbitos pela tuberculose no Brasil. Estamos muito atrasados”.⁸⁹

Usar a cidade, praticá-la era sinônimo de entrar em contato com problemas contra os quais as autoridades municipais não conseguiam fazer frente. Com signos da modernidade, como os cinemas, os sinais de trânsito e os automóveis, a população desenvolvia relações que os jornais não julgavam coerentes.⁹⁰ O jornalista A. Tito Filho⁹¹ afirma que em 1952 a capital passou a contar com sinais luminosos na esquina das ruas Coelho Rodrigues e Barroso, e na altura do relógio da Praça Rio Branco. No entanto, os sobressaltos que o uso desses disciplinadores de tráfego provocaram no cotidiano motivavam críticas em relação aos usuários e ao poder público, criando enunciados que os alternam em papéis de culpados e vítimas, a depender da situação relatada.

O tráfego veloz de veículos, a imperícia dos motoristas, a negligência dos que flanavam pelas calçadas e a impunidade nos casos de atropelamento eram constantemente criticados, diante da rapidez com que o trânsito crescia na capital. O *Jornal do Piauí* na coluna *Notas e Política*⁹² referia a um fluxo de veículos na Avenida Frei Serafim, a principal da cidade, na ordem de 150 veículos diários. Posteriormente, explicitou o desrespeito dos motoristas para com o limite de velocidade determinado pela Prefeitura Municipal para as ruas do centro - 20 quilômetros por hora. Em contrapartida, o poder público utilizou os jornais para pedir aos pais que disciplinassem seus filhos pequenos e os ensinassem a se proteger dos perigos da rua. Comentário assinado por

⁸⁸ FALTA de higiene nos bares. *O Dia*, Teresina, 1 jan. 1959, n. 629, p. 1.

⁸⁹ A TUBERCULOSE em Teresina. *O Dia*, Teresina, 5 dez. 1957, n. 511, p. 2.

⁹⁰ No Piauí, pesquisa de Terezinha Queiroz apresenta estudo sobre o espaço urbano e a Teresina que se civiliza, entre as últimas décadas no século XIX e início do século XX, abordando relações entre a sociedade teresinense e alguns signos da modernidade, como o cinema, que exibia filmes através dos quais a população passou a conhecer produtos e comportamentos diversos. QUEIROZ, Terezinha. **Os literatos e a República**: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. Teresina/João Pessoa: EDUFPI/UFPB, 1998.

⁹¹ TITO FILHO, Arimateia. **Memorial da cidade verde**. Teresina: APL, 1978.

⁹² NOTAS e Política. *Jornal do Piauí*, Teresina, 1 jan. 1956, n. 376, p. 12.

Rômulo Desidério foi publicado, aludindo ao trabalho de esclarecimento que o poder municipal queria prestar aos circulantes:

A Delegacia de Trânsitos e Costumes desta capital está publicando na imprensa local, avisos de advertência aos senhores pais de menores, no sentido de prevenir os seus filhos do grande perigo que o trânsito atualmente lhes oferece, pois toda atenção é pouca e o tráfego de veículos está cada dia maior.⁹³

O entendimento era de que a população precisava cooperar com a realidade que se estava modificando na cidade, alterando sua forma de circular pelas ruas, protegendo-se dos veículos ao adotar conduta preventiva, já que os motoristas e ciclistas não conseguiam adaptar-se às normas civilizadas de circulação.

No que tange à questão assistencial, mendigos e crianças abandonadas foram representados nas fontes hemerográficas como chagas sociais, pois, ao tentarem se relacionar com os demais cidadãos apresentando suas carências financeiras, atrapalhavam o consumo tranquilo da cidade. Quando buscavam ajuda nos cafés, bares e restaurantes do centro, os pedintes quebravam a rotina de circulação e fruição do espaço urbano; a partir daí, tornava-se motivo para cobrança de atitudes da Igreja e do poder público. *Cara ou coroa*, crônica relâmpago de Bina Batista, denuncia o mal-estar:

Nos bares e cafés, as famílias são importunadas constantemente pelos esmoleres, que percorrem banca por banca, suplicando uma esmola pelo amor de Deus. Nos cinemas, nos bancos e nas casas comerciais, as mesmas cenas são repetidas. Os turistas que nos visitam e os forasteiros que por aqui transitam saem mal impressionados.⁹⁴

O problema da mendicância e infância desassistidas teria se tornado maior a partir do governo Pedro de Almendra Freitas (1950-1954), do PSD. Até aquele momento, a situação era considerada sob controle pela existência de obras sociais que efetuavam a doação de roupas, remédios e víveres, como a Legião Brasileira de Assistência e a Caixa de Assistência. Enquanto ambas atuaram, os pedintes foram personagens raros no espaço urbano. Contudo, o cenário era outro no governo pessedista de Gayoso e Almendra (1954-1958). “Veem-se em todos os recantos gente pedindo esmolas [...] muitos maltrapilhos, sujos e fedorentos, em bares, cafés e restaurantes. Não seria melhor que a polícia tomasse isso em consideração?”⁹⁵ Demonstrando o seu incômodo, o jornalista A. Pacheco colocava a situação dos mendigos em termos epidêmicos. “Estamos em plena vigência das muriçocas, dos potós, do calor e dos mendigos. De todas essas indesejáveis vigências, a mais triste sem dúvida é a dos mendigos”.⁹⁶

⁹³ A CIDADE. **Jornal do Piauí**, Teresina, 29 ago. 1957, n. 527, p. 3.

⁹⁴ CARA ou Coroa. **O Dia**, Teresina, 5 maio 1956, n. 396, p. 3.

⁹⁵ TÓPICOS e Notícias. **O Dia**, Teresina, 15 jan. n. 322, p. 2.

⁹⁶ A. PACHECO. Coluna da Cidade. **Folha da Manhã**, Teresina, 23 jan. 1958, n. 94, p. 2.

Essas, no entanto, outras leituras foram realizadas sobre Teresina. Cronistas, principalmente filhos da terra que passaram a morar em outras cidades em nome dos estudos, deixaram, nos jornais, seu olhar de saudade e as percepções positivas das mudanças físicas na capital. O olhar de quem estava fora selecionava o lado bom e jogava em cena as vantagens do viver teresinense.

O acadêmico Vitalino de Alencar Bezerra, seis anos após deixar a capital para estabelecer residência no Rio de Janeiro, publicou, em 1958, o texto *Reverendo Teresina*.⁹⁷ O olhar enxergou a presença de signos da modernidade como aspectos positivos. A Rádio Difusora, o Hotel Piauí, que foi o primeiro a ser erguido na capital; o surgimento de novos espaços de lazer para além do já conhecido Clube dos Diários, e configurados nas chácaras das localidades Socopo, Cidade Jardim e no Jôquei Clube – onde as famílias mais ricas passavam os domingos apostando nas corridas de cavalo foram exemplos citados. Continuou sua lista de melhorias, apontando o novo prédio do Seminário Diocesano, erguido ao lado do rio Poti, além da fase atravessada pela imprensa escrita, percebida como ferramenta de mobilização da vida cultural da cidade.

Há um aparente conflito nos enunciados jornalísticos: textos condenando a falta de lazer, ao lado de outros que remetem às novas manifestações e arranjos sociais. O conflito pode ser entendido pelos sentimentos plurais que a cidade despertou, sendo, para os seus habitantes, várias cidades ao mesmo tempo.

Em 1956, Godofredo Soares Cavalcante deixou suas impressões no artigo *Caminhando pela cidade*.⁹⁸ Como quem fazia um passeio, o cronista construiu enunciados, percorrendo à extensão que o levava do cais do rio Parnaíba, passando pela Avenida Frei Serafim até chegar às margens do Poti. Para o que visualizou, projetava uma Teresina destinada a melhorar na pujança frente aos municípios do Interior, traduzida na usina termoelétrica que dispunha, capaz de iluminar não só seu perímetro urbano, mas ainda garantir a iluminação de outras cidades, como Timon e José de Freitas. Via a capital por dentro, sem comparações externas com outras cidades; e, assim, a urbe se apresentava rica e promissora.

Em paralelo, o abastecimento elétrico era abordado como ícone do atraso industrial. A Usina Termoelétrica de Teresina era acusada de não abastecer a contento sequer bairros mais distantes da capital, como o Matadouro, localizado na zona Norte. A causa seria a falta de planejamento dos governantes, à época de sua instalação, em 1947. Imaginava-se que a usina seria capaz de suprir as necessidades da população pelos próximos vinte anos. No entanto, dez anos depois, administrada pelo Instituto de

⁹⁷ BEZERRA, Vitalino de Alencar. *Reverendo Teresina*. **Jornal do Piauí**. Teresina, 13 mar. 1958, n. 580, p. 3.

⁹⁸ CAVALCANTE, Godofredo Soares. *Caminhando pela cidade*. **Jornal do Piauí**. Teresina, 10 maio 1956, n. 398, p. 4.

Águas e Energia Elétrica (IAEE), criado em 1955, ainda era alimentada por lenha. O uso dessa matriz energética causou forte impacto ambiental, pela derrubada de árvores no entorno da cidade, para alimentar a necessidade diária de, ao menos, 300 metros cúbicos de madeira. Os problemas de abastecimento provocavam constantes crises de racionamento e reclamações permanentes por parte dos jornalistas.

Em 1957, os redatores e cronistas do *Jornal do Piauí*, por seu comprometimento político com o governo pessedista, tentavam amenizar os problemas em meio ao racionamento, alertando para o fato de que àquele tempo, todas as grandes capitais do País também padeciam do mesmo mal.⁹⁹ Seu esforço enunciativo tentava orientar a população a conviver com a redução de energia, divulgando os procedimentos de consumo racional da eletricidade. Os consumidores deveriam desligar as geladeiras duas horas por dia, diminuindo o número de lâmpadas acesas e ouvindo rádio o mínimo possível, principalmente entre as 18 e 21 horas, quando o consumo alcançava sua curva ascendente máxima.

A. Tito Filho, jornalista e presidente da Associação Piauiense dos Jornalistas Profissionais à época, publicou em *Prosa Enxuta*, coluna que abria o Jornal *O Dia*, ironias sobre abastecimento elétrico:

Começo esta escritura às 23 horas, do dia 11, 2ª feira. Luz boa no momento, o que dá para desconfiança. Abasteci-me cedo: dois pacotes de vela. Cada vela tem um palmo. Sei que daqui a pouco viro defunto vivo. Cr\$ 40,00 o pacote, cada pacote 6 velas. Errei na profissão: poderia estar rico fabricando vela. Rico porque o IAEE ajudaria com a escuridão; falido porque o IAEE não permitiria que minha indústria fabricasse. [...] Sim, sou pobre porque não fabrico velas [...].¹⁰⁰

Os problemas causados às casas comerciais e poucas indústrias existentes chegaram às portas dos próprios periódicos. Em 11 de agosto de 1960, *O Dia* chegou a estampar comunicado oficial aos leitores sobre a redução do seu número de páginas, de seis para quatro por edição, afirmando que tal fato se devia exclusivamente ao irregular fornecimento de energia elétrica por parte do Instituto de Águas e Energia Elétrica. Ao mesmo tempo, procedeu um apelo ao presidente da autarquia, José Guilherme do Rego Monteiro, para que regularizasse a situação que acarretava problemas para o jornal e para a comunidade teresinense como um todo.

Em seu conjunto, as representações jornalísticas dão a perceber uma cidade que padece economicamente, mas que reage, pede mais atenção e investimentos públicos. Em 1950, Teresina não era uma cidade apenas, mas sim atravessada por problemas estruturais; contudo digna de um futuro marcado pelo desenvolvimento social, surgindo

⁹⁹ LUZ. *Jornal do Piauí*, Teresina, 14 nov. 1957, n. 547, p. 3.

¹⁰⁰ TITO FILHO, Arimateia. *O Dia*, Teresina, abr. 1960, n. 763, p. 1.

múltipla pelos desejos e olhares dos escritores. Independente do prisma adotado, a urbe estava viva.

A imagem residual, preservada a diferença entre aquilo que efetivamente foi a capital em 1950 e o que era abordado nos periódicos consultados, apontava para cidadãos conscientes da necessidade de ajuda exterior para o desenvolvimento de suas potencialidades e abertos à captação de forças mobilizadoras do progresso. Junto àquela conjuntura social e econômica, existia uma religiosa, abrigando membros da Igreja Católica e fiéis dos mais diversos setores. Naquele contexto, em 1956, foi preparada a recepção para o novo Arcebispo metropolitano, Dom Avelar Brandão Vilela, como um evento que marcou a história de Teresina. A cidade foi preparada para uma ocasião de gala.

2.3 A capital engalanada para o arcebispo

Nada sem o bispo (Santo Inácio de Antioquia)¹⁰¹

No dia cinco de maio de 1956, ocorreu a posse de Avelar Brandão Vilela, no cargo de segundo Arcebispo do Piauí, quarto bispo da Teresina e símbolo das esperanças de renovação do catolicismo local. A epígrafe acima fora publicada no jornal católico *O Dominical*, junto a exortações às famílias piauienses, para que transformassem, com a sua presença, as cerimônias de posse em momento histórico. “Católicos de Teresina, preparai uma recepção condigna ao nosso arcebispo, testemunhando de público a sua fé jamais desmentida!”.¹⁰² Toda a edição foi composta em tom convocatório à população, para que tomasse conhecimento da programação oficial de recepção, entendendo, mediante a frase do santo católico, a importância dada ao papel do bispo pela Igreja.

A chegada do Arcebispo inaugurou uma fase de seu apostolado representativa dentro da trajetória religiosa. Conseguindo implementar obras sociais e educacionais no Estado, conhecido pela fragilidade econômica, teria obtido internamente as condições de representatividade da Igreja brasileira tanto em Roma quanto no cenário latino-americano. Em outros termos, as possibilidades de progressão hierárquica do Arcebispo teriam se constituído, a rigor, nas condições de plena atuação social, política, educacional e religiosa legitimadas pelo povo, imprensa, autoridades civis e políticas teresinenses. “Essa veneração por Dom Avelar tem muito a ver com os quinze anos que passou em Teresina”.¹⁰³

¹⁰¹ O DOMINICAL. Teresina, 29 abr. 1956, n. 18/56, p. 1.

¹⁰² O DOMINICAL. Teresina, 29 abr. 1956, n. 18/56, p. 1.

¹⁰³ O RENOVADOR e o diplomata. **Revista Veja**, 7 fev. 1973, n. 231, p. 50.

As expectativas em torno do novo chefe da igreja local começaram a surgir logo após o falecimento de Dom Severino Vieira de Melo, em 27 de maio de 1955. Encerrado o apostolado, considerado tradicionalista, conservador e introspectivo, Teresina tornara-se sede vacante, sendo o governo episcopal conduzido temporariamente pelo sacerdote Joaquim Raimundo Ferreira Chaves, da Paróquia de Nossa Senhora do Amparo, escolhido como vigário capitular após reunião extraordinária do Conselho Arquidiocesano. O padre chegou a viajar a sede da Nunciatura Apostólica do Brasil, no Rio de Janeiro, enfatizando a expectativa do clero local por um chefe identificado com linhas progressistas de trabalho religioso.¹⁰⁴ Enquanto Roma não se pronunciava, as interrogações sobre o sucessor cresciam dentro do semanário católico *O Dominical*. “Com o falecimento do Sr. arcebispo metropolitano, uma interrogação se põe diante de nós: quem será o futuro arcebispo?”.¹⁰⁵ A expectativa se fundamentava também por motivos canônicos. Como vigário capitular, respondendo pela sede vacante, algumas limitações de trabalho lhe eram impostas, como o impedimento de criação de paróquias ou dioceses.

A nomeação oficial proferida pelo Papa Pio XII (1939-1958) foi publicada no *Osservatore Romano*, jornal oficial da Santa Sé, e divulgado na *Rádio do Vaticano* em 19 de novembro de 1955. No Piauí, *O Dominical* publicou que, por volta do meio-dia daquela mesma data, o padre Joaquim Chaves fizera o anúncio aos jornalistas de rádio e jornal impresso locais, para que os fiéis comesçassem ali a preparar a festa de posse do novo Arcebispo. O momento de euforia social começou, portanto, a ser forjado pelos meios de comunicação.

A chegada de Dom Avelar foi pensada como um marco para a cidade. Doze comissões foram organizadas e presididas por uma comissão central, composta pelo governador do Piauí, general Jacob Gayoso de Almendra e Freitas, o prefeito de Teresina, Agenor Barbosa Almeida, o próprio vigário capitular, Joaquim Chaves, além de autoridades jurídicas e membros das forças armadas. Chegou-se a um programa de recepção a ser realizado nos dias 5 e 6 de maio, respectivamente, sábado e domingo, com alvoradas de sinos em todas as matrizes, três cortejos, recepções, solenidades pontificais, almoço, jantar e sessões magnas de homenagem.

O jornalista José Lopes dos Santos relembra aspectos da recepção, alusivos ao banquete oferecido pelo governador do Estado, Gayoso e Almendra, no Clube dos Diários:

Dom Avelar ouviu vários discursos feitos em sua homenagem. Eram tantos os discursos que falaram 23 oradores. [...] O último discurso foi dele agradecendo aquela homenagem, que era para ele muito carinhosa. Ele vinha de Petrolina onde

¹⁰⁴ CARVALHO, M^a, op. cit., 2006, p.127.

¹⁰⁵ P.L.S. Constatações. **O Dominical**. Teresina, 16 jun. 1955, n. 25/55, p. 1.

foi Bispo da Diocese. No final, quando falou muito orador, ele tomou a palavra e fez o discurso de agradecimento no qual, sem ter tomado uma nota, apenas vendo e ouvindo, ele citou os vinte e três oradores que falaram, pelos nomes e citou trechos dos discursos de cada um para agradecer. Uma coisa que impressionou a todos que estavam presentes e eu nunca me esqueci desse detalhe.¹⁰⁶

A receptividade popular foi estimulada pelos jornais de modo intenso. O tom de convocação aludia à necessidade de demonstrar, na prática, a intensidade da fé no Deus católico presente no povo piauiense. Receber com vibração seria dar mostras de hospitalidade, respeito, necessidade e ciência do valor de um Arcebispo para a Igreja.

Contou, para o sucesso da convocação, o reforço na divulgação dos dados biográficos e do perfil pastoral de Dom Avelar, focado na formação sacerdotal em Aracaju e na atuação episcopal em Petrolina, Pernambuco. Dessas cidades, vieram os registros de combate à pobreza rural e melhoria da condição educacional da periferia, bem como a adjetivada capacidade de comunicação direta com os fiéis. A oralidade, a eloquência e a aparência física compõem, de fato, os registros dos historiadores de Petrolina.¹⁰⁷

O *Dominical* empenhou-se no sentido de reavivar o simbolismo episcopal predominante na Igreja à época. Lançou reflexões acerca das necessidades sociais piauienses, passíveis de solução com a chegada de um religioso proeminente na hierarquia eclesiástica nacional. Em uma terra de carência em todas as ordens – financeira, social e religiosa – o que significaria, afinal, a chegada de um bispo? Quais expectativas foram alocadas sob símbolo encarnado por Dom Avelar? Segundo as tradições eclesiais da época, um bispo seria o próprio Cristo da sua diocese.¹⁰⁸ Pela mística católica, a fé do devoto operaria na sua aceitação como pastor, pai e operário de uma missão só possível pela direta outorga de poderes cedida por Deus. Nos bispos, os poderes do sacerdócio seriam somados à abundância de liberdade e à plenitude do cargo. Por conseguinte, como cabeça de sua Igreja, reuniria condições de pontificar padres e fiéis, personalizando as virtudes cristãs e a figura paterna. Sendo pai, esperava-se que fosse capaz de atuar como defensor da fé dos homens/filhos contra os ataques da heresia e da incredulidade.

O jornal católico uniu à expectativa social as intenções de trabalho anunciadas pelo religioso, gerando um panorama de encontro de carências e desejos.

O bispo é, antes de tudo, um embaixador de Deus e como tal, a sua missão se situa na esfera do espiritual, sem que isso impeça, todavia, que o raio de sua ação

¹⁰⁶ SANTOS, José Lopes dos. Teresina, 2001. Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento em 20 jul. 2001.

¹⁰⁷ SÁ Y BRITO, Maria Creusa de. **Petrolina**: origem, fatos, vida, uma história. Petrolina: Tribuna do Sertão, 1995. p. 137.

¹⁰⁸ O DOMINICAL. Teresina, 26 jun. 1955. n. 26/55, p. 3.

apostólica, atinja também, o plano natural, material, naquilo que tange aos direitos inalienáveis da justiça e da caridade.¹⁰⁹

Dom Avelar foi responsável, com o intermédio da imprensa, peça construção dessa expectativa. Encontrou-se com o vigário capitular da Arquidiocese de Teresina em dezembro de 1955, pouco depois de sua nomeação,¹¹⁰ e, nos seis meses seguintes, cumpriu etapas formais de envio das primeiras bênçãos e cumprimentos ao povo piauiense, enquanto permanecia na cidade pernambucana de Petrolina. Enviou telegramas de agradecimentos pelas congratulações recebidas e convites de sua posse às autoridades constituídas e aos diretores de jornais comerciais, extensivos aos funcionários.

Matéria que antecipa o seu plano de ação¹¹¹ dá conta do primeiro encontro de Dom Avelar com o governador Gayoso e Almendra, em reunião no Serviço Nacional de Informação do Ministério da Agricultura, no Rio de Janeiro, em fevereiro de 1956. Ao lado de deputados da bancada federal do Piauí, o chefe do Executivo tomou conhecimento de suas pretensões de intervir nas questões sociais. A realização de uma semana ruralista, que de fato ocorreu em agosto de 1956, dois meses após sua posse em Teresina, seria somente a primeira demonstração de mudança no comportamento da Igreja no Piauí em relação ao bispado de Dom Severino.

Os teresinenses, a partir da elite política e religiosa, construía, meses antes da recepção oficial, o ambiente de atuação do Arcebispo. Os periódicos comerciais, como o *Jornal do Piauí* e *O Dia*, reproduziram a programação da cerimônia de posse e reforçaram em seus discursos os dados biográficos do Arcebispo, denotando assimilação da mensagem católica e repassando a representação de pastor qualificado e necessário ao contexto social e econômico do Piauí.

A atuação mais direta de Dom Avelar seria no entorno das vinte e uma paróquias que constituía o bispado teresinense. Contudo, a posse gerou expectativas quanto a uma atuação que contemplasse as necessidades não somente da capital, mas de todo o Estado. Discurso do jornalista José Fernandes do Rego, publicado ainda no primeiro trimestre de sua chegada, exemplifica as expectativas alimentadas.

A cruzada contra o pauperismo, o compromisso de redimir o Nordeste, conta entre os seus maiores e mais nobres integrantes a personalidade de Dom Avelar Vilela, o novel arcebispo de Teresina. Figura extraordinária de pastor, homem de luta, dotado de uma grande brandura e uma severa energia, qualidades que se completam e se harmonizam. O arcebispo inicia rodeado de simpatia e de esperança de todos os piauienses sua missão apostolar em um Estado devastado pelas vacilações administrativas, pelas secas, pelas competições políticas e vítima

¹⁰⁹ HOMENAGEM a Dom Avelar. **O Dominical**. Teresina, 5 maio 1955, n.19/56, p. 3.

¹¹⁰ **Jornal O Dominical** registrou a viagem de Monsenhor Joaquim Chaves a Petrolina para conhecer e tratar do pastoreio que seria instalado no Piauí, 27 nov. 1955, n. 48/55, p. 3.

¹¹¹ Trecho de matéria jornalística reproduzido no Piauí pelo jornal **O Dominical**, 26 fev. 1956, n. 6/56, p. 1.

do mais completo, constante e criminoso esquecimento dos poderes federais. Sua excelência lembra assim, com sua tenacidade e sua inteligência, ajudando a construir o futuro do Piauí, o espírito dos cristãos antigos, que, numa mão empunham o gládio para a defesa de sua fé e na outra sustentavam os instrumentos de seu labor.¹¹²

A partir da posse em Teresina, passaria a ser representante da população piauiense em causas diversas. Por tal representatividade, a cidade deveria recepcionar o Arcebispo ornamentada e com festa. “As residências, ao longo do percurso por onde deverá passar o cortejo no dia 5 de maio, devem estar ornadas festivamente. Não devem também faltar faixas!”¹¹³ As exortações ao comparecimento massivo de fiéis, em todas as etapas das cerimônias de posse obtiveram o resultado esperado. A comissão executiva empenhou-se na organização e disposição das concentrações populares ao longo dos cortejos, solenidades pontificais e recepções, de modo que o povo se fizesse sentir. Porém, em contrapartida, cuidou para que houvesse campo livre para o desfile de autoridades religiosas, civis e militares.

O lugar a ser ocupado pelo povo na chegada do arcebispo foi definido textualmente. No dia 5 de maio, sábado, a população deveria comparecer em grande número ao aeroporto, e em frente à Igreja de Nossa Senhora do Amparo. Nesse templo, representado pelo procurador do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciários, José Auto de Abreu, o povo faria o acolhimento oficial ao novo arcebispo. O seu papel, a partir de então, seria esperar do lado de fora o procedimento de troca das vestes pontificais para que acompanhasse o deslocamento de Dom Avelar em direção à Igreja Nossa Senhora das Dores. Nessa catedral haveria a posse oficial com a leitura da bula papal de nomeação.

Os colégios e as associações pias estacionarão com suas bandeiras e estandartes em ala dupla através de todo o percurso na seguinte ordem: pelo lado direito e a partir da rua Desembargador Freitas, travessa Rui Barbosa formarão os colégios: colégio Arquidiocesano São Francisco de Sales, Ginásio Leão XIII, Ginásio Desembargador Antônio Costa, associações da Matriz do Amparo, associações da matriz da Igreja São Benedito e Filhas de Maria. Ao lado esquerdo: Colégio Estadual, Escola Normal Antonino Freire, Liceu Industrial, Ginásio Demóstenes Avelino, Ginásio Sagrado Coração de Jesus e as associações pias da catedral.¹¹⁴

Manifestações de alegria e de aclamação do arcebispo, emanadas a partir dos simbolismos do cerimonial de posse foram registradas nos textos jornalísticos. Para os colaboradores do *Jornal do Piauí*, a recepção que o povo teresinense tributou a Dom Avelar foi um acontecimento sem precedentes, traduzido em uma capital ansiosa, cujos

¹¹² O PAPEL de Dom Avelar. **O Dia**, Teresina, 16 ago. 1956, n. p. 2-3.

¹¹³ O DOMINICAL. Teresina, 29 abr. de 1956, n. 18/56, p. 4.

¹¹⁴ CERIMONIAL Litúrgico de posse do novo arcebispo. Cortejo para a catedral. **O Dominical**, Teresina, 5 maio 1956, n.19/56, p. 8.

habitantes se aglomeraram no aeroporto para testemunhar a entrega das chaves da cidade ao novo Arcebispo, pelo prefeito Agenor Barbosa de Almeida, acompanhando, em seguida, a fila de veículos em percurso até a Igreja de Nossa Senhora do Amparo. Os estudantes, trajados com as fardas escolares, estiveram entre a Igreja do Amparo e da Catedral de Nossa Senhora das Dores, presenciando a recepção com honras de chefe de Estado.

A população de nossa capital participou ativamente de todas as homenagens tributadas a Dom Avelar, que foi devidamente aclamado pela grande massa do povo concentrada ao longo do percurso e nas proximidades das igrejas do Amparo e das Dores.¹¹⁵

O povo cortejou na saída da catedral até o Palácio Arquiepiscopal de Nossa Senhora das Graças e na homenagem que a Federação Piauiense de Futebol prestou, em nome de todos os desportistas piauienses, na tarde de 6 de maio, no Estádio Lindolfo Monteiro. “A fim de recebê-lo, com a alma em festa, se engalanaram os jardins de Teresina [...] e tudo naquele instante se harmonizava e a uma voz dizia ‘bem-vindo seja Dom Avelar à terra de Mafrense’”.¹¹⁶

Dom Avelar pela cultura, devotamento e trabalho é admirado e respeitado, vivendo no coração de todos em virtude de uma obra admirável de catequese e assistência social [...] O pátio segurado por autoridades e guardado pelas forças armadas, foi acompanhado por uma multidão de féis até a igreja de Nossa Senhora das Dores.¹¹⁷

Os colaboradores do *Jornal do Piauí* chegaram a questionar uma linguagem apropriada e capaz de traduzir aos seus leitores a importância do momento. Confessaram-se admirados com a Teresina *engalanada*,¹¹⁸ que acabara de experimentar uma manifestação incomum: a recepção mais festiva que a população oferecera para uma autoridade eclesial constituída. No editorial *O sentido de uma homenagem*,¹¹⁹ especulou-se sobre as causas possíveis para calorosa hospitalidade, encontrando resposta no coração simples do povo nordestino, junto ao perfil realizador de Dom Avelar.

Os jornais seguiram o discurso oficial da instituição católica sobre o Arcebispo, sem maiores variações de informações entre si. Harmonizaram discursos e anunciaram junto às suas coberturas sobre o evento os próprios desejos de boas-vindas e feliz atuação ao religioso no Piauí. Ou seja, atuaram como instrumentos ativos de propagação da ideia da recepção singular e festiva.

¹¹⁵ A RECEPÇÃO a Dom Avelar. **Jornal do Piauí**, Teresina, 10 maio 1956, n. 398, p. 1.

¹¹⁶ BARROMEU, Carlos. Maio em Flor, **O Dia**, Teresina, 10 maio 1956, n. 354, p. 2.

¹¹⁷ EM TERESINA, desde ontem, o novo chefe da Arquidiocese. **O Dia**, Teresina, 6 maio 1956, n. 353, p. 1.

¹¹⁸ O SENTIDO de uma homenagem. **Jornal do Piauí**. Teresina, 10 maio 1956, n. 398, p. 1.

¹¹⁹ O SENTIDO de uma homenagem. **Jornal do Piauí**, Teresina, 10 maio 1956, n. 398, p. 1.

No entanto, as manifestações de apreço pelo religioso podem ser compreendidas para além da simples convergência de pensamento com o ideário católico predominante. Os teresinenses padeciam com as falhas estruturais da cidade e desesperança nos agentes públicos constituídos. Tornavam a capital viva e receptiva aos agentes de desenvolvimento, acreditando que sem um elemento externo, personalizado naquele momento por Dom Avelar Brandão Vilela, suas chances de progresso social estariam apáticas ou reduzidas. Esta situação contextual específica, aliada à tradição católica de grandes recepções explicam por que a cidade se engalanou para receber o Arcebispo.

A atuação da imprensa no momento da posse contribuiu para o estabelecimento de um lugar para Dom Avelar. Nas ocasiões reservadas às homenagens, discursos o introduziram nas fundações de um poder legitimado por seu preparo intelectual e religioso, e pelas ações antes empreendidas, cujos braços de atuação poderiam partir do campo eclesial e chegar ao social e educacional.

O Arcebispo postulou, de modo paulatino, um lugar de poder. Constituiu, na arena social da cidade, um campo próprio, e, com base neste, estaria balizada sua fala dentro e fora do campo religioso. A posição de Arcebispo não dizia respeito, portanto, somente a um conjunto de lugares físicos nos quais pontificariam as ordens episcopais, mas abarcava um lugar social e circulante por outras esferas. A partir da sua posse, Dom Avelar trataria também das queixas políticas e carências sociais, contrariando a placa de advertência da época de Dom Severino.

2.4 As cerimônias de posse: expectativas e simbolismos

Em 14 de dezembro de 1946, aos 34 anos, Dom Avelar chegou a Petrolina, no Estado do Pernambuco. Era o bispo mais jovem já ordenado no Brasil, e vivia a primeira experiência de sair de uma região litorânea e assumir uma Diocese encravada no sertão nordestino,¹²⁰ marcado pelo fenômeno da seca. A mudança de cenário foi considerável, apesar de continuar dentro da região Nordeste. Segundo o padre Manoel Soares, seu contemporâneo nos tempos de seminário sergipano, em 1940, Aracaju era uma cidade pequena, contendo pouco mais de 30 mil habitantes, “com suas ruas retas e arenosas, sem calçamento e sem arborização, com bondes vermelhos, com seu seminário pobre e modesto, com a academia Santo Tomás de Aquino atendendo a avidez pela literatura,

¹²⁰ Dom Avelar Brandão Vilela foi o terceiro bispo a assumir a Diocese de Petrolina (PE), sendo antecedido por Dom Antônio Maria Malan (1924-1931) e Dom Idílio José Soares (1933-1943). LUZ, Marta. **Cronologia histórico-cultural de Petrolina**. Petrolina: Prefeitura Municipal de Petrolina, 1995. p. 130.

pela poesia e pela oratória”.¹²¹ Porém, era uma capital voltada para o mar, enquanto Petrolina, às margens do rio São Francisco e distante 734 quilômetros da capital Recife, localizava-se em pleno semiárido pernambucano, atravessando ciclos periódicos de seca e clima quente e seco. O próprio Dom Avelar lembraria a cidade imersa em dificuldades ligadas ao contexto geográfico, social e econômico. “Fui para Petrolina numa época em que aquela região era muito difícil, abandonada e muito seca. A Diocese plantada no sertão mais duro, mais profundo, mais cheio de problemas que jamais imaginava”.¹²²

Conforme a tradição católica, a cidade o recebeu com manifestações de apreço e aclamação popular em cerimônias programadas por uma comissão coordenada pelo Monsenhor Ângelo Sampaio.¹²³ Através de convites publicados nos jornais da cidade, distribuídos nas missas de domingo e nas emissoras de rádio, a população foi estimulada a prestigiar os eventos semelhantes aos que ocorreriam em Teresina, onze anos depois, como a entrega das chaves da cidade pelo prefeito Darci Almeida, homenagens com salva de tiros e procissão até o Paço Episcopal. No dia seguinte, a solenidade de posse oficial aconteceria na catedral, após o cortejo saído da residência oficial do bispo.

Desde a transferência de Dom Idílio José Soares para o município de Santos, em São Paulo, em 1943, a Diocese de Petrolina estava sob a coordenação do monsenhor Ângelo Sampaio. Passados três anos, não havia sido expedida a nomeação do substituto, e a comunidade petrolinense sentia-se desprestigiada e imersa em um marasmo espiritual.¹²⁴ Diante da falta de autonomia para tomar decisões acerca dos rumos das paróquias e dos rumores de perda do estatuto de Diocese, o negativismo crescia entre os católicos do lugar. O anúncio da escolha do novo bispo gerou, portanto, expectativas na população que culminaram em programa de recepção atento inclusive com o trajeto de sua transferência de Sergipe a Pernambuco.

Dom Avelar saiu de Aracaju, primeiro com destino a Recife, partindo para o município de Salgueiro no dia 13 de dezembro de 1946, em comitiva de carros postos à sua disposição pelo interventor federal, general Demerval Peixoto. Já em Salgueiro, recebeu homenagens de petrolinenses designados para ir ao seu encontro, como o padre Manoel Neto e intelectual Nestor Cavalcante. No dia seguinte, Petrolina amanheceu enfeitada com faixas de saudação, desde o portão do Palácio Episcopal até a sua

¹²¹ SOARES, Pe. Manoel. Uma lembrança. **A Semana**, Aracaju, ano XII, [19--], p. 6-7, n. 23.

¹²² VILELA, Dom Avelar Brandão. Curitiba, 1976. Entrevista concedida por Dom Avelar Brandão Vilela à Voz do Paraná em 26 set. 1976, p. 6.

¹²³ A Comissão Central de Recepção era assim composta: padre Américo Soares, vigário de Petrolina, Darci Almeida, prefeito municipal, Antônio Viana Siqueira, juiz de Direito e padre Manoel de Paiva Neto, diretor do Ginásio Dom Bosco. O Programa de Recepção começou a ser divulgado nas paróquias e meios de comunicação da cidade a partir do dia 16 nov. 1946. Foram designados quatro dias de solenidades, de 14 a 17 de dezembro, com missas, banquetes e visitas de representantes paroquiais. Conforme. Recepção do Exmo. Sr. Dom Avelar Brandão Vilela. **O Farol**, Petrolina, 7 dez. 1946, ano XXXII, n. 11, Capa.

¹²⁴ A CIDADE recebe hoje, sob intensa vibração cívico-religiosa, o seu terceiro bispo, S. Excia. Revma. Dom Avelar Brandão Vilela. **O Farol**, Petrolina, 14 dez. 1948, ano XXXII, n. 12, Capa.

entrada, onde foi construído um arco triunfal. A parte superior da construção continha a legenda *Bendito o que vem em nome do Senhor*; e nas duas colunas de sustentação foram colocadas as frases *Petrolina jubilosa abre o seu coração para receber o seu pastor*; e *Petrolina genuflexa oscula o anel do seu terceiro bispo*.

O comércio fechou as portas às três horas da tarde, contribuindo para que houvesse a concentração popular na estrada de acesso a Petrolina. No momento da chegada, os carros da comitiva pararam distantes do arco triunfal, e os integrantes se dirigiram a pé até o monumento, conduzindo Dom Avelar ao encontro do prefeito Darci Almeida para a entrega das chaves do município ao novo bispo. O cortejo seguiu para a Praça Dom Malan, na região central, onde foi proferido o discurso de recepção pelo poeta e jornalista Antônio de Santana Padilha. As cerimônias do dia ainda incluíam banquete para cinquenta pessoas, com mesa posta em formato de cruz, oferecido pelas senhoras católicas da cidade, tendo ao fundo músicas sacras e clássicas executadas pela banda Sociedade Filarmônica 21 de Setembro, de Petrolina.

Receber um bispo da Igreja Católica significou modificar o cotidiano da cidade, e representar a capacidade de organização e união popular em um ato de acolhimento possível pela intensidade da fé e desejo de convivência cordial. Porém, o posicionamento dos petrolinenses, simbolizado no discurso do poeta e jornalista Antônio de Santana Padilha, excedeu o aspecto tradicional da ocasião, revelando as relações específicas da cidade com seus bispos anteriores, e remetendo para as expectativas em torno do trabalho de Dom Avelar.

A Petrolina que idealizo para receber-vos neste momento, não é uma Petrolina realidade na sua duplicidade material de 'urbe' e povo, como ai vedes, engalanada e vibrante, mas uma Petrolina simbólica, espiritual, personalizada, humana, uma Petrolina metade sonho metade vida, pensando e sentindo, vendo e falando, porque, alma de muitas almas, vida de muitas vidas, uma Petrolina como a vi pela primeira vez, transfigurada numa sertaneja humilde e bisonha a dizer com franqueza e sinceridade à aquele que foi seu primeiro bispo, Dom Malan: – Senhor, só tenho duas coisas vos posso oferecer: a minha pobreza e o meu coração! E Dom Malan escolheu e preferiu o coração [...] Petrolina transformada num vulto de mulher, transpassada à voz comovente dos sinos, disse à chegada do segundo bispo: – Senhor, só uma cousa vos posso oferecer: a minha pobreza! E Dom Idílio ficou com a pobreza de Petrolina [...] Mais ei-la que se aproxima. Que se ajoelha aos vossos pés. Que beija a vossa mão. Sabe que sois a Bondade – e se conforta; que sois a Ação – e se anima; que sois a Fé – e se fortalece; que sois a Inteligência – e se ilumina! E assim, transfigurada num transporte, num arrebatamento, vencendo a emoção que lhe embarga a voz, com os olhos no futuro e o pensamento em Deus, ei-la que fala, que diz: – Senhor, só uma cousa vos posso oferecer: o meu destino!¹²⁵

O discurso de recepção mostra relações de proximidade entre as necessidades econômicas e afetivas do povo e as passagens episcopais anteriores. Seria necessário ao novo bispo estabelecer laços de compreensão e sensibilidade para com as faltas - de

¹²⁵ Ibid. **O Farol**, Petrolina, 14 dez. 1948, ano XXXII, n. 12, Capa.

natureza estrutural, social ou financeira no contexto da cidade - sofridas pela população. Além de carências espirituais, as lacunas peculiares apontavam para um campo de trabalho apostólico pontuado por desafios, que colocavam Petrolina diante da incerteza em relação a seu próprio destino. Conduzir os fiéis católicos, imersos neste cenário de incertezas, compunha o fundo das expectativas que recaíam sobre o projeto de Dom Avelar para a Diocese.

Os petrolinenses propunham o início de uma convivência a partir da transfiguração da cidade em figura sertaneja, com face retraída, tímida. O discurso excede à apresentação de uma cidade modificada no cotidiano e enfeitada para a recepção, conforme as tradições da época. Petrolina surgia humanizada, transformada em vulto de mulher, com voz e gestos para expressar a si e engajada no estabelecimento de boas relações com a Igreja Católica. Dentro da duplicidade *construções de concreto/povo*, o município emerge simbolicamente.

As condições específicas do catolicismo petrolinense cooperaram para o engajamento imediato de Dom Avelar em obras de visibilidade no espaço urbano, a exemplo do que ocorreu com seus antecessores eclesiásticos. O francês Dom Antônio Maria Malan, primeiro bispo, já havia construído em fins da década de 1920, o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, o Seminário Diocesano, inaugurado o serviço de iluminação pública da cidade e erguido o Palácio Episcopal Diocesano em noventa dias.¹²⁶ A catedral em estilo gótico, com vitrais franceses e sino doado por Padre Cícero, foi considerada sua maior intervenção na paisagem de Petrolina. Erguida através de recursos do povo e de autoridades políticas, em um intervalo de quatro anos, foi inaugurada em 1929, com ampla festa no município.

Duas décadas depois, Dom Avelar, de posse do governo episcopal, organizou a construção da praça, no entorno da catedral, e a colocação de uma estátua de bronze em nome de seu antecessor. Até deixar Petrolina, havia criado o Departamento Diocesano de Ação Católica, a granja Santa Isabel, postos de colonização mediante convênio com o Ministério da Agricultura. Criou também uma Escola de Economia Doméstica, o Centro Social Pio XII; realizou semanas ruralistas, e, em 1948, organizou o 1º Congresso Eucarístico de Petrolina, para comemorar os 25 anos da Diocese. Trabalhar na cidade demandava intervenções ações nos cenários das cidades. A identificação popular, como contrapartida, se concretizava nos agradecimentos e reconhecimentos prestados publicamente pelos fiéis.

¹²⁶ CAVALCANTE, Pe.; Francisco José P. **Diocese de Petrolina: 80 anos de evangelização**. Petrolina: Franciscana, 2004. p. 53.

Era tão querido que os seus diocesanos lhes ofertaram, no dia do seu aniversário, um carro preto, marca Ford, com placa preta com o brasão do bispo no canto direito em alto relevo e os dizeres em bronze 'homenagem dos seus diocesanos'.¹²⁷

Monsenhor Luiz Bernardino Pacífico da Luz, petrolinense cuja ordenação sacerdotal deu-se em cerimônia presidida por Dom Avelar, em dezanove de dezembro 1948, entende que a chave da popularidade do bispo foi o trabalho de comunicação realizado com as famílias, os setores ruralistas, os pobres e as autoridades políticas. Por suas memórias, sabe-se que o bispo diplomaticamente visitava lares e órgãos públicos ou abria a própria casa episcopal aos que pediam conselhos e traziam solicitações. “A casa dele era sempre aberta. E a oratória perfeita. Serena, tranquila ou incisiva, mas comovente. Não raro, durante suas missas, o povo o aplaudia na homilia. Para mim, era um homem da palavra”.¹²⁸



Figura 2 – Dom Avelar Brandão Vilela ao tomar posse em Petrolina (1946).
Fonte: Arquivo Pe. Francisco José P. Cavalcante.

Os convênios firmados com o Governo Federal para a condução de postos de colonização nas paróquias sufragâneas, e o agendamento de visitas pastorais nas cercanias de Petrolina foram os motivos que o próprio Dom Avelar alegou, em entrevista ao jornal carioca *Correio da Manhã*,¹²⁹ para atrasar em seis meses sua posse na arquidiocese piauiense. Aliado aos compromissos já firmados, houve o peso da comoção dos petrolinenses

¹²⁷ SÁ Y BRITO, Maria Creusa de. **Petrolina**: origem, fatos, vida, uma história. Petrolina: Tribuna do Sertão, 1995, p. 138.

¹²⁸ LUZ, Monsenhor Bernardino Pacífico. Petrolina, 2009. Entrevista concedida à Sônia Maria dos Santos Carvalho em 19 fev. 2009.

¹²⁹ DOM AVELAR e seu plano de Ação. **O Dominical**, 12 fev. 1956, n. 6/56, Capa.

A Nunciatura Apostólica resolveu nomeá-lo arcebispo de Teresina, mas permanecendo como administrador apostólico de Petrolina, porque a cidade não se conformou com a saída do bispo e a Nunciatura Apostólica não suportava mais tanto abaixo-assinados pedindo para que ele não fosse mais transferido.¹³⁰

De fato, somente em 1957, depois de 11 anos prestando serviços a Petrolina, Dom Avelar deixaria, de fato, de administrar o catolicismo na cidade pernambucana. A manifestação de estima e a recepção fervorosa de membros da Igreja, em suas partidas ou chegadas, não foram exclusividade piauiense, em que pese a intensidade com que ocorreu em Teresina.

Ao longo da vida, por diversas vezes, afirmou ser alagoano-sergipano-piaueinse-baiano. A reação popular tanto às suas propostas de trabalho quanto durante as cerimônias de acolhimento ou de partida coopera para entender esta identificação assumida.¹³¹ Além dos vinte títulos de cidadania que acumulava em 1973, as manifestações dos fiéis nos momentos de celebração de sua imagem demonstram que as relações entre Dom Avelar e as cidades eram intensas, fruto de alianças, com segmentos políticos e articulações com as faixas mais diferenciadas da população em prol da realização de seus programas de apostolado, que, por seu turno, nasceriam de demandas apontadas por estes mesmos fiéis.

A legitimidade de suas linhas de atuação foi obtida a partir das carências manifestadas pelos habitantes, e da capacidade de resposta do religioso a estas demandas, gerando uma ligação capaz de superar a sua transferência para outra diocese. Em 1973, quando já era arcebispo de Salvador, na Bahia, foi convidado a proferir discurso de inauguração do Museu do Sertão, em Petrolina, e a realizar conferência nas comemorações dos 45 anos de fundação da Diocese. Seis anos depois, retornou ao município, e sua presença na cidade foi considerada o ponto alto da festa do cinquentenário da catedral. Ao chegar ao templo para presidir a missa do ano jubilar, em 6 de setembro de 1979, Dom Avelar foi recebido com um buquê de hortênsias roxas doados por Maria Salvani da Silva, moradora da cidade, sem residência fixa, casada, mãe de seis filhos, entre eles uma garota parálitica.¹³² Outras manifestações semelhantes de apreço, nas quais era saudado nos aeroportos por fiéis saudosos,¹³³ ocorreram com os fiéis de Teresina e Aracaju.

Quando julgou ter chegado ao último cenário urbano de sua vida religiosa, a cidade de Salvador, passou a reexaminar com mais frequência as impressões sobre os locais por

¹³⁰ SÁ Y BRITO, Maria Creusa de. **Petrolina**: origem, fatos, vida, uma história. Petrolina: Tribuna do Sertão, 1995, p. 139.

¹³¹ Em 12 de agosto de 1976, durante o discurso de posse na Academia Baiana de Letras, Dom Avelar afirmou aos acadêmicos que estariam acolhendo “um alagoano-sergipano-piauiense-baiano, que se faz portador de um razoável currículo, onde o melhor que nele se encontra é a vida que corre para Deus”.

¹³² SÁ Y BRITO, op. cit., 1995, p. 136.

¹³³ SAUDAÇÕES a Dom Avelar Vilela. **O Farol**, Petrolina, 11 maio 1957, ano 42, n. 20, p. 1.

onde viveu. Nessas ocasiões, ressaltava a aliança e a receptividade popular como a chave para o alcance de seus objetivos. “Passei por terras onde os climas foram sempre difíceis e as gentes muito boas”.¹³⁴

Celebrações organizadas em torno da imagem de homem religioso não eram estranhas a Avelar Brandão Vilela. Ainda no seminário em Aracaju, o jornal *A Cruzada* emitia notas valorizadas por fotos sobre os seus aniversários,¹³⁵ tratamento não recebido por outros seminaristas ou sacerdotes. Conforme já citado, quando ordenado padre, a primeira missa celebrada em Viçosa, no Estado de Alagoas, também ocorreu com recepção calorosa na estação de trem, incluindo banda de música, aclamação por estudantes e membros de organizações religiosas, além de desfile nas ruas da cidade de toda a comitiva vinda de Aracaju.¹³⁶

À semelhança do que aconteceu em Petrolina, em 1946 - acolhimento festivo com base em cerimônias com apelo popular, nas quais imprensa, sociedade civil, militar e religiosa marcavam presença – um programa especial ocorreu em Salvador, em 1971. Dom Avelar conheceu a cidade em 1933, quando era seminarista, participante do I Congresso Eucarístico Nacional, e voltou a ela diversas vezes como palestrante. A capital baiana foi para ele a cidade-síntese de todos os municípios nos quais havia trabalhado. Elaborou essa representação em seu discurso de posse na Arquidiocese de São Salvador, remetendo à ideia de que seria o seu último campo de trabalho como arcebispo.¹³⁷ O clima de síntese do apostolado também foi representado nos discursos proferidos e na presença de comitivas vindas de Viçosa, Aracaju, Petrolina e Teresina.

De modo análogo ao ocorrido nas outras cidades, o programa de recepção foi trabalhado por uma Comissão de Divulgação e Imprensa, que esteve nos meios de comunicação da capital baiana mantendo entendimentos diretos com seus respectivos diretores. Em visitas às emissoras de rádios, jornais e televisões, os membros da Comissão entregaram a cada diretor o convite oficial para a posse e solicitaram divulgação da programação, além da cobertura das solenidades. Folhetos distribuídos nas igrejas, além do forte trabalho junto à imprensa levaram ao conhecimento dos fiéis a programação das cerimônias.

A convocação à população funcionou segundo o agendamento da Igreja. A cidade vivia o clima de uma recepção festiva. Salvador também se enfeitara. No dia 29 de maio de 1971, um domingo, o arcebispo foi recebido no Aeroporto Dois de Julho pelo

¹³⁴ DOM AVELAR vê no cardinalato maiores responsabilidades. **A Tarde**, Salvador, 3 fev. 1973.

¹³⁵ PADRE AVELAR Brandão Vilela. **A Cruzada**, Aracaju, 24 nov. 1935, ano I, p. 1, n. 40.

¹³⁶ *Ibid.*, p. 1.

¹³⁷ Dom Avelar assumiu o cargo de arcebispo primaz do Brasil em Salvador prestes a completar 59 anos. Entendendo que pela idade de afastamento imposta pelo Direito Canônico, 75 anos, aquela deveria ser a última cidade na qual trabalharia como arcebispo.

governador baiano, Antônio Carlos Magalhães, e pelo prefeito de Salvador, Clériston Andrade, às 17h45, sob o sentimento de expectativa quanto aos rumos que a Igreja tomaria.¹³⁸ Irmandades religiosas, associações, colégios e movimentos leigos contrataram ônibus e compareceram ao aeroporto, animados por marchas da banda de música da Base Aérea.

Dom Avelar não chegou à Bahia com planos estabelecidos, e hesitou em apresentar a imprensa um planejamento pastoral específico. Seu argumento foi que os rumos de seu trabalho nasceriam a partir da observação do contexto baiano. O único objetivo que poderia antecipar seria a comunicação de uma mensagem radiofônica, nos moldes da *Oração Por Um Dia Feliz* que implementou em Teresina.

Após seguirem em cortejo vindo do aeroporto, o Arcebispo e sua comitiva chegaram às dezenove horas ao Palácio do Campo Grande, sob chuva e falta de energia. A concentração popular o esperava desde as quatro da tarde, por conta do atraso de três horas na programação, em decorrência da demora nas homenagens durante passagem da comitiva por Petrolina. Não obstante as condições de tempo, houve saudação ao novo arcebispo em frente ao paço episcopal, e discurso do governador do Piauí, Alberto Silva.

Os ritos de posse aconteceram no dia 30 de maio de 1971, e incluíram procissão saída da Igreja de São Pedro dos Clérigos, percorrendo o Terreiro de Jesus no bairro do Pelourinho, até a Catedral Basílica de Salvador, onde o arcebispo era aguardado para a leitura da bula papal e investidura oficial do cargo. Por exigência de Dom Avelar, a entrada na igreja aconteceu sob a execução do hino de Nosso Senhor do Bonfim, que costumava ouvir no templo em que foi batizado, e recebeu a primeira comunhão, ainda em Viçosa, Alagoas. Além de políticos e fiéis católicos, seus irmãos compareceram à solenidade, ficando Giselda Marinho Vilela responsável pela administração do Palácio Arquiepiscopal.

Quinze dias antes da data marcada para a posse, o Palácio Arquiepiscopal do Campo Grande foi preparado para a acomodação do novo arcebispo. Três arrumadeiras e três serventes, sob a coordenação da funcionária conhecida como Dona Anísia, há onze anos responsável pelo funcionamento interno da residência dos arcebispos de Salvador, organizaram as acomodações do prédio, sob a expectativa que as solenidades de posse provocavam. “Acredito que Dom Avelar irá me enterrar, porque não aguento mais tantas emoções com entradas e saídas de arcebispos. Meu coração não resiste”.¹³⁹ O prédio de dois andares teve os onze quartos limpos e adornados com jarros de flores. À

¹³⁸ Para fazer a cobertura da posse, o jornal *O Dia* enviou a Salvador o jornalista José Maria Rodrigues. A Rádio Pioneira enviou o radialista Carlos Augusto. A cobertura radiofônica aconteceu via Embratel em parceria a Rádio Cultura da Bahia.

¹³⁹ O PRIMEIRO dia de Dom Avelar como arcebispo. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 1 jun. 1971. Não paginado.

época, era constituído de três salas de entrada, salão nobre, capela, sacristia, salão de refeitório, sala de audiência, uma biblioteca localizada no primeiro andar. O quarto de Dom Avelar contava com mesa e oratório repleto de imagens sacras, escritório e banheiro particular. No mesmo andar, havia o quarto de sua irmã, Giselda Marinho Vilela.

A atuação no campo da Diocese Primaz do Brasil exigiu articulação para o enfrentamento das questões culturais específicas, como a existência do sincretismo religioso que fundia práticas católicas às de religiões de ascendência africanas, e intervenções junto à igreja popular para orientação e purificação das manifestações católicas que não eram consideradas genuínas. Em 1976, os eventos alusivos ao tricentenário da Arquidiocese de São Salvador simbolizaram esse enfrentamento com a instituição de uma Pastoral das Grandes Cidades, promoção do Simpósio Sobre Sincretismo Religioso, realização de Semana de Evangelização Popular na Colina do Senhor do Bonfim e encerramento das atividades, através de concelebração eucarística no Estádio Otávio Mangabeira, com a presença de 60 cardeais e bispos, e 300 sacerdotes. Estar na cidade exigia a demonstração de capacidade de aglomeração de multidões em torno dos temas católicos.

As primeiras alianças realizadas na Bahia deram-se no âmbito interno, diocesano. Um dia após a posse, ao reunir-se com o Clero no Centro de Treinamento de Líderes, em Itapoã, Dom Avelar surpreendeu os 80 padres, ao pedir que indicassem, em lista tríplice, aqueles que deveriam ser os novos vigários da Arquidiocese Primaz. Em duzentos e noventa e cinco anos, foi a primeira vez que o Clero foi ouvido sobre o assunto, atitude que gerou confiança e simpatia interna à figura no novo religioso. Até então, as nomeações ocorriam por indicação direta do arcebispo primaz.

Outras articulações foram possíveis através do reforço da mensagem católica nos meios de comunicação baianos. Em 1970, havia um Departamento de Opinião Pública na Arquidiocese, responsável pelos serviços de assessoria de comunicação da Igreja local. Durante os primeiros anos de trabalho de Dom Avelar em Salvador, o padre Edmilson Macedo trabalhou como assessor de comunicação da Arquidiocese, articulando as ações junto à imprensa brasileira, uma vez que a Arquidiocese de Salvador, como primaz do Brasil,¹⁴⁰ carregava a simbologia de uma voz importante da Igreja Católica no País, constituindo, por isso, fonte permanente de pautas para os meios de comunicação.

¹⁴⁰ Segundo o próprio Dom Avelar, em 1977, o Brasil contava com 320 dioceses e cerca de 300 bispos, sendo que em cada país a Arquidiocese Primaz carrega a simbologia de representação das demais dioceses. COMUNICAR é fazer história. **Jornal da Madeira**, Ilha da Madeira, n. 14381, 15 jun. 1977. Até aquele ano, Dom Avelar havia criado mais dez paróquias em Salvador, totalizando 23 paróquias criadas à época de seu falecimento.

Dom Avelar reativou o jornal católico *O Mensageiro*, e iniciou a *Oração Por Um Dia Feliz*, em setembro de 1971, em dois programas radiofônicos,¹⁴¹ antes mesmo de apresentar à comunidade o seu plano geral de atuação. Assinale-se que a primeira oração proferida em Salvador sintetizou o desejo de reflexão sobre problemas de natureza variada:

[...] uma oração que deseja ser contemplativa e ativa, ao mesmo tempo. Uma oração colocada dentro da vida [...] oração que quer despertar na consciência do homem sua responsabilidade de filho de Deus, de membro da grande família universal [...] e quer informar sobre os grandes problemas e suas possíveis ações.¹⁴²

Em seus pronunciamentos, Dom Avelar colocava em prática os desejos de intervenção, de relação aproximada com os fiéis nos debates dos assuntos considerados palpitantes para sua época. Nos contatos com os moradores das cidades, o simbolismo de pastor/pai, responsável pelo desenvolvimento social e harmonização do homem, em contextos de existência considerados difíceis, foi assumido, de sua parte, em constantes negociações, cujo pano de fundo eram as carências e expectativas da comunidade católica. Legitimidade e confiança conferidas ao bispo geraram abertura de espaços de trabalho e apoio às realizações empreendidas. O poder simbólico de seu cargo¹⁴³ possibilitou integração social, e foi perceptível nas solenidades de recepção nos diversos campos de trabalho. Serviu como premissa para a ocorrência de consensos, na definição dos caminhos a seguir, em busca de melhores condições de vida nas cidades.

As intervenções de Dom Avelar nos espaços urbanos geraram obras assistenciais e educacionais ou eventos religiosos que circunstancialmente modificaram o cotidiano dos municípios. No entanto, não causaram somente admiração ou momentos de demonstração pública de afeição, mas foram pontuados por embates com personagens que não concordaram com sua atuação para além do campo eclesial. Essas intervenções, conflitos e descontentamentos, tendo como objeto de detalhamento as experiências vividas em Teresina, são o assunto do próximo capítulo.

¹⁴¹ O programa radiofônico também chegou a ser transmitido pela Rádio Cultura, indo ao ar às 5h50 e às 9h, e pela Rádio Bahia às 11h50.

¹⁴² Trecho da primeira Oração por um dia feliz, escrita após sua posse em Salvador e veiculada em 13 set. 1971.

¹⁴³ O poder dos símbolos nas sociedades é pensado a partir de Pierre Bourdieu, segundo o qual o “poder simbólico é um poder de construção da realidade, e tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo, uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências”. BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. p. 9-10.

3 AS INTERVENÇÕES, OS CONFLITOS, AS DESPEDIDAS

Em 1986, às 23h55, no leito do apartamento 506 do Hospital Português de Salvador, faleceu Dom Avelar Brandão Vilela. Em 1987, dezesseis anos após sua

transferência para Salvador, e antes do primeiro aniversário de morte, foi homenageado pelo Governo do Estado do Piauí e pela Prefeitura Municipal de Teresina com uma estátua, por sua importância para esta população, na Praça São Benedito, região central da capital piauiense. Nela foi colocada uma epígrafe, identificando-o como pregador da humildade e do “evangelho para humanizar a vida, batalhando pelos ideais de justiça social e nunca esquecendo os fiéis e amigos teresinenses, que guardam a sua memória como patrimônio espiritual”.¹⁴⁴

A partir de então, sob a forma de monumento, tornou-se parte material da cidade, dentro de um jogo paradoxal de sentidos, pois contraditória é a necessidade de sua estátua, se amigos e fiéis o guardam em sua memória como patrimônio espiritual. Utilizo a necessidade de materialização do sentimento dos teresinenses em relação a um personagem para abordar as intervenções, as despedidas e os conflitos vividos nos contextos sociais do sacerdócio e do bispado de Dom Avelar, entendendo que, nas articulações estabelecidas com os fiéis, acontecimentos foram reservados ao esquecimento, e outros persistiram como lastros de memória sobre sua trajetória.

A função do monumento no centro de Teresina, de duas fundações, do museu, do conjunto habitacional e de escolas que levam o nome Dom Avelar Brandão Vilela¹⁴⁵ foi criar um lugar de memória;¹⁴⁶ materializar seu nome na concretude dos espaços da cidade, sob o risco do esquecimento por obra da passagem do tempo diante de transformações sociais. Carregam o nome do homem e o cargo que ocupou. São estratégias de poder constituído que excedem à remissão ao passado; na verdade, jogar com ele, criando uma janela para o conhecimento ou aprofundamento de sua existência em Teresina. Os monumentos são, no presente, uma intenção deliberada, consciente, de selecionar a memória que se deseja perpetuar sobre Dom Avelar.¹⁴⁷

¹⁴⁴ GONÇALVES, Wilson Carvalho. **Teresina**: pesquisas históricas. Teresina: Gráf. e Ed. Júnior, 1991. p. 36. A estátua foi inaugurada em 15 ago. 1987, segundo acordo do governo municipal de Raimundo Wall Ferraz com o governador do Estado, Alberto Tavares Silva.

¹⁴⁵ Há a Fundação Dom Avelar Brandão Vilela, ligada à [Arquidiocese de São Salvador da Bahia \(Brasil\)](#), criada pelo [Cardeal D. Lucas Moreira Neves](#) em 19 dez. 1987, um ano após o falecimento de Dom Avelar. Foi pensada com o intuito de perpetuar sua memória, sob o argumento de Dom Avelar ter obtido o reconhecimento oficial de primazia da igreja católica bairrada no Brasil junto a Santa Sé. A ela está vinculada a Rádio Excelsior de Salvador, emissora AM 840. Há outra fundação homônima na capital piauiense, a qual está ligada a Rádio Pioneira de Teresina, fundada por Dom Avelar em 1960. Na capital Piauiense, há uma vila com seu nome, além de um condomínio de apartamentos na zona Sul e um Museu, localizado na Rua Poeta Domingos Fonseca, s/n, Bairro Cristo Rei. Em Paulo Afonso, na Bahia, também há uma rua e um colégio estadual com seu nome. Em Petrolina, Pernambuco, a Escola Agrotécnica Federal também ganhou seu nome após o falecimento em 1986.

¹⁴⁶ Segundo Nora, “lugar de memória é unidade significativa, de ordem ideal, da qual a vontade dos homens ou o trabalho do tempo fez um elemento simbólico do patrimônio da memória e de uma comunidade qualquer”. NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Projeto História**: Revista do programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, p. 7, 1981.

¹⁴⁷ Pensam-se os monumentos que levam o nome do religioso adaptando a reflexão de Le Goff sobre a relação documento/monumento. Alertando para a importância da crítica ao documento, o pesquisador afirma que este não é “material bruto, objetivo e inocente, mas algo que exprime o poder da sociedade do

O texto da estátua remete ao esforço orientado de perenização das representações. Aborda a forma mais comum de referencialidade do arcebispo na capital piauiense, a uma *memória enquadrada*,¹⁴⁸ que o apresenta como visionário, de atitudes extemporâneas com pouca margem a vacilações íntimas; capaz de agregar as vantagens sociais do cargo de Arcebispo às ações dentro e fora do campo episcopal.

No entanto, há outras memórias além das epígrafes dispostas nos monumentos, constituindo trabalhos de lembranças e esquecimentos, que, pluralizados, permitem leituras diferenciadas. Existem os esforços de uma fixidez da imagem do arcebispo, e contrapontos em jornais livros, revistas e lembranças dos homens de imprensa e da igreja. Utilizei-as para colocar no horizonte das reflexões a trajetória de Dom Avelar, pontuada por conflitos, dores e tensões, além de harmonizações, alegrias e sucessos.

Neste capítulo, as intervenções e conflitos vividos em Teresina ganham proeminência. Por diversas vezes, o religioso referiu-se aos laços que manteve com os teresinenses. Em 1973, época de sua ascensão ao colégio de cardeais, lembrou que, ao chegar à capital, em 1956, percebeu-a sob o signo da pobreza. “Nunca imaginava ver crianças misturadas com porcos e cachorros”.¹⁴⁹



Figura 3 – Monumento em homenagem a Dom Avelar erguido na Praça São Benedito, no Centro de Teresina.

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora Sônia Maria dos Santos Carvalho.

passado sobre a memória e o futuro: o documento é monumento”. LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003. p. 526.

¹⁴⁸ POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 5, p. 5-12, 1989. Neste texto, o autor institui o conceito de *enquadramento de memória* como trabalho que reinterpreta o passado em função do presente e mediante matizes limitadas de construção arbitrária.

¹⁴⁹ O RENOVADOR e o Diplomata. **Revista Veja**, n. 231, 7 fev. 1973, p. 50.

A visão inicial teria contribuído para a construção de um plano de trabalho, centrado no lema *Evangelizar e Humanizar*. Lembrado na inscrição da estátua inaugurada em 1987, o binômio abre um portal de entendimento para suas intervenções: o evangelho e a humanização seriam as chaves do plano de trabalho posto em prática oficialmente com a fundação da Ação Social Arquidiocesana (ASA), em 13 de junho de 1956. Com tríplice ramificação, a ASA atuaria na ação junto às comunidades, formação de lideranças cidadãs e assistência social,¹⁵⁰ balizando o relacionamento diferenciado que Igreja e poderes constituídos teriam dali em diante, em contraste ao episcopado de Dom Severino Vieira de Melo.

Durante os quinze anos vividos na capital, Dom Avelar misturou-se a Teresina. Escreveu nos jornais comerciais, reorganizou e modernizou as oficinas do jornal católico *O Dominical*, fundou a emissora de rádio Pioneira, a Faculdade Católica de Filosofia (FAFI), e onze centros sociais; promoveu a sindicalização rural, iniciou experiências de colonização nos arredores da capital, fundou paróquias e abriu escolas radiofônicas, através do Movimento Educacional de Base, além de promover a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos e o movimento bandeirante. Estas ações foram deflagradoras de novos costumes e usos do espaço urbano.

Comunicava-se, portanto, com os cidadãos, e os analisava, tendo-os em seu campo de visão.¹⁵¹ O cotidiano urbano e rural era o pano de fundo dos programas diários na Rádio Pioneira, entre 1962 e 1971, quando apresentava a *Oração por um dia feliz*. Transmitido às 6 horas e ao meio-dia, com 15 minutos de duração, o programa consistia na divulgação de mensagem evangelizadora, em tom de interpelação ou de súplica a Deus e aos fiéis católicos, com a marca da subjetividade comum às orações pessoais. Era um híbrido de orientação espiritual e crônica jornalística, pois buscava, na cidade, os fatos que alimentavam reflexões católicas. Teresina era o campo de coleta de ideias, ponto de partida e de retorno de suas mensagens. Mesclando conotação religiosa, compromisso de evangelização e linguagem de cronista, buscava a audição popular trabalhando o binômio povo/cidade como estruturas vivas e carentes de orientação episcopal. Seu púlpito tomava a dimensão e o alcance do veículo de comunicação.

Desloquei faces do relacionamento travado através dos jornais e presentes na memória de contemporâneos para o foco da análise por suas singularidades históricas. Ambos trazem personagens que elegeram o Arcebispo para o combate do subdesenvolvimento social e os que destoaram desta ideia e demonstram como a

¹⁵⁰ PLANO de Ação de Dom Avelar. *O Dia*, Teresina, 16 ago. 1956, p. 1-4.

¹⁵¹ Não fora o único arcebispo a empreender esse olhar sobre a cidade. Dom Hélder Câmara, fundador da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, bispo auxiliar do Rio de Janeiro e arcebispo de Olinda e Recife em 1964, publicou, em 1977, uma coletânea de suas crônicas sobre as transformações sociais no espaço urbano. CÂMARA, Dom Hélder. **Um olhar sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

imprensa serviu de campo de posicionamento público para o religioso e seus interlocutores. Mostrando faces de animosidade e apreço, compreendidas no contexto vivenciado. Há, ainda, outras faces pelas quais estas relações poderiam entrar em perspectiva de análise histórica, agora explicitadas.

Várias *Teresinas* existiram nas representações dos jornais e no conteúdo do programa *Oração Por Um Dia Feliz*, o que permite assegurar que a capital também era plural aos olhos do arcebispo. No capítulo anterior, falou-se das visões jornalísticas acerca de Teresina nas décadas de 1950 e 1960, e de como registraram a carência financeira, os maus costumes, as urgências sociais, a falta de infraestrutura, quietude ou a saudade que era capaz de inspirar. Sentimentos contraditórios foram estampados inclusive na produção literária da época, e estão nas memórias de escritores piauienses. Na literatura ou na imprensa, a capital não era única.

A prosa do escritor piauiense H. Dobal, escrita para o centenário de Teresina em 1952,¹⁵² mostra o cotidiano que Dom Avelar iria integrar a partir de 1956. Mergulhado em paradoxos, o escritor traçou um painel, com base em temas que vão desde os tipos urbanos aos logradouros públicos, cabarés, jornais e monumentos. Teresina surgiu calma, serena e sem segredos no início de sua narrativa, porém, não demorou em apresentar faces movimentadas, como a região do centro. Ser calma ou pacata não implicava ausência de tensões, debates nem convivência intensa dos habitantes com o espaço urbano. Mesmo com poucas tradições, mistérios e pontos turísticos, um local de gente que caminhava sem pressa era atravessado, em simultâneo, pela efervescência.

Os cafés se enchem de homens [...] discutem política, negócios, amor e vida dos outros. Há praças para os namorados, a quem a polícia não permite muitas expansões, cinemas, a missa aos domingos, os bailes, a igreja e em qualquer lugar há sempre música de um alto-falante. A cidade é aberta, sem segredos, acolhedora. Tem ar de família que vem do fato de que quase toda gente tem relações ou se conhece. [...] As praças sempre cheias de gente pelo calor ou por inclinação natural dos habitantes eram centros de reunião obrigatória para quem queria participar da vida da cidade, lugar onde se faz a crônica viva dos acontecimentos cotidianos.¹⁵³

O autor compreende a cidade como campo de contradições, em oposição a outros que cooperaram na formação das alteridades, entendendo-a como objeto vivo e a todo momento construída subjetivamente. Teresina se realizaria a despeito dos paradoxos colocados, em locais diferenciados de viver a afetividade e a vida comercial. Durante dia, os cidadãos estariam nos cafés da Praça Rio Branco e, à noite, no cinema e peças no

¹⁵² Contudo, foi publicada somente em 1992, 40 anos após sua conclusão.

¹⁵³ DOBAL, H. **Roteiro sentimental e pitoresco de Teresina**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1992. p. 9.

Theatro 4 de Setembro, nas festas no Clube dos Diários e nos encontros na Praça Pedro II.

Nos cafés, que raramente são frequentados por mulheres, a cidade se mistura. Professores, operários, advogados, comerciários, gente de todas as profissões e até sem profissão, conversa cordialmente, resolve os problemas da cidade e do mundo ou apenas se entretêm nos seus pequeninos dramas e preocupações pessoais [...] Assim, de certa maneira, se resolvem aqui os destinos da cidade. [...] É uma cidade, sem dúvida, tem um comércio muito barulhento e uma indústria muito modesta. Tem as associações religiosas, profissionais, filantrópicas, culturais que também nesta cidade os homens são gregários: a Academia Piauiense de Letras, a Ordem dos Advogados, o Rotary Clube, a maçonaria.¹⁵⁴

Os cafés aos quais o autor faz referência em seu texto literário, bem como os encontros rotineiros ali ocorridos, ganharam a pauta dos jornais na década de 1950. O Café Avenida, o Bar Carvalho e o Bar Carnaúba surgiram nas narrativas jornalísticas como cenários de discussões de intelectuais, de conversas sobre os acontecimentos nas esferas do poder estadual ou municipal e discussões políticas e econômicas. Os movimentos de seus moradores pelos espaços urbanos, seus comportamentos e decisões, tanto na literatura como na imprensa, foram matéria-prima para a produção dos discursos que representavam as preocupações e anseios à época.

Para o ex-deputado estadual Jesualdo Cavalcanti, Teresina era provinciana e acanhada do ponto de vista populacional. Em dezembro de 1957, possuía menos de 150 mil habitantes. O tímido crescimento urbano foi percebido e comparado ao de outras capitais, como Goiânia, de onde retornou após a graduação em Direito no fim dos anos 1950. Olhando pela janela do avião durante sua viagem de volta à capital, em dezembro de 1957, o escritor percebeu a expansão territorial ainda em marcha lenta, situação oposta à de São Paulo ou Rio de Janeiro, e a distribuição da população no espaço ainda ligada ao traçado planejado à época de sua fundação em 1852, por Conselheiro Saraiva.

A zona urbana, centrada na faiscante Chapada do Corisco, espalhava-se pelo perímetro projetado [...] entre os rios Parnaíba e Poti ao tempo de sua fundação. Bairros, apenas alguns, todos rigorosamente localizados dentro deste perímetro, destacando-se o Cabral, o Porenquanto, o Mafuá, a Vila Operária, a Matinha e o Matadouro na zona Norte, bem como a Piçarra, a Macaúba, o Barroão, a Catarina e a Vermelha, na zona Sul. E ainda na zona Norte, lá no encontro dos rios [...] o povoado Poti Velho. Fora destes limites, a zona Leste começava a ensaiar os seus primeiros passos, após a inauguração do balneário Socopo e a construção da ponte de concreto sobre o Rio Poti, iniciada em 1948 e concluída em 1956.¹⁵⁵

Símbolo do Estado por ser sua capital, Teresina concentrava o que de mais moderno e desenvolvido existia no Piauí de 1950 e 1960. Conduto, do ponto de vista

¹⁵⁴ DOBAL, op. cit.

¹⁵⁵ BARROS, Jesualdo Cavalcanti. **Tempo de contar** (o que vi e sofri nos idos de 1964). Teresina: Gráfica do Povo, 2006. p. 93.

econômico e social, empalidecia no cenário das demais capitais brasileiras, por não possuir planos de desenvolvimento em longo prazo, nem universidade, abastecimento energético ou hídrico modernos, asfaltamento de suas ruas, jornais diários ou rede telefônica capaz de atender as demandas. Era símbolo de um Estado que perdeu no tempo a oportunidade de crescimento. Segundo artigo publicado em 1957 pelo professor Raimundo Nonato Monteiro de Santana, o Piauí chegou com atraso ao século XX, e mesmo tendo o Governo Federal lançado metas de crescimento dos Estados nordestinos, através do Conselho Nacional de Desenvolvimento, o piauiense ainda teria de se preparar para solucionar as dificuldades que impediam melhorias econômicas e seriam derivadas da falta de sintonia entre o desejo de crescer e a habilidade de articulação política para tanto. “Nossas aspirações e realidades não se encontraram ainda”.¹⁵⁶

A carência de agentes de desenvolvimento que unissem forças com as classes políticas para pensar a realidade e planejar o futuro do Piauí constituía ressentimento visível. Ao chegar, o Arcebispo posicionou-se diante dele, como mostra o texto de apresentação que escreveu para a primeira edição da *Revista Econômica Piauiense*, editada pelo já citado professor Raimundo Santana. O planejamento socioeconômico de Teresina e do Piauí, a seu ver, era campo vasto, e, à época, encontrava-se “à espera de ceifadores e de pioneiros que oferecessem aos órgãos executivos do Estado e aos particulares conclusões seguras acerca de nossos problemas básicos”.¹⁵⁷

Em 1969, a ASA integrou uma Secretaria de Planejamento à sua estrutura, com a finalidade de estudar a realidade local e propor projetos de desenvolvimento regional pela via do estudo socioeconômico. No entanto, após treze anos de permanência e atuação no Estado, a imagem de uma cidade carente ainda fundava os argumentos do arcebispo para a aquisição de parcerias nas ações sociais da igreja. Em carta de novembro de 1969, dirigida ao diretor de oficina do *Latin American Bureau*,¹⁵⁸ Edward Scalan, Dom Avelar apresenta os projetos de formação e educação de base da Ação Social Arquidiocesana, ressaltando sua importância para uma “capital localizada dentro do Nordeste brasileiro e onde são grandes os problemas religiosos e sociais”.

Os projetos não possuem caráter paternalista, nem assistencial. Prestar assistência segundo as necessidades do povo nesta região seria tarefa impossível e sem justificativa. Sendo aqui o problema de natureza estrutural, a melhor maneira de se conduzir a marcha dos acontecimentos é certamente partindo do exame da realidade, promovendo-se a conscientização dos vários grupos

¹⁵⁶ SANTANA, R. N. Monteiro de. Necessidade de desenvolvimento econômico para o Piauí. **Jornal do Piauí**, Teresina, 12 dez. 1957, p. 5.

¹⁵⁷ VILELA, Dom Avelar Brandão. Carta à Direção. **Revista Econômica Piauiense**, n. 1, vol. 1, p. 5, Teresina, jan./mar. 1957.

¹⁵⁸ A carta foi endereçada ao escritório da entidade católica em Washington.

representativos da sociedade estabelecida e criando uma nova mentalidade de renovação social e religiosa.¹⁵⁹

Matéria publicada pelo *Jornal do Piauí* dá a perceber o peso das representações da cidade nos rumos que o arcebispo definiu para seu trabalho. Logo após a posse, em 1956, Dom Avelar marcou encontros com jornalistas, professores e literatos na Casa Anísio Brito, no centro da cidade, para sondar os acontecimentos locais, conhecer os mobilizadores da imprensa e da educação, e anunciar a ação da Igreja nas questões sociais e políticas. *Ao lado da oração*, “o trabalho humanitário seria realizado, pois a fé sem obra é morta. [...] Evangelizar e humanizar deveria ser um programa de todos os bispos da igreja e do poder temporal a face da Terra”.¹⁶⁰ A postura eclesial frente às carências da cidade sofreu uma torção em relação ao governo de Dom Severino Vieira de Melo. Auxiliar os homens na recuperação de suas condições materiais de bem-estar, ao lado da assistência religiosa, seria o foco da atuação do novo Arcebispo.

Nesse sentido, a cidade, passou a vislumbrar uma abertura para reclamação de suas questões, originadas ou não pelas ingerências políticas, junto ao Palácio Episcopal. E, de acordo com as correspondências disponíveis no acervo da Cúria Metropolitana de Teresina, foi intensa a busca popular pela intervenção ou mediação do religioso junto aos poderes públicos. Desse processo, fizeram parte leigos e religiosos. Cartas endereçadas às assistentes sociais da Legião Brasileira de Assistência (LBA), aos representantes do Serviço Social do Estado, de secretarias de Educação e Saúde, e até aos diretores de instituições como Banco do Brasil e Correios indicam a busca popular junto à Igreja por instrumentos de trabalho, oportunidades de colocação no mercado ou assistência financeira, uma vez fracassada a tentativa de obter a ajuda social através dos poderes instituídos. Um dos bilhetes arquivados traz o pedido da dona de casa identificada apenas como Isabel, motivado por problemas de saúde. “Há 8 dias meu marido está bastante doente, sem recurso até mesmo para a alimentação. Confiada na sua imensa bondade, peço ajuda. Sem mais agradeço”.¹⁶¹

A correspondência trocada com secretarias públicas, solicitando parcerias para o andamento dos projetos assistenciais da Igreja foi frequente, como a que pede isenções de taxas e impostos para os prédios da Arquidiocese de Teresina, conforme a legislação em vigor, uma vez que dedicavam-se a atividades sem fins lucrativos, auxiliando o poder público no papel de atender a população. A isenção seria justificada diante das rendas inexpressivas da Arquidiocese. Derivados de aluguéis de casas, estes recursos seriam

¹⁵⁹ VILELA, Dom Avelar Brandão. **Carta pessoal do acervo da Cúria Metropolitana de Teresina**. Teresina, 9 dez. 1969, p. 1.

¹⁶⁰ Regressa ao Piauí o bispo de Teresina. **Jornal do Piauí**, Teresina, 28 jul. 1956, p. 1.

¹⁶¹ Bilhete disponível no acervo da Cúria Metropolitana de Teresina. Teresina, 7 jul. 1962, p. 1.

destinados integralmente à “educação de seminaristas pobres que estudam sob a responsabilidade da Arquidiocese de maneira total”.¹⁶²

O conteúdo mais comum das cartas pessoais, no entanto, era o requerimento em favor do remanejamento de professores, assistentes sociais, enfermeiras, dentistas e médicos dos postos ou centros de saúde e escolas públicas para os centros sociais católicos, por tempo determinado ou não. As solicitações buscavam obter do poder público a manutenção dos rendimentos destes profissionais, mesmo após o deslocamento para os novos locais de trabalho, pois nos centros católicos também estariam desempenhando serviços sem desvio de natureza social. Carta ao governador Chagas Rodrigues foi elaborada nestes termos. Dom Avelar solicitou autorização para que o então diretor geral de Saúde, Otton Soares, designasse “Antônio de Oliveira para atender como dentista no Centro Social Nossa Senhora de Fátima, correndo despesas pelo Fundo de Desenvolvimento Econômico”.¹⁶³

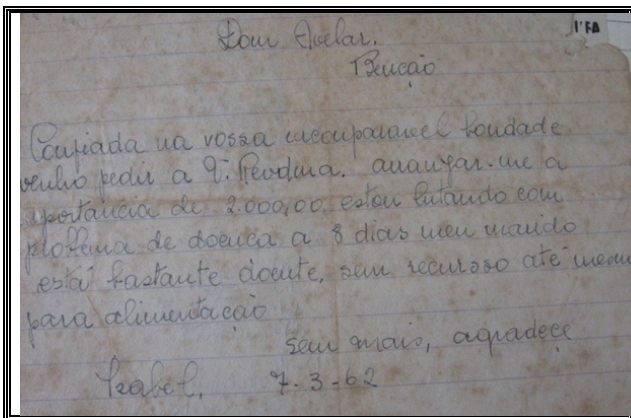


Figura 4 - Bilhete de fiel católica solicitando ajuda financeira.
Fonte: Acervo disponível na Cúria Metropolitana de Teresina.

Documentos do acervo disponível na Cúria Metropolitana de Teresina permitem observar uma face da relação com a cidade, na qual parcerias no campo da assistência social, mediante voluntariado ou financiamento junto a poderes públicos e organismos estrangeiros davam sustentabilidade ao papel de mediador ou delegado assistencial que se adere à imagem de Dom Avelar. A legitimação foi naturalizada na carência própria da população, fragilidade ou lentidão da estrutura pública de assistência e nas intervenções concretas da organização arquidiocesana no cotidiano teresinense. As cartas denotam o trabalho permanente do arcebispo em torno de sua imagem e da sua Igreja, remetendo a novas funções episcopais e à própria incapacidade do poder público e igrejas de, sozinhos, atenderem as demandas da cidade. Nesse sentido, construía-se como personagem histórico necessário na concretude das carências sociais, cujo raio de ação

¹⁶² VILELA, Dom Avelar Brandão. Carta pessoal do acervo da Cúria Metropolitana de Teresina. Teresina, 14 mar. 1962, p. 1.

¹⁶³ Ibid. Carta pessoal do acervo da Cúria Metropolitana de Teresina. Teresina, 23 mar. 1962, p. 1.

só ganharia sentido no mover-se entre os demais poderes, quebrando a fixidez do papel religioso anterior, circunscritos aos templos ou ao Palácio Episcopal.

A fundação da Faculdade Católica de Filosofia e a construção de Centros Sociais nos bairros da capital piauiense, exemplos dessa movimentação articulada, estão nas análises seguintes.

3.1 Mudanças institucionais na Igreja Católica, novas vivências na cidade

Imerso em uma conjuntura de participação da igreja nordestina em atividades assistenciais, como as de incentivo à educação rural e ao sindicalismo, cruzadas contra a pobreza e de combate à marginalização de pessoas nas grandes cidades, Dom Avelar empreendeu em Teresina ações pastorais, educacionais e sociais que modificaram as formas de vivenciar a cidade, não sem causar controvérsias com o modo de viver estabelecido. O seu histórico de trabalho, amplamente divulgado nos jornais locais desde sua indicação para o cargo, e os pronunciamentos nos primeiros dias após a posse já indicavam interferências nas formas de experienciar a igreja e a própria capital.

O contexto histórico pelo qual passava a Igreja Católica, no Brasil e no mundo, indicava transição interna e inclinações cada vez mais explícitas, principalmente entre as dioceses localizadas na região Nordeste do Brasil, em favor da ampliação do papel junto à sociedade. A justificativa seria o cumprimento da missão eclesial junto aos pobres, além da assistência religiosa centralizadas nos templos.

Em 1950, setores progressistas da Igreja no Brasil realizaram maior aproximação com o Ministério da Agricultura, à procura de incentivos para reformas sociais, mesmo diante da resistência de grupos católicos considerados conservadores. Ao longo dessa década, o posicionamento em prol de mudanças no setor agrário foi se tornando mais visível.¹⁶⁴ Data de agosto de 1952 a assinatura do documento *A Igreja e o Vale do São Francisco*,¹⁶⁵ pelos bispos nordestinos, com apelo para o início de uma reforma agrária.

Em maio de 1956, após a reunião em Campina Grande, na Paraíba, os bispos da região reafirmaram posição em favor de mudanças socioeconômicas, decidindo romper com elites agrárias. Dizendo-se colocar ao lado dos injustiçados, anunciaram marcha pela reforma social em prazo amplo, mesmo sem estabelecer exatamente qual seria este

¹⁶⁴ Os anos 1950 foram de mudanças profundas na mentalidade da Igreja Católica no Brasil. O episcopado brasileiro encampou a ideia de fundação de um centro de âmbito nacional, destinado a coordenar a tomada de decisões e a otimizar a troca de ideias entre os bispos, clérigos e leigos, que iria originar a fundação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em 1952.

¹⁶⁵ Como resultado do Encontro dos Bispos do Vale do São Francisco, o documento alertava a necessidade de “lembrar que, no Brasil, a questão da reforma agrária é complexíssima, é apenas prova que urge estudá-la no Norte, no Nordeste, no Centro e no Sul, estudá-la enquanto é tempo, enquanto resta serenidade e os agitadores, interessados no caso, não cheguem com suas tochas incendiárias”. *A Igreja e o Vale do São Francisco*. In: **Pastoral da Terra: posse e conflitos**. São Paulo: CNBB, 1976. p. 72.

prazo. A preocupação com as questões agrárias chegou ao primeiro plano na política brasileira, e ganhou a atenção da Igreja; em parte, devido ao fortalecimento de movimentos de camponeses politizados, denunciadores de conflitos e más condições de vida rural, como as Ligas Camponesas,¹⁶⁶ de cunho comunista. Do setor rural, partiram os primeiros impulsos reformistas da Igreja por conta do temor institucional do alastramento da ideologia comunista.

Tratava-se, pois, de um tempo de transição iniciado com a abertura da Igreja de Roma ao mundo moderno, anunciada nos pensamentos dos papas Leão XIII (1878-1903) e Pio XI (1922-1939), no início do século XX, porém só levada à concretude nos papados de João XXIII (1958-1963) e Paulo VI (1963-1978).¹⁶⁷ A Encíclica *Rerum Novarum*, de Leão XIII, de 15 de maio de 1891, posteriormente atualizada pela *Quadragesimo Anno*, de Pio XI, datada de 15 de maio de 1931, estabeleceu oficialmente as preocupações da Santa Sé com as questões sociais, trabalhistas e econômicas desdobradas até então.¹⁶⁸ Ou seja, décadas antes da chegada de Dom Avelar ao Piauí, o Vaticano sinalizou em seus documentos oficiais a intenção de iniciar trabalho mais próximo às faixas pobres dos países subdesenvolvidos.

Em meados do século XX já se podia falar na existência de uma doutrina social na Igreja, pela divulgação de novas encíclicas que reforçaram a defesa de reformas sociais que aplacassem as desigualdades entre ricos e pobres, como foi o caso dos textos *Mater et Magistra*, de 15 de maio de 1961, e *Pacem in Terris*, de 1963, ambos assinados pelo papa João XXIII. Os documentos atualizaram o pensamento dos papas precedentes e abriram aos primazes, arcebispos, padres e fiéis o posicionamento oficial sobre a socialização desejada. Pediam ajustamento entre progresso econômico e progresso social, e o nivelamento e promoção nas zonas subdesenvolvidas. As dimensões mundiais dos problemas humanos exigiam a valorização da instrução formal, a cooperação técnica e científica entre os povos, e cobravam que religiosos e leigos, se ocupassem de *ver, julgar, agir*,¹⁶⁹ e da difusão de ideias através dos meios de comunicação.

¹⁶⁶ As Ligas Camponesas foram uma entidade que organizava camponeses em torno da luta pela reforma agrária, cujos primeiros movimentos aconteceram no interior de Pernambuco. Sua origem remonta às antigas Ligas Camponesas da década de 1930, originárias da ação do Partido Comunista do Brasil no campo. Uma das grandes lideranças da liga foi o pernambucano Francisco Julião Arruda de Paula. MAINWARING, Scott. **Igreja católica e política no Brasil 1916-1985**. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 76.

¹⁶⁷ AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus van der. **História da Igreja no Brasil: ensaio e interpretação a partir do novo**. Tomo II/3-2. Terceira época 1930-1964. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 177.

¹⁶⁸ PAPA Leão XIII. **Rerum Novarum**. Carta Encíclica sobre a condição dos operários. In: JUNIOR, Pimentel (Org.). São Paulo: DOMINUS, 1963.

¹⁶⁹ “Ver, julgar e agir” foi uma metodologia católica de análise dos fenômenos sociohistóricos. O método esteve ligado à maneira de ser Igreja nos anos 1950 e 1960. Consistiu em orientar os católicos a *ver, discernir e agir* como comunidade. MORAIS, J. F. de. **Os Bispos e a política no Brasil**. São Paulo: Cortez / Autores Associados, 1982. p. 58.

Textualmente, os veículos de comunicação ganharam o reconhecimento do Vaticano no que tange à força de propagação e identificação com o público.

De novo afirmamos, e acima de tudo, que a doutrina social cristã é parte integrante da concepção cristã da vida. Embora saibamos, com prazer, que esta doutrina já de há muito é proposta em vários institutos, insistimos na intensificação de tal ensino, por meio de cursos ordinários e em forma sistemática, em todos os seminários e em todas as escolas católicas de qualquer grau que sejam. Inclua-se também nos programas de instrução religiosa das paróquias e das associações do apostolado dos leigos; propague-se através dos meios modernos de difusão: imprensa diária e periódica, obras de vulgarização e de caráter científico, rádio e televisão.¹⁷⁰

Levado a viajar pelo Brasil, participando de palestras nas quais se notabilizou como orador sacro, e participante das discussões promovidas pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB,¹⁷¹ Dom Avelar travou contato com as variadas correntes de pensamento internas e externa da Igreja brasileira e de Roma. Conhecia e apoiava o posicionamento oficial da doutrina social da Igreja, o que foi uma das chaves de sua progressão na hierarquia. Conhecer a fundo a instituição para a qual trabalhava, operar dentro dela significou a necessidade de aplicar o posicionamento eclesial à realidade específica das cidades.

Em face desta missão, concretizada nas constantes viagens para conferências em outros Estados, criaram a expectativa de que, em breve, Dom Avelar poderia deixar Teresina, devido ao sucesso alcançado dentro da hierarquia brasileira e latino-americana.¹⁷²

Em 1965, pelo afastamento temporário dos presidentes da CNBB e do Conselho Episcopal Latino Americano, CELAM, assumiu a presidência das duas entidades. Estas condições provocaram a previsão de sua transferência em um futuro próximo, em que pese sua saída oficial ter ocorrido apenas seis anos depois.

¹⁷⁰ JOÃO XXII, Papa. **Mater et Magistra**: sobre a evolução da questão social à luz da doutrina cristã. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/documentst>. Acesso em: 20 out. 2007. Disponível ainda em: **As encíclicas sociais de João XXIII. Mater et Magistra**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 2.

¹⁷¹ O Encontro dos Bispos do Vale do São Francisco foi um balão de ensaio para o surgimento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, fundada alguns meses depois, em 14 out. 1952. A CNBB é obra de Dom Helder Câmara, que, em Roma, na ocasião, encontrou o apoio do Monsenhor Montini, que mais tarde, 1963-1978, seria o Papa Paulo VI para a fundação oficial. Desde a sua fundação, a CNBB tem como objetivo congregar a Igreja Católica no território nacional. Conforme: RIOLANDO e GRIJP, Klaus van der. **História da Igreja no Brasil**: ensaio e interpretação a partir do novo. Tomo II/3-2. Terceira época 1930-1964. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 625.

¹⁷² Dom Avelar cumpriu, principalmente depois do seu quinto ano de apostolado no Piauí, intensa agenda de viagens para cumprir compromissos junto à CNBB, ou entidades que o convidavam para proferir palestras. Ao menos uma vez por ano, entre 1962 e 1965, Dom Avelar afastou-se da capital por três meses seguidos, outubro, novembro e dezembro, para participar, no Vaticano, das sessões do Concílio Vaticano II. Na última sessão, chegou a ficar quatro meses afastado de Teresina, devido a compromissos como vice-presidente da CNBB. Seu retorno ocorreu somente em 14 jan. 1966, quando concedeu entrevista à imprensa e chegou a receber voto de congratulações da Assembleia Legislativa pela sua atuação no concílio. CONFORME Assembleia Legislativa aprovou voto de congratulações com o arcebispo. **O Dia**, Teresina, 15 jan. 1966, n. 1740, ano XV, p. 4.

Assalta-nos a intuição de que a sociedade católica piauiense estará na iminência de ver-se privada – talvez em breve – das luzes e grandeza espiritual de Dom Avelar à frente da Arquidiocese de Teresina. É o que pressentimos com o brilho de sua alta e superior personalidade, e, diante da projeção proporcionada pelos grandes méritos que o distinguem – decerto – outras e mais altas investidas, Sua Excelência virá a ter na hierarquia eclesiástica [...] A ascensão de Dom Avelar será uma decorrência natural, inevitável [...] Iremos perder a presença aqui do nosso devotado, mas é uma previsão apenas.¹⁷³

Sintonizando com os ritmos de mudanças internas, promoveu a I Semana Ruralista, entre 6 e 11 de agosto de 1956, três meses após sua chegada em Teresina, segundo a proposta de orientação de trabalhadores rurais para o melhor aproveitamento da terra. Na programação do evento, estavam inclusas palestras e cursos, orientando o homem do campo ao uso de técnicas adequadas para otimizar o plantio, bem como orientações para a convivência com a seca.

A estrutura da igreja local sofreu mudanças com bases em suas experiências externas e na percepção do contexto estadual. Como presidente da Província Eclesiástica do Piauí, rompeu os limites da capital e até 1971 criou paróquias nas cidades de Água Branca, Altos, Elesbão Veloso, Miguel Alves, São Félix, São Miguel do Tapuia e Pimenteiras. Na própria capital, fundou as paróquias de São José Operário (Bairro Vila Operária), Nossa Senhora de Lourdes (Bairro Vermelha), Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora de Fátima (Bairro de Fátima), São João Evangelista e São Raimundo (Bairro Piçarra), ampliando a atenção dada aos fiéis.¹⁷⁴

Com a construção e funcionamento de templos, as representações da autoridade eclesiástica foram chegando aos bairros, ao lado de padres e demais religiosos. Dessa forma, a Igreja moveu-se para acompanhar o crescimento urbano de Teresina, influenciando-o diretamente. A atenção empreendida ao Bairro de Fátima, localizado na zona Leste da capital, à margem direita do rio Poti, mostra este movimento.

O povoamento da região teve fomento após a visita a Teresina da imagem portuguesa de Nossa Senhora de Fátima, ocorrida em 1953. Em homenagem à santa, os moradores ergueram uma capela no local, onde realizavam adorações de cunho popular, sem a presença de padres. Passados quatro anos, Dom Avelar a teria visitado e nomeado o padre Isidoro Pires como assistente eclesiástico responsável pelo templo.¹⁷⁵ Missas passaram a ser celebradas regularmente, conforme calendário católico, com a assistência pessoal do próprio arcebispo. Em carta de 1961, o clérigo registrou

¹⁷³ MENDES, Simplício de Sousa. D. Avelar. Coluna Televisão. **O Dia**, Teresina, 15 jan. 1966, ano XV, n. 1740, p. 3.

¹⁷⁴ CARVALHO, Maria do Amparo Alves de. **História e repressão**: fragmentos de uma memória oculta em meio às tensões entre a Igreja Católica e o regime militar em Teresina. 2006. Dissertação (Mestrado) □ Coordenação do Mestrado Acadêmico em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.

¹⁷⁵ BATISTA, Padre Tony. Teresina, 2008. Entrevista concedida à Sônia Maria dos Santos Carvalho em 1 ago. 2008.

impressões sobre a época de articulação entre igreja e teresinenses no desenvolvimento do bairro.

Nem sei mais. Foi lá por 55 ou 56, e aquele pedaço de chão era apenas uma terrinha cortada por largas derrubadas, mal sulcadas por estreitas trilhas. Uma casinha aqui e acolá meio escondida pela folhagem da galharia espessa. [...]. Apareceu, para surpresa do rabiscador destas linhas, a silhueta esguia de mulheres não estranhas. Logo um pedido: Padre, venha dá catecismo aqui. Há muitas crianças. Agente nem vai na missa porque é longe. Venha. Não se fez esperar promessas. E o catecismo começou. Com um pedaço de trilho foi improvisado um sino. Mais tarde, uma missa por mês. Dom Avelar... missa dominical. E estava lançada a semente do evangelho nesta terrinha reservada à proteção da Virgem de Fátima. Uma capelinha tosca e desengonçada. Um posto médico. Um dentista. Uma pedra fundamental, e lá se foi. Agora um big centro social e um bairro que cresce dia a dia. Uma gleba que se valoriza. Uma civilização que caminha.¹⁷⁶

Com a ajuda do católico Marcolino Rio Lima, doador dos lotes para a construção da Praça de Fátima, do Centro Paroquial e do próprio templo, começou a ser erguida o que se tornou a Vila de Fátima, um novo espaço urbano com quarenta e quatro quadras, sendo quatro delas destinadas à Igreja ou usadas para a agricultura da comunidade.¹⁷⁷

Criando centros sociais, o Arcebispo levou a presença da Igreja Católica à periferia, firmando a instituição nos pontos pobres e de maior expansão populacional. Até o fim do seu apostolado, foram inaugurados os centros sociais Leão XIII, no Bairro Vila Operária, o Cristo Rei, no Bairro homônimo, o de Nossa Senhora das Graças, no Aterro, o de Pio XI, no Bairro Piçarra, e Pio X, no São Pedro; o de Nossa Senhora de Fátima, no Bairro de Fátima, e o Centro Social D. Avelar, no Bairro Memorare, além do Posto de Puericultura Santo Antônio, no centro da cidade. A Ação Social Arquidiocesana era orgulho para o religioso; ali concentravam-se assistentes sociais, médicos, dentistas, enfermeiras diplomadas, auxiliares de enfermeiras e de assistentes sociais; professores de letras, de aprendizagem doméstica e iniciação profissional, além de cooperadores voluntários. O conjunto dos serviços ali prestados era percebido com um *Estado Assistencial* erguido pela igreja, em Teresina, na ausência de ações governamentais de maior expressão.¹⁷⁸

Em 1957, o arcebispo concretizou sua interferência no cenário educacional superior. A partir desse ano, reforçou seus vínculos com a intelectualidade local,

¹⁷⁶ PIRES, Padre Isidoro. In: **Revista Paróquia de Fátima: sua história, sua gente**. Teresina: Alínea Publicações /Halley, 2003. p. 24.

¹⁷⁷ BATISTA, Pe. Tony. *Revista Paróquia de Fátima: sua história, sua gente*. Teresina: Alínea Publicações /Halley, 2003. p. 26.

¹⁷⁸ MEDEIROS, Antônio José. **Movimentos sociais e participação política**. Teresina: CEPAC, 1996. p. 96. Atualmente, esses projetos são adaptados de acordo com as demandas vigentes, mas ainda envolvem ações religiosas, sociais e culturais, como aulas de catecismo para crianças e adultos, atendimento ambulatorial, odontológico, farmacêutico, e escolas dedicadas a trabalhar a evangelização no ambiente familiar. Os centros sociais com plena atividade hoje são o Centro Social Leão XXIII, Centro Social Nossa Senhora de Fátima e o Centro Social Cristo Rei.

fundando em junho a Sociedade Piauiense de Cultura, com o intuito de criar uma faculdade católica de Filosofia, na esteira do clima de incentivo à educação vivido dentro da Igreja Católica no Brasil.

No período que se estende de 1945 a 1964, observa-se um crescimento significativo do número de instituições. A partir de 1946, começaram a surgir as universidades particulares, com especial destaque para a atuação da Igreja Católica. Naquele ano foram reconhecidas a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e a PUC de São Paulo. [...]. Entre os anos de 1950 e 1960 foram criadas mais quatro universidades (faculdades, federações ou escolas isoladas). No final da década de 1950, o Brasil contava, pois, com 21 universidades e mais de 100 estabelecimentos de ensino superior.¹⁷⁹

O interesse pela temática educacional chegou aos outros níveis de ensino da época. Ao aceitar a presidência estadual da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos (CNEG), e trabalhando para ampliar a rede de ginásios existente, Dom Avelar operou na modificação das vivências dos alunos na rede educacional piauiense. Presidindo no Estado o Movimento de Educação de Base (MEB),¹⁸⁰ criado em 1961, para combater o analfabetismo e a falta de conscientização social das camadas populares, através de programas de alfabetização via escolas radiofônicas, Dom Avelar constituiu-se agente mobilizador do campo educacional, gerando sentido às representações de homem extemporâneo que se construiu ao seu respeito.

Em 1961, já havia construído cinco ginásios: o Popular da Vermelha, em Teresina, o de Pedro II, o de Fronteiras, o de Canto do Buriti, a Escola de Comércio de Oeiras e a Escola de Comércio de José de Freitas. Quando assumiu a Arquidiocese, havia apenas um daqueles ginásios, em Jaicós. No final do seu governo, já se somavam trinta e dois.¹⁸¹

A Faculdade Católica de Filosofia (FAFI), fundada em 16 de junho de 1957, começou a funcionar em 1958 e proporcionou novas formas de viver e de consumir a cidade. Em uma primeira leitura, as instruções sobre a FAFI informam as linhas de pensamento, dizem das dinâmicas de gestão da faculdade, e remetem a um convívio solidário e de crescimento mútuo entre alunos e professores. Por ser considerada o embrião da Universidade Federal do Piauí (UFPI), empreendi análise mais detalhada das representações construídas a seu respeito.

¹⁷⁹ ROSSOTO, Ricardo. **Universidade**: nove séculos de História. Passo Fundo: EDUFPI, 2005. p. 118.

¹⁸⁰ O MEB, Movimento Educacional de Base, foi criado oficialmente em março de 1961 mediante Decreto n. 56.370, após acordo entre o presidente Jânio Quadros e o bispo de Aracaju, Dom José Távora, considerado progressista e parceiro de Dom Helder Câmara nas ações sociais da Igreja. Segundo o acordo, o Estado financiaria e a Igreja executaria o Programa de Educação Básica Popular através da instalação de escolas radiofônicas nas regiões menos desenvolvidas do País. Estas escolas trabalhariam a interação cultural e econômica das comunidades rurais, através da alfabetização e debates sobre as alternativas de melhoria de vida no campo. Conforme NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **Memória e história da Rádio Pioneira de Teresina**. Teresina: Alínea, 2004. p. 93.

¹⁸¹ CARVALHO, M^ª, op. cit., 2006, p. 132.

A carência de infraestrutura no campo da educação era sentida em Teresina na década de 1950. O crescimento populacional¹⁸² fez com que a demanda por serviços públicos aumentasse, desembocando na maior necessidade não só de vagas nos cursos primários e secundários, como de professores qualificados com formação específica para lecionar. No entanto, a despeito da expansão da demanda, poucas foram as ações do poder público no sentido de ampliar a rede escolar, dada a precariedade de recursos orçamentários e às mudanças nas políticas do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, INEP.¹⁸³ O órgão vinha financiando a construção de prédios escolares na área rural piauiense, mas rompeu os contratos com o Governo do Estado, diante da ausência das prestações de contas exigidas. Os recursos ficaram suspensos até a segunda metade da década de 1950, quando o governo Gayoso e Almendra (1954-1958) negociou as pendências existentes e obteve a retomada da construção de mais prédios escolares na zona urbana da capital, com capacidade para ampliar o número de matrículas.

Em Teresina, o cenário educacional dos anos 1950 era formado por escolas estaduais de ensino primário e secundário, como o Liceu Piauiense, e colégios particulares que abrigavam os alunos de maior poder aquisitivo, como o Colégio Sagrado Coração de Jesus, ou Colégio das Irmãs, e Colégio São Francisco de Sales, o Diocesano, reaberto em 1958, e entregue aos jesuítas pelo próprio Dom Avelar no ano de 1960. Os dois últimos foram representativos da influência da Igreja Católica na educação formal piauiense. Após suas fundações, a igreja instalou uma rede de patronatos e colégios em cidades do Interior. As estatísticas, no entanto, mostravam uma face das carências educacionais no ensino superior. Dados do Censo do IBGE, publicados em 1952 informam a existência de somente 591 pessoas no Estado com diploma universitário.¹⁸⁴

A única faculdade existente em Teresina, até 1958, era a Faculdade de Direito do Piauí (FADI), fundada, em 1931, por piauienses bacharéis em Direito, formados na Faculdade do Recife, e desejosos de capacitar jovens para o exercício de cargos na vida pública.

Com a FADI em operação, o bacharelado era uma opção real de ensino superior, mas não qualificava docentes ao exercício do magistério no ensino secundário, mesmo quando o número de alunos aptos a este patamar de estudos não parava de crescer. Como medida paliativa, o Ministério da Educação e Cultura oferecia o Curso de Aperfeiçoamento de Docentes do Ensino Secundário (CADES), para a formação de

¹⁸² No início de 1960, a população piauiense era de 1.263.368 habitantes. Em 1950, o número estimado era de 1.045.696 habitantes. A maior parte da população ainda convivia no meio rural (965.216 habitantes). Teresina possuía 144.799 habitantes. IBGE Conselho Nacional de Estatística e Contagem da População. Estatísticas Básicas. **Série Retrospectiva**, 1971.

¹⁸³ CARDOSO, Elisângela Barbosa. **Múltiplas e singulares**: histórias e memórias de estudantes universitárias em Teresina 1930-1970. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003. p. 65.

¹⁸⁴ CARDOSO, Elisângela, op. cit., 2003, p. 63.

professores que lecionassem no Ensino Médio a título precário.¹⁸⁵ Contudo, acontecendo de modo intensivo durante trinta dias, o curso não assegurava a necessária formação pedagógica ao professor, e criava uma distorção: embora legalmente habilitado para lecionar, o docente continuava sem formação específica na área de atuação escolar. A pressão social pela qualificação real dos professores dentro de uma faculdade, conforme lembra a ex-aluna e ex-professora da Faculdade de Filosofia, Maria Cecília de Araújo Mendes, continuava. Para ela, uma vez instalada, a FAFI supriu esta lacuna, beneficiando professores oriundos de municípios como Campo Maior, Parnaíba, São Raimundo Nonato e União, que puderam se dirigir à capital com bolsas de estudo, frequentar as aulas e, depois de formados, retornar às suas cidades com o compromisso de lecionar no ensino secundário. “Muitas vezes, somente eles em suas cidades possuíam este grau de qualificação”¹⁸⁶

No contexto piauiense, o esforço de Dom Avelar para reunir pensadores e políticos locais em torno da criação da Sociedade Piauiense de Cultura traz o simbolismo de ter sido o primeiro a agregar a intelectualidade local em torno do projeto de municiar no Estado uma instituição voltada à formação humanística de professores.¹⁸⁷

Os intelectuais recrutados pelo Arcebispo para pensar a implantação da FAFI eram reconhecidos pela erudição e experiência docente no Ensino Médio, mas não dispunham de qualificação específica para lecionar nos cursos de Graduação superior. A intervenção do religioso, convocando-os e, em seguida, lhes delegando a escolha dos titulares das disciplinas que seriam ministradas na FAFI, teria provocado reflexões sobre a aptidão desta intelectualidade à qualificação de futuros professores, em nome de um desenvolvimento social que se fazia urgente.

No entanto, os percalços legais foram suplantados pelas relações de respeito que os intelectuais inspiravam no contexto educacional teresinense. Nas lembranças do ex-aluno Antônio José Medeiros,¹⁸⁸ as presenças dos professores Clemente Honório Parente Fortes e Raimundo José Airemoraes Soares, ambos diretores durante os doze anos de funcionamento da FAFI, davam respeitabilidade moral e intelectual à faculdade, gerando credibilidade em seu torno. O fato de ser católica condicionava as vivências dentro da faculdade, porém, não a engessava pedagogicamente. A presença de professores leigos

¹⁸⁵ BRITO, Itamar Sousa. **História da educação no Piauí**. Teresina: EDUFPI, 1996. p. 45.

¹⁸⁶ MENDES, Maria Cecília de Araújo. Teresina, 2008. Entrevista concedida à Sônia Maria dos Santos Carvalho em 15 ago. 2008.

¹⁸⁷ MELO, Antonio Maurení Vaz Verçosa de. Faculdade Católica de Filosofia do Piauí: renovação e transformação da educação do Estado. In: FRANCO & VASCONCELOS (Org.). **Outras Histórias do Piauí**. Fortaleza: UFC, 2007. p. 36.

¹⁸⁸ MEDEIROS, Antônio José. In: BONFIM, Maria do Carmo; PEREIRA, Maria das Graças Moita R.; SOUSA, Francisca Mendes de (Org.). **Anais do seminário presente do passado: a faculdade Católica de Filosofia na História da Educação do Piauí**. Teresina: EDUFPI, 2000. p. 230.

e a tolerância a alunos de outros credos ou linhas de pensamento arejavam e pluralizavam o viver dentro da instituição de ensino.

A FAFI cobrava anuidades de seus alunos, e seu sustento dependia de subvenções orçamentárias, colhidas junto aos representantes piauienses na esfera federal. Conforme Benedito da Rocha Freitas Filho,¹⁸⁹ ex-secretário da Faculdade, a instituição viveu de dotações consignadas nos anos de 1958 a 1962, 1964, 1967 e 1969. Além desta fonte, o Estado concedia auxílios financeiros esporádicos, e o comércio local cedia material de expediente em compras parceladas e prazos indeterminados de pagamento. Ainda assim, crises financeiras constantes atrasavam os salários dos docentes, e mantinham os vencimentos abaixo dos valores praticados nas escolas de ensino de primeiro grau. Porém, os docentes percebiam a FAFI como uma missão, um projeto social de desenvolvimento do Estado, e não como fonte de renda. “Para o seu sustento, os professores desenvolviam outras atividades ao longo do dia. Não contavam com o dinheiro de lá. Aquilo era uma missão”.¹⁹⁰

O primeiro vestibular, em 1958, classificou quarenta alunos para os cursos de Letras Neolatinas, Geografia e História – que constituíam um só curso – e Filosofia. Nos anos 1960, mediante convênio com a Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste, SUDENE, foram abertas graduações em Matemática e Física. A princípio, a instituição funcionou no mesmo edifício do Colégio Sagrado Coração de Jesus, na Avenida Frei Serafim, e só posteriormente ocupou os três andares do prédio em frente à Praça Saraiva, onde funcionou o Grupo Escolar João Gayoso e o Instituto Brasil-Estados Unidos. Até 1971, quando foi incorporada à Universidade Federal do Piauí, contava ainda com um prédio anexado ao seu lado esquerdo.

Pela voz de seus ex-alunos, a FAFI emerge como um ambiente de vivências democráticas e de intensas atividades políticas, produzindo em seus frequentadores a sensação de construção de uma cultura universitária. Com a anuência do próprio Dom Avelar, jovens das mais diversas orientações da Ação Católica, cujo crescimento marcava o contexto social brasileiro da época, como a Juventude Agrária Católica (JAC), a Juventude Estudantil Católica (JEC), a Juventude Operária Católica (JOC) e a Juventude Universitária Católica (JUC), mantinham reuniões na FAFI, constituindo-a em cenário de discussão sobre os últimos acontecimentos do País. Existiam, ainda entre os estudantes, jovens ligados ao Movimento Educacional de Base.

¹⁸⁹ FREITAS FILHO, Benedito da Rocha. In: BONFIM, Maria do Carmo; PEREIRA, Maria das Graças Moita R.; SOUSA, Francisca Mendes de (Org.). **Anais** do Seminário Presente do Passado: a faculdade Católica de Filosofia na História da Educação do Piauí. Teresina: EDUFPI, 2000. p. 260.

¹⁹⁰ MENDES, Maria Cecília, op. cit., 2008.

A Faculdade atuou como um espaço de reflexão, inclusive para os que não eram alunos. As atividades de extensão efetuadas nos finais de semana incluíam reuniões e discussões com qualquer membro da comunidade que se interessasse pelas questões ocorrentes no Brasil – o que revitalizava a instituição e promovia novas vivências para os alunos. Para quem estava regularmente matriculado e pertencia ao Diretório Acadêmico, estar na FAFI era programar debates políticos e semanas culturais, levantar livros para a biblioteca e organizar eleições que mobilizavam toda a classe universitária.¹⁹¹

A liberdade de circulação pela cidade e a chance de ascensão profissional marcaram as vivências dos estudantes. Com aulas noturnas, realizadas das 18 às 22 horas, as alunas¹⁹² começaram a ter mais liberdade de consumir a cidade; aproveitavam os intervalos entre aulas para frequentar a Praça Saraiva nos horários em que normalmente as moças de família não poderiam estar. Além destas permissões, o ingresso no ensino superior continha rituais de alargamento das regras de condicionamento e disciplina no espaço urbano.

As lembranças de Maria Raimunda das Dores dos Santos, que ingressou na instituição em 1961, são marcadas pelos trotes que os veteranos aplicavam nos calouros logo no primeiro dia de aula. Seguindo percurso que começava na Praça Saraiva e se espalhava para outras imediações do centro da cidade; ocorriam os trotes conhecidos como *banhos nos calouros*. A brincadeira quebrava a rotina dos circulantes, convocando outros modos de estar nas imediações do centro. Era uma atividade na qual a população expectadora se integrava aos estudantes universitários.

Constava de uma passeata acompanhada de banda de música pelo centro da cidade. Era uma iniciação na academia e uma espécie de rito pré-carnavalesco. Por ser uma festa que se identificava com o povo, a comunidade também participava. Tanto familiares como comunidade de modo geral. As pessoas das lojas, todo mundo ia para rua ver o trote de calouro. Isso era uma coisa linda que acabou. O cortejo terminava na Praça Pedro II.¹⁹³

Na instituição existiam modos diversos de viver a educação. Diogo José Soares, ex-professor da FAFI, rememora a perplexidade de alguns pais e mães de alunos que se dirigiam à Faculdade nos finais de semana, por estranhar a presença dos filhos em atividades realizadas aos sábados e domingos. Eram os chamados programas de extensão, nos quais os alunos exerciam junto à comunidade o conhecimento técnico adquirido, e incentivavam os participantes a pensar sobre as conjunturas estatais e nacionais. Como não existia auditório, algumas aulas eram dadas ao ar livre, na própria Praça Saraiva, quebrando a rotina dos teresinenses. “Isso chamava a atenção das

¹⁹¹ MEDEIROS, In: BONFIM; PEREIRA; SOUSA, op. cit., 2000. p. 233.

¹⁹² O número de mulheres que ingressou nos quadros da FAFI começou a crescer a partir de 1960. Conforme CARDOSO, Elisângela, op. cit., 2003, p. 44.

¹⁹³ SANTOS, Maria Raimunda das Dores dos. In: BONFIM; PEREIRA; SOUSA, op. cit., 2000, p. 280.

pessoas. Se o conteúdo da aula atraísse o cidadão que passava, ele ficava e assistia à aula”.¹⁹⁴

Conforme dito, a Faculdade Católica de Filosofia funcionou em Teresina até o ano de 1971, quando foi incorporada à Universidade Federal do Piauí, UFPI. A instituição federal de ensino era esperada com expectativa pela população, por representar maiores chances de desenvolvimento social de todo o Estado. Sua viabilidade deu-se pela existência prévia de faculdades como as de Direito e a de Filosofia, o que solidificou a imagem de homem com visão futurística de Dom Avelar, e reforçou o discurso sobre a existência de um patrimônio educacional deixado por ele, perpetuado e vivo através da Universidade Federal do Piauí.

O religioso teve ao seu lado, nos intentos educacionais que concretizou em Teresina, um conjunto de forças sociais e de pessoas comprometidas com o projeto comum de desenvolvimento pela educação. Agiu a seu favor uma conjuntura nacional, que foi sendo conhecida e debatida entre os alunos e professores ao longo dos anos, um ambiente externo que criou possibilidades de renovação, no qual se legitimavam faculdades católicas no Brasil, sendo a FAFI um local onde os processos de transformação se manifestaram no Piauí de modo agudo.

Intervenções na cidade também aconteceram na forma de eventos religiosos. Os congressos eucarísticos, que o religioso organizou tanto em Petrolina quanto em Teresina, apontam para outras vivências possibilitadas através do seu trabalho como membro da Igreja. Reflexões sobre os desdobramentos destes eventos são objetos das reflexões que coloco a seguir.

3.2 Congressos Eucarísticos: transformação das cidades em monumentos

Por todo o século XX, a mística do Cristo presente nas hóstias consagradas esteve na centralidade de uma sucessão de eventos denominados de congressos eucarísticos. Avelar Brandão Vilela participou intensamente destes momentos como ouvinte, palestrante ou correspondente da imprensa católica em fases diferentes de sua vida religiosa. No papel de seminarista, participou do 1º Congresso Eucarístico Nacional, ocorrido em Salvador, em 1933, e nas edições posteriores de caráter nacional.¹⁹⁵

¹⁹⁴ Id. *ibid.*

¹⁹⁵ O contingente numeroso de fiéis, e a reafirmação da preeminência da fé católica entre os brasileiros, de modo a marginalizar o máximo possível as outras religiões, eram o objetivo destes congressos, mediante a mobilização da população urbana, demonstrando o potencial político do episcopado. Era um modo de dizer aos governos que deviam considerar as orientações católicas, emanadas pelo Vaticano, pois a Igreja em si era uma grande mobilizadora social. O primeiro congresso eucarístico do país aconteceu no Rio de Janeiro, em 1922, sob o comando de Dom Sebastião Leme, de caráter estadual, mas ganhando projeção nacional para mostrar as vinculações entre fé e pátria. Em seguida, aconteceram congressos eucarísticos nacionais

Devido às distâncias geográficas, os congressos eucarísticos abriam oportunidades de interação entre católicos, leigos ou não; constituíam espaços de discussão e demonstrações públicas de fé e da demarcação da presença católica na sociedade. Pela pretensão de reunir centenas de pessoas em uma só cidade, demandavam esquemas rigorosos de organização a cargo de comissões executivas e subcomissões formadas por sacerdotes, cidadãos comuns e representantes de poderes públicos. Sedar um congresso significava intervir no funcionamento da cidade, tanto no sentido físico pelo uso dos espaços para sessões magnas, missas, palestras e procissões, quanto imaterial, pois engajavam a população local e os visitantes em torno dos temas propostos.

Em 1948, Dom Avelar Brandão Vilela experimentou a organização de um evento dessa natureza com a realização do 1º Congresso Diocesano Eucarístico de Petrolina, sob o lema *Eucaristia, caminho, verdade e vida*, a pretexto da celebração dos 25 anos de fundação da Diocese. Conforme a tradição católica, bodas de prata ou de ouro de dioceses, arquidioceses e ordenações sacerdotais ou episcopais motivavam a reunião de fiéis em situações de festividade religiosa, quebrando a programação rotineira nos templos católicos, avançando por outros espaços como praças, ruas e estádios.

A experiência em Petrolina foi possível pela nomeação de uma comissão executiva, que coordenou outras oito comissões presididas por clérigos da confiança de Dom Avelar: imprensa e propaganda, instalação e ornamentação, finanças, recepção e transportes, finanças, hospedagem, liturgia e arte sacra e de música e canto sacro. Havia ainda a comissão de honra, formada pelo governador de Pernambuco, Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho, além do arcebispo de Olinda e Recife, Dom Miguel de Lima Verde e bispos da região do sertão pernambucano.

As alianças firmadas com a população permitiram o início das mobilizações populares nas paróquias, durante reuniões realizadas a partir de fevereiro de 1948. A estrutura planejada pelo bispo, quando criou o Departamento Diocesano de Ação Católica¹⁹⁶ e deu organicidade específica ao corpo de religiosos e leigos que gravitavam em seu entorno, contribuiu para a aproximação e o engajamento de novos fiéis nas realizações da Igreja. O gesto de organização simbolizou, ainda, a atualização das

na Bahia (1933), Belo Horizonte (1936), tendo Dom Avelar participado também como correspondente para o Jornal **A Cruzada**, de Aracaju; Recife (1939), São Paulo (1942), Porto Alegre (1948), Belém (1952) e Curitiba (1960). O congresso de 1933 continha a intenção de pressionar a aprovação dos interesses católicos junto à constituição em andamento, como a impossibilidade do divórcio e a obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas.

¹⁹⁶ O Departamento Diocesano de Ação Católica, composto por oito departamentos: vocações sacerdotais, ensino de religião, educação e cultura, ação social; imprensa, rádio e informação, defesa da fé e da moral, cinema e teatro e liga eleitoral católica.

estruturas católicas locais frente à realidade já existente em dioceses mais antigas no País e ao incentivo dado ao movimento da Ação Católica.¹⁹⁷

Para o congresso eucarístico, a estrutura organizada no município permitiu às reuniões de estímulo o engajamento na construção e realização do evento, tanto nas paróquias quanto nos salões de reuniões das organizações religiosas, colégios e associações de leigos.

Entre os dias 6 e 10 de outubro de 1948, o Congresso foi realizado, tendo programação nos templos, praças e colégios constituída por missas e discussões e adornada por coral formado para executar o hino do evento.¹⁹⁸

A intervenção na cidade trabalhava a autoestima da população. “Sob a orientação de Dom Avelar, Petrolina apresenta ao mundo civilizado, na década de 1940, uma cidade de povo bom, ordeiro, trabalhador e honesto”.¹⁹⁹ Dentre os sentidos produzidos na população estavam, portanto, o sentimento de satisfação pela projeção estadual e nacional que ganhou a cidade, por se mostrar capaz de sediar um evento de grande porte. Ao atribuir a iniciativa, planejamento e coordenação geral do congresso ao bispo, a cidade prestava-lhe reverência. Há, portanto, um sentido de carência e baixaestima originais, revertidas em orgulho regional pela iniciativa de liderança e organização popular em torno de uma causa considerada legítima: celebrar as bodas de prata da diocese petrolinense.

¹⁹⁷ Esta organização inspirava-se no modelo italiano promovido por Pio XI, com um caráter bastante centralizado nas mãos da autoridade clerical e a função inicial de combater o desenvolvimento do comunismo através de alianças com os poderes políticos vigentes. A Ação Católica Brasileira foi fundada em 1935, também com essa ideia inicial de certificar a manutenção de garantias católicas junto aos governos. Em 1937, com o Estado Novo, o temor comunista arrefeceu dentro da Ação Católica Brasileira. Com o tempo, a Ação Católica deixou de organizar-se em torno de gêneros, homens, senhoras e moços, para organizar-se segundo a participação social dos membros, chegando a congregar a juventude universitária na JUC (Juventude Universitária Católica) ou JOC (Juventude Operária Católica), dentre outras segmentações.

¹⁹⁸ Composto pelo próprio Dom Avelar e musicado do padre Cromácio Leão, de Jaboação dos Guararapes.

¹⁹⁹ SÁ Y BRITO, op. cit., 1992, p. 137.

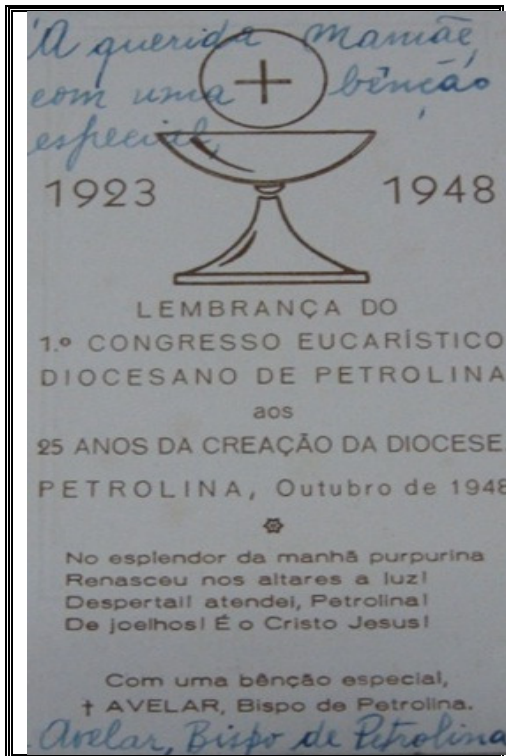


Figura 5 – Postal de lembrança do 1º Congresso Eucarístico de Petrolina enviado por Dom Avelar a sua mãe em 1948.

Fonte: Acervo disponível na Cúria Metropolitana de Salvador.

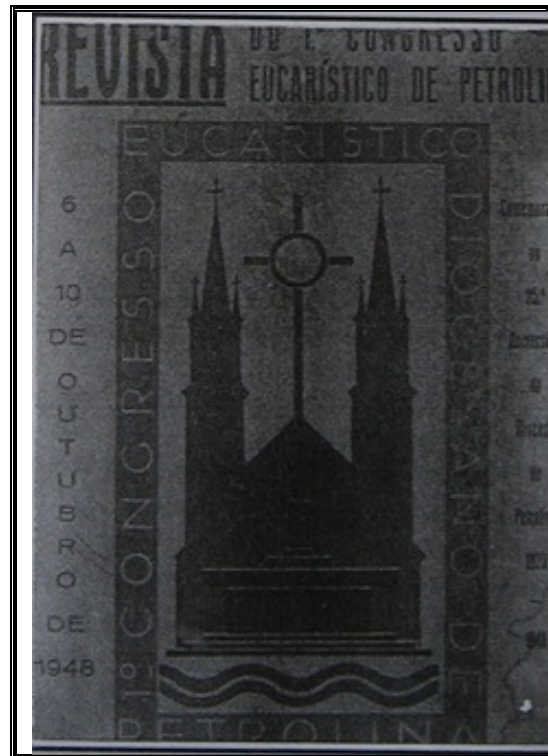


Figura 6 – Capa da Revista do 1º Congresso Eucarístico de Petrolina.

Fonte: Acervo disponível na Cúria de Petrolina.

O ano de 1960 foi emblemático na realização de congressos eucarísticos. No mês de maio, em Curitiba, no Paraná, realizou-se o 7º Congresso Eucarístico Nacional, e, em agosto, a 37ª edição internacional do evento, em Munique, na Alemanha, com um milhão de participantes, conforme dados da Comissão Organizadora. Naquele mesmo ano, Dom Avelar, já como arcebispo metropolitano no Piauí, organizou o 1º Congresso Eucarístico de Teresina, com o tema idêntico ao de Petrolina, a pretexto de celebração de seus vinte e cinco anos de ordenação sacerdotal. O evento foi realizado entre os dias 26 e 30 de outubro de 1960, contemplando, no segundo dia de atividades, o aniversário de seus 25 anos de sacerdócio. Considerado um pretexto adicional para a realização da festa religiosa, esta data acabou ganhando a centralidade no decorrer do Congresso.

Mais uma vez, a intervenção no cotidiano da cidade foi intensa. O adro da Igreja São Benedito, fixado em um local elevado no centro de Teresina, recebeu um altar monumento desenhado por Adalberto Correia Lima, arquiteto piauiense que vivia no Rio de Janeiro. A instalação do altar, de inspiração moderna, simbolizava a transformação da própria Teresina em cidade monumento. Palco das sessões magnas, acompanhadas pela orquestra de trinta e dois fuzileiros navais e coral sob a regência de Dom Plácido de

Oliveira, tornou-se, para a imprensa, o símbolo da festa e da elevação moral do povo piauiense.

Escolas municipais, colégios particulares, as ruas, praças, igrejas e o salão de reuniões do Hospital Getúlio Vargas foram espaços utilizados pelos congressistas. Desde o mês de abril de 1960, o jornal católico *O Dominical* lançava chamamentos às reuniões de organização, convidava a população leiga e os representantes dos poderes constituídos ao engajamento na causa, e agendava a imprensa para a cobertura do congresso. A expectativa lançada era a de que este seria o maior evento cívico-religioso vivido em Teresina, à semelhança das comemorações do centenário da cidade, em 1952.

A programação incluiu no dia 26 de outubro, uma procissão com a imagem de Nossa Senhora da Vitória, padroeira do Estado, saindo da Igreja do Amparo até a Igreja São Benedito, onde, diante do altar monumento, foi coroada como a rainha do Congresso. No dia seguinte, data do aniversário de ordenação de Dom Avelar, em sessão magna no altar monumento e em seu entorno, foram realizadas 25 missas, simbolizando um colar espiritual de agradecimento. Nos dias 28 e 29 de outubro, as sessões mais importantes foram a missa especial para as crianças e senhoras. Encerrando o evento, no dia 30, houve a recepção do núncio apostólico,²⁰⁰ Dom Armando Lombardi, representante do Vaticano no Brasil, e encerramento com missa que reuniu dez mil homens diante do altar monumento. Nos intervalos das cerimônias mais importantes, aconteceram as sessões de estudos com palestrantes do Piauí e de fora do Estado, que articularam o tema da eucaristia e da religião à política, ordenamento jurídico, trabalho rural, vida estudantil ou fortalecimento familiar. Desta forma, o evento segmentava o público por gênero e relações de trabalho.

A coluna *Congresso em Marcha*, que passou a integrar as edições de *O Dominical*, atualizava a população das atividades que se vinham realizando com vistas à arrecadação de recursos para custear o Congresso. As associações esportivas, como os times de futebol River e Ferroviário realizaram jogo no dia 7 de Setembro, com renda em benefício do evento, apoiados pela Federação Piauiense de Futebol.²⁰¹ Os colégios públicos e particulares foram estimulados a implementar a *Campanha dos cálices e dos missais*,²⁰² visando a aquisição do material sacro, que seria utilizado nas sessões magnas no altar monumento, tendo sido arrecadado mais de 60 mil cruzeiros nesta iniciativa. Outras fontes de arrecadação foram bingos e vendas de lembranças na secretaria geral, como o brasão com as armas do Congresso, confeccionado em plástico. Do Rio de

²⁰⁰ O cargo de *núncio apostólico* equivale ao de embaixador de Estado, o representante oficial do Vaticano no País. Portanto, Dom Armando Lombardi foi recebido no aeroporto de Teresina com honras pelo governador do Piauí, Chagas Rodrigues, esposa e demais autoridades políticas.

²⁰¹ O CONGRESSO em Marcha. *O Dominical*, Teresina, 4 set. 1960, ano XXIV, n. 36/60, p. 1.

²⁰² *Ibid.*, Teresina, 2 out. 1960, ano XXIV, n. 40/60 p. 1.

Janeiro vieram cópias de discos de vinil com a gravação do hino oficial do congresso, executado pelo coral da Matriz da Glória, no Rio de Janeiro. Gravado em 78 rotações, o disco possuía o emblema do evento e era vendido a 200 cruzeiros.

A intervenção ganhou as ruas de Teresina, pois em paralelo às sessões magnas, a Comissão Organizadora planejou eventos que mobilizassem a participação popular, como um concurso artístico literário em torno do tema central e uma exposição de produtos das pequenas indústrias, organizada a partir de objetos que a comunidade geralmente desperdiçava, mas pelo uso de técnicas específicas poderia aprender a reaproveitar.

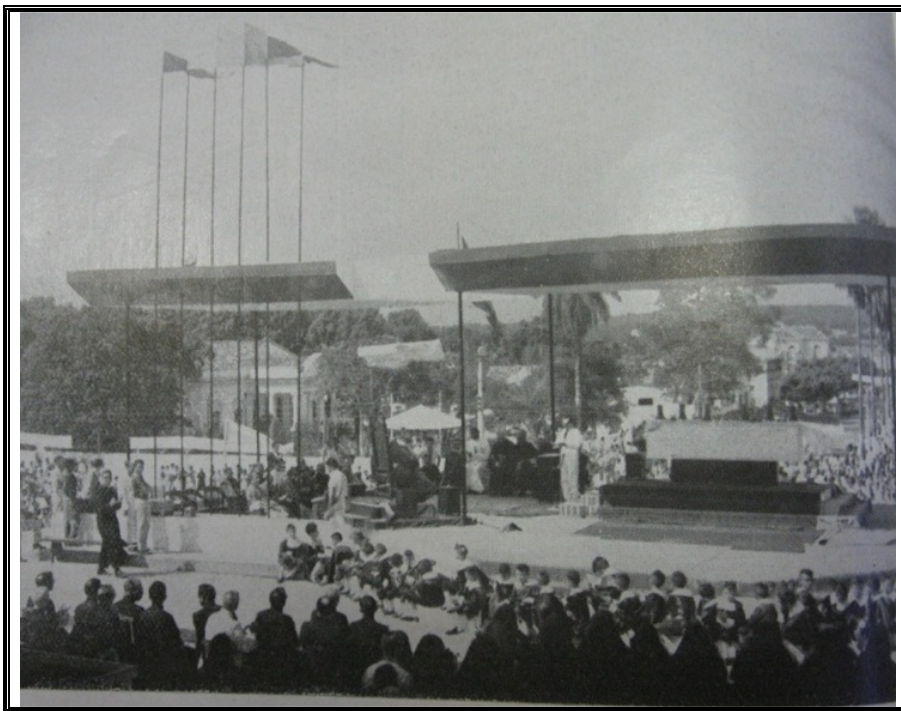


Figura 7 – Altar monumento erguido em Teresina para as sessões magnas do 1º Congresso Eucarístico de Teresina, em 1960.

Fonte: Acervo disponível na Cúria Metropolitana de Teresina.



Figura 8 – Concentração popular para a recepção do núncio apostólico, no último dia do 1º Congresso Eucarístico de Teresina.

Fonte: Acervo disponível na Cúria Metropolitana de Teresina.

Poder público e população aderiram aos apelos convocatórios da Igreja. Com a expedição dos decretos estaduais de n. 338 e 339, o governador Chagas Rodrigues determinou o abono de faltas dos funcionários públicos nos dias do evento e garantiu o pagamento dos vencimentos do funcionalismo do Estado para o dia vinte de outubro, seis dias antes do início do Congresso, tempo considerado hábil à preparação das residências para o evento.

Conforme as solicitações lançadas nas missas e na imprensa, as casas do centro da cidade receberam nova pintura. Os hotéis hospedaram os visitantes desconhecidos, e teresinenses abrigaram parentes e amigos em suas próprias casas, como símbolo de hospitalidade regional e habilidade para contornar a inexistência de uma rede hoteleira estruturada. Mais uma vez, Teresina se engalanou em torno de um evento religioso.

Nesta calorosa preparação para o congresso, quando todo mundo procura prover a sua casa e sua pessoa do necessário para evitar as possíveis aperturas, é bom não esquecer que muitas frentes de casas, batidas pelas chuvas e pelo sol, gostariam de receber uma pinturazinha, assim como nós gostaríamos de uma fatiota novas. Muitas já estão apresentando cara nova, alegre. As que não foram contempladas com o pincel, certamente estão com inveja.²⁰³

À semelhança do que havia ocorrido com o Congresso Eucarístico de Petrolina, a realização do evento em Teresina também fora representado na imprensa como acontecimento que transpôs os limites do município, tornando-se símbolo para o País da religiosidade e capacidade de articulação de todo o Piauí. Em paralelo à sua concretização, ocorreu fortalecimento do nome do Arcebispo, interna e externamente, simbolizado pelo prestígio demonstrado ao atrair, para a capital, a presença do Núncio Apostólico, Dom Armando Lombardi. Os sentimentos de fé e patriotismo se misturavam nos registros de orgulho que os teresinenses deveriam cultivar frente o sucesso do Congresso, personificado por Dom Avelar.

²⁰³ O CONGRESSO em Marcha. **O Dominical**, Teresina, 2 out. 1960, ano XXIV, n. 40/60, p. 1.

Da maneira como o congresso empolgou a cidade, do entusiasmo que o povo viu e viveu deste certame que reuniu mais de 10 mil homens, na noite que lhe foi destinada, guardo como expressão mais autêntica a recomendação de uma velhinha, que por acaso observei no meio do povo: encarecia ela a um filho que escrevesse aos irmãos ausentes, contando todas as magnificências do Congresso 'porque tenho certeza de que morro e nunca mais verei uma coisa igual em Teresina'.²⁰⁴



Figura 9 – Capa da Revista Caravana, em edição especial de cobertura do 1º Congresso Eucarístico de Teresina. Fonte: Acervo disponível na Cúria Metropolitana de Teresina.

Ao analisar o poder de articulação de Dom Avelar com a cidade de Teresina, monsenhor Joaquim Chaves compreendeu que as adesões internas e externas aos projetos do arcebispo eram derivadas da capacidade de, como chefe, provocar a dedicação dos subordinados e de insuflar na Arquidiocese uma nova atmosfera espiritual. Em quatro anos de episcopado, completos em 1960, a Igreja piauiense sofreu mudança de orientação interna, passando o catolicismo a viver em organicidade complexa. O Piauí social e político estaria tomando consciência diferenciada de seu aspecto cristão e da importância de “dar um passo adiante no desejo de não lhe ser infiel [...] Nosso arcebispo encarna, como poucos, a própria doutrina católica das relações da Igreja com a soberania civil”.²⁰⁵

²⁰⁴ PAULA, Alves de. Teresina: Primeiro Congresso Eucarístico. Editorial. **Revista Caravana**. Especial 1º Congresso Eucarístico de Teresina, ano XIV, p. 3, jan. 1961. Órgão de divulgação do desenvolvimento nacional.

²⁰⁵ CHAVES, Monsenhor Joaquim. Dom Avelar Brandão Vilela. **Revista Caravana**. Especial 1º Congresso Eucarístico de Teresina, ano XIV, p. 3, jan. 1961. Órgão de divulgação do desenvolvimento nacional. Não paginado.

3.3 A Imprensa que Construiu o Arcebispo em Teresina

Os jornais impressos e os programas radiofônicos formaram espaço de atuação de Dom Avelar e uma extensão do púlpito. Suas ações eram pauta constante nos periódicos de Teresina, e serviram de campo para explicações públicas e defesa de sua imagem em situações conflitantes. Refletir sobre a narração jornalística a seu respeito é perceber a trajetória de vida do religioso em movimento e diálogo com os interlocutores da cidade.

Narrativas jornalísticas podem ser compreendidas como construções discursivas derivadas dos encontros e tensões sociais. Remetem aos acontecimentos conflitantes no cotidiano, às normas de convivência estabelecidas, às expectativas alimentadas e frustrações percebidas. São objetos circulantes, abertos e sujeitos das condições históricas de existência à época. Derivam de operações linguísticas e extralinguísticas construídas para obter efeitos de verdade,²⁰⁶ e remetem à forma como os leitores organizam o mundo e constroem temporalmente suas experiências. Cada veículo de comunicação cria seus códigos internos de produção de sentido, conforme os quais tratam a notícia e transformam um acontecimento em fato para um público com o qual se relaciona. Há, no Jornalismo, o desejo de construir histórias para o futuro, que fiquem registradas e sejam dignas de consultas num tempo vindouro. De fato, o consumo diário não esgota consumos futuros, e a publicação de ideias nos jornais fala de credibilidade, perenidade e de registro histórico.²⁰⁷

Os conteúdos dos jornais têm alcance impreciso, pois chegam aos que não os leem diretamente, dada a capacidade de agendar ou suscitar temáticas na esfera pública, participando da circulação de sentidos do cotidiano. Coloco estas fontes como instrumentos de intervenção na vida social,²⁰⁸ mesmo nas condições sociais de analfabetismo, à semelhança das existentes na capital Teresina de 1950 e 1960.

A operação dos jornais implica em uma oficina ligada a padrões e valores de uma época; organiza coletivamente a gama de acontecimentos impossíveis de serem testemunhados na sua totalidade, e os seleciona/transforma em fatos compreensíveis. Portanto, a primeira relação de poder estabelecida entre a sociedade e o Jornalismo é a de instrumento organizador dos fatos do mundo, do qual se espera obter as informações necessárias para ser e agir.

²⁰⁶ MOTTA, Luiz Gonzaga Motta. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. LAGO, Claudia; BENETTI, Márcia (Org.). Petrópolis: Vozes, 2007. p. 146.

²⁰⁷ BARBOSA, Marialva Carlos Barbosa. Meios de comunicação e história: um universo de possíveis. In: FERREIRA e RIBEIRO (Org.). **Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 45.

²⁰⁸ LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos impressos. Fontes Orais: Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

De partida, o Jornalismo existe por essa condição de legitimação, que se modifica de acordo com as condições históricas de diferentes épocas. Expectativas e desconfianças, exigências e críticas sociais, reflexão dos próprios profissionais sobre a escrita e função social jornalística fazem com que essa relação ganhe formas diferenciadas ao longo da história, relacionadas com o lugar social e especificidades desse público consumidor de notícias.

Quando as narrativas jornalísticas adquirem significados na ênfase, nos temas escolhidos, pelo símbolo de progresso intelectual que encerram, procedimentos tipográficos utilizados ou na natureza do conteúdo, estes meios de comunicação passam a ser campos de fermentação intelectual e viveiros das socializações, tensões e batalhas travadas nas cidades.²⁰⁹

Entre os anos 1956 e 1971, período de chegada e partida de Dom Avelar à capital, foram lançados dezessete jornais, cinco revistas e dois periódicos especializados. Em 1952, circulavam os jornais *O Piauí*; o *Jornal do Comércio*; *Jornal do Piauí* (direção de Gayoso Almendra Freitas); *O Pirralho*; *O Dia* (direção de Raimundo Leão Monteiro); *O Dominical* (direção de Padre Hermínio Davis); *A Luta* (direção de A. Tito Filho); *O Norte e Folha do Litoral* no município de Parnaíba; *A Ordem* e *A Flâmula*, da cidade de Picos.

Os textos de *O Dia*, *Jornal do Piauí* e *O Dominical* mostram os jornais imersos em temporalidade específica, diferenciada da realidade jornalística nacional e internacional, quanto ao conteúdo, temas tratados, apresentação gráfica e profissionais colaboradores.

Ao longo de quinze anos da permanência de Dom Avelar em Teresina, uma mudança no modo de produção dos periódicos esteve diretamente relacionada à sua imagem. Em 1968, *O Dia*, sob a direção do coronel Otávio Miranda, escolheu uma foto do arcebispo para demonstrar o novo serviço de clicheteria do jornal. Sua imagem, estampada na primeira página, foi utilizada como modelo da nova forma de tratar imagens dentro do jornalismo impresso.

O clichê de Dom Avelar Brandão Vilela foi o primeiro a ser produzido pelo serviço de clicheteria do *O Dia*, e o primeiro, portanto, a ser publicado pelo matutino de maior circulação do Piauí: o nosso arcebispo, ilustre pastor de almas, homem de pensamento e de cultura, líder que sempre aglutina, une, soma, e nunca divide, a não ser o pão entre os pobres, inaugura assim o serviço de clicheteria, a primeira grande conquista de *O Dia* em sua fase de expansão.²¹⁰

Na década de 1950, jornalistas locais já conheciam a tendência norte-americana de produção jornalística, com base nas supostas ideias de imparcialidade no trato das informações. Esse entendimento, que abriu espaço para a publicação sobre o cotidiano,

²⁰⁹ SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: REMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: UFRJ/Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 234.

²¹⁰ O DIA. Teresina, 31 ago. 1968, ano XVIII, n. 2.520, p. 1.

ganhou adesão de jornais em todo o mundo, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, “quando teve início uma fase de reestruturação das empresas de jornalismo no Brasil, tendo por base modelos administrativos de cunho fordista, então em moda nos Estados Unidos”.²¹¹

De modo sutil, os jornais piauienses vinham sofrendo processo de mudança editorial desde a Era Vargas (1937-1945), quando as discussões e debates eminentemente políticos, inclusive colocadas com termos de baixo calão e com produção a cargo de intelectuais, passaram a conviver com a tímida inclusão de narrativas de cunho mais social, que se reportavam ao cotidiano da cidade. Foi nesse período que os jornalistas começaram a reformular ou fortalecer instituições de representação da classe.²¹² Nos 1950, os jornalistas piauienses tentavam se reinventar como profissionais, e solicitavam da sociedade maior reconhecimento. Era uma fase de transição, pois, mesmo parcialmente amarrada às estruturas do passado, a categoria começou a incorporar os discursos de representatividade social, defesa popular, imparcialidade e reprodução de uma verdade social a ser trabalhada e divulgada.



²¹¹ SAID, Gustavo Fortes. **Comunicações no Piauí**. Teresina: APL / Banco do Nordeste, 2001. p. 49.

²¹² Em 1934, a Associação Piauiense de Imprensa, API, que teve origem como braço da Associação Brasileira de Imprensa na década de 1930, começou suas atividades sob a presidência de Cláudio Pacheco, realizando o I Congresso de Jornalistas do Piauí em 23 jul. 1934, quando Higino Cunha é aclamado presidente de honra. A API, depois de longo período de estagnação, ressurgiria em 1972, sob a presidência de Iracema Rocha Silva, mas sem a mesma magnitude. Na década de 1950, a categoria abriga-se sob a Associação Profissional de Jornalistas do Piauí, gozando de prestígio em todo o Estado e com a presidência sendo ocupada por A. Tito Filho. Em 1959, transformada em sindicato sob a presidência de Araújo Mesquita, a entidade agiu estimulando jornalistas ao debate sobre a autonomia e reconhecimento profissional, aquisição de sede própria para sua entidade, busca por qualificação e representação do Estado em congressos nacionais problematizadores da profissão. A associação mobilizou os jornalistas, que se encontravam desanimados no que tange à ideia de um grupo profissional por conta do período de estagnação pelo qual passava a Associação Piauiense de Imprensa.

Figura 10 - Dom Avelar Brandão Vilela o primeiro a ser produzido pelo serviço de clicheteria do Jornal *O Dia*.

Fonte: Jornal O DIA. Teresina, 31 ago. 1968, ano XVIII, n. 2.520, p. 1.

Em impressos como os jornais *O Dia* e *Jornal do Piauí*, comunicar a missão central e marcas identitárias, provocar diálogos e negociações tanto entre si quanto com a população eram questões importantes, que delimitavam o seu lugar social. Havia momentos de renovação da autodefinição, do dizer sempre de si mesmo e da qualificação do outro ou da sociedade sendo o pano de fundo de disputas de poder. Construía a si próprias, constantemente, por meio de narrativas. Para seus redatores, *O Dia* representava, sem recuos nem curvas na sua missão editorial, os anseios populares. A poesia de Bina Batista simboliza a imagem que tentou construir para si e o lugar de fala que imaginava ocupar:

Salve O Dia!
 O cabecinha encarnada!
 Que mantém soberania,
 Em campanha encarnçada,
 Defendendo os pequeninos,
 Os pobres injustiçados,
 Como os grandes paladinos,
 Heróis dos tempos passados!²¹³

Com textos jornalísticos carregados de opinião, ao lado de outros mais informativos e próximos do cotidiano, os periódicos falavam das relações entre imprensa e governos pela perspectiva das garantias que a atuação dos primeiros daria ao bom andamento dos segundos. *O Dia* nota o aparecimento repentino de muitos periódicos na capital; contudo, prevê que as críticas e controvérsias resultantes desta agitação no setor dariam mais calor à vida democrática e abririam os olhos dos governantes no trato da coisa pública. Segundo a sua lógica, a fiscalização dos poderes públicos seria maior quanto mais amplo fosse o número de periódicos. A população ganharia com o fortalecimento da vigilância social jornalística, pois “governos livres das críticas facilmente desandam”.²¹⁴

Os caminhos do jornalismo piauiense indicam, portanto, que a partir da década de 1930, a cena política começou a misturar-se com a vida privada, dando a ver “que o social e o cotidiano da cidade eram agora enredos de uma peça representada nos jornais, não

²¹³ TIRA GOSTO. *O Dia*, Teresina, 2 fev. 1956, n. 326, p. 3.

²¹⁴ TÓPICOS e Notícias. *O Dia*, Teresina, 29 mar. 1956, n. 342, p. 6.

apenas pelas autoridades, mas também pelo cidadão comum, cujos autores eram homens de imprensa”.²¹⁵ A ampliação da arena pública ocorreu de modo célere.

Em 1950, os periódicos piauienses mantinham características de um jornalismo de transição, aproximando-se com avanços e recuos, de uma cobertura maior do cotidiano e editoração, segmentada conforme temas gerais, tais como: política, cidade, esportes, cultura e assuntos policiais. Até o momento, assuntos ligados a esses temas eram cobertos, mas não havia espaços específicos de publicação, sagrados em páginas e tamanhos determinados e invariáveis. Os assuntos flutuavam à margem gráfica, ao sabor da composição que o editor julgava mais coerente. Isso gerava a quebra de textos, por várias páginas, dificultando o estabelecimento de um contrato de leitura com o leitor.²¹⁶

O jornalista Deoclécio Dantas,²¹⁷ que começou a trabalhar em jornais impressos de Teresina em 1955, aos 17 anos, lembra que o processo de seleção para os jornalistas baseava-se em dois valores: o da boa redação e boa revisão. A princípio, o candidato era convidado a revisar um texto, em que teria de encontrar os erros que o próprio editor incluía. Aprovado nesta etapa, seguia para o teste redacional. Para o jornalista, a seleção era bem-sucedida pela própria dificuldade de se fazer jornalismo impresso.

Era a redação que assegurava o acesso ou não da pessoa. Nesse tempo deu certo. Dava certo porque na crise, na dificuldade, não tinha formação acadêmica, não tinha faculdade, não tinha o curso e eram as pessoas no batente, como se dizia na época, que faziam os jornais saírem. Elas terminavam se adaptando à prática do jornalismo, fosse em rádio ou fosse em jornal e era assim que acontecia a seleção. Tinha um secretário de redação que era, quase sempre, a pessoa que orientava os trabalhos na redação. Os repórteres eram poucos naquele tempo, então, o que cobria cidades, cobria política, polícia, economia, tudo. Enfim, não havia a disciplina, a regra, o departamento. A coisa era muito improvisada e muito difícil. Apesar disso, terminava dando certo, a necessidade terminava produzindo bons valores. Nossas condições de trabalho eram muito precárias. Não tínhamos condições materiais, no máximo um telefone. Nós não tínhamos comunicação fácil. Fazíamos um noticiário do jornal nacional e internacional gravando as emissoras de outros estados, principalmente, Rio de Janeiro e São Paulo, para copiar o noticiário. E em plano internacional, a Voz da América e a BBC de Londres. Era assim: gravava e depois copiava para dar forma àquilo e colocar no jornal, porque não tinha agência, não tinha sistema. As tiragens de cada jornal eram pequenas, não era acima de 600 exemplares por dia. Em 1968, quando transcrevi a leitura do AI-5 no Jornal do Piauí, era tudo feito a mão. Nem linotipo não tinha. Só O jornal O Dia trabalhava com linotipo. A composição manual era

²¹⁵ SAID, op. cit., 2001, p. 49.

²¹⁶ No resto do País, os jornais já seguiam a periodicidade diária, instaurando, a partir do *Jornal do Brasil*, a estruturação empresarial e adotando o modelo norte-americano de produção de textos. Conforme CONTI, Mário Sérgio. **Notícias do Planalto**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 43.

²¹⁷ O jornal *O Dia*, onde Deoclécio Dantas trabalhou como revisor, repórter e editor, chegou ao ano de 1955 usando o lema de órgão independente noticioso e político. Em obra sobre a ditadura e o jornalismo em Teresina, afirma que a linha política do jornal variava conforme as circunstâncias, ganhando linhas editoriais a partir do grau de intimidade do veículo com o poder. Mais detalhes: DANTAS, Deoclécio, op. cit., 2008. No Brasil, somente nos anos 1970 são efetivamente estruturados os primeiros cursos de Comunicação Social com a habilitação específica em Jornalismo. O Piauí, por sua vez, veio a contar com uma graduação desse tipo apenas em 1984, quando é formada a primeira turma de alunos do curso de Comunicação Social. Antes disso, a função social jornalística era abraçada por profissionais diversos.

feita por tipógrafos e ninguém fechava jornal antes das duas horas da madrugada.²¹⁸

O lugar social dos jornais era o do campo de convergência, para onde confluíam olhares desejosos de entender o espaço público e seus personagens, e de trabalhar mensagens que ficassem na memória. Os processos e produtos jornalísticos negociaram sentidos com vozes múltiplas. Dom Avelar foi personagem de atuação frequente neste lugar social chamado imprensa escrita. Nele viveu tensões e batalhas para defender sua atuação em Teresina. O preço da diversificação do púlpito foi ampliação das possibilidades de choques ideológicos com os interlocutores da cidade.

3.4 O arcebispo agindo na imprensa: batalhas e constituição narrativa do mundo

Dos muitos usos da imprensa para a Igreja Católica, além da divulgação do ideário da Santa Sé e do combate aos inimigos comunistas ou espíritas, havia um ligado à preparação dos recursos humanos. Para os religiosos em formação nos seminários, os diários cumpriam função adicional como campos de exercício público dos discursos sacros, gerando chances de contato com a sociedade na qual iriam trabalhar futuramente.

Foi com esse sentido que o seminarista Avelar Vilela produziu, na década de 1930, artigos e matérias na imprensa católica de Aracaju, conforme mostrado no primeiro capítulo. À medida que subia na hierarquia eclesial, o envolvimento do religioso com os meios de comunicação tornou-se mais intenso, sendo possível dizer, que viveu construindo sua própria imagem e a da instituição católica em programas radiofônicos e televisivos, além de inserções em folhas impressas seculares ou da própria igreja. Ao realizar o 1º Congresso Eucarístico de Petrolina, publicou uma revista dedicada ao registro da ocasião, na qual assina o texto de abertura.

Os grandes acontecimentos da vida merecem um registro especial. O Congresso Eucarístico Diocesano de Petrolina será luminoso marco de fé e de civismo na vida do sertão pernambucano. Eis porque a ideia de uma “Revista do Congresso” apresenta carinhoso esforço do presente no desejo de bem servir à curiosidade do futuro.²¹⁹

À época, Dom Avelar demonstrou, na publicação, consciência da historicidade construída em torno de suas atividades. De fato, a própria sistematização aplicada ao material recolhido sobre ele, ao longo de sua vida pastoral, disponível hoje no Laboratório Eugênio Veiga da Universidade Católica de Salvador, na Bahia, dá sinais que permitem pensar nesta perspectiva. Fotos, discursos, cartas, originais de telegramas, comunicados oficiais do Conselho Episcopal Latino-Americano e do Vaticano; artigos sobre suas

²¹⁸ DANTAS, Deoclécio. Teresina, 2009. Entrevista concedida à Thais de Araújo Carvalho em 20 maio 2009.

²¹⁹ SÁ Y BRITO, op. cit., 1995, p. 139.

viagens publicados em jornais do exterior; manuscritos e matérias de jornal de todo o Brasil foram catalogados, datados e separados em pastas, a partir de índice temático próprio, criado por sua assessoria do Palácio Episcopal de Campo Grande e da Basílica de São Salvador. Encontram-se arquivados no mencionado laboratório, conservando a ordem que sua equipe utilizou na década de 1970, contendo material trazido das cidades nas quais trabalhou ao longo da vida. São comuns as cartas manuscritas com suas correspondentes transcrições datilografadas. Pelo volume do material disponível, percebe-se que a rotina de seus assessores incluía um trabalho diário de leitura, recorte e armazenamento daquilo que os principais jornais impressos do Brasil publicavam sobre o arcebispo de Salvador.

Havia a preocupação com suas falas na imprensa, com a imagem constituída a partir daí, assim como é possível falar do peso atribuído à comunicação em si. Reunir-se com a imprensa era fato comum registrado nos jornais impressos do Piauí dos anos 1950 e 1960. As inserções falam de recepções que a imprensa e autoridades políticas promoviam quando do retorno de suas viagens. No saguão do aeroporto ou Palácio Arquiepiscopal, o arcebispo prestava contas de suas ações em longas entrevistas. Em outras ocasiões, como nos lançamentos das Campanhas da Fraternidade, e após suas participações no Concílio Vaticano II (1962-1965), a imprensa radiofônica constituía cadeia integrada de difusão para transmitir entrevistas com seus pareceres sobre os acontecimentos do momento. Nestas oportunidades, os profissionais da imprensa escrita também eram convocados.

Nas memórias dos jornalistas piauienses que com ele conviveram, Dom Avelar tinha a personalidade de um comunicador, que sofria da necessidade de otimizar a própria oralidade e ampliar a influência das mensagens católicas. Por isso, teria fundado a Rádio Pioneira.²²⁰ A emissora, fundada em 8 de setembro de 1962, “nasceu como uma sociedade por cotas de participação, em que o acionista majoritário era o arcebispo, porque a Igreja não podia ser proprietária de uma emissora de rádio”.²²¹ Em linha decrescente de poder acionário, estava a dupla de vigários padre Rego e Monsenhor Joaquim Chaves. Havia ainda o investimento pessoal do arcebispo no funcionamento do veículo de comunicação. Para Deoclécio Dantas:

Dom Avelar tinha a vontade e o desejo, sobretudo, pelo talento que possuía, de ser ouvido por um número maior de pessoas. Ele achava que no altar, o público não era bastante para aquilo. Então, ele conseguiu a rádio. Nessa iniciativa esteve dentro dele a necessidade e o desejo de primeiro ser ouvido e depois de difundir

²²⁰ Ao chegar a Teresina, fez uso da emissora de rádio Difusora, a única existente na capital, à época, para transmitir mensagens católicas. Outras atividades nesse sentido já existiam, como o programa “Avante Mocidade!” da União de Moços Católicos.

²²¹ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **História e memória da Rádio Pioneira de Teresina**. Teresina: Alínea Publicações, 2004. p. 65.

as ideias mais liberais, as questões mais objetivas e a defesa do interesse público com mais energia.²²²

Sob a sua direção, a emissora veiculava noticiários esportivos, musicais e jornalísticos, programas ligados ao Movimento de Educação de Base e de mobilização das massas camponesas e religiosas, como o *Desperta, camponês!*²²³ A missa de domingo, celebrada na Igreja de Nossa Senhora do Amparo, passou a ser retransmitida também pela Rádio Pioneira, integrando a face católica da programação já constituída pela *Oração por Um dia Feliz*, apresentada por Dom Avelar.

O jornalista Carlos Augusto Araújo Lima, diretor de comunicação da Rádio Pioneira nos anos 1960, lembra que o religioso possuía um rádio, à pilha, sobre a mesa de seu escritório, e assim acompanhava a programação da rádio. Usava esta audição para possíveis ajustes na programação jornalística ou musical, além das determinações transmitidas pessoalmente nas reuniões noturnas no Palácio Arquiepiscopal, realizadas com os radialistas. O objetivo era cuidar com rigor da linguagem e do conteúdo retransmitido, pela vinculação e compromisso direto com os preceitos do catolicismo.

Para o radialista Joel Silva, que conduzia programa jornalístico no fim da década de 1960, o cuidado com a produção e a apresentação da *Oração Por Um Dia Feliz* era rigoroso. Dado seu apego ao vocabulário correto, muitas orações só terminavam o processo de gravação às duas horas da madrugada.

Ao apresentar o seu programa ele não admitia qualquer ruído [...] A oração por um dia feliz é uma peça. Jamais deixou de ir ao ar nos horários preestabelecidos, nem que ele estivesse na China. Tinha um gravador que veio da Itália e era exclusivo dele, fitas exclusivas e um operador exclusivo: o Roni Vasconcelos. [...] As gravações aconteciam na casa dele (Dom Avelar) no Palácio Episcopal. Ele gravava e ia ouvir para ver se não encontrava erro.²²⁴

O rigor com que tratava os assuntos ligados à emissora está exemplificado na carta endereçada a Jesus Elias Tajra,²²⁵ diretor da Rádio Pioneira, em outubro de 1970. No documento, Dom Avelar cobrou explicações sobre o cumprimento dos horários de transmissão da *Oração por um dia feliz*. Pelo atraso no início da programação, o primeiro horário de veiculação da sua fala só estava indo ao ar 20 minutos depois do previsto.

²²² DANTAS, Deoclécio. Teresina, 2002. Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento em 19 mar. 2002.

²²³ O programa “Desperta, Camponês!” era dirigido e apresentado pelo advogado Manoel Emídio na Rádio Pioneira de Teresina. Segundo Deoclécio Dantas, o programa era “visto com desconfiança por ricos proprietários de terras, transformou-se em alvo dos conservadores e de oficiais da Guarnição Federal de Teresina, logo nos primeiros dias de atuação do grupo que derrubara o governo João Goulart. A emissora fundada por Dom Avelar foi logo submetida a uma censura rigorosa, a partir da medida que resultara no cancelamento do programa e seu apresentador recolhido, por 12 dias, a uma das celas do quartel do 25 Batalhão de Caçadores”. DANTAS, Deoclécio, op. cit., 2006, p.17-18.

²²⁴ SILVA, Joel. Teresina, 2002. Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento em 20 jul. 2002.

²²⁵ TAJRA, Jesus Elias. Teresina, 2002. Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento em 2002.

Em outra comunicação, iniciada com pedido de não publicação do seu conteúdo a terceiros, solicitou ao coronel Otávio Miranda, diretor-presidente do jornal *O Dia*, explicações pela opção de convênio entre o periódico e uma emissora concorrente da Rádio Pioneira. *Dr. Jesus Tajra se disse surpreso quando viu a nova posição de O Dia em matéria de rádio.*²²⁶

Além de trabalhar junto aos meios de comunicação, com seu próprio programa radiofônico e com o jornal católico *O Dominical*, o religioso pronunciava-se quando matérias jornalísticas o incomodavam. As que tratavam de suas ações para além do campo pastoral, buscando cercar sua atividade à exclusividade do campo religioso, foram objeto de esclarecimentos em formas de carta, dirigida aos diretores dos veículos.

Um exemplo foi carta endereçada ao diretor do jornal *Correio do Ceará*, em 16 de julho de 1970, questionando o posicionamento do repórter Lincoln Nery, que o havia entrevistado no Aeroporto do Galeão por ocasião de uma viagem a Roma. Pronunciando interesse em discutir a melhor distribuição do clero no mundo, uma vez que a sociedade marcada pela tecnologia e modernidade apresentava outras demandas da igreja, Dom Avelar sentiu-se acossado por críticas do jornalista quanto à sua autoridade para falar em técnica e progresso.

O jornalista acha que a tecnologia está fora do âmbito da igreja. A instituição é para cuidar de almas e não de corpos. É a vida que vem depois desta que é objetivo primacial dos sacerdotes. É o único território em que devemos mover os passos. Crê que tecnologia e modernidade são (sic) da alçada dos governos e dos laboratórios e que os sacerdotes não conseguiram divinizar o homem, mas desdivinizar Deus. Os rebanhos de Cristo se dispersam por obra exclusiva dessa insensatez inominável. Diz 'trate Dom Avelar de salvar as almas, intercedendo junto ao amado cordeiro para que perdoe os pecados do mundo. Pense apenas na paz de espírito. A outra paz é competência dos estadistas e dos generais'. Não entendo como as declarações rápidas e sucintas que dei podem oferecer campo tão vasto para lições de religião e tecnologia.²²⁷

Ao analisarem-se jornais para os quais contribuiu, católicos ou comerciais, é possível perceber mudanças no entendimento de Dom Avelar sobre a imprensa ao longo de sua vida religiosa. De palanque para a reacionária defesa católica, contra os ataques da ciência e da modernidade, passou a ser instrumento de registro de suas atividades ou intervenções, nas cidades nas quais trabalhou até chegar, em 1970 e 1980, a ganhar o sentido de campo imprescindível à manutenção de uma ordem democrática. Os textos publicados dizem das alterações no sentido político que o arcebispo atribuiu à operacionalização dos veículos de comunicação, em que pese a persistência no uso dos impressos para a constituição pública de seu pensamento, ora considerado mais

²²⁶ VILELA, Dom Avelar Brandão. Carta pessoal do acervo da Cúria Metropolitana de Teresina. Teresina, 27 jul. 1970, p. 1.

²²⁷ Ibid. Teresina, 16 jul. 1970, p. 2.

reformista, ora tido como mais moderado dentro da igreja e das conjunturas políticas que se sucederam ao longo do tempo.

Em conferência pronunciada na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo,²²⁸ a imprensa como alicerce democrático e a conjuntura política de então são colocadas como participantes de uma relação delicada, que precisa pender para a menor repressão das expressões populares, só conseguida com a compreensão dos homens que dirigirem ambos os poderes: imprensa e governos. A conferência abordou a temática *Liberdade de Imprensa, Humanismo e Cristianismo*, indo a primeira além da consequência dos exercícios de valores cristãos. Segundo o arcebispo, *liberdade*, palavra de muitas acepções, estaria embutida no conceito próprio de humanidade. Ao direito de ser homem estaria vinculado o direito de ser racionalmente livre. Ao direito de ser livre, estaria ligado o direito de expressão. O contexto político e social de restrição de direitos civis condicionou, portanto, o posicionamento do arcebispo e seu entendimento sobre a imprensa.

É muito difícil, nesta hora turbilhonária do mundo, alimentarmos a pretensão de possuir uma sociedade unicamente capaz de andar em linha reta, certa da cabeça aos pés, a guiar-se por medidas e indicações milimétricas. O desencadear de tantas ideias jogadas em todas as direções, o fermento atuante dos mais diversos anseios do 'ter mais' e do 'ser mais', a mobilidade espantosa no campo social e religioso, o histórico conflito das gerações em termos de afirmação peremptória, a queda violenta de tabus e a iconoclastia dos reformadores carismáticos, o fixismo exagerado dos conservadores e o espírito vingativo dos desesperados e dos injustiçados, ao lado dos sonhos utópicos dos semeadores de angústias sociais, tudo isso faz de nosso século um verdadeiro mundo em gestação, uma espécie de fogo corcel, difícil de ser domado, aos primeiros movimentos do mais destro cavaleiro.²²⁹

Por esta percepção, o arcebispo via nos anos 1970 um tempo que falava da necessidade de pesquisa, originalidade, de espírito crítico, no qual seria ignorância não perceber mudanças nas consciências das massas, marcadas pela ânsia de participação nos bens produzidos. A modernização, todos os dias apresentada e renovada pelas mensagens dos meios de comunicação, dava a entender que este era o século do homem.

O homem é matéria e como matéria precisava de seu sustento. O homem é portador de elementos espirituais e materiais. Uma filosofia que, iluminada pela Teologia dá, em princípio, a primazia do espírito – 'quoerite, primum, Regnum Dei' – procurai, primeiro o Reino de Deus, mas não deixa de aceitar e de fato aceita o

²²⁸ VILELA, Dom Avelar Brandão. *Liberdade de Imprensa, Humanismo e Cristianismo*. Conferência pronunciada na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, em 19 de junho de 1970. In: DANTAS, Deoclécio, op. cit., 2006, p. 32.

²²⁹ *Ibid.*, 2006, p. 34.

princípio que diz – *primum 'vivere e deinde philosophare'* – primeiro viver e depois filosofar.²³⁰

Sendo pauta constante nos jornais piauienses e em outros Estados, a personalidade de Dom Avelar e seus atos passaram pela etapa de avaliação e tradução social, comum à ótica dos homens de imprensa, gerando representações que, a princípio, poderiam ser facilmente sobrepostas pela semelhança entre si, dando a impressão de existência de uma imagem positivada coletivamente e incontestada dentro ou fora da imprensa. Seminarista, diácono, padre, cônego, bispo, arcebispo, primaz ou cardeal, Dom Avelar foi traduzido, nos textos jornalísticos, como grande orador sacro, brilhante intelectual católico, diplomata, político, redentor da pobreza, comunicador, príncipe da igreja, pastor de almas, mobilizador social e homem de prestígio na Santa Sé e nos meios políticos nacionais.

As adjetivações entram no jogo da rotina produtiva de jornalistas e colaboradores de jornais, atravessada pelo desafio de construir narrativas baseadas em veracidade, argumentação, credibilidade e interesse social amplo. Sob esta lógica, julgar, confrontar e classificar informações em torno de um tema central, criando um quadro de certa forma estável e compreensível de referências sobre ele, para que se torne palatável ou acessível ao público heterogêneo, ganha sentido. Esta estratégia ajuda a entender os adjetivos comuns nos jornais, nas memórias dos que conviveram com ele e nos discursos do poder público, como mostra a epígrafe da estátua erguida em sua homenagem no centro da capital piauiense.

A memória do jornalista Deoclécio Dantas segue o enquadramento dos discursos que comumente resumem e envolvem o arcebispo, pois o percebe pela oralidade ou capacidade de não apenas saber falar, mas obter retorno popular dos seus discursos. O classifica como o maior comunicador de todos os tempos no Piauí. “Dom Avelar achava que o arcebispo de Teresina não devia ser só aquela pessoa que cuida das coisas da Igreja, tinha que falar com o povo”.²³¹

Artigo de Gilberto Freyre coaduna com essa concepção de orador sacro e carismático. Referindo-se à palestra *Igreja e mudança social*,²³² Freyre o classificou a partir do que percebeu nas reações dos ouvintes do cardeal.

Carisma não se adquire por vontade própria. Tem-se ou não se tem. Ele tem. Quando em prece, essa sua atitude é seguida pelos que o veem em prece. Não se

²³⁰ VILELA, Dom Avelar Brandão. Liberdade de Imprensa, Humanismo e Cristianismo. Conferência pronunciada na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, em 19 de junho de 1970. In: DANTAS, Deoclécio, op. cit., 2006, p. 36.

²³¹ DANTAS, Deoclécio. Teresina 2002. Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento em 19 mar. 2002.

²³² Palestra proferida por Dom Avelar, como cardeal, na Fundação Joaquim Nabuco, em Recife, Pernambuco, em set. 1986, apenas três meses antes do seu falecimento.

trata de lógica, mas de sobrelógica de sua parte. Ele faz que o acompanhem em prece quem já deixou atitudes de crentes seguidas quando criança. Todo um público heterogêneo o seguiu na sua demonstração de fé no vasto auditório da Fundação Joaquim Nabuco, inclusive uma inquieta inteligência brilhante e um cientista escandalosamente ateu. Viu-se como que cientificamente, o que é o poder do carisma. Viu-se o que é esse poder de maneira mais clara, mais incisiva, mais inegável. [...] Sou brasileiro de muitas experiências. Não é em vão que minha idade é chamada das avançadas. Pois nunca vi um líder religioso de alta responsabilidade e notável saber, após proferir conferência em recinto dos mais nobremente intelectuais, fitar o público e exclamar para esse público que ia terminar sua conferência com uma prece, imediatamente dando início a essa prece e sendo também imediatamente acompanhado nessa prece por um público heterogêneo na sua composição erudita. Só um carismático teria esse arrojo.²³³

As dez páginas do discurso que impressionou Gilberto Freyre, ainda com anotações que o arcebispo acrescentou de próprio punho, encontram-se no Museu do Sertão, em Petrolina, cidade onde Dom Avelar exerceu o primeiro mandato episcopal. Nelas, o religioso lança o recurso dos questionamentos a si próprio, como forma retórica de convidar os interlocutores a também se questionarem. Estas marcas discursivas estão logo na abertura de sua fala, quando põe em dúvida a importância ou sentido de sua presença no Seminário Nacional de Tropicologia, assunto que não dominaria. Perguntas sobre as posições da Igreja em meados de 1980 – quando a redemocratização, a descrença na instituição religiosa e a autoridade romana passavam por forte questionamento social – servem como trilho condutor de sua fala.

A Igreja que aparece nas palavras de Dom Avelar é marcada pela contradição: é santa e pecadora, divina sem deixar de ser humana. Fixada no tempo e no espaço, embora trazendo consigo a força concentradora de teses teológicas universais, vai absorvendo o clima e as características dos ambientes nacionais, regionais e locais. Seria uma igreja a se mover enquanto acumula o peso do conhecimento de vinte séculos de existência. Formada por homens, seria, por conseguinte, histórica e viveria na promessa de sua vitalidade no tempo. A oração final, que despertou a atenção de Freyre, reconhecia as diversidades e contradições da Igreja e demonstrava o planejamento que envolveu sua fala.

Senhor, estamos aqui reunidos, uma família diversificada, uma família pluralista do pondo de vista do pensar, do sentir, do opinar, mas todos voltados para um sentido da unidade. Unidade que não é uniformidade, mas aquela unidade substancial da raça humana, aquela unidade que estabelece laços e vínculos naturais e originais de uns para com os outros [...] Estamos aqui discutindo a posição da igreja frente à mudança social, desejando que prevaleçam no mundo as ideias mais inteligentes, mais puras, mais nobres, mais capazes de aproximar os homens mesmo nas suas divergências, mas aproximar os homens como pessoas, fazendo amigas mesmo quando há diversificação filosófica ou religiosa. Qualquer que seja a nossa colocação filosófica, há sempre dentro de nós alguma

²³³ FREYRE, Gilberto. Meu caro arcebispo carismático. **Diário de Pernambuco**, Recife, 2 out. 1986, p. 5.

coisa que nos aproxima um do outro e alguma coisa que nos aproxima do infinito e do absoluto.²³⁴

Outras impressões, porém, pouco exploradas nas pesquisas sobre o religioso falam da vaidade emergente. As lembranças do radialista Carlos Augusto de Araújo Lima, diretor do Departamento de Jornalismo da Rádio Pioneira na década de 1960, são cercadas por afetividade exemplificada no ciúme e orgulho da carteira de trabalho profissional assinada por Dom Avelar. No entanto, também o classifica como um homem vaidoso.

Vestia sempre os paramentos de arcebispo com aquele chapeuzinho vermelho na cabeça. [...] Ele só andava todo paramentado. Por que? Para ser notada a presença dele. Quando chegava, chegava Dom Avelar! Não se começava uma solenidade em Teresina, antes que Dom Avelar chegasse. Ele ficava acompanhando para ver que horas o governador chegava, ou ele chegava mais ou menos junto ou chegava depois para poderem ficar esperando por ele, para chamar a atenção. Era uma estratégia dele. Por isso, ele tinha grande popularidade.²³⁵

O jornalista Joel Silva também guardou esta representação das atitudes do arcebispo, e a associa à necessidade da manutenção de um lugar de fala diferenciado em relação às demais autoridades constituídas. No sentido de suas memórias, a vaidade demonstrada, longe de ocorrer em sentido gratuito, seguia roteiro mais amplo de comportamento. Sua memória refere-se a um homem que se fazia lembrar. “Pragmático, mas intelectual, metódico e com uma boa dose de vaidade. Não era autoritário, mas não perdia a oportunidade de chamar as atenções”.²³⁶ O argumento para sua fala vem da descrição da forma como Dom Avelar chegava à Rádio Pioneira: evitando surpresas, “anunciava quando iria à emissora e chamava todos os funcionários para recebê-lo. Ao chegar, não se apressava para ocupar nenhuma dependência como diretor, mas adiantava para que alguém o conduzisse”.²³⁷

Para os jornalistas, o comportamento do arcebispo trazia indicativos de percepção ampla do contexto social da cidade, até pelo trabalho diário de se comunicar com seus habitantes através do rádio. Relembrem, então, o arcebispo como um homem que “tinha um poder de pressão política muito grande, porque era dono de uma locução, de um discurso, se não populista, mas que trabalhava muito sua figura construída no meio da população”.²³⁸

²³⁴ VILELA, Dom Avelar Brandão. Igreja e mudança social. Conferência pronunciada na Fundação Joaquim Nabuco, em Recife, Pernambuco, em 16 set. 1986, p. 10.

²³⁵ LIMA, Carlos Augusto de Araújo. Teresina, 2002. Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento em 14 abr. 2002.

²³⁶ SILVA, Joel. Teresina, 2002. Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento em 20 jul. 2002.

²³⁷ Id. *ibid.*

²³⁸ DANTAS, Deoclécio. Entrevista, *op. cit.*, mar. 2002.

Porém, a permanência de Dom Avelar em Teresina não ocorreu sem batalhas travadas, inclusive, no campo dos discursos jornalísticos. E apesar da reserva de credibilidade aderida à sua imagem, tensões eclodiram em circunstâncias singulares ligadas, sobretudo, às ações do arcebispo fora do campo religioso. Análise desses documentos permite considerar que a opção pela arena jornalística de discussões não apenas garantiu condições de se dirimir problemas, mas de representar publicamente as ideias e valores que constituíam e moviam as ações de cada escritor.

Os esforços reunidos em torno da causa da educação, bem como os viveres proporcionados a partir da instalação da Faculdade Católica de Filosofia colocaram o arcebispo no centro de um debate sobre a qualidade e os propósitos dos intelectuais piauienses, que o escritor O. G. Rego de Carvalho²³⁹ vinha fomentando nos meios jornalísticos e culturais desde 1956.

Jovem romancista, O. G. Rego publicou artigos no jornal *O Dia*, não só questionando atributos da intelectualidade piauiense, como o próprio sentido de instituições em torno das quais esta se reunia, como a Academia Piauiense de Letras e Instituto Histórico e Geográfico.²⁴⁰ Tentando mediar o conflito provocado por suas palavras, o periódico lançou nota na primeira página discordando em parte do escritor:

Contrariando a opinião de O. G. Rego de Carvalho, o Piauí possuiu e possui intelectuais de valor. Da Costa e Silva, Félix Pacheco, Abdias Neves, Berilo Neves, Higino Cunha, Clodoaldo Freitas, Zito Batista, Anísio de Abreu, Amélia Beviláqua, Alcides e Lucídio Freitas, Celso Pinheiro, Jonas da Silva, Armando Madeira [...] e outros piauienses de renome intelectual confirmam a nossa assertiva. Em parte, O. G. Rego de Carvalho tem razão, em sua implicância com o intelectualismo, porque, realmente, a Academia Piauiense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico do Piauí nada têm feito, nos últimos anos, pelo desenvolvimento intelectual de nossa terra. Não podemos dizer, que no momento presente, haja piauienses de sólida cultura e de mérito intelectual. O que falta em nossos intelectuais de mais erudição e talento é a iniciativa em escrever obras de cunho literário e científico.²⁴¹

Até deixar o Piauí, em meados de 1957, para morar no Rio de Janeiro, O. G. Rego direcionaria sua crítica ao próprio arcebispo, acusando-o de capitanear a fundação de uma Faculdade Católica de Filosofia, permitindo que fossem selecionados professores despreparados para as disciplinas dos cursos de Letras Neolatinas, História e Geografia e Filosofia. Estes docentes seriam intelectuais piauienses sem intimidade alguma com as áreas de estudo da faculdade, e sequer possuíam a qualificação exigida pela legislação em educação para assumir cargos no ensino superior. Foram chamados por O. G. Rego

²³⁹ Orlando Geraldo Rego de Carvalho nasceu em 25 de janeiro de 1930 em Oeiras, Piauí. Quando ainda estava no terceiro ano primário; em 1940, tornou-se colaborador da imprensa. Em 1942, tornou-se romancista.

²⁴⁰ Esta crise que marcou a intelectualidade nos meados de 1950 também é abordada pelo biógrafo do poeta H. Dobaí, considerado um dos mais importantes do cenário literário piauiense, na biografia escrita por SILVA, Halan Kardec F. **As formas incompletas**: apontamentos para uma biografia. Teresina: Oficina da Palavra/Instituto Dom Barreto, 2005.

²⁴¹ O DIA. Teresina, 22 ago. 1957, n. 487, p. 3.

de *medalhões*, e atacados principalmente através de críticas desferidas contra o professor Clemente Honório Parente Fortes, o primeiro diretor da FAFI.

Em *ABC da Filosofia*,²⁴² artigo não assinado, mas com autoria atribuída ao romancista pelos intelectuais que se sentiram ofendidos, colocou para cada letra do alfabeto o nome de um candidato a professor que, segundo sua ironia, não dispunha de competência para assumir as disciplinas. O revide veio em forma de textos escritos sob pseudônimos e publicados nas edições de jornais concorrentes, principalmente o *Jornal do Piauí*. O teor era de questionamento à qualidade das ficções publicadas por O. G. Rêgo.

As acusações do escritor, que incluíam desafios intelectuais, cobranças por publicações e cumprimento da jurisdição em educação brasileira se prolongaram. Na coluna *A Cidade*, com artigo intitulado *Ensino Primário*, O. G. Rego de Carvalho reclama do salário de mil e quinhentos cruzeiros pago aos professores desse nível de instrução, e lança novas indagações: “Como Teresina estaria pronta para ingressar no ensino superior de Humanidades diante de condições tão precárias ainda no ensino primário, somadas à situação particular de falta de formação dos professores candidatos às vagas na Faculdade de Filosofia? “Ou os intelectuais produzem, ou nós, que somos incapazes, vamos produzir por eles. Poderão autodidatas fazer professores?”²⁴³

Os professores *pés-duros*, donos de uma erudição oral e não escrita, segundo o romancista, não deveriam conduzir os destinos dos alunos da faculdade. Em seu lugar, deveriam ser convocados docentes gabaritados por aprovação de suas teses diante de uma banca examinadora de seleção. Nesses artigos, Dom Avelar fora criticado por não selecionar a intelectualidade e não considerar a chance de trazer profissionais das regiões Sul e Sudeste do País. Para o romancista, trazer professores qualificados de outros Estados brasileiros seria fácil diante do prestígio social do religioso, com a vantagem adicional de contribuir para a vinda de novas ideias ao Piauí. No entanto, o arcebispo se matinha em silêncio em relação aos questionamentos.

O ponto alto das críticas foi a carta aberta endereçada diretamente ao arcebispo, com o título *Deus e os Homens*.²⁴⁴ Neste texto de despedida, pois estava prestes a deixar o Piauí para morar no Rio de Janeiro, O. G. Rego tece críticas, não só enquadra o processo de seleção docente assumido pelo arcebispo em termos de indicações pessoais e não competências técnicas, como amplia seu olhar para as ações do religioso, estivessem estas dentro ou fora do campo eclesial. Inquiriu e qualificou a linguagem do periódico católico *O Dominical* como apologética e fechada a qualquer contribuição que

²⁴² CARVALHO, O. G. Rego de. *ABC da Filosofia*. *O Dia*, Teresina, 14 jul. 1957, ano VII, n. 476, p. 3.

²⁴³ *Ibid.* *Ensino Primário*. *O Dia*, Teresina, 11 ago. 1957, ano VII, n. 484, p. 2.

²⁴⁴ *Ibid.* *Deus e os homens*. *O Dia*, Teresina, 13 out. 1957, ano VII, n. 503, p. 1.

não partisse dos religiosos católicos. Desqualificou o comportamento do religioso frente à crise da intelectualidade, pois, ao não se pronunciar publicamente a respeito, tornava-se anuente com os críticos do romancista. A carta em seu final responsabilizou o arcebispo pelo abandono dos católicos, pois preocupava-se em demasia com questões ruralistas e desprezava os problemas pastorais e necessidades espirituais do seu rebanho.

A resposta do Arcebispo, publicada no jornal *O Dia* na edição seguinte, em tom formal, atribuía as críticas do romancista a possíveis crises espirituais pelas quais estivesse passando, e reiterava votos de progresso social a Teresina, a partir da instalação da faculdade, sendo a intelectualidade local o motor mais interessado no desenvolvimento do povo do Piauí.

A resposta diplomática foi alvo de editorial de *O Dia*, que se absteve de atribuir razão a uma das partes, e ressaltou a diplomacia do arcebispo em manter uma discussão em nível compatível com o que se esperava de um ocupante do cargo de arcebispo. Para o jornal:

Dom Avelar demonstra o apreço de S. Exma. Revdma não só pela opinião do autor, mas também pela salvação de sua alma. A carta de D. Avelar representa profunda compreensão. O gesto mostra que compreendeu a importância da imprensa na formação da sociedade. Apesar de Chefe de Estado, não se fugiu ao dever de um pronunciamento, e o fez à altura da crítica, com a mesma sinceridade e respeito. Com esta atitude, contribuiu fortemente para melhorar as condições morais de nossa imprensa, que em parte, ainda está faltando à altura da responsabilidade.²⁴⁵

Não foi o único atrito que ganhou as páginas dos jornais. Segundo consta na matéria publicada pelo jornalista Orlando C. Rollo, em *O Dia*,²⁴⁶ o periódico *O Compasso* veiculou o texto *Presença de Petrolina*, na sua primeira edição do mês de julho com críticas que feriram a honra do arcebispo de Teresina.²⁴⁷ Sobre este assunto, Dom Avelar redigiu, de Petrolina, Pernambuco, uma carta à sua mãe em Viçosa, Alagoas.

O que houve de extraordinário foi um boato que surgiu em Teresina, na minha ausência, de que fora agredido, em Petrolina. Não se sabe quem apareceu lá com essa conversa! [...] Teresina possui gente muito boa. Mas também dispõe de elementos de má-fé, capazes de pretender criar uma situação desagradável para quem possui a responsabilidade da igreja e foi tão bem aceito no meio. Lá deve existir uma rancorosa maçonaria que não deve sentir-se bem com esses primeiros meses de minha atuação por lá.²⁴⁸

Em que pese este exemplar de *O Compasso* não estar disponível à pesquisa no Arquivo Público, é possível perceber a reação originada da mácula aos discursos

²⁴⁵ A LIÇÃO de Dom Avelar. *O Dia*. Teresina, 24 out. 1957, ano VII, n. 505, p. 1.

²⁴⁶ ROLLO, Orlando C. Ocorrência lamentável. *O Dia*, Teresina, edição de 11 de julho de 1957, n. 475, p. 2.

²⁴⁷ Por ocasião do mal-entendido, a população de Petrolina, representada por 41 signatários, enviou a Teresina uma carta pública de apoio ao arcebispo, criticando com veemência o autor dos ataques feitos a Dom Avelar.

²⁴⁸ VILELA, Avelar Brandão. Carta redigida da cidade de Teresina, para sua mãe, Isabel Brandão Vilela, em Viçosa (AL), em 17 out. 1957.

sacralizados em torno do arcebispo. A imprensa registrava de imediato as repercussões, as monções de apoio e de desagravo, demarcando nomes que compunham os dois lados da questão: quem criticava e quem era ofendido. Desse modo, organizava em uma dualidade pouco esclarecedora os fatos ao leitor: colocava quem era amigo e quem se levantava contra a igreja católica, mas os representava em matérias que nem sempre explicavam a fundo o teor das intrigas. O jornal posicionava-se diante das celeumas participando das situações, mas o leitor não tinha a mesma oportunidade.

Condenando a crítica do jornalista de *O Compasso*, *O Dia* passa a refletir sobre a ética na profissão, sempre no limiar entre a missão pública, que tem como fim o bem social, e a prática remunerada como outra profissão qualquer. Aborda o papel dos veículos de comunicação na cidade, frente ao povo e ao poder público, e, ao final, não encontra na argumentação do jornalista agressor fundamento que justificasse as críticas feitas ao arcebispo. No entanto, em nenhum momento detalha os motivos das acusações, nem explica o lugar de fala do jornalista. As razões da celeuma, para o leitor, permanecem inacessíveis e Dom Avelar é representado como o mobilizador injustiçado, por ser incompreendido pelos que não entendem ações desenvolvimentistas do Piauí.

Por ocasião das cheias do rio Parnaíba, em 1960, que afetaram principalmente os municípios do Interior do Estado, como Picos, Jaicós, Conceição do Piauí e Itainópolis, os jornais construíram uma representação de liderança contra a calamidade centrada na figura de Dom Avelar e em si próprios. Há alusões à figura da primeira-dama Maria do Carmo Caldas Rodrigues, frente ao atendimento dos mais necessitados. No entanto, o papel de protagonistas da *Campanha da Solidariedade* é dado ao próprio arcebispo e aos veículos de comunicação – radiofônicos (Difusora e Rádio Clube) e impressos (Jornal *O Dia*, *Jornal do Piauí*) – que se sensibilizaram com os apelos iniciais emitidos pelo chefe da Igreja Católica no Estado.²⁴⁹ De Dom Avelar teria partido a mobilização social para a arrecadação de remédios, roupas, comida e dinheiro em prol dos ribeirinhos ou inundados.

Naquele momento, os veículos impressos se orgulharam do conjunto das ações que fizeram renascer o sentimento cristão no coração das pessoas mais favorecidas economicamente e, principalmente, que fizeram o Piauí ser notado por outros Estados do Brasil e até outros países, como um lugar realmente carente de ajuda, repleto de problemas e de pessoas largadas à míngua. Nesse momento, junto com a figura de líder assistencial e espiritual, os veículos trabalham, a partir de Dom Avelar Brandão Vilela, o discurso da pobreza e da potencialidade que não se desenvolve tanto pelos dramas naturais, como seca e enchente, quanto pelos políticos que agem com descaso e

²⁴⁹ CALAMIDADES. In: *O Dia*, Teresina, 3 abr. 1960, n. 760, p. 2.

corrupção. Os jornais escolheram construir, naquele momento, a representação do Piauí necessitado de ajuda externa e do olhar piedoso do outro, para que pudesse contornar os dramas sociais que o vitimaram.

Das representações presentes nas narrativas jornalísticas e nas memórias das fontes orais, pelo lugar de fala que ocupavam, é possível entender que Teresina e o arcebispo estiveram em relação de comunicação permanente, conflituosa quanto mais intensa fosse a inserção de Dom Avelar Brandão Vilela nos campos estranhos à sua missão religiosa. A mediação dos conflitos e as permissões sociais para seu engajamento social foram construídas pela prática discursiva,²⁵⁰ portanto, histórica, simbolizadas na sua oratória e trabalho diário de posicionar-se através dos meios de comunicação da época. Quando os arquivos sonoros são raros, as fontes hemerográficas reunidas ao longo da década e meia de sua permanência em Teresina demonstram isto.

É possível entender que, por meio dos jornais, cartas, memórias e discursos, as relações entre o religioso e a capital emergem na intimidade com as regras históricas, determinadas no tempo e no espaço e definidoras, nas décadas de 1950 e 1960, das condições de existir e de se enunciar publicamente.²⁵¹ A despedida de Dom Avelar de Teresina demonstra mais aspectos de sua ligação com a cidade.

3.5 As despedidas do Piauí

Aos trinta dias do mês de maio de 1971, às 13h30, Dom Avelar Brandão Vilela deixou Teresina, fechando um ciclo de quinze anos de apostolado. Após uma escala em Petrolina, onde receberia homenagens, seguiu para Salvador com o objetivo de tomar posse como o 23º arcebispo da primeira Igreja Católica fundada no País, condição honorífica dentro da hierarquia eclesiástica.

A despedida foi carregada de dramaticidade. “No dia em que deixou Teresina seu carro foi praticamente empurrado até o aeroporto, e houve cenas de verdadeira histeria, com mulheres chorando e desmaiando”.²⁵² A ida ao aeroporto em cortejo saído do Palácio Nossa Senhora das Graças, no centro, não foi uma manifestação isolada. Nos dois meses anteriores, o arcebispo realizou mais de vinte viagens a municípios do Interior, em algumas oportunidades utilizando a aeronave custeada pelo Governo do Estado para atender às solicitações de fiéis que desejavam prestar homenagens antes da partida.

²⁵⁰ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 16. ed. São Paulo: Loyola, 1996. p. 34.

²⁵¹ Segundo o conceito de prática discursiva, “que vem a ser um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definem numa determinada época e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística as condições do exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, op. cit.).

²⁵² O RENOVADOR e o diplomata. **Revista Veja**, Rio de Janeiro, 7 fev. 1973, n. 231, p. 50.

As provas da afeição são os cartões, bandeirinhas, poemas, flâmulas, missais e programas de despedida acumulados nas pastas pessoais de Dom Avelar na Bahia. Os alunos das escolas da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, associações religiosas, paróquias, apostolados da oração, prefeituras, Governo do Estado e leigos assinam essa documentação com poemas, músicas e ofertas de ramalhetes espirituais. Conforme a tradição da época, os ramalhetes consistiam na realização de missas, confissões, terços, comunhões, sacrifícios e atos de obediência, zelo e caridade feitos em nome de um religioso como provas de estima e obediência às diretrizes católicas. A Paróquia de Nossa Senhora do Livramento, no município de José de Freitas, prestou homenagem neste sentido em 22 de maio de 1971, data em que foi também conferido a ele o título de cidadania.



Figura 11 - Cartões de despedida e ramalhete espiritual oferecidos a Dom Avelar pelos fiéis do Piauí, em 1971.

Fonte: Acervo disponível na Cúria Metropolitana de Salvador

Na homenagem recebida no município de Amarante, também no mês de maio, a direção do ginásio da Costa e Silva, ligado à Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, reconheceu a angústia que a desvinculação da arquidiocese de Teresina trazia aos estudantes da região, pois não sabiam como a instituição iria continuar, uma vez que sua figura pessoal era garantia dos recursos para o custeio de despesas e representava um braço articulador, tanto junto à Coordenação Nacional da CNEG quanto ao Governo do Estado do Piauí.

Diante de sua partida, Dom Avelar solicitou aos diretores dos centros sociais que elaborassem um balanço das atividades realizadas, para que levasse consigo esta documentação e registrasse impacto da Ação Social Arquidiocesana na vida das famílias da periferia de Teresina. O setor educacional do Centro Social do Bairro de Fátima, por

exemplo, anexou os dados da evolução da escola primária. Em 1961, cinquenta e nove alunos eram atendidos. Em 1971, o número chegava 320 estudantes, no ensino primário e ginásial, que dispunham de merenda escolar e biblioteca com 629 livros. O centro social estaria em funcionamento pela parceria com o Governo do Estado para o custeio dos salários dos professores, incluindo ainda atividades de conselho de bairro, clube de mães, serviços médicos, odontológicos e nutricionais e cursos de artesanato, malharia, cortem e costuram, cestaria, crochê, bordado a mão.²⁵³

Nessas ocasiões, os sentimentos expressados pelos fiéis eram múltiplos e contraditórios. “A nossa gente tremula, palpita, ora reflete, ora se exalta, ora se agita, chora e ri comovida: ontem viu chegando o arcebispo; hoje, viu partir o grande amigo – adeus cardeal!”.²⁵⁴ A contradição traduzia o sentimento coletivo. A alocução do padre Raimundo Nonato de Melo, representante do clero da Arquidiocese de Nossa Senhora das Dores demonstra os sentidos de perda e de gratidão, euforia e desencantamento presentes nos pronunciamentos de sua posse na Bahia, marcando o ambiente de recepção com a evidência da estima sentida pelos piauienses.

A esta altura urge a pergunta: a quem serviu a transferência de Dom Avelar? Ao povo do Piauí, ao seu clero, às autoridades? A hora não é de lamentações. Se o fosse, com as lágrimas daquele povo, com os seus sentimentos, escreveríamos uma página bem trágica. [...] A quem serviu finalmente a transferência de Dom Avelar? À Arquidiocese de Salvador, ao povo de Deus nela localizado [...] o Piauí não poderia conceber algo de melhor à Bahia de Todos os Santos.²⁵⁵

Um programa de atividades organizado pelo monsenhor Joaquim Chaves foi realizado em 5 de maio de 1971, para que o povo de Teresina se despedisse do arcebispo exatamente no aniversário de quinze anos de sua chegada. Contou com homenagens na Assembleia Legislativa, almoço no Clube dos Diários para duzentas pessoas e sessão magna à noite, no mesmo local, com discursos do presidente do senado Petrônio Portela, membros da Academia Piauiense de Letras e representantes do Clero.

²⁵³ O texto faz alusão à ajuda da assistente social irmã Margarida de Castro, que chegou a Teresina em 23 fev. 1957, para implementar experiências de trabalho no campo social em nossos bairros.

²⁵⁴ Texto integrante do cartão de despedida da jovem piauiense Alice dos Santos Lopes, de maio 1971. Disponível no Laboratório Eugênio Veiga, na Universidade Católica de Salvador, Bahia.

²⁵⁵ UM BISPO de igreja viva. **Jornal da Bahia**, Salvador, 1 jun. 1971, ano XIII, n. 3.678. Não paginado.



Figura 12 – Multidão na missa de despedida dos piauienses, em 5 de maio de 1971, em frente a Igreja Nossa Senhora do Amparo.

Fonte: Acervo disponível na Cúria Metropolitana de Teresina.

A atividade dedicada à despedida da população em geral ocorreu durante a tarde, com concentração popular no adro da Igreja de Nossa Senhora do Amparo, mesmo local onde fora recebido em 1956. Simbolicamente, o intelectual que pronunciou o discurso de recepção no adro igreja, José Auto de Abreu, também foi convidado a proferir o discurso de despedida. Como o comércio fechou suas portas às 16h30 e foi decretado ponto facultativo no funcionalismo público pelo governador Alberto Silva, uma multidão compareceu diante da igreja.

Na imprensa, os editoriais tentaram traduzir a adesão popular à despedida. “A massa atendeu, como sempre, ao chamado do pastor, porque sentiu confiança nele e entendeu que seria pelas suas mãos que atingiria grandes conquistas, como atingimos durante o pastoreio de Dom Avelar”.²⁵⁶

O povo piauiense jamais foi tão verdadeiro, justo e reconhecido. Todas as homenagens tributadas ao grande príncipe da igreja ainda são pequenas para refletir a dimensão do seu apostolado em terras piauienses. Há 15 anos chegava Dom Avelar Brandão Vilela para transmitir a mensagem de Cristo e cumprir sua missão pastoral [...] Antes mesmo do Concílio Vaticano II no qual a Igreja lançou as bases do ecumenismo, no Piauí, o grande pastor já o exercitava, respeitando convicções ideológicas [...] Católicos e não católicos reverenciaram na sua pessoa a síntese da bondade, humanismo e solidariedade que teriam marcado Teresina num apostolado fecundo, humano e justo em todos os campos de atividades sociais. Em nome das crianças que tem colégios, de universitários que podem aqui completar seus cursos e dos necessitados que receberam assistência social.²⁵⁷

Além da cobertura no primeiro caderno, o jornal *O Dia* publicou edição especial com dois cadernos adicionais para prestar homenagens ao arcebispo. Continha sessenta e nove anúncios pagos por comerciantes, bancários, farmacêuticos, comerciários, prefeitos, diretores de repartições ou secretarias públicas, presidentes de associações de

²⁵⁶ PIAUÍ CHORA na despedida de Dom Avelar Brandão Vilela. *O Dia*, Teresina, 5 maio 1971, n. 3.282, p.

1.

²⁵⁷ OBRIGADO Dom Avelar. *O Dia*, Teresina, 5 maio 1971, n. 3.282, p. 3.

classes, paróquias e entidades religiosas, com texto de abertura assinado pelo governador Alberto Silva, reconhecendo a contribuição do arcebispo para o desenvolvimento do Estado. “Foi pela sua palavra que a consciência das autoridades federais se voltou para a necessidade de construir a Usina de Boa Esperança, que nos dá, hoje, condições de desenvolvimento e paz social”.²⁵⁸

Antes de despedir-se oficialmente, Dom Avelar se dirigiu à Prefeitura Municipal de Teresina, e em meio a homenagens de estudantes das escolas municipais, que lhes ofertaram rosas, ele devolveu simbolicamente as chaves da cidade ao prefeito Joel Ribeiro, alegando que as chaves verdadeiras que recebera em 1956 ficariam em seu coração.²⁵⁹

Depois de mais de dois meses de despedidas, o arcebispo chegou ao aeroporto acompanhado de uma comitiva formada pelo governador Alberto Silva, sua esposa, familiares e amigos. Enquanto uma concentração popular formava-se no aeroporto, uma *caravana da gratidão*,²⁶⁰ formada por vinte e três operários dirigiu-se a Salvador para assistir às solenidades de posse, utilizando ônibus custeado pelo governo do Estado e Prefeitura Municipal de Teresina. À comitiva piauiense se juntariam, em Salvador, outras vindas de Alagoas, Sergipe e Pernambuco.

Dom Avelar deixou Teresina chorando. No percurso de carro uma multidão prostrava-se à margem da Avenida para prestar as últimas homenagens. No aeroporto, centenas de pessoas se comprimiam junto ao cordão de isolamento armado pela polícia militar para isolar o arcebispo. As áreas que circundavam o campo de pouso, restaurantes terraços e todas as dependências da estação de passageiros ficaram tomadas pelo povo que chorava a despedida do Pastor D. Avelar.²⁶¹

A profunda ligação com as cidades, que o fazia se classificar como pertencente a todas elas, um alagoano-sergipano-pernambucano-piaueinse-baiano, ficou representada na última *Oração por um dia feliz* que recitou na Rádio Pioneira, antes de deixar Teresina. Embora longa, a citação vale ser colocada pela carga de afetividade:

Deus disse: ‘sai, sai desta Terra. Deixa este povo. Eu preciso de ti mais além. Vai para a Terra outra que eu vou te indicar’. Esta outra Terra era Teresina. Teresina no Piauí. Numa época difícil para o Piauí. Quando eu aqui cheguei, quanta dificuldade, quanta pobreza, quanto desalento, quanta falta de esperança. E começamos a trabalhar, começamos a levar adiante nosso lema de evangelizar e de humanizar. [...]. Os anos se passaram, quinze anos aconteceram, misturei a minha alma, com a alma de Teresina. Assumi as esperanças e as angústias de um povo. Foi lindo! Foi bonito. Quanta coisa para contar. Não! Não devo contar. Alguma coisa está espalhada no coração de todos. As lembranças são páginas do passado vividas no presente. Deus marcou, Deus está conosco. Mas, depois, houve outro momento. ‘Vem cá. Tu és meu servo. Eu preciso de ti, noutra paragem. Vai, vai para as terras da Bahia. Vai para primeira capital do Brasil, vai para Salvador’. E eu deixei o Piauí. E eu deixei Teresina, deixei amigos, deixei a

²⁵⁸ SILVA, Alberto Tavares. 15 anos de Santo apostolado. **O Dia**, Teresina, 5 maio 1971, n. 3.282, p.1, 3 Caderno. Edição especial.

²⁵⁹ DOM AVELAR entrega a cidade. **O Dia**, Teresina, 29 maio 1971, n. 3.322, p. 1.

²⁶⁰ CARAVANA operária vai a posse de Dom Avelar. **O Dia**, Teresina, 30 maio 1971, n. 3.221, p. 4.

²⁶¹ DOM AVELAR deixou Teresina chorando. **O Dia**, Teresina, 30 maio 1971, n. 3.223, p. 1-5.

Pioneira, deixei os Centros Sociais. Deixei tanta coisa! Deixei. Deixei porque eu não tinha feito nada para mim. Deixei tudo aqui. Parti sozinho. Sozinho, tal como chegara. Que beleza a gente ser livre! Livre dos bens materiais, livre naquela liberdade dos filhos de Deus, convivendo com todos, não se escravizando a ninguém [...] Senhor, termino, termino porque não posso continuar falando, não devo. Daqui a pouco estarei tomando o avião via Brasília. Hoje deverei chegar, com a Vossa graça, à cidade de Salvador. Adeus Teresina. Adeus Piauí. Adeus povo querido. Até outro dia, quando Deus o permitir. [...] Senhor, eu vos agradeço. Eu vos agradeço pelos dons todos que me destes, nesta Oração por um dia feliz.²⁶²

Colocar-se como narrador, como produtor textual era mobilizar a intelectualidade local, construir-se, abrir ou fechar caminhos aos seus próprios intentos e constituir a si, como religioso. Era colocar-se na marcha da missão religiosa. A escrita do outro importava a Dom Avelar, tanto que empreendeu fugas às classificações que textos jornalísticos lançaram em torno de sua imagem, como será visto no capítulo a seguir. O seu único livro publicado,²⁶³ discursos e livretos, cartas escritas pouco antes de sua morte mostram a visão particular sobre si próprio. Como Dom Avelar aquilatou sua existência? Que referências foram registradas?

²⁶² ORAÇÃO proferida em 30 maio 1971, pela Rádio Pioneira.

²⁶³ VILELA, Dom Avelar Brandão. A prece que brota da vida. Salesiano Dom Bosco. São Paulo, 1983.

4 A CONSTRUÇÃO DE UM MODELO DE VIDA COERENTE

São escassas as informações sobre a família de Dom Avelar Brandão Vilela; observa-se apenas que a convivência com pais e irmãos encontra-se sob um manto silencioso. O pouco desvelado é retomado na maioria dos textos pelo empenho de enfatizar o que já fora dito, e não de acrescentar novos dados ao que se conhece. Em uma primeira impressão, não há como encontrar o homem Avelar Vilela em família. Contudo, há momentos de ruptura da monotonia construída acerca do ambiente familiar do personagem. São ocasiões em que se pode encontrar o personagem no trabalho contraditório de silenciar sobre a vida pessoal, para construir uma trajetória pública, porém, a cada vitória sacerdotal, credita seu sucesso à origem familiar.

Pelos ritos que envolviam a inclusão na vida religiosa em 1930, os seminaristas eram convidados a trabalhar o desapego familiar e mundano, logo nos primeiros dias de vida contemplativa.²⁶⁴ O que explica em parte, silêncios²⁶⁵ produzidos em torno na vida em família e a seleção rigorosa do que é publicado sobre ela.

²⁶⁴ Ao ingressar nos seminários, geralmente aos doze ou treze anos de idade, os jovens tinham suas roupas incineradas e trocadas pelo hábito religioso. A veste talar ao mesmo tempo significava, com sua cor preta, a renúncia e a morte aos prazeres e vaidades do mundo, e uma honra especial concedida aos escolhidos por Cristo. Os superiores nos Seminários procuravam restringir ao máximo as possibilidades de comunicação com pessoas não envolvidas na formação sacerdotal, programando e modelando os contatos familiares posteriores ao ingresso nas casas de formação. AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus van der. **História da Igreja**

Em textos de ocasiões específicas, como aniversário episcopal e sacerdotal ou ascensão na hierarquia eclesial,²⁶⁶ é apresentado um perfil familiar centrado na tradição, na fé e no trabalho no Engenho Mata Verde. Essa representação foi posta em cena para embasar, ao menos em parte, o sucesso vocacional do religioso, com a atribuição de momentos originais à sua biografia. É como se pontos específicos do tempo vivido fossem responsáveis pelos acontecimentos que se sucederam dali em diante, levando-o continuamente ao sucesso na Igreja Católica. De garoto do interior da cidade alagoana, o personagem se tornou sacerdote, bispo, arcebispo, Arcebispo Primaz do Brasil e cardeal da Santa Sé em trinta e oito anos de carreira.

Entre os momentos originais estaria a herança religiosa familiar. O primeiro bispo de Alagoas, D. Antônio Brandão e os padres Eloy Brandão e Loureiro Brandão, os dois últimos irmãos de sua mãe, Isabel Brandão Vilela, seriam vultos de uma ascendência familiar, cuja experiência sacerdotal teria margeado a constituição de um lar católico, propício ao nascimento de novas vocações. A personalidade de Isabel Vilela, mãe de dez filhos e católica praticante, é outra influência citada, inclusive, nas declarações em primeira pessoa do sacerdote, ganhando importância nos rumos de sua vida. Outro argumento explicativo recai sobre a mística católica segundo a qual a voz de um Deus supremo fala ao íntimo de cada futuro padre. Essa mística o teria convocado ainda menino e lhe indicado o momento de agir na temporalidade do mundo na função de religioso. Por ter nascido em berço católico e recebido um chamamento místico, seu destino, portanto, estaria naturalmente ligado ao catolicismo.

As posturas explicativas levam a um olhar para o passado, no ambiente familiar do Engenho Mata Verde, embora a maioria dos textos não supere a citação superficial do seu local de nascimento. Entre 1912 e 1925, no ambiente rural de trabalho, tradição e fé, vivenciado pelo sétimo filho do casal Isabel Vilela e Elias Brandão Vilela, teriam ocorrido os primeiros sinais desencadeadores de seus avanços hierárquicos. O raciocínio segue o modo de ver o passado como causa do presente e chave de abertura de um futuro inevitável, reduzindo a potência das escolhas pessoais na definição dos rumos da existência.

no Brasil: ensaio e interpretação a partir do novo. Tomo II/3-2. Terceira época 1930-1964. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 540.

²⁶⁵ Os jornais *O Farol*, de Petrolina, e *O Dia*, de Teresina, chegaram a registrar as visitas de Dom Avelar ao Engenho Mata Verde, em Viçosa, para ver a família ou para se recuperar de problemas de saúde, mas não são dados detalhes sobre que doenças estariam fragilizando o religioso. Há silêncios quanto aos momentos familiares pelo número reduzido de correspondências de foro privado que estão disponíveis à pesquisa.

²⁶⁶ Esses textos foram publicados na imprensa comercial e católica ou nos comunicados oficiais da Igreja à época.

Uma série de méritos lhe é atribuída, tais como a obtenção da ordenação sacerdotal aos vinte e três anos, através de licença especial,²⁶⁷ a responsabilidade pela cadeira de Latim no Seminário Sagrado Coração de Jesus, em Aracaju, entre 1933 e 1942, antes de se tornar padre, e a sagração episcopal com apenas onze anos de vida sacerdotal, tornando-se o bispo mais jovem do Brasil. No entanto, as conquistas que o distinguem caem na naturalização sob o argumento da herança genética e vontade divina. Mostram, ainda, que fora percebido por seus contemporâneos pela perspectiva da excepcionalidade.

Avelar Brandão Vilela seria predestinado à Igreja Católica, um escolhido, que chegou ao reconhecimento nacional e internacional, quando soube utilizar o dom da comunicação a partir de uma índole isenta de contradições e de conflitos. Comparada a uma estrada ou caminho que levava inevitavelmente ao serviço no catolicismo, a sua existência era um modelo de vida coerente.²⁶⁸

No entanto, a complexidade da trajetória garantiu que nas memórias dos parentes e contemporâneos de seminários e nas cartas arquivadas, aspectos da vida familiar e religiosa sobrevivessem ao lado de um conjunto maior de explicações baseadas na ideia de predestinação. Desses documentos emergem as rupturas que desestabilizam esquematizações fixas: há momentos de construção de uma vida pública separada da vida familiar ou privada; situações nas quais a família é citada superficialmente como berço de sua vocação e outras mais raras, fora do ambiente solene dos discursos e palestras, nas quais as lembranças familiares são marcadas por afetividade e intimidade.

²⁶⁷ O Livro de Registros do Seminário de Aracaju não estabelece claramente a idade mínima para a concessão das ordens sacerdotais, cita apenas que respeita as exigências do Código do Direito Canônico vigente. Esse código foi resultado do trabalho direto de quatro papas do século XX, pois até então vigoraram orientações esparsas sobre a formação religiosa reunidas pela primeira vez durante o Concílio de Trento (1545-1563). Pio IX e Leão XIII ordenaram algumas partes do Direito Canônico em estrutura de código, e Pio X, mediante *Motu Proprio*, de 19 mar. 1904, o reviu e editou. O sucessor Bento XV apresentou em 4 dez. 1916 o novo Código, só promulgado em 27 maio 1917 pela constituição *Providentissima Mater Ecclesia* e vigorando em 19 maio 1918. Era este código que estava em vigência quando, em 1935, Dom Avelar recebeu as ordens sacerdotais. Conforme **Código de Direito Canônico**. Tradução oficial da CNBB. São Paulo: Loyola, 1983. Para BARRETO, “O seu objetivo era tornar visível a estrutura hierárquica e orgânica da Igreja; organizar o exercício das funções divinamente confiadas à sociedade eclesial e compor as relações mútuas entre os fiéis. [...] Cada nação deveria compor as diretrizes básicas para a formação sacerdotal, levando em conta as normas dadas pela suprema autoridade da Igreja, e aprovadas pela Santa Sé, devendo ser adaptadas a novas circunstâncias, em todos os seminários. De modo que cada seminário deve ter o seu próprio regulamento desde que aprovado pelo Bispo diocesano; ou se tratar de seminário interdiocesano, pelos bispos interessados, desde que o Código não seja agredido por este regulamento. O que se percebe é que o código e seus cânones não fazem da formação de padres algo homogêneo, as peculiaridades de dada local devem ser consideradas para que se entenda, de fato, a formação dos padres em cada local e em cada época”. BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro. O Código de Direito Canônico e a formação de padres. **Artigo**. p. 1. Natal, [19--].

²⁶⁸ Bourdieu critica este pressuposto de que a vida constitui uma totalidade marcada de coerências passíveis de apreensão, por representarem objetiva e subjetivamente um determinado personagem. Posicionamentos que forcem a interpretação de posturas como algo naturalizado ou que ocorreu desde sempre em uma trajetória de vida resvalam em coerência e linearidade que não condizem com a riqueza de uma história de vida. BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (Coord.). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: F.G.V., 1996. p. 183-191.

As últimas trazem sinais do Avelar que trabalhou a si, além do divino e da predestinação, no intuito de permanecer nos quadros da Igreja Católica. Permitem o contraste com o homem que, na maior parte dos textos, não combateu a versão da predestinação aliada à sua biografia e manteve o hábito de pouco falar publicamente sobre os detalhes da própria infância, definindo-se a partir do cargo religioso.

No momento de tessitura deste capítulo da dissertação, procuro ocupar-me da tensão entre o esforço de apresentar Dom Avelar Brandão Vilela como símbolo de coerência e homem isento de vida exterior à trajetória pública, e as contradições, incoerências, silêncios e adversidades que marcaram sua trajetória, e vieram à tona em documentos peculiares, irrisórios numericamente, em meio ao que se escreveu sobre ele, porém, historicamente válidos para uma narrativa biográfica.

Havia em Dom Avelar a saudade da infância no campo. Para a sobrinha Maria Isabel Vilela, com quem morou durante sua permanência em Teresina, o tio gostava de reviver os momentos no Engenho Mata Verde. Em casa, solicitava que cantasse a música sobre a propriedade do interior alagoano. “Ainda hoje canto para mamãe, que está sempre me pedindo isso. É uma canção feita por um primo. Tio Avelar sempre me pedia para cantar porque relembrava esse momento tão importante da família”.²⁶⁹

Mata Verde, sonho dourado/
Que vive e que mora no meu coração/
Mata Verde relembra a infância/
Brinquedos, castigos e repreensões/
Mata Verde, o vovô acordando e o
Engenho apitando com toda a pressão/
Mata Verde, bodoque e peteca
Jamais sairás da imaginação.²⁷⁰

A propriedade de que fala a música chegou às mãos de seu pai, Elias Brandão Vilela, por meio de herança de família. Filho de políticos alagoanos, casou-se com Isabel Loureiro Brandão Vilela, em 17 de abril de 1901, com quem teve dez filhos; Avelar Brandão Vilela foi o sétimo.²⁷¹

²⁶⁹ VILELA, Maria Isabel. Teresina. Entrevista concedida ao radialista Severino Filho. Arquivo da Rádio Pioneira da Teresina. Não consta data de realização.

²⁷⁰ Canção composta por um sobrinho de Dom Avelar Brandão Vilela, costumeiramente cantada em família. Depoimento concedido ao radialista Severino Filho. Arquivo da Rádio Pioneira de Teresina.

²⁷¹ Os filhos do casal, por ordem cronológica de nascimento, foram: José Aloísio Brandão Vilela (folclorista e Agricultor), Hercília Vilela Pimentel (dona de casa), Maria Nair Brandão Vilela (irmã de caridade) Francisca Brandão Vilela (monja beneditina), Giselda Marinho Brandão Vilela (após tornar-se viúva, o acompanhou aos apostolados de Teresina e Salvador, junto com a filha Isabel), Irene Vilela Vasconcelos (dona de casa), Avelar Brandão Vilela, Teotônio Brandão Vilela (senador, jornalista e empresário da agricultura), Osvaldo Brandão Vilela (médico em Maceió) e Rubens Brandão Vilela (agricultor no engenho Mata Verde). Antes da morte do arcebispo em 1986, Teotônio, José Aloísio e Osvaldo faleceram. O primeiro e o último em decorrência de câncer, o segundo de acidente automobilístico.



Figura 13 - Dom Avelar em foto de honra aos pais no dia da ordenação sacerdotal, em Aracaju.

Fonte: Acervo disponível na Cúria Metropolitana de Salvador.



Figura 14 - Dom Avelar com os pais e os nove irmãos, no Engenho Mata Verde.

Fonte: Acervo disponível na Cúria Metropolitana de Salvador.

Em entrevista gravada em Salvador na primeira metade da década de 1980, Dom Avelar quebrou o costumeiro silêncio em torno do Engenho Mata Verde, quando foi perguntado sobre a vida financeira da família, condição que lhe causava desconforto. “Meus pais não eram ricos. Meu pai era um homem lutador. Ele não tinha usina. A usina foi um fenômeno que veio depois, a partir do Teotônio com a sua vocação de desbravador”.²⁷² Em sua memória de infância, o Mata Verde era rudimentar, do tipo banguê, uma propriedade com canaviais e engenho de açúcar primitivo, anterior à usina, que o pai mantinha “ao lado de uma propriedade pequena de 900 hectares, onde cuidava da criação do gado que vendia, para com aquele lucro ajudar na criação dos filhos.”²⁷³

As lembranças do Arcebispo expressavam sentimentos diferenciados, com base no canal de expressão e no destino da fala. Enquanto o sentimento de saudade emergia nos pedidos de canto feitos à sobrinha Isabel, é a dificuldade para o sustento da família numerosa que permeia a fala direcionada à imprensa.

Seletividade e construção caracterizam a operação de memória de Dom Avelar. Ela edita e adequa recordações conforme as preocupações que o momento da fala impõe. Em seus pronunciamentos públicos, a consciência do peso do cargo religioso e

²⁷² VILELA, Dom Avelar. Teresina. Entrevista concedida ao jornalista Ney Gonçalves Dias. Arquivo da Rádio Pioneira de Teresina. Sem data especificada.

²⁷³ Id. *ibid.*

suas implicações políticas e sociais condicionavam os discursos. Isto se refletia na intenção de colocar os sentidos de interpretação em parâmetros limitados. O nível econômico da família era apresentado, portanto, dentro da situação peculiar: o sustento dos dez filhos, que demandava uma dedicação intensa ao trabalho, identificada com a luta contra as condições rudimentares de trabalho no campo. O acúmulo de terras era uma necessidade de sobrevivência e não sinônimo de luxo.²⁷⁴ O pronunciamento alinhava-se, deste modo, à concepção da doutrina social da Igreja, que vivia, em 1980, a cristalização da crítica à concentração de renda e opção de representação e assistência às camadas economicamente desfavorecidas.

Falar da família através de reminiscências de infância significava marcar sua identidade e municiar de informações o público que o julgava no presente. Havia em Dom Avelar a consciência desse julgamento social e tanto as memórias quanto a identidade que esforçava para construir seguiam em constantes negociações, de modo que não prejudicassem sua posição de arcebispo.

O autor da música, neto de Elias Brandão Vilela, registrou a presença do patriarca da família no cotidiano do engenho, dando a ver a marca de sua identificação com o trabalho desenvolvido no local. “O engenho era realmente a vida do meu pai, que era um homem simples, realmente do campo [...] seus irmãos quiseram estudar, se formaram, mas ele preferiu a vida rural”.²⁷⁵

Nos poucos registros em que Dom Avelar falou diretamente do pai, chamado pelos funcionários do engenho de *Capitão Senhor*, ressaltou seu aspecto severo, austero e dedicado ao trabalho. No perfil familiar, sua figura simbolizava a tradição nordestina de dedicação ao labor rural para a criação dos filhos. Lembranças mais detalhadas sobre o relacionamento entre os dois e a postura paterna em relação à sua opção pela vida religiosa foram silenciadas nos pronunciamentos públicos. Quando era inevitável assumir o temperamento severo do pai, amenizava o posicionamento ressaltando a inteligência e seu espírito de liderança para lidar com o engenho. Organizava em suas lembranças argumentos que funcionavam como mecanismos compensatórios dos defeitos paternos.

O que foi calado pelo personagem emergiu, no entanto, na imprensa comercial²⁷⁶ e em publicações especiais da Igreja nos anos 1980: Elias Brandão Vilela não foi um

²⁷⁴ Para Michael Pollack, a memória é seletiva, pois nem tudo fica registrado. Outro elemento da memória, a sua construção consciente e inconsciente, ocorre conforme as preocupações políticas e sociais do momento. Para ele, “o que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização”. POLLAK, Michael. *Memória e identidade social. Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 5, 1992.

²⁷⁵ Dom Avelar Brandão Vilela. Teresina. Entrevista concedida ao jornalista Ney Gonçalves Dias. Arquivo da Rádio Pioneira de Teresina. Sem data especificada.

²⁷⁶ Em entrevista à revista *Isto É*, em 1982, a reportagem aborda esta característica paterna. Conforme. VILELA, Dom Avelar Brandão. Não sou oposição, sou pastor. Entrevista concedida à Revista *Isto É*, n. 287, p. 93, em 23 jun. 1982.

homem marcado apenas pela rudeza e severidade no trabalho rural, mas no ambiente familiar se colocara contrário ao ingresso de filhos na vida religiosa. No texto de homenagem ao jubileu sacerdotal de Dom Avelar, elaborado em julho de 1985 pela Arquidiocese de Salvador, monsenhor José Gilberto Luna, vigário geral e coordenador das comemorações, citou o perfil pouco religioso de Elias Vilela, com base nas informações cedidas pelos familiares. No capítulo que trata dos traços biográficos, o *Capitão Senhor* é apresentado como homem de inteligência viva, mas

[...] não sentia atração pela penumbra das sacristias. Estranhou, portanto, a decisão do filho. Entrar para o Seminário lhe parecia uma carreira absurda. Desabafava: 'é melhor ser qualquer outra coisa na vida do que ser um padre ruim'. A esposa é quem sempre defendia a vocação do filho.²⁷⁷

Conhecendo a personalidade paterna, o próprio Avelar, às vésperas da ordenação, enviou carta ao pai, pedindo que participasse da sua primeira missa, a ser realizada na igreja matriz da terra natal, próxima ao Engenho Mata Verde.

Ficaria tão contente, tão satisfeito se no dia de minha primeira missa tivesse a ventura de lhe distribuir a sagrada comunhão!? E isto seria tão fácil para o senhor! Se esse desejo meu não se realizar, minha alegria não será completa. Queria ter a felicidade de, nesse dia, levar Jesus Sacramentado ao coração de meus queridos papais, de meus irmãos e dos membros da família que me quiserem dar esse prazer. Comuniquem a todos os parentes.²⁷⁸

Não há registros sobre a participação do pai na distribuição eucarística da sua primeira missa. Porém, nas cartas pessoais e pronunciamentos públicos ao longo da vida, fica perceptível o ressentimento que a desaprovação e o afastamento paterno de suas atividades lhe causaram. Nos momentos de ascensão eclesial, quando costumava olhar para o passado para significar o seu momento vivido no presente, as informações sobre o pai eram sucintas. Abordagens mais longas sobre este aspecto da vida, quando aconteciam, estavam na voz de terceiros, como a imprensa ou a própria Igreja. No discurso de posse da Academia de Letras da Bahia, marco de sua aceitação na comunidade intelectual baiana, reforçou que Elias Brandão Vilela, se tivesse cultivado, “como os irmãos, a inteligência que Deus lhe deu, por certo teria marcado de luz a sua geração. [...] Dele aprendi a independência moral e a percepção clara e realista dos problemas da vida”.²⁷⁹ Em paralelo, a percepção da figura materna era acentuada pelas características católicas. “Anjo tutelar da minha vida, viveu o lema beneditino ‘*ora et*

²⁷⁷ DOM AVELAR Brandão Vilela. Meio século de pregação. Homenagem da Arquidiocese de São Salvador da Bahia pelo seu jubileu sacerdotal de ouro, 27 out. 1985. p. 14.

²⁷⁸ VILELA, Dom Avelar Brandão. Carta pessoal. Propriá (SE), 13 out. 1935.

²⁷⁹ Ibid. Discurso de posse na Academia de Letras da Bahia, 12 ago. 1976.

labora' no trabalho, na piedade sincera e na devoção sem limites à formação religiosa e moral dos filhos.”²⁸⁰

Para o filho, o desenvolvimento integral de Elias Brandão Vilela, pelo desinteresse em relação aos estudos, ficara incompleto. As lembranças da mãe, cercadas de afetividade, contrastam com o distanciamento guardado em relação ao pai, e demonstram as estratégias de organização e apresentação de suas lembranças familiares, segundo as quais as influências paternas e maternas na vida familiar eram distintas.

Em postal datilografado constante no acervo pessoal arquivado em Salvador, o cardeal respondeu sobre a influência da mãe na sua vida.

O que mais encantava em minha mãe era a simplicidade pessoal, o espírito de oração fervorosa, a dedicação ao trabalho doméstico, o interesse permanente pela educação dos filhos. Minha vocação sacerdotal nasceu espontaneamente, mas encontrou no coração de minha mãe um exemplo lúcido de mulher forte e entranhada de fé, capaz de ajudar-me a ver, claramente, a beleza do caminho a percorrer. Sempre foi um ponto de referência em minha vida.²⁸¹

A prova da dedicação materna, segundo ele, estaria na boa formação que todos os irmãos tiveram, tornando-se religiosos, médicos, agricultores, intelectuais ou políticos, como o senador do Movimento Democrático Brasileiro, Teotônio Vilela.

Por essas marcas nas poucas falas sobre o cotidiano da família Brandão Vilela, começa a ruir a ideia da transmissão natural de uma vocação católica no seio familiar. Apesar da ideia de herança ter sido utilizada, o silêncio pessoal sobre a oposição paterna à opção de vida religiosa demonstra o trabalho e o empenho necessários para levá-la adiante. Em sua memória, os empecilhos que existiram na casa da infância, representados na autoridade paterna indisposta com o catolicismo, são ressignificados, e expostos como exemplo da determinação e firmeza que Elias Vilela necessitou ter para o sustento da família e garantia de integridade de caráter dos filhos. “Meu pai era um homem muito rígido e defendia a tese de que quem é alguma coisa deve ser de verdade”.²⁸²

Mais cinco personagens da infância foram lembrados pelo Arcebispo, com a sua eleição ao Colégio Cardinalício, em fevereiro de 1973. À época, a imprensa mobilizou-se para divulgar aspectos biográficos frente ao contexto internacional de valorização da Santa Sé aos religiosos brasileiros.²⁸³ O pronunciamento oficial do cardeal lembrou a

²⁸⁰ Id. *ibid.*

²⁸¹ VILELA, Dom Avelar Brandão. Postal do acervo do Laboratório Eugênio Veiga, Universidade Católica de Salvador. Salvador, Bahia. Documento sem disponibilidade de data.

²⁸² DOM AVELAR Brandão Vilela. Especial Dom Avelar. Um prazo para entregar o pode aos civis. **Jornal de Brasília**, Brasília, 10 abr. 1977, p. 16.

²⁸³ Na mesma ocasião em que Dom Avelar recebeu o título honorífico de cardeal, o Vaticano elegeu o brasileiro Dom Paulo Evaristo Arns e mais 28 bispos de todo o mundo, oportunizando a condição de eleição de um novo papa a 116 dos 145 novos cardeais. Por determinação do Concílio Vaticano II, somente votam

professora que o alfabetizou em Viçosa, Maria Eufrozina da Silva, e o baiano José Domingos Moreira, do Ginásio Viçoense, que o preparou para iniciar o curso de nível médio. “Tinha uma régua disciplinar e uma respeitável palmatória sempre tão temidas, mas que, graças a Deus, respeitaram a criança tímida e curiosa que eu fui”.²⁸⁴ Os demais citados em tom de saudade e agradecimento foram Dom José Tomas Gomes da Silva, o bispo de Aracaju que lhe conferiu a primeira e segunda tonsura, ordenação sacerdotal e a consagração episcopal; o tio e padrinho Manoel Brandão Vilela, que o levou ao Seminário pela primeira vez, e monsenhor Cândido Machado, ministro da primeira comunhão e organizador da sua primeira missa em Viçosa. A menção destes personagens teria ocorrido porque o “ajudaram a descobrir no corpo das letras a alma das coisas, dos homens, dos acontecimentos, do tempo e da eternidade; abriram as portas do tesouro da sabedoria, humana e divina”.²⁸⁵ A figura paterna não participava do quadro de referências educacionais e de apoio à vida eclesial. Antes disso, simbolizava resistência diante das dificuldades e uma inteligência não trabalhada nos bancos escolares.

A existência de outra personagem de infância foi conhecida pela entrevista da irmã Hercília Brandão Vilela à Revista Veja, em 1973. Residente ainda em Viçosa, Alagoas, foi ouvida para compor o perfil do irmão e transmitir o sentimento da família e da cidade ao receber a notícia da eleição de seu primeiro cardeal. A intenção da reportagem era a busca de detalhes da intimidade familiar que pudessem ajudar a entender a trajetória, e traçar uma imagem mais atualizada de Dom Avelar. Pelas memórias de Hercília, a vocação sacerdotal fora estimulada também pela negra Generosa, doméstica no Engenho Mata Verde, e participante dos primeiros doze anos de vida do arcebispo.

Tinha uma preta velha no engenho, a Generosa, que vivia repetindo: ‘Meu filho vai ser padre, não vai’? Ele dizia: ‘Vou’. Então, ela completava: ‘Você reza uma missa para a nega?’ E ele respondia: ‘Rezo!’ E realmente logo depois da ordenação rezou uma missa pela alma da Generosa.²⁸⁶

Nos pronunciamentos deixados pelo cardeal, no entanto, ela não é citada. A canção que inspirava seus mergulhos no passado, vivido no Engenho Mata Verde, também não a citou nem referenciou outros personagens além do pai. No entanto, a constância dos pedidos para que fosse cantada demonstra a identificação do cardeal com

ou podem ser votados na eleição de um novo chefe da Igreja Católica os cardeais com idade inferior a 80 anos. O consistório de 1973 no qual Dom Avelar recebeu o título foi o quarto convocado por Paulo VI, deixando o Colégio de Cardeais com a maior internacionalização e menor média de idade já vistas, com participantes de mais de vinte países e média de idade na casa dos sessenta anos. O Brasil passou a ter cinco cardeais: Dom Avelar Brandão Vilela (Salvador) Dom Paulo Evaristo Arns (São Paulo), Dom Eugênio Sales (Rio de Janeiro), Dom Vicente Scherer (Porto Alegre) e Dom Carlos Carmelo Mota (Aparecida).

²⁸⁴ Trechos de sua fala na imprensa, em fev. 1973, foram recolocados em seu discurso de posse na Academia de Letras da Bahia. VILELA, Dom Avelar Brandão. Discurso de posse na Academia de Letras da Bahia, em 12 ago. 1976.

²⁸⁵ VILELA, Dom Avelar Brandão. Discurso de posse na Academia de Letras da Bahia, em 12 ago. 1976.

²⁸⁶ O RENOVADOR e o diplomata. **Revista Veja**, São Paulo, n. 231, p. 50. 7 fev. 1973.

a mensagem contida na letra. No jogo das lembranças, a saudade tanto solicitava a execução da canção, como o canto suscitava saudades e lembranças, memórias, como, por exemplo, os temperamentos doce da mãe e austero do pai, e a vivência infantil no campo, com brincadeiras desenvolvidas ao som do apito do engenho. Em meio à liberdade do espaço rural para brincadeiras, os castigos e repreensões permaneceram na memória após cinco décadas vividas longe do lugar. Contudo, o ressentimento emerge, abordado como aspecto do cotidiano, o que torna o Engenho Mata Verde um lugar que desperta saudade.

Avelar Vilela deixou o engenho aos doze anos, e foi levado ao Seminário Arquiepiscopal de Nossa Senhora da Assunção, em Maceió, em 5 de março de 1925, pelo tio e padrinho Manoel Brandão Vilela. Ao longo da vida silenciou sobre dificuldades vividas nos primeiros momentos da formação sacerdotal. Por sua vez, seu contemporâneo de batina, Medeiros Netto, jornalista e político, redigiu sobre este ponto da sua trajetória.

O seu terno era azul-cinza. Não trazia chapéu. Os seus sapatos eram pretos. O seu ingresso fora lá pelas seis da tarde, à mercê de um crepúsculo quente e de poucas nuvens. [...] Recordo-me de que chorei, apenas, quando me queimaram o paletó, no dia da recepção da batina. Mas o menino Avelar era chorão, demasiadamente saudoso da casa grande do engenho de seus avós e pais. [...] Enquanto eu refletia a agilidade do sertanejo, cheio de travo e do amargor cruel da ensolarada região do sudeste, ele era manso, silente, tranquilo, como se refletisse o açúcar da sua vida adocicada, desde que nasceu senhorial.²⁸⁷

Ao relembrar seu ingresso na casa de formação, cinquenta e um anos após aquela data, o cardeal refletiu sucintamente sobre a sua vocação, o ambiente doméstico e as relações familiares. Para ele, os irmãos viviam sob o signo da amizade, “no entanto, cada qual seguia o seu caminho, segundo a sua vocação. Entrei para o Seminário. Não sei como nem porque, desde criança, a ideia de ser padre se instalou no meu espírito.”²⁸⁸ Espontaneidade vocacional e ambientação católica familiar são o centro da explicação do cardeal sobre a sua opção pelo sacerdócio. Os problemas ocorridos não são tratados.

Fora do campo de declarações em primeira pessoa, a título de contextualização de sua identidade, terceiros o apontaram como orador sacro, comunicador e articulador da Igreja, legitimando sucesso à opção pela vida religiosa. Partem dos feitos do personagem nas cidades em que pontificou apostolado, e produzem sentidos de continuidade de uma vida marcada pela identificação entre o homem e o religioso, sem margem para a ocorrência de conflitos e contradições. Apesar de representar a opinião institucional da Igreja Católica teresinense, em um momento de festividade religiosa, o 1º Encontro

²⁸⁷ NETTO, Medeiros. Menino de Viçosa. **O Dominical**, Teresina, 10 jan. 1965, n. 2/65, p. 5.

²⁸⁸ VILELA, Dom Avelar Brandão. Curitiba, 1976. Entrevista concedida ao Jornal Voz do Paraná em 26 set. 1976.

Eucarístico de Teresina, uma fala do monsenhor Joaquim Chaves ajuda a entender como se constituiu uma imagem de coerência, mobilização social e de popularidade em torno do arcebispo.

Há homens marcados a quem Deus destaca para missões especiais no seio do povo. Até parece que sem eles, a história não poderia desenrolar-se. São pontos-chaves nos planos da Providência. Seu influxo decisivo imprime um rumo característico ao curso dos acontecimentos. São guindados à celebridade, independente de suas vontades [...] Quem não o conhece no Piauí? Quem já não sentiu direta ou indiretamente o influxo de sua portentosa personalidade? Sabe dizer 'não' na hora que precisa, mas de uma maneira que ninguém lhe guarda ressentimento.²⁸⁹

A representação de Dom Avelar como homem de pulso moderado, mas firme e capaz de dar rumo aos acontecimentos, em uma primeira leitura, não deixa margem a maiores indícios de vacilações contra a sua vocação de pastor. Harmonia entre todas as fases de sua vida, além de equilíbrio, moderação e certeza de sucesso progressivo são as ideias correntes. Entretanto, existiram vozes mais raras que destoaram da corrente de naturalização de harmonização da trajetória do arcebispo.

Avelar era um menino franzino e muito calado, segundo a irmã Hercília Vilela. Houve empenho pessoal, além de vocações naturais, na construção da oratória requerida pela vida sacerdotal que o enquadraria como um dos maiores oradores sacros do Brasil. O padre alagoano Luís Sarmiento, contemporâneo do Seminário em Maceió, teve Avelar Vilela como seu prefeito,²⁹⁰ e lembra o jovem

[...] magrinho, baixinho, tímido e ensimesmado que era o seminarista. Vivia muito na capela, quem não o encontrava ali é porque estava na banca preparando as lições ou estudando português. Era muito estudioso e prefeito da primeira divisão. [...] Tinha algo de enérgico, mas sempre muito diplomata. Nunca foi de levar casos à Reitoria ou fazer queixas a ninguém. Ele resolvia tudo sozinho. E sempre que tinha uma folga, ao invés de ir ao recreio, ficava lendo um livro muito grosso "Serões Gramaticais" [...] Se não me engano, Dom Avelar fez alguns gols no campo do seminário. Gostava de jogar futebol.²⁹¹

²⁸⁹ Monsenhor Joaquim Chaves. Dom Avelar Brandão Vilela. **Revista Caravana**. Especial. Primeiro Encontro Eucarístico de Teresina. Ano XIV, jan. 1961. Rio de Janeiro.

²⁹⁰ A figura do prefeito de divisão era comum nos Seminários brasileiros no início do século. O Capítulo VIII do Livro dos Estatutos do Seminário Episcopal do Sagrado Coração de Jesus, em Aracaju, define o prefeito da divisão como alguém a ser escolhido entre os seminaristas, pelo reitor, através de seu adiantamento ou destaque nos estudos. Sua função básica era supervisionar o comportamento dos demais seminaristas, mantendo a reitoria informada de possíveis desvios de conduta que agredissem os estatutos.

²⁹¹ SARMENTO, Padre Luis. Nosso cardeal quase não se ordenava padre. Maceió, 1973. Entrevista concedida ao jornalista Alves Damasceno. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 8 abr. 1973.



Figura 15 - Dom Avelar com a mãe e dois irmãos, no Engenho Mata Verde, em 1926, aos 14 anos.

Fonte: Acervo disponível na Cúria Metropolitana de Salvador.

Como testemunha da época de 1925 a 1930, o sacerdote revelou à imprensa a fase mais difícil vivido pelo colega seminarista: o episódio que culminou na sua transferência para o Seminário do Sagrado Coração de Aracaju, em Sergipe, no final da década de 1920. Sobre este ponto da trajetória de Dom Avelar não há pronunciamento de outra fonte, nem registros de repercussão que a revelação do padre Luís Sarmento pudesse ter causado.

O ano era 1929, antes do fim do período letivo no Seminário. No decorrer das aulas, Avelar Vilela conversou com os colegas de curso e fez críticas a respeito dos sermões do diretor espiritual da casa, cônego Luiz Barbosa.

Ah, rapaz! Não prestou. O assunto rendeu e foi levado ao reitor, que na época era o cônego Antônio Tobias. E este, com aquele seu gênio às vezes explosivo, chamou à Reitoria o Avelar para que repetisse o que tinha feito. E ele confirmou: - Eu disse e acho que as pregações do cônego Luís são muito enjoadas a cansativas. Pronto! Foi a espoleta! Levou um carão danado e chegou a ser aconselhado a deixar o Seminário. Naquela noite, quando eu voltava da banca, encontrei o Avelar chorando, sozinho, de joelhos, na capela. Depois ele saiu de férias e nunca mais voltou ao Seminário. Soubemos que ele estava cursando Filosofia em Aracaju. Do imprevisto, quase que deixava de ser padre. É fato, que, para continuar, muito trabalharam os cônegos Cícero Vasconcellos e Antônio Valente. Eles tiveram o cuidado de contornar as coisas e mudar o rapazinho.²⁹²

O homem Avelar Vilela, nestas falas, é reenviado ao universo de complexidade, contradições e momentos de crises próprios das trajetórias de vida. As concepções de coerência e harmonia que se construíram em seu entorno perdem fixidez e dão lugar as tensões vividas na articulação entre seus pontos de vista e o contexto social e religioso vivido.

Para Medeiros Netto, a capacidade de transitar por situações adversas a partir do posicionamento de si mesmo era a característica marcante do personagem. “Conciliador, mas decidido [...] e habilidoso. De fato Dom Avelar, hoje prefere não firmar pontos de vista

²⁹² SARMENTO, op. cit., **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 8 abr. 1973.

quando há choque de ideias. Mas sabe onde quer chegar”.²⁹³ A propensão à diplomacia e conciliação, no entanto, não se havia cristalizado no passado. Sendo capaz de resolver o mal-estar criado dentro do Seminário alagoano, o personagem sofreu a interrupção da formação religiosa na sua terra natal e a consequente transferência para Sergipe.

Por conta do conflito inesperado, os documentos que necessitou levar para o Seminário Sagrado Coração de Jesus têm data de 1930, apesar de atestarem seu desempenho nas disciplinas do ginásio cursadas entre 1925 e 1929. Durante mais de cinquenta e um anos, o arcebispo arquivou em Salvador as declarações originais de 1930, e a integridade do acervo demonstra o apreço com que esta documentação foi conservada em meio à totalidade de documentos ali recolhidos.

Pertencem às memórias dos colegas de Seminário as informações sobre os gostos pessoais e as pistas sobre os rumos que o sacerdote começou a desenhar para a sua biografia. Monsenhor José Moreno de Sant’Ana, padre do município de Neópolis, em Sergipe, conviveu com Dom Avelar entre 1931 e 1933, no Seminário de Aracaju, sendo o prefeito de sua divisão, além de ser professor de Francês e Religião. Juntos jogaram futebol, e Avelar Vilela era o zagueiro do time. O trabalho do colega em prol da constituição de oratória modelar ressalta, em suas lembranças, a fala; como a oralidade para o seminarista virara objeto de exercício.

Sendo permitido aos filósofos e teólogos ocuparem o púlpito sagrado da capelinha do Seminário durante o mês mariano, o povo procurava saber qual era o dia de Avelar. O templo ficava repleto de fiéis. Era o seu auditório [...] e nos passeios do seminário era generoso com os menos prevenidos da turma sob os seus cuidados, pagando guloseimas quando em algum lugar estacionavam.²⁹⁴

Isolados da família, os colegas de vocação lembram os tempos de Seminário e o seu cotidiano, atualizando as recordações, pensando no cardeal em projeção nacional à época de suas falas. A saudade, a proximidade ou distanciamento em relação a sua figura expressam-se nos detalhes selecionados para divulgação.

A posse de Dom Avelar como arcebispo primaz do Brasil motivou o padre sergipano Manoel Soares a relembrar as experiências vividas quarenta anos antes, na cidade de Aracaju. Os momentos de recreação, em contraponto à disciplina rígida do ambiente de confinamento, e as relações de amizade são abordados em tom de saudade.

Nas quintas-feiras e aos domingos, o nosso joguinho de futebol. Nossos times organizados e valentes chegando a vencer um campeonato intercolegial de que faziam parte o velho Ateneu Pedro II (hoje colégio estadual), o “Tobias Barreto” e o colégio Salesiano. Dom Avelar era zagueiro e todos jogavam de batina e na

²⁹³ NETTO, Medeiros. Nosso cardeal quase não se ordenava padre. Maceió, 1973. Entrevista concedida ao jornalista Alves Damasceno. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 8 abr. 1973.

²⁹⁴ SANT’ANA, Monsenhor José Moreno de. Nosso cardeal quase não se ordenava padre. Maceió, 1973. Entrevista concedida ao jornalista Alves Damasceno. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 8 abr. 1973.

areia, com prefeitos rigorosos e reitores também. Vida que não volta, mas que a gente lembra com saudade, carinho e com amor. Dentro dessa paisagem, dentro desse quadro, uma mocidade vibrante, ardente, sonhadora. Estudando, brincando, jogando bola e se preparando para a vida e para o sacerdócio.²⁹⁵

Os detalhes da rotina no Seminário Sagrado Coração de Jesus foram estabelecidos nos estatutos redigidos pelo bispo Dom José Tomaz Gomes, em 1914, distribuídos para os alunos no ato de seu ingresso, e lidos em voz alta no refeitório da casa de formação ao menos uma vez por mês.

A preparação para a vida sacerdotal incluía a imposição de orações e “exigia posturas condizentes com a de mediadores de Deus na terra”.²⁹⁶ De segunda a domingo, os seminaristas deveriam levantar-se ao sinal do despertar e executar orações ainda em seus quartos e em seguida se dirigirem à capela para novo ciclo oratório e missa.

Durante os períodos de oração era expressamente proibido sair dos recintos, ler livros que não fossem os exigidos na ocasião ou olhar para trás e para os lados. Após a missa, era servida a refeição. Dado início aos recreios que intercalavam as aulas nas bancas de estudos, nenhum aluno poderia ocupar as dependências das salas de aula. À tarde, era obrigatória a participação em momentos como saudação aos anjos, terços e ladainhas oferecidas à Nossa Senhora, precedidas pelas leituras da Bíblia. A rotina noturna incluía jantar, visita à capela para adoração do Santíssimo Sacramento, ceia e volta à capela para as orações da noite e o exame de consciência.

O cotidiano de orações só era quebrado às quintas e domingos, com os passeios fora do Seminário, sob a supervisão do diretor espiritual, vice-reitor ou do próprio reitor, ou pelas visitas de parentes. Nos recreios, as diversões permitidas incluía o jogo de futebol, desde que fosse praticado no campo do Seminário e com os seminaristas usando a batina tradicional.

A disciplina afetava até a forma de transitar pelas dependências do estabelecimento: oferecendo os cursos de Filosofia, o preparatório em humanidades e o de Teologia, os estatutos exigiam a separação dos alunos de cada curso em divisões que ficassem a cargo de um prefeito, vice-prefeito ou suplente escolhido entre os próprios estudantes. Não se poderia andar fora da divisão, nem abandoná-la sem prévia autorização do superior.

Aos prefeitos cabia a cobrança pelo uso de trajes sempre limpos, a serem lavados pelos próprios usuários. Deviam, no entanto, reparar se os seminaristas trajavam-se “sem

²⁹⁵ SOARES, Padre Manoel. Uma Lembrança. **A Semana**, 6 e 7 jun. 1971, ano XLI, n. 23.

²⁹⁶ Os padres eram percebidos como instrumentos de representação divina e mediação entre os planos terrenos e celestes diante dos fiéis. Conforme: Capítulo X – Da piedade. Estatutos do Seminário Sagrado Coração de Jesus. Aracaju, SE, p. 9, 15 nov. 1914.

exagerada elegância”,²⁹⁷ e prezar pelo silêncio total nos banheiros, refeitórios e bancas de aula. Suas obrigações incluíam denunciar ao reitor quando um seminarista visitasse o quarto de outro ou falasse com os empregados que estivessem trabalhando no estabelecimento.

No ato de recepção de novos alunos, o Seminário Sagrado Coração de Jesus exigia certificados de batismo, vacinação e bons antecedentes morais e religiosos, assinados pelo vigário de sua paróquia de origem. Reservava-se o direito de não receber jovens com doenças contagiosas ou fracos a ponto de não cumprir a rotina de aulas. O calendário anual seguia de fevereiro a novembro, intercalando-se com períodos de férias, a serem cumpridas junto à família e aos padres de suas paróquias de origem, evitando o relacionamento com pessoas fora dos contextos familiares e católicos.

Mesmo com tanta rigidez, conforme a memória do padre Manoel Soares, a vida no Seminário de Aracaju era intensa, e as práticas de lazer e de preparação sacerdotal incluíam as atividades na Academia Literária São Tomaz de Aquino, já citada, e na capela onde eram experienciados os primeiros sermões dos futuros padres. Nestes espaços, a memória dos contemporâneos remetem ao Avelar Vilela que vivenciou intensamente a prática da oralidade sacra e da homilia prevista no curso de Filosofia. Constituiu nestas práticas o falar sobre os temas católicos e os elementos de diferenciação de si próprio. Neste ponto da narrativa, refleti sobre este *falar* como recurso de distinção e identificação usado por Avelar Vilela, pois, abaixo desta superfície, estão estratégias que caracterizam sua trajetória de vida.

4.1 O falar de si: a fuga aos enquadramentos e invenção da postura moderadora

A necessidade de posicionar-se socialmente exigiu de Dom Avelar um esforço contínuo para a definição de si mesmo, principalmente após o Concílio Vaticano II e a Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino Americano, ambos constituindo momentos de reflexão e mudanças de postura da Igreja Católica frente às realidades vividas.

Entre outubro de 1962 e dezembro de 1965, sessões conciliares foram realizadas em Roma, com o objetivo de ajustar suas dimensões internas e externas às condições temporais e sociais vigentes, posicionando-se junto a dois segmentos mais amplos: o de fiéis e o da comunidade de não católicos. Era uma Igreja que havia experienciado o mal-estar frente à acelerada mudança de costumes e avanços tecnológicos no início do

²⁹⁷ Recomendação passada como forma de evitar que os seminaristas chamassem a atenção a partir de sua vestimenta e belezas física. Estatutos do Seminário Sagrado Coração de Jesus. Aracaju. Sergipe. Capítulo XI – Dos deveres dos seminaristas, p. 12, 15 nov. 1914.

século XX, e feito alianças malsucedidas com regimes fascistas para combater o avanço comunista no mundo. Internamente, vivia uma crise conservadora e padecia do pouco conhecimento sobre si.

Desde a década de 1950, estudos começaram a formular uma nova visão do catolicismo, influenciando a cúpula católica de Roma a uma reflexão interna, tal como a doutrina da democracia cristã, de Jaques Maritain,²⁹⁸ segundo a qual fiéis detinham a vontade divina à semelhança da instituição em si. O leigo poderia atuar politicamente, autônomo em relação à Igreja, mas permaneceria dependente em relação ao Clero no âmbito espiritual ou de realização de rituais. Um catolicismo mais progressista foi estimulado ainda pelas ideias de Emmanuel Mounier²⁹⁹ e sua proposta de liberdade coletiva como bem superior ao individualismo liberal e à prisão dos regimes totalitários. Ser católico implicava, portanto, em lutar pela liberdade própria e liberdade do outro. O dominicano Louis-Joseph Lebret,³⁰⁰ por sua vez, contribuiria com a ideia de economia solidária, na qual conceitos fraternais e não o mercado em si, impessoal e baseado no lucro, deveriam reger a produção, distribuição e consumo de bens.

A promoção do Concílio Vaticano II, aberto pelo papa João XXIII, colocou a instituição frente à diversidade de atuação eclesial na América Latina e Europa e em meio a reflexões sobre estudos teológicos de cunho progressista. A Igreja chegou ao ano de 1962 ansiosa por demonstrar capacidade de diálogo e atuação no mundo, provando o entendimento do contexto social, cultural e econômico da época. Os estudos realizados por seus representantes nas sessões conciliares tentaram definir uma identidade teológica, antropológica e eclesiológica necessária à manutenção do caráter transnacional de seus carismas e hierarquia.

A reconfiguração conceitual optou pela fundamentação em verdades perenes, de fundo divino no Cristo, em prol de uma mudança delimitada: o povo católico passou a ser conceituado como o povo de Deus; e a Igreja como instituição serva e pecadora, falível e não detentora das verdades do mundo. No fundo, o que os cristãos católicos buscavam

²⁹⁸ Filósofo francês, nascido em Paris, a 18 nov. 1882, Jacques Maritain escreveu mais de 60 obras e renovou o pensamento [tomista](#) no [século XX](#). A ideia de democracia cristã constitui defesa de uma [democracia](#) baseada nos ensinamentos e princípios [cristãos](#), tais como a [liberdade](#), a [solidariedade](#) e a [justiça](#). Conforme: VILELA, Daniel Marques. A igreja contra os coronéis. Artigo. In: **Revista História Viva**, São Paulo, ano V, n. 60, p. 70, out. 2008.

²⁹⁹ Emmanuel Mounier nasceu na França, em 1905, e faleceu em 1950. Sua concepção de catolicismo entendia a necessidade de renovação e revisão crítica do movimento da Igreja na história. Impulsionou uma corrente de pensamento cristão chamada de *personalismo*. Ibid., **Revista História Viva**, São Paulo, ano V, n. 60, p. 70, out. 2008.

³⁰⁰ Conhecido no [Brasil](#) como Padre Lebret, [economista](#) e [religioso católico dominicano francês](#), criador do centro de pesquisas e ação econômica "[Economia](#) e [Humanismo](#)", em [1942](#). Foi um dos introdutores da preocupação com o [desenvolvimento](#) global dentro da [Igreja Católica](#), entendido como desenvolvimento da pessoa e dos grupos sociais. Chamou a atenção da Igreja e do mundo ocidental para as questões do [subdesenvolvimento](#) e da necessidade de solidariedade com os [países pobres](#). Ibid., **Revista História Viva**, São Paulo, ano V, n. 60, p. 70, out. 2008.

era a relação próxima entre mística e contexto sociohistórico, acreditando no fôlego que a mensagem evangélica, de quase dois mil anos, teria diante das mudanças temporais.

Os temas dos trabalhos conciliares foram a atualização interna articulada ao diálogo e participação maior dos leigos; corresponsabilidade de padres e bispos nas decisões da Santa Sé mediante conselhos consultivos, e abertura ao ecumenismo para enriquecer os relacionamentos externos. Partiram do consenso de que as mudanças só seriam obtidas após o reconhecimento de que a temporalidade da Igreja andava em descompasso com a temporalidade do mundo, no qual, em um nível perigoso para sua hegemonia como religião universal. Os métodos evangélicos, em meio ao desalinho, não construíam pontes significativas de identificação entre a mensagem e os fiéis do século XX.

Viviam-se as mudanças sociais e culturais do pós-guerra, a presença ativa e crescente do Terceiro Mundo, a industrialização dos países norte-atlânticos e as consequências de emigração e turismo, urbanizações gigantescas; transformações no mundo rural, o nascimento da sociedade de consumo, a emergência da televisão com forte impacto na cultura e nos comportamentos [...]. A emergência das teologias da história transcendental, o desenvolvimento dos movimentos litúrgico e bíblico, o retorno às fontes patrísticas e o aparecimento da Ação Católica proporcionaram o desenvolvimento do Concílio Vaticano II, levado a cabo pelo papa Paulo VI.³⁰¹

Após o Concílio, a atuação internacional de Dom Avelar ganhou corpo. Internamente, era respeitado como orador sacro e convidado a ministrar palestras em vários Estados brasileiros, abordando temas como igreja e a conjuntura latina, o Estado ou as mudanças sociais. Tornou-se presidente do Departamento de Opinião Pública da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, órgão onde chegou a ser vice-presidente por duas gestões, de 1965 a 1968. Presente em todas as sessões conciliares, durante três meses por ano, e nos quatro sínodos eclesiais realizados em Roma, entre 1965 e 1974, Dom Avelar promoveu oito intervenções em plenário e foi eleito presidente dos grupos de estudo de que fez parte.

Ao articular-se junto ao episcopado da América do Sul, reforçou o respeito interno que lhe era atribuído e obteve a confiança do Vaticano para assumir a presidência do Serviço de Colaboração Apostólica Internacional (SCAI) e do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM). Nos anos pós-concílio, portanto, Dom Avelar agia como representante do pensamento eclesial latino-americano junto à Santa Sé.

Os primeiros passos da II Conferência do Episcopado Latino-Americano, realizada em Medellín, na Colômbia, em agosto de 1968, sob a sua presidência, deram-se na última sessão conciliar, realizada em dezembro de 1965. Os bispos latinos reconheceram a

³⁰¹ GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATTO, Vera Ivanise (Org). **Concílio Vaticano II: análise e perspectivas**. São Paulo: Paulinas, 2004.

necessidade de um debate próprio, que chegasse a refletir sobre as metodologias de aplicação das determinações conciliares no contexto complexo da América Latina. Nos bastidores da Igreja brasileira, a escolha de Dom Avelar para presidir a Conferência surgiu por outro motivo além da atuação nas plenárias do CELAM, em Mar Del Plata, Argentina (1966) ou no próprio Concílio: veio das experiências de apostolado em regiões do Brasil marcadas pela pobreza, como Petrolina e Teresina. A capacidade de articulação do trabalho nestas realidades com a intervenção nos organismos de atuação mais ampla da Igreja no continente foi levada em consideração por Paulo VI para a indicação do arcebispo brasileiro à presidência.³⁰²

A Conferência, cujo tema central foi “A Igreja na atual transformação da América Latina, à luz do Concílio Vaticano II”, marcou a primeira visita de um papa ao continente. No discurso de abertura do Congresso Eucarístico Internacional, em Bogotá, Paulo VI promoveu também o início oficial dos debates do CELAM, e pediu cautela, sensibilidade pastoral e social para que as decisões não excedessem as verdades pontificais expressas nas encíclicas da doutrina social vigente na igreja.

O futuro exige esforço, audácia e sacrifício, o que faz com que apossar-se da Igreja uma ansiedade profunda. Estamos num mundo de reflexão total. Invade-nos como onda avassaladora, a inquietação característica dos nossos tempos e especialmente destes países em estado de tensão e em busca de desenvolvimento completo, agitados pela consciência dos seus desequilíbrios econômicos, sociais, políticos e morais.³⁰³

O clima era de tensão na Igreja latina, traduzido no enfrentamento das opiniões de bispos progressistas, moderadas e conservadoras nos debates da Conferência. Articulando-se tanto com a hierarquia conservadora – temerosa que as inclinações sociais dos religiosos excedessem à expectativa papal – quanto com os mais progressistas, Dom Avelar, proferiu discurso de abertura em 26 de agosto, pedindo prudência e reafirmando a posição pontifícia como matriz orientadora dos debates, negando que o papa tivesse intenção de cercear a espontaneidade episcopal nos estudos e trabalhos.³⁰⁴ Tentando harmonizar a postura de Paulo VI à diversidade de pensamentos de bispos latinos, a atuação de Dom Avelar foi crucial para que se reforçasse o comprometimento da Igreja com o homem em situação de pobreza e desamparo social no continente.

Ao final dos debates, o Cristo, fundamento transcendental da instituição, não só passou a dividir a atenção da Santa Sé com a dimensão antropológica da fé, como foi percebido como sua maior finalidade. A mística cristã só ganharia sentido se aplicada ao

³⁰² O RENOVADOR e o diplomata. **Revista Veja**, São Paulo, n. 231, p. 50, 7 fev. 1973.

³⁰³ PAULO VI apud Dom Avelar Brandão Vilela. Discurso de Abertura da II Conferência Episcopal Latino-Americana. Medellín. 26 ago. 1968. In: DANTAS, Deoclécio. **Dom Avelar Brandão Vilela, uma vida a serviço da paz**. Teresina: Gráfica do Povo, 2006. p. 73.

³⁰⁴ VILELA, Dom Avelar Brandão, op. cit., 2006, p. 74.

homem, adentrando por suas fraquezas e necessidades para promover a salvação de sua alma pela fé. A consideração da dimensão antropológica e o reconhecimento do homem alijado de condições materiais nos países subdesenvolvidos daria sentido à existência perene do Cristo, independente das mudanças seculares, pois a sua função maior seria ensinar o povo católico a superar as dificuldades mediante a observância de seus ensinamentos.

No âmbito latino-americano, a exortação a um Cristo e sua representante divina e terrena, a Igreja Católica, buscou a identificação desta com povos sensibilizados pelo subdesenvolvimento e regimes antidemocráticos. Tratava-se da sobrevivência de sua natureza institucional, pois carecia da identificação dos fiéis às suas mensagens. Era crucial para a sobrevivência da Igreja que estes ensinamentos ressoassem os valores que os católicos julgassem importantes para o momento vivido. As decisões foram baseadas na necessidade de reorganização interna para a existência temporal e contínua, apontando para o trabalho de valores, aspectos transcendentais e manutenção numerosa do que chamou de rebanho do povo de Deus.

No contexto brasileiro, a Igreja vivia agitada pelo regime militar de exceção de direitos (1964-1985), traduzido na edição contínua de pacotes econômicos, censura aos meios de comunicação, fechamento do Congresso Nacional e suspensão de garantias políticas. A necessidade dos militares de estabelecer, de modo claro, quem estava contra ou a favor do regime, fomentou a discussão a respeito de qual lado seria ocupado pela Igreja no rumo dos acontecimentos. Depois de apoiar inicialmente o golpe militar, a Igreja modificou sua forma de relacionamento com o Estado ao tempo em que ocorriam agitação e contestação popular ao regime.

Inserido em uma delicada relação de diálogo e conflito com os poderes constituídos, Dom Avelar procurou manter uma postura conciliadora. Pela facilidade de acesso aos presidentes militares, trânsito fluido junto às correntes moderadas, reformistas e tradicionais católicas, atuou como agente de negociação da Igreja, estabelecendo as faces de contato entre as duas instituições durante mais de duas décadas de ditadura militar. Só este aspecto da trajetória de vida de Dom Avelar Brandão Vilela já é suficientemente rico do ponto de vista histórico e tem gerado pesquisas aprofundadas.³⁰⁵

Nas décadas de 1970 e 1980, ser um cardeal católico significou para Dom Avelar trabalhar em meio a um complexo contexto social, de reabertura política e reivindicação social de direitos. A Igreja, que havia sofrido as intervenções profundas do Concílio, tanto

³⁰⁵ A Editora da Universidade Federal da Bahia (EDUFBA) e o Núcleo de Estudos sobre o Regime Militar (NERM) lançaram, em nov. 2009, trabalho sobre o regime militar no qual figura **a atuação de Dom Avelar Vilela à época. Ver: ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro (Org.). Ditadura Militar na Bahia: novos olhares, novos objetos, novos horizontes. Salvador: UDFBA, 2009.**

na liturgia quanto no tratamento com os leigos e não católicos, viu-se cercada de conceitos modernos de atuação, porém, inábil na definição de metodologias de aplicação das determinações conciliares. As divergências quanto à forma de dar vida prática à postura pós-conciliar fortaleceram as diferenciações entre correntes internas de pensamento, umas mais outras menos adeptas ao investimento incisivo nas mudanças sociais.

A participação de Dom Avelar nos debates católicos nacionais e internacionais foi crescendo, em meio ao recrudescimento político ou a reabertura democrática brasileira nos anos 1980. Repetia-se na imprensa a interpelação social quanto às suas intenções e linha de atuação eclesial. Em duas décadas, Dom Avelar pouco modificou o teor de suas respostas a estes questionamentos. As definições de si partiram de um estado de neutralidade para a postura da moderação. O estudo de seus pronunciamentos torna visível sua estratégia de atuação no cenário complexo de existência.

Em 1969, o Papa Paulo VI convocou o II Sínodo dos Bispos, o primeiro encontro internacional de caráter consultivo a ser convocado após o Concílio Vaticano II. Ouvir os bispos de todo o mundo em questões internas e sociais tratava-se de uma das decisões pós-conciliares na busca por menor centralização de decisões na figura papal. Após a realização dos trabalhos, Dom Avelar, em comissão com demais bispos, concedeu entrevista coletiva na sala de imprensa do Vaticano. A imprensa havia acompanhado de perto as quatro sessões do Concílio e, diante da convocação do sínodo, percebia a emergência de uma Igreja lutando por unidade de substância e ação, em meio à existência de correntes conservadoras, progressistas e moderadas de pensamento. O contexto interno suscitou a pergunta sobre em qual classificação o bispo brasileiro se enquadraria. A resposta: “Não sou progressista, conservador ou moderado. Sou um bispo da Igreja. De uma Igreja que, sendo eterna, tem compromisso com o passado, o presente e o futuro.”³⁰⁶

O momento ganhou repercussão mundial pelo contexto e lugar de fala, e caracterizou o trabalho do Arcebispo de colocar sob o seu controle a definição da própria identidade. Em escala ascendente a partir da declaração dada no Vaticano, Dom Avelar posicionou-se como o principal dono de sua imagem, comportamento que se repetiu nos pronunciamentos por ocasião da ascensão ao Colégio de Cardeais, em 2 de fevereiro de 1973, e em orações, homilias e entrevistas que realizou após 1969.

Sou bispo católico e muito me honra em o ser agora, inclusive revestido do título de cardeal da Igreja Católica. [...] Minha formação é de caráter universal, cósmica, embora identificada com a minha fé [...] Ultimamente as referências sobre a minha pessoa me apresentam como um diplomata. Jamais li um livro sobre diplomacia.

³⁰⁶ VILELA, Dom Avelar Brandão. Não me agrada ser instrumentalizado nem pela direita, nem pela esquerda. **Diário de Notícias**, Salvador, 22 a 23 abr. 1973. Caderno 2, p. 7.

Se diplomacia consiste em encontrar meios de resolver problemas difíceis sem prejuízos da dignidade e da nobreza de sentimentos, pode ser que eu tenha algo de diplomata. [...] Quando eu devo dizer a verdade, sou eu quem resolve a respeito. Não me agrada ser instrumentalizado nem pela direita, nem pela esquerda. Sinto-me um homem independente, livre para tomar as posições que julgar mais oportunas [...] ³⁰⁷

Não admitiu, portanto, que os outros operassem em relação à sua imagem uma classificação única ou fixidez de posicionamentos. “Não sou de partidos, nem de ‘igrejinha’. [...] Aquilo que realmente sinto que sou é um pastor de todos. Quem não me olha assim vai ter dificuldades de me entender”. ³⁰⁸ Em novembro de 1977, tratando da postura da Igreja junto à reabertura democrática, reforçou com ironia a dificuldade que a opinião pública teria de defini-lo em um padrão de comportamento isolado, porque ao olhar para si via um homem que não gostava de “andar na crista da onda, já que nunca aprendeu a nadar direito”. ³⁰⁹

Ao tentar destituir do outro o poder de traduzir o seu comportamento, apresentou-se moderador pela causa da própria Igreja, reservando-se ao direito de racionalizar sobre valores permanentes e necessidades de atualização eclesial. Fora da fixidez de uma linha de atuação, encontrou o arejamento necessário para exercer o papel de orientador de uma religião em efervescência.

Há muito o que conservar se quisermos manter a nossa identidade, e muito o que renovar se quisermos ser fiéis à nossa vocação de peregrinos da história. Sou moderador quando as radicalizações intransigentes se levantam. [...] Eis o que sou. ³¹⁰

Dom Avelar investiu na constituição da imagem de moderador e homem contrário a radicalismos. Esta foi a estratégia que lhe permitiu transitar por vários setores e intermediar divergências. Ao falar de si, contrariando classificações exteriores, expunha um conjunto de características que circunscreveram sua figura em um círculo de credibilidade e ponderação, elementos cruciais para a gestão de relações conflituosas. A imagem de equilíbrio e coerência se fortalecia tanto mais fosse capaz de se aproximar dos radicalismos e agir sobre eles. E as conversas diretas, homilias, palestras, pronunciamentos e entrevistas serviram de tática de intervenção social, operacionalizaram a moderação propalada em suas autodefinições. Em outras palavras, Dom Avelar justificava, defendia ou inaugurava suas posições pela palavra comunicada, conseguindo os espaços de manobra necessários para a sua atuação. ³¹¹

³⁰⁷ VILELA, Dom Avelar Brandão. Não me agrada ser instrumentalizado nem pela direita, nem pela esquerda. **Diário de Notícias**, Salvador, 22 a 23 abr. 1973. Caderno 2, p. 7.

³⁰⁸ Ibid. Coluna destaque. **Jornal A Tarde**, Salvador, 6 fev. 1973.

³⁰⁹ Ibid. A Igreja e a reabertura. São Paulo, 1977. Entrevista concedida à Revista Veja em 2 nov. 1977, p. 3.

³¹⁰ Ibid. Um bispo da Igreja Viva. **Jornal da Bahia**, Salvador, 1 jun. 1971, ano XIII, n. 3678, p. 3.

³¹¹ Michel de Certeau, ao elaborar os conceitos de tática e estratégia, ajuda a entender o jogo de articulação e inserção social de Dom Avelar Brandão Vilela. Estratégia é o cálculo (ou a manipulação) das relações de

Na Bahia, durante os quinze anos de apostolado, Avelar Brandão Vilela trabalhou na intermediação de conflitos entre poder público e invasores de terra, agricultores, famílias sem teto ou sem emprego. Os populares solicitavam o seu intermédio, gerando registros de intervenção pessoal junto ao Governo Federal, em situações como a greve dos professores da Universidade Federal da Bahia, além da tentativa de fechamento do Hospital das Clínicas em 1984.³¹²

Eram comuns tanto as visitas aos bairros alagados e favelas cujos moradores não possuíam os títulos das terras quanto as recepções de comissões de populares no Palácio Arquiepiscopal do Campo Grande. Após estas audiências, procurava o poder público para a obtenção de posicionamentos, dando às audiências sentido de fórum de cidadania. A cada intermediação, a sua atuação como agente social ou religioso ganhava contornos mais fortes.

Alinhado à doutrina social da Igreja, segundo a qual vivia-se um tempo regido pelo signo de contradições sem precedentes, Dom Avelar entendia que a existência de pensamentos contrários dentro da Igreja, antes de sufocá-la ou mostrar suas fraquezas, representava um pluralismo e reforçava o caráter de resistente peregrina da história. Em uma série de pronunciamentos, percebe uma Igreja Católica particular, vista a partir do lugar de mundo por ele ocupado. O catolicismo precisaria de renovação com respeito à tradição, e demandaria o entendimento das relações com os contextos históricos. Igreja e história seriam, assim, mutuamente tributárias no influxo dos tempos.

Adoto como norma de ação pastoral o pluralismo das experiências, levando em conta a idade e a mentalidade e outros fatores ditados pela psicologia e pela metodologia. Sou pela renovação da Igreja sem prejuízo dos valores essenciais de sua verdadeira tradição. Entendo que renovar não é destruir, mas adaptar. Cada momento histórico tem a sua contribuição a oferecer à igreja. E a Igreja a cada momento histórico.³¹³

Em sua concepção, as mensagens cristãs teriam pertinência nos mais diferenciados momentos históricos, por seu caráter divino. A mística tanto marcaria os valores essenciais da Igreja com o selo de uma tradição verdadeira quanto os faria fortes o suficiente para atravessar temporalidades ilesos às contaminações que modismos

forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio a ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade. Tática seria a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Nenhuma delimitação que vem de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. Tática é movimento dentro do campo de visão do inimigo e no espaço por ele controlado. CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**. Artes do Fazer. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 99-100.

³¹² A SITUAÇÃO dos invasores do Teotônio Vilela é crítica. **Correio da Bahia**, Salvador, 12 set. 1984, p. 1. CARDEAL pede apoio e ajuda para o Maciel. **Jornal A Tarde**, Salvador, 29 maio 1984. DOM AVELAR luta pelas clínicas. **Jornal da Bahia**, Salvador, 14 jun. 1984, p. 1.

³¹³ VILELA, Dom Avelar Brandão. Não me agrada ser instrumentalizado nem pela direita, nem pela esquerda. **Diário de Notícias**, Salvador, 22 a 23 abr. 1973, Caderno 2, p. 7.

poderiam criar. Renovações não significariam mudanças bruscas, mas adaptações a uma essência católica a ser considerada. A moderação apregoada a si e para a sua Igreja não significava, portanto, paralisia eclesial em meios aos percursos históricos, mas o estabelecimento de parâmetros capazes de proteger uma essência divinal. Quando na igreja, o homem e suas paixões eram o suporte do transcendental ou do divino, considerava importante à sua tarefa de arcebispo orientar e intervir nos excessos típicos da humanidade e tirar proveito de sua natureza mutante. Fechar-se a isso seria estancar a instituição dentro de conceitos imutáveis. Seria, portanto, arriscar a existência duplamente temporal e humana da própria Igreja Católica.

Creio na incorporação de valores próprios de cada momento histórico. Não seria conservador ao ponto de acreditar que toda a tradição deva se fechar aos novos tempos, não seria moderado no sentido de ser indiferente aos apelos da hora presente. Há núcleos de ideias que se aperfeiçoam. Há conceitos que se matizam. Eu sou conservador no sentido de respeitar as legítimas tradições religiosas e culturais.³¹⁴

Para justificar sua postura de moderação, explicava as possibilidades de comportamento frente a choques de pensamentos contrários. Seriam três as possibilidades de atuação: a primeira e a segunda correspondiam às vozes em choque, pensadas por ele em situação de total antagonismo, e impossibilitadas de, sozinhas, ouvir uma a outra pelo calor das tomadas radicais de posição. A terceira, a sua via, o levaria a optar pela presença efetiva em meio aos debates, dentro de uma linha crítica às posições em choque.

A opção pela terceira possibilidade de comportamento gerava ônus à sua imagem em forma de críticas diretas ou veladas. Dom Avelar as rebatia estrategicamente, colocando sua conduta sob a proteção das recomendações institucionais da Igreja Católica. Baseava-se na convicção de que a Igreja em si era optante pela linha do meio, pois era tradicional em sua substância e missão de portar as verdades evangélicas. Contudo, quando a metodologia de ação missionária provocava divisões na unidade, inclinava-se para uma postura de conciliação.

Muita gente discorda de um comportamento assim. [...] Essa terceira posição pode ser deturpada e mal interpretada, como se fosse contrária aos interesses em jogo, porque quando os espíritos estão conturbados só querem ouvir a palavra de integral apoio às suas convicções ou conveniências. Este é um dos grandes males do nosso tempo. [...] A igreja em si é da linha do meio. O que vi nos quatro anos de concílio e dois sínodos é que o que prevalece é a via média, andar para frente sem radicalizações. [...] Eu penso numa igreja que está andando, mas uma igreja que, por andar com todos e não apenas com grupos, não pode fazer seu o patrimônio de uma corrente, tal como aquela corrente desejaria que fosse, quer

³¹⁴ Discurso de posse na Academia de Letras da Bahia, 12 ago. 1976. Constante no acervo pessoal. Laboratório Eugênio Veiga. Universidade Católica de Salvador.

seja ela avançada ou conservadora. No trabalho global, a igreja sempre faz um trabalho de integração.³¹⁵

As incompreensões que sofria pela opção pública da moderação tanto se mostravam esperadas por ele quanto o identificavam com a própria instituição católica. Em sua concepção ideal de Igreja e de conduta, a diversidade das visões contrárias enriqueceria o catolicismo com a garantia de muitas faces à instituição, nas quais ninguém teria em mãos a solução final dos desafios levantados. “Em nenhum lugar as resoluções são definitivas, pois cada pessoa ou grupo trazia riquezas admiráveis que não podem ser dispensadas”.³¹⁶

A estratégia adotada permitia, portanto, a condição de mudança de posicionamento e fluência nas instâncias sociais. Quando a premissa era o olhar moderado de julgamento, afastado das paixões em oposição, a postura do arcebispo ganhava a liberdade de trafegar para qualquer direção entre os polos de conflito. Haver um centro de equilíbrio não significava fixidez de opinião, mas fluxo, segundo seus critérios particulares. Dessa forma, angariava a atenção e o consentimento social para o seu trabalho, a partir da circunscrição peculiar de seu posicionamento.

Usando a via do meio para a intervenção nos debates de parte a parte, o arcebispo defendeu as discussões para além de duas vozes opostas, e estabeleceu as condições para que fluísse ele mesmo entre polos de discórdia, sem desligá-los uns dos outros. Ser pastor fixado na corrente de direita ou de esquerda seria perder a condição de julgamento e trânsito nas linhas de pensamento, gerando uma restrição no campo de atuação desinteressante ao serviço de pastor da igreja.

A estratégia moderadora de Dom Avelar não o isentou de dissabores e conflitos com o poder político e com membros da Igreja brasileira. Em dois momentos emblemáticos ocorreram confrontos públicos, nos quais o arcebispo respondeu a críticas mediante pedidos de desculpas e ratificações de sua personalidade equilibrada.

Um dos momentos delicados ocorreu em 1971 ao aceitar o convite da Escola Superior de Guerra para proferir a palestra *Igreja e Estado no Brasil*. No dia 23 de agosto, no Rio de Janeiro, o arcebispo primaz abriu sua fala, no auditório da instituição, declarando sentir-se à vontade e honrado por ser chamado a palestrar naquela casa. Ao propor sua análise, estabeleceu a importância do diálogo em uma época conflituosa e de restrição da liberdade expressiva. Questionou por que temer o diálogo, e defendeu que se vivia a hora de sua maior necessidade. “Há perigo para a segurança nacional no gesto de

³¹⁵ VILELA, Dom Avelar Brandão Vilela. A difícil posição de quem não aceita os radicalismos. Carta pessoal de 31 ago. 1973. Constante no acervo pessoal. Laboratório Eugênio Veiga. Universidade Católica de Salvador.

³¹⁶ Ibid. A Igreja e a reabertura. São Paulo, 1977. Entrevista concedida à Revista Veja em 2 nov. 1977, p. 3.

intercâmbio de experiências, iniciativas e sugestões? Será que já estamos tão próximos da perfeição que não precisamos de ajuda mútua?”.³¹⁷ Seguiu pregando diferenças entre a exigência de expressão responsável e a limitação violenta do direito de expressão que vinha ocorrendo no País. A utilização dos meios de comunicação para desqualificar atos e programas governamentais seria um polo de conflito tão intenso e errôneo quanto o controle desses meios, de “modo a impedir a manifestação do pensamento e incentivar o uso extremo da propaganda, para dar a impressão de que tudo está perfeito e de fato resolvido definitivamente”.³¹⁸

O discurso trazia um tom institucionalista e menos centrado em sua figura, alocando ideias sob o conceito atualizado de Igreja.³¹⁹ Esta última, sendo um híbrido de hierarquia e instituição divina, estenderia a seus arcebispos a possibilidade de opinar sobre dimensões humanas ou terrenas, questões de Estado ou modificações sociais. Em outros termos, sendo pastor católico, cumpriria dever de ofício ao defender na Escola Superior de Guerra o pensamento social da Igreja, salvaguardando o seu direito de atuar nas desigualdades e injustiças do mundo. “Mesmo institucional, a igreja não se considera um gueto dentro do mundo, mas como uma presença nas estruturas humanas e, sobretudo, na consciência dos homens”.³²⁰

No contexto de exceção de direitos, e falando no ambiente intelectual que formava e agregava militares pensadores do regime, o discurso incomodou.³²¹ E ao deixar o auditório após a palestra, Dom Avelar distribuiu cópias do discurso à imprensa, levando-o à maior divulgação já no dia posterior. “Sei que o comandante da Escola, general Rodrigo Otávio Jordão, se demitiu, ao que consta extraoficialmente, em função desse episódio”.³²²

³¹⁷ Igreja e Mudança Social. Discurso proferido na Escola Superior de Guerra. Rio de Janeiro, 23 ago. 1971. Constante no acervo pessoal. Laboratório Eugênio Veiga. Universidade Católica de Salvador.

³¹⁸ Id. *ibid.*

³¹⁹ Conforme SERBIN, nos anos 1970, os bispos brasileiros desejavam elucidar o pensamento dos militares quanto ao envolvimento da Igreja em projetos de ativismo social. Tornou-se uma época de tensões pelas dificuldades de aplicar as resoluções do Concílio Vaticano II, que davam ênfase à necessidade de luta por maior justiça social, no contexto da Doutrina de Segurança Nacional do governo militar brasileiro. Em 1970, durante o 1º Encontro Bipartite, com segmentos do governo e da Igreja, “Dom Avelar apontou que o relacionamento dos militares de segurança com desenvolvimento é de difícil conceituação e admite contestações e interpretações. Ele resumiu o debate com uma pergunta, que captura a essência do conflito, não só nas relações entre Igreja e o Estado no Brasil autoritário, mas em todas as sociedades modernas que confrontavam a tensão entre a necessidade de ordem e de progresso social: onde termina a justiça social e começa a subversão?”. Conforme SERBIN, Kenneth P. **Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 33.

³²⁰ Igreja e Mudança Social. Discurso proferido na Escola Superior de Guerra. Rio de Janeiro, 23 ago. 1971. Constante no acervo pessoal. Laboratório Eugênio Veiga. Universidade Católica de Salvador.

³²¹ A Escola Superior de Guerra, ESG, foi criada pela Lei n. 785/49, como Instituto de Altos Estudos de Política, Estratégia e Defesa, integrante da estrutura do Ministério da Defesa, para desenvolver e consolidar os conhecimentos necessários ao exercício de funções de direção e assessoramento superior para o planejamento da Defesa Nacional, nela incluídos os aspectos fundamentais da Segurança e do Desenvolvimento. Conforme SERBIN, Kenneth, *op. cit.*, 2001, p. 130.

³²² VILELA, Dom Avelar Brandão. Não sou oposição, sou pastor. Entrevista concedida à Revista Isto É, n. 287, p. 93, em 23 jun. 1982.

O mal-estar junto à Presidência da República motivou a expedição de comunicados oficiais do arcebispo, realizados em 24 de setembro de 1971, anexados a novas cópias do discurso. Nos textos, pediu desculpas ao presidente Emílio Garrastazu Médici, ao comandante da Escola Superior de Guerra, Rodrigo Otávio Jordão, e a qualquer outro brasileiro que tivesse sido ofendido por suas palavras. Em sua defesa, alegava que envio do material à imprensa ter-se-ia dado por solicitação dos jornalistas e pelo conhecimento do costume de divulgação das ideias dos palestrantes convidados a falar naquela casa. A razão do pedido de desculpas nascia, portanto, de sua índole pacífica, sem intenções de polemizar ou desmoralizar a imagem dos que compunham a elite intelectual dos militares brasileiros. A intenção era apenas de pregar o intercâmbio de conhecimento. No entanto, o envio das solicitações de desculpas junto com novas cópias do discurso na sua integralidade foi entendido como gesto de reforço da sua opinião e não como recuo dos posicionamentos proferidos.

Internamente, Dom Avelar também provocou descontentamentos junto aos membros do Centro de Estudos e Ação Social, CEAS,³²³ instituição ligada aos jesuítas da Bahia com forte preocupação política, econômica e social. Quando organizou a vinda do papa João Paulo II ao Brasil, em julho de 1980, tratou o assunto diretamente com os grupos do Governo Federal, Itamaraty e Secretarias de Segurança dos Estados que seriam visitados. Para os membros do CEAS, nas condições de diálogo colocadas pelo Governo, a primeira visita do papa ao Brasil seria manipulada por forças políticas e a atuação do arcebispo estaria construindo, a favor do regime, uma imagem amenizada dos problemas sociais brasileiros.

Não pude aceitar que se entrasse nessa seara. Dei uma nota enérgica pela primeira vez. O CEAS avançou um pouco, mas logo se recompôs e seu diretor me explicou as razões, convidando-me a um encontro. Eu aceitei, porque não sou homem de fechar portas e janelas. Sou um moderado, não sou água estagnada. Sou apenas de dizer basta quando se ultrapassam os limites.³²⁴

Dezessete anos antes, em Teresina, a atuação moderadora de Dom Avelar na maior crise política do governo Petrônio Portela (1962-1965) também provocou dissabores ao arcebispo. O episódio envolveu a rebelião da Polícia Militar do Estado, eclodida em 1963, após anos de tentativas de negociação por melhores salários e

³²³ O Centro de Estudos e Ação Social (CEAS) é uma entidade jurídica sem fins lucrativos fundada pela [Companhia de Jesus](#) em 1967, hoje integrada por jesuítas e profissionais leigos. Com sede na cidade de Salvador, Bahia, o CEAS buscou trabalhar na superação da miséria e da exclusão social através da atuação em regiões do Nordeste brasileiro, marcadas por situações históricas de pobreza e de dominação, tendo como eixo unificador de sua prática o fortalecimento da autonomia e do protagonismo dos públicos que acompanha. Conforme SERBIN, Kenneth, op. cit., 2001, p. 130.

³²⁴ VILELA, Dom Avelar Brandão. Não sou oposição, sou pastor. Entrevista concedida à Revista Isto É, n. 287, p. 93, em 23 jun. 1982.

atualização de vencimentos junto aos governos anteriores.³²⁵ Em agosto daquele ano, Petrônio Portela recebeu os manifestantes em audiência, mas negou a possibilidade de melhorias salariais. Da sala do governador, os policiais optaram por ir ao quartel central e permanecer em estado de assembleia por tempo indeterminado.

O contexto de agitação que marcava a situação política local transformou o quartel em movimentado centro de manifestações.³²⁶ Membros do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), partido de oposição ao governo, sindicatos e entidades estudantis emitiram notas de apoio aos aquartelados e compareceram para prestar solidariedade aos familiares dos policiais. Começou, em paralelo, uma campanha de arrecadação de alimentos, com o apoio de populares e da Igreja local, visando o sustento dos grevistas e nas dependências do quartel.

Uma mediação do conflito foi tentada por Dom Avelar, porém, com o fracasso do diálogo junto ao governador, sua ação passou a se concentrar na assistência aos grevistas. A greve terminou com a prisão dos oficiais que a lideravam, rendidos por tropas do Exército e guarnições federais de Fortaleza, convocadas por Petrônio Portela. As relações entre Igreja e o Executivo estadual, no entanto, ficaram estremecidas.

Em carta de 28 de agosto de 1963, o governador dirigiu ao arcebispo a sua mágoa e decepção pelo envio de um caminhão de víveres para abastecer os rebelados no quartel. A resposta de Dom Avelar foi produzida por escrito na mesma data, lamentando que o governador o tivesse percebido como intruso na questão e reduzido a intenção moderadora a uma coletânea de erros, ignorando o fato de ter sido procurado por pessoas que padeciam de fome, por conseguinte, mereciam a atenção e compadecimento do chefe da Igreja.³²⁷

Nos últimos vinte anos de vida de Dom Avelar, as demandas em torno de um discurso definidor de si ampliaram-se, e foram trabalhadas pelo religioso de um modo estratégico, em contextos de ampliação da arena pública e reivindicação crescente por maior espaço de expressão, devido às alterações no campo político. Com os sinais de reabertura democrática gradual, mudanças tecnológicas nos meios de comunicação e o desejo de maior participação popular na vida pública após o período ditatorial, as demandas por suas falas tornaram-se mais frequentes.

Com o uso tático da palavra, reafirmou-se moderador. Na agitação interna da própria Igreja pela aceleração de acontecimentos em seu tempo, sentiu necessidade de

³²⁵ Quando foram governadores do Piauí Chagas Rodrigues e Tibério Nunes. Conforme: **Governadores do Piauí: uma perspectiva histórica**. Teresina: Fundação CEPRO, 1993. p. 39.

³²⁶ MEDEIROS, Antônio José. **Movimentos sociais e participação política**. Teresina: CEPAC, 1996. p. 67.

³²⁷ As relações entre o arcebispo e o governador piauiense voltaram à cordialidade. Petrônio Portela esteve nas cerimônias de despedida de Teresina, em 5 maio 1971, e na sua posse na Arquidiocese de São Salvador, em 1993, como representante do Senado Brasileiro, almoçando com Dom Avelar no Palácio Campo Grande.

ampliar o alcance da sua voz e conduta, legitimando ambas na integração e representação da Igreja Católica. A postura moderadora de Dom Avelar acreditava no poder do centro, do meio ou da terceira via, com a mesma força com que apostava em seu poder apostólico de influir nas questões temporais.

Enfrentando o desafio de manter-se ativo entre aos apelos dos radicalismos e mergulhado nos problemas que afetavam os homens nos diferentes setores, ganhou espaço em sua própria instituição pelo poder articulador. Os seus discursos, homilias e palestras, estudados no tópico a seguir, tratam da relação entre sua fala e os destinos católicos na América Latina. Mostram, ainda suas impressões sobre o tempo, o mundo e a própria missão. Misturam sua vida particular à *profissão* de religioso. Conforme Medeiros Netto, Dom Avelar foi, afinal, “um bispo e pronto! A sua Igreja pertence ao passado, presente e futuro”.³²⁸ Portanto, todos os tempos.

4.2 O trabalho da expressão: palavras a serviço da missão de pastor

Sendo homem de pregação e de ação, pelo respeito mesmo ao altar e ao trabalho [...] teria de valorizar o uso da palavra, teria de não ausentar-me do mundo, de seus problemas e de suas ansiedades, de encontrar na expressão os recursos necessários para atingir todas as camadas da inteligência e da cultura sem esquecer, embora, que neste momento em que surgem e espocam, violentos, os problemas sociais mais diversificados, jamais seria lícito permanecer nas torres de marfim do pensamento [...] Sempre entendi o direito da fala como um dever – o de saber cumpri-lo. Não foi a esmo que recebemos o dom da linguagem. E a linguagem é minha e é nossa, nem é totalmente minha nem é vossa, porque é, sobretudo, um poderoso instrumento de inter-relação humana e quase diria um processo de elaboração e organização da vida social.³²⁹

Coletâneas de discursos, homilias e pronunciamentos de Dom Avelar Brandão Vilela foram transformados em publicações pelo Governo do Piauí,³³⁰ Igreja piauiense e baiana, porém, com circulação restrita, e tom de registro interno. A obra de teor mais comercial, editada e posta no mercado pela editora Salesiana Dom Bosco, foi o livro *A prece que brota da vida*, de 1983, com cinquenta orações dominicais abordando a situação da Igreja e do cotidiano. Além destes, a Arquidiocese de Salvador chegou a organizar outro título, com textos do arcebispo, como marca de homenagem pelos

³²⁸ NETTO, Medeiros. Nosso cardeal quase não se ordenava padre. Maceió, 1973. Entrevista concedida ao jornalista Alves Damasceno. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 8 abr. 1973.

³²⁹ Discurso de posse na Academia Piauiense de Letras. Teresina, 17 ago. 1969. Dom Avelar foi o quarto ocupante da cadeira número 1 da Academia Piauiense de Letras, cujo patrono é José Manuel de Freitas. Conforme MATOS, Maria Ivone. **Vultos da Academia Piauiense de Letras**. Cadeira 1. Teresina, 1991. p. 37b.

³³⁰ VILELA, Dom Avelar Brandão. **A serviço da paz!** Coletânea de homilias e discursos. Teresina: COMEPI, [19--].

cinquenta anos de sua ordenação sacerdotal. Após o seu falecimento, o lançamento do livro foi cancelado, mas editado posteriormente.³³¹

A citação anterior, extraída do discurso de posse na Academia Piauiense de Letras, mostra tanto a valorização dos momentos de expressão quanto a identificação dos discursos com a função de pastor da Igreja Católica.

Ao longo da vida, Dom Avelar Brandão Vilela escreveu de modo intenso, e, ao usar a palavra, catalisou momentos importantes de seu sacerdócio, e buscou a atenção dos contemporâneos para as concepções próprias sobre catolicismo, humanidade e evangelização em mutação conforme a passagem dos anos. O empenho em construir e articular seus discursos garantiu-lhe a característica de orador sacro desde antes de sua ordenação sacerdotal, em Sergipe.

A reflexão sobre as relações do autor com os textos³³² e acerca dos escritos em si, originalmente destinados à expressão oral, ganha importância dentro desta biografia histórica, pois são vestígios que reenviam ou apontam para o Avelar Brandão Vilela em momentos diferenciados.

Na medida em que a escrita se excede como recurso para registro de pensamento, torna-se construto e construção em simultâneo. Está entre os mecanismos de individualização e distinção sociais. Sendo peça de fabricação da alteridade, é ativada a cada leitura, guardando um potencial de consulta que possibilita ao próprio autor racionalizações sobre si e abertura a projeções de mudanças de conduta. São pensadas, portanto, como ferramentas de captura do religioso em movimento, longe do aspecto de material acabado e encerrado no tempo passado em um suporte de papel. Percebi discursos, homilias, pronunciamentos, palestras e sermões, a partir de seu contexto de produção, repletos de aspectos de mobilidade, contradições, avanços, recuos, fluxos e influxos característicos da trajetória de vida e da ideia de biografia histórica de Dom Avelar.

Seguindo o costume, Dom Avelar preparava seus sermões poucas horas antes de proferi-los, datilografando os manuscritos em uma máquina que o acompanhava desde Teresina. O sermão de posse no sólio primacial da Bahia chegou a ser preparado na mesma manhã da celebração, segundo confessou aos jornais. Admitiu que procurava os locais mais tranquilos para escrever e não gostava de ser interrompido.

³³¹ Dom Avelar Brandão Vilela. Meio século de pregação. Homenagem da Arquidiocese de São Salvador da Bahia pelo seu jubileu sacerdotal de ouro, 27 out. 1985.

³³² Segundo as reflexões de Michel Foucault, ao debruçar-se sobre a relação do texto com o autor, é possível pensar na maneira como o texto aponta para essa figura que lhe é exterior a anterior. Questiona: que importa quem fala? FOUCAULT, Michel. **O que é um autor**. 3. ed.

O uso da palavra lhe era caro, pois servia à constituição de uma concepção de sua passagem pela vida. Conforme chegou a escrever, *comunicar é fazer história*.³³³ O acervo documental arquivado pela Universidade Católica de Salvador, oriundo dos escritórios do Palácio Arquiepiscopal do Campo Grande no ano de 2009, dito anteriormente, é marcado pelo zelo dedicado às palavras registradas em um desejo de posteridade. A divisão temática dos assuntos em pastas identificadas e adornadas por fotos; o cuidado com a especificação das datas das matérias publicadas; a organização das cartas datilografadas e suas originais repletas de revisões feitas à mão, pelo próprio arcebispo, e o cotejamento de matérias e entrevistas concedidas a jornais ou revistas de procedência nacional e internacional dão a entender, além do apreço pela palavra, a preocupação com a imagem que vinha sendo construída no momento, e que ficaria ao dispor das futuras gerações.

Dom Avelar convocava a imprensa para entrevistas coletivas, e preparava as declarações públicas com antecedência. Outro recurso utilizado era a recepção de perguntas dos jornalistas, por telefone ou carta, e a redação das respostas em máquina de datilografar, antes do envio aos meios de comunicação. Reside nestes procedimentos parte dos motivos que fizeram com que as matérias jornalísticas guardassem elementos de semelhança e pequena variação de informações, principalmente em ocasiões de grande interesse midiático, como a sua eleição ao Colégio Cardinalício. Havia na Arquidiocese de Salvador uma Comissão específica para comunicação, que cuidava dos contatos com a imprensa, organizava e arquivava as publicações sobre a Igreja Católica local e seu arcebispo. Era uma forma de compreensão global dos acontecimentos discutidos na arena pública.

Nos pronunciamentos de posse nas academias literárias do Piauí e da Bahia, sua relação com as letras e a necessidade de expressão emergiram ao lado da vontade de explicar a falta de produção literária artística e o atrelamento da sua obra escrita ao trabalho sacerdotal. Repetidamente, sentiu-se impelido a fazer esta justificativa pública, defendendo que escrevia para a oralidade, e não vislumbrava possuir trabalhos de valor artístico. Em 12 de agosto de 1976, em seu discurso de posse na Academia Baiana de Letras, reconheceu sua identidade literária como de difícil caracterização.

Das centenas de trabalhos que escrevi, 80% são de expressão oral. Não sou nem me considero homem de letras, em sentido estrito. Minha arte, meu cinzel, minha pena, meu espírito, meu pincel, minha escala, minha sensibilidade, minha palavra, tudo o que sou e o que tenho pertence ao patrimônio de minha formação sacerdotal e às preocupações absorventes de meu apostolado religioso. O que sou afinal? Sinto-me padre, alguém que foi chamado para o ministério da paternidade espiritual. Padre de minha igreja, sem, contudo, alimentar clericalismos ou intolerâncias de proselitismo doentio. Padre por formação e por

³³³ VILELA, Dom Avelar Brandão. Visita do cardeal primaz do Brasil ao Jornal da Madeira. **Jornal da Madeira**, Ilha da Madeira, 15 jun. 1977, ano XLVII, n. 14.321, p. 4.

convicção, missionário do amor fraterno, pregoeiro dos valores transcendentais da vida humana.³³⁴



Foto 16 – Dom Avelar, no Palácio Campo Grande, em Salvador, em maio de 1971.
Fonte: Acervo disponível na Cúria Metropolitana de Salvador

Entre a nomeação para a Academia Piauiense de Letras, em 1969 e a ascensão à Academia Baiana de Letras, o tempo decorrido foi de sete anos; período em que assumiu o sôlio primacial baiano, o cardinalato, e participou de sínodos e encontros internacionais de bispos latino-americanos. Por viver intensamente a vida pastoral, ambas academias teriam de recebê-lo como homem de Igreja. Haveria um pastor católico ao lado de pessoas de letras. E assim permaneceria, mesmo recebendo o título honorífico de imortal.

Sou um padre que no exercício de sua missão compreendeu logo cedo que o uso da palavra correta era importante para o destino de seu ministério e que, por isso, tentou valorizá-la, quanto possível, a serviço da mensagem cristã. Sempre vi na palavra a expressão de um dom de Deus, de um 'logos' do pai, existencializado pelo filho Jesus. Usei a palavra sem radicalismos perigosos e sem a covardia comprometedora. A palavra, escrita e oral, é presença obrigatória em minha vida, a estampar as virtudes e defeitos deste comunicador. [...] Não quero entrar em conflito comigo. Não posso viver o drama de ser dois. Acadêmico eu estou, sacerdote eu sempre serei. Não creio muito nas minhas letras, na imortalidade das letras, das minhas letras.³³⁵

Ao apresentar-se como um religioso escritor de textos orais para fins evangélicos, e negar vocação artística, fugiu da incongruência que as academias trariam à sua vida religiosa. Tanto assumiu a função de pastor, que, em ocasião de posse, abriu espaço no discurso para exercer a função de padre. Prestes a ocupar a cadeira de número 18 da Academia Baiana de Letras, patrocinada por Zacarias de Góes e Vasconcelos, e ocupada

³³⁴ VILELA, Dom Avelar Brandão. Discurso de posse na Academia de Letras da Bahia, 12 ago. 1976. Constante no acervo pessoal. Laboratório Eugênio Veiga. Universidade Católica de Salvador.

³³⁵ Id. *ibid.*

anteriormente por José Joaquim Seabra,³³⁶ e Augusto Alexandre Machado,³³⁷ pediu permissão ao auditório para executar a absolvição dos pecados dos dois antecessores e lançar sobre eles a penitência devida: dali em diante, que os integrantes das novas gerações familiares se edificassem com as boas obras que os acadêmicos deixaram, e não repetissem suas fraquezas e vacilações diante do bem. A partir de então, pelo poder divino conferido a Dom Avelar, José Joaquim Seabra seria considerado um santo no sentido bíblico do termo, e as sentenças pitorescas que publicara, de sabor moral e social seriam redimidas por seus derradeiros anos de sofrimento.

Os discursos dos primeiros anos de formação sacerdotal foram criados a partir de sua colaboração à imprensa católica, na qual trabalhou em Aracaju, em 1930, conforme mencionado na parte dois desta dissertação. Os textos tratavam do empenho dos papas em integrar os leigos à igreja, o que se tentou através da implantação da Ação Social Católica, passando por uma campanha social de regeneração do homem perdido em meio à modernidade. Falam, ainda de uma crise moral brasileira pelo afastamento da fé e da necessidade de unir, a qualquer custo, os católicos em torno da hierarquia. A mentalidade da época era a de que o mundo tornara-se um redemoinho de erros que se revezam sob o signo do progresso. Neste cenário, a Igreja Católica apontaria o caminho seguro de sobrevivência, pois, com ela, estariam os ensinamentos imutáveis do mundo, a verdadeira ciência das coisas eternas.

O teor pedagógico caracterizava os discursos na medida em que, ao se iniciar o século XX, o desenvolvimento da imprensa, da ciência, e os questionamentos acerca da origem do homem e dos mistérios de sua mente □ traduzidos nos estudos como os de Charles Darwin e Sigmund Freud e no materialismo □ trouxeram à Igreja o desafio de sustentar as verdades universais de quase dois mil anos de idade. Nesse contexto, os pronunciamentos exigiam dos féis a manutenção da imprensa católica, recomendavam a condenação aos outros credos, alertavam para os riscos do mundo moderno e traziam determinações papais, com a intenção de proximidade como povo distante geograficamente da Santa Sé.

Ao escrever como diácono, Avelar Vilela apresentou, em 1930, um caráter combativo, de recrutamento dos fiéis católicos para uma batalha contra o mundo. O posicionamento abaixo referia-se ao nazismo e paganismo modernos:

³³⁶ Conhecido como J. J. Seabra, foi jurista e governador da Bahia em dois mandatos (1912-1916 e 1920-1924), ligado à República Velha. Empreendeu obra de reurbanização em Salvador, sendo conhecido pela oratória, gestos largos e suas controvérsias políticas. Conforme: VILELA, Dom Avelar Brandão. Discurso de posse na Academia de Letras da Bahia, 12 ago. 1976. Constante no acervo pessoal. Laboratório Eugênio Veiga. Universidade Católica de Salvador.

³³⁷ Economista e jurista. VILELA, Dom Avelar Brandão. Discurso de posse..., op. cit.

Aproxima-se a hora de os fatos históricos, em sua dialética de fogo, darem ao mundo a prova esmagadora do quanto é forte e poderosa a noção genuína do Eterno, do quanto é real e pura a consciência católica, do quanto é irrefutável a assistência divina da igreja. A igreja é a grande mestra. Vinte séculos não a envelheceram.³³⁸

No entanto, o diácono quebrava perspectivas uniformes, trazendo leituras de mundo que oscilavam entre apoio à visão institucional e as suas percepções particulares. Enquanto era comum à imprensa católica publicar textos baseados na oposição entre Igreja e modernidade, ciência, conhecimento ou reflexão, Dom Avelar chegou a publicar que ciência e fé eram irmãs e filhas do mesmo pai. Inimigo moderno seria o materialismo, quando este definia o sentimento religioso nos liames de um caso patológico. Por consequência, a observação da necessidade do homem de desenvolver-se pela ciência e confortar-se na fé deveria ser levada em conta como medida cautelar diante da crise moral que se instalara pela secularização. Os diálogos com os pensadores como Rousseau foram travados no intuito de nortear os fiéis frente às descobertas científicas que incomodavam a Igreja Católica.

Também não é rousseauiano... Nem o homem nasce integralmente para o bem, nem a sociedade necessariamente o corrompe quando virtuoso. Em todas as fases da vida, há inclinações boas e más, inatas e adquiridas, que podem ser enfraquecidas ou alimentadas, conforme a direção que lhes imprimir e os objetivos que se lhes apresentarem.³³⁹

Como padre, a relação entre Igreja e Ciência ganhou um patamar diferenciado. Não era a inteligência a produtora de desavenças entre Deus e as criaturas, entre fé e a ciência, entre a Igreja e o século. “É o coração, que dominando e manobrando a cabeça impõe à inteligência sua vontade, mostrando o caminho que melhor se coaduna com os desejos imperiosos.”³⁴⁰

Nestas colocações do início da vida sacerdotal, o sentido de cristandade o levou à percepção de um homem em luta com mundo moderno, dividido pelos estímulos diversos, dados com a secularização, marcado pela debilidade do espírito. A humanidade não sabia viver a fé nem a negava por completo. Ou seja, vivia irresoluta e incapaz de perseverar. A ciência, se não era completamente oposta à Igreja, não dispunha de capacidade de compreensão completa do caos atual. Este homem lançado à desordem precisava da “consistência, fixidez, imobilidade características de quem nasceu com raízes entranhadas na eternidade, pois o mundo fala das realizações do efêmero. A igreja

³³⁸ VILELA, Dom Avelar Brandão. Os de hoje e os de amanhã. **A Cruzada**, Aracaju, 18 ago. 1935, n. 27, p.

6.

³³⁹ Ibid. Ciência e Fé. **Jornal O Farol**, Petrolina, 21 jan. 1950, ano XXXV, n. 18, p. 4.

³⁴⁰ VILELA, Dom Avelar Brandão. No retomar das posições. **A Cruzada**, Aracaju, 25 ago. 1935, ano I, n. 28, p. 3.

de cristo fala do eterno”.³⁴¹ O perfil de humanidade necessitaria de redenção, purificação e ensinamentos que o levassem por caminhos seguros. A Igreja Católica, com o seu poder pedagógico seria a resposta, estando preparada e disposta a esta missão. Caberia ao homem perdido buscá-la e colocá-la como ponto central de sua vivência. Fé para o padre Avelar não seria só um subjetivismo apaixonado, mas uma escolha consciente, dotada de sentido.

As concepções da atuação da Igreja no tempo modificaram-se em seus discursos ao longo dos cinquenta anos de sacerdócio. Foi citada anteriormente a passagem do Concílio Vaticano II, com a postura de defesa da visão antropocêntrica da fé, colocando o homem e suas carências materiais no centro das preocupações católicas, e reconhecendo uma mística cristã carente de mergulho no mundo moderno. A passagem da II Conferência do Episcopado Latino-Americano, em 1968, em Medellín, também foi lembrada como momento de reflexão da Igreja sobre si mesma. Ambos eventos afetaram Dom Avelar, colocando-o como defensor das teses que, de novos caminhos pastorais, eram necessários para que se atingisse em plenitude o homem num continente em transformação.

Os discursos pós-Concílio e pós-Medellín possuíam tom de otimismo. Apostavam em uma sociedade capaz de alterar seus comportamentos em prol da justiça social, e na Igreja capaz de contribuir com mudanças estruturais profundas. Dom Avelar passou a escrever que à Instituição cabia voltar-se para “o homem, consciente de que para conhecer Deus era necessário conhecer o homem, [...] ter sensibilidade dos problemas sociais e mais sensibilidade pelos pobres, sem esquecer os mais ricos que também são membros da Igreja”.³⁴² Após 1968, reafirmava com mais veemência a crença em solução possível para a condição de miséria que atingia os povos da América Latina. Como continente em fase de desenvolvimento da consciência de sua própria existência, chegaria o momento de passagem a uma afirmação soberana de seu próprio destino. Acreditava, portanto, em um desenvolvimento integral e pacífico em um ambiente de justiça social. Os homens afetados pelo subdesenvolvimento, sendo alvo de uma Igreja renovada e tradicional ao mesmo tempo, poderiam alcançar o ideal de justiça, progresso e sobrevivência digna. Seguiu, portanto, o raciocínio de Paulo VI, para quem o termo desenvolvimento seria o novo nome da paz. Os discursos desta fase de Dom Avelar trabalharam pelas mudanças estruturais, sem violência, acreditando que na aplicação da doutrina social católica, das verdades pontifícias e do diálogo, haveria possibilidade de constituição de um homem respeitado em seus direitos e valores já na existência terrena,

³⁴¹ Ibid. O ideal pedagógico. **A Cruzada**, Aracaju, 1 nov. 1936, ano II, [s.n.], p. 4.

³⁴² VILELA, Dom Avelar Brandão. Dom Avelar continua a jornada da arquidiocese. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 15 nov. 1971, ano XVI, n. 4.602, [s.n.].

conforme desejava a mística cristã defendida. Uma intervenção católica forte seria fundamental para a obtenção das necessidades de valorização humana, pois as condições de existência em si próprias eram marcadas pelas oposições. “Nunca houve tantas riquezas e ao mesmo tempo imensa quantidade de analfabetos e famintos [...] O sentido de liberdade é imenso, mas surgem novas formas de escravidão social”.³⁴³ Dom Avelar seguia este raciocínio sobre as contradições do mundo em seu entorno.

Vive-se num mundo de perplexidades, contestações, contrastes, os projetos são colocados ao alcance de todos [...] Somos um mundo que busca a unidade e admite o pluralismo, que estimula um tipo de educação personalizante do homem sujeito da história, que defende as convicções apaixonadas e ao mesmo tempo se abre ao ecumenismo [...] Não podemos uniformizar os métodos de nossa pastoral. A velocidade do mundo é tão grande que as situações já não esperam nossas prolongadas reflexões. O difícil é compreender o sentido real do Cristo, no coração da história dos homens. O cristianismo na prática falhará se não conseguir tocar o povo e os corações dos homens de modo especial.³⁴⁴

Analisar a sua escrita ao longo dos anos significa encontrar mudanças na forma eclesial de perceber a realidade em que deveria atuar. É refletir sobre os julgamentos que construiu acerca dos rumos que a Santa Sé seguiu; pensar sobre as necessidades do homem na Igreja particular, o comportamento das demais denominações religiosas e as questões internas da Igreja brasileira. Estes fatores se aglutinaram, influenciando seus textos e sendo também afetados pelo peso de sua atuação como arcebispo primaz ou cardeal. No discurso de posse na Arquidiocese de Salvador, na Bahia, em 30 de maio de 1971, explicitou que uma das preocupações eclesiais são os problemas de relacionamento interno e externo. O comportamento interno evangélico, ainda estava em descompasso com a própria consciência da realidade de mundo.

Não é um problema rigorosamente de hoje e pertence a todas as idades, mas se reveste de aspectos inteiramente novos: a mentalidade científica modela a cultura e os modos de pensar de uma maneira diferente do passado e o próprio movimento da história torna-se tão rápido, que os indivíduos dificilmente conseguem segui-lo. Vivemos situações peculiares, dignas de meditação.³⁴⁵

E os problemas internos da Igreja passaram a tomar maior visibilidade. Pesquisa internacional apresentada em 1971 apontou que, de 1939 até o primeiro trimestre de 1969, em média 8.297 sacerdotes católicos abandonaram as ordens; 85% deles citaram o

³⁴³ GAUDIM et SPES. In: JUNIOR, Pimentel (Org). A doutrina social da Igreja. **Rerum Novarum**. Quadregésimo Anno. Mater et Magistra. São Paulo: Dominus, 1963. p.132.

³⁴⁴ VILELA, Dom Avelar Brandão. Um mundo em contrastes. Texto escrito em 25 ago. 1974. Discurso proferido na XIV Assembleia Geral do Conselho Episcopal Latino Americano. **Revista Vozes**, p. 144-145, jul. 1974.

³⁴⁵ Ibid. Discurso de posse na Arquidiocese Primaz de São Salvador, na Bahia, 30 maio 1971. Constante no acervo pessoal. Laboratório Eugênio Veiga. Universidade Católica de Salvador.

celibato obrigatório como causa da decisão. Às portas de um sínodo,³⁴⁶ o Vaticano se recusou a estudar o assunto ou pôr em pauta o crescente número de deserções. Colocou em pauta somente a possibilidade de ordenação de homens casados em situações especiais, mesmo tendo “os motivos da crise eclesial em documento de 200 páginas, compiladas após um estudo de dois anos pelo monsenhor Emílio Calagiovani, sociólogo e advogado do Vaticano”.³⁴⁷ No Brasil, a CNBB constatou que 65% do Clero mineiro e capixaba admitia o casamento dos sacerdotes, de acordo com inquérito realizado sobre os temas a serem debatidos no sínodo em Roma. Cerca 83% gostariam que existisse um novo tipo de padre. Em meio à crise, a posição de Dom Avelar foi de suavizá-la nos diálogos externos, apresentando-a em meio a contextualizações que apelavam para o tradicionalismo do qual a Igreja não poderia abrir mão sem perder sua identidade. A questão celibatária estaria neste enquadramento.

Em 1970, havia o entendimento de que um mundo mais aberto, com a comunicação, deixando de ser privilégio e se voltando para a massa, não mais comportava o afastamento dos fiéis dos problemas internos. Eles se tornaram mais públicos, forçando a Igreja à mudança de posicionamento. Dom Avelar passou a perceber sua Igreja como excessivamente empenhada em encontrar para si uma ordem temporal mais perfeita, deixando para trás o progresso espiritual dos fiéis. Foi quando admitiu publicamente, pela primeira vez, uma crise real e profunda na hierarquia.

Em intervenção realizada em março de 1986, em Roma, no encontro com o papa João Paulo II, colocou sua posição sobre a integração, subordinação ou reposicionamento da Igreja diante do objetivo da promoção social humana, legitimado em 1960 com o Concílio Vaticano II. O pronunciamento chegou a ser repetido no mês seguinte, na XXIV Conferência Nacional da CNBB, em Itaiçara, São Paulo. Dom Avelar admitiu-se incomodado com o desvirtuamento das decisões de Medellín e do Concílio, revelando uma face mais conservadora que moderada. Apesar de longa, a sua citação ajuda a compreender a defesa do retorno ao cristianismo, que não deixa de significar o reposicionamento diante da sua própria história e a autopermissão para mudar condutas de apostolado, a partir de avaliações do contexto histórico. Embora não admitisse, permitia-se uma mudança de opinião, e por isso foi considerado incoerente com seus últimos quinze anos de atuação.

A meu ver, a igreja nem está num otimismo vitorioso nem no oposto, vive um processo de renovação permanente. Ao meu ver a nossa evangelização deve ser mais bíblica, cristocêntrica e eclesiológica do que antropológica. Embora aceitando plenamente a dimensão antropológica da fé, devemos dar ênfase a um esforço apostólico e missionário mais sistemático e coordenado, com a adoção de um catecismo básico. Não seria preciso renunciar as posições de defesa dos

³⁴⁶ Por que os padres não podem casar? **O Jornal**, Rio de Janeiro, 5 nov. 1971, [s.n].

³⁴⁷ VILELA, op. cit., **Revista Vozes**, p. 144-145, jul. 1974.

direitos humanos, assumidos pela igreja no Brasil. O problema não se resolve fazendo recuar a igreja em plano meramente religioso. Trata-se de um problema de integração e dosagem. Não se pode dar 80% do nosso tempo e preocupações para assuntos sociopolíticos e 20% para os temas religiosos. Urge definir uma identidade sem vacilações para que os católicos não se sintam desorientados. A maioria católica do Brasil está ameaçada. Todos os dias estamos perdendo fiéis. As outras denominações são melhor organizadas que nós, mais unidos e mais revestidos do espírito missionário, a seu modo. Temos perdido muito tempo em questões internas e polêmicas desnecessárias e os outros estão se aproveitando disso para o desenvolvimento de seu trabalho. Eles têm um número muito maior de agentes ativos do que nós, por exemplo. É possível a sugestão de modificar o conjunto geral de ação pastoral da CNBB sem prejuízo da substância? São possíveis campanhas mais dirigidas e questionamentos com mais textos litúrgicos no sentido de uma formação cristã mais explícita?³⁴⁸

Recuos, reavaliações e reconhecimento das fragilidades pessoais no exercício religioso, não identificadas por ele como oposição à autodeclarada moderação, são registros que remetem ao autor e seus dilemas existenciais. Em *A prece que brota da vida*, ao falar sobre o papel da Igreja na reorganização da sociedade vigente em 1983, chegou a entender o contexto político como uma página do Gênesis para todos os brasileiros, um começo que eleva as expectativas quanto ao futuro, e amedronta o homem, aflorando suas limitações. Os líderes da Igreja, como ele, estariam vivenciando, amedrontados, este contexto de crises existenciais para conservar a hierarquia como depósitos de fé e acompanhar as opções de vida, a evolução das ideias, “dos sistemas e o comportamento social e político das pessoas, dos partidos, das associações e dos organismos intermediários que se colocam entre o poder constituído e as grandes massas”.³⁴⁹ Ser líder religioso era uma missão que o remetia à fragilidade, ao não saber como agir diante do futuro.

A escrita supracitada exemplifica o tom dado ao livro. Nos últimos sete anos de vida, o otimismo quanto à possibilidade de progresso social e desenvolvimento humano igualitário mantinha-se como o ideal de uma Igreja em marcha, ainda era o objetivo a ser alcançado. Porém, com a mesma ênfase, surgia a Eclésia perdida em si, abatida com a somatória das fragilidades do seu braço humano, tanto fiéis quanto líderes religiosos.

As fraquezas físicas estão nas reflexões. Em texto de 1979, ressentiu-se dos problemas de saúde que se revelariam quatro anos depois, em 1983, como o primeiro tumor a ser extirpado. “Vivi com intensidade problemas inesperados sob o crivo de muitas incompreensões. Um dos anos mais incômodos, humanamente falando, de minha

³⁴⁸ VILELA, Dom Avelar. Intervenção no encontro em Roma com o papa, a CNBB e membros da cúria. 13 a 15 mar. 1986. Registrado na 24^a. Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Itaci-SP. 9 a 18 abr. 1986. Constante no acervo pessoal. Laboratório Eugênio Veiga. Universidade Católica de Salvador.

³⁴⁹ *Ibid.* **A Igreja e a reorganização da sociedade**. A Prece que brota da vida. São Paulo: Salesiano Dom Bosco, 1983. p.14.

vida!".³⁵⁰ Este texto em específico tratava do aniversário de seus 44 anos de ordenação, avaliando o passado nas cidades em que trabalhou e projetando expectativas para as cerimônias de bodas sacerdotais que aconteceriam em 1985.

Nos seus cinquenta e um anos de vida religiosa, desafios de atualização ou adaptação aos contextos históricos foram constantes para Dom Avelar, como foram para a Igreja Católica. Neste aspecto, há identidade entre homem e instituição.

Os textos mostram esforço de inserção e distinção pessoal. As lutas pelas definições de si, as elaborações cuidadosas de suas falas e a vigilância em torno dos suportes de divulgação e do público que iria recebê-las. As memórias de seus contemporâneos de Seminários ou de seus familiares apontam tensões que deram movimento ao homem Avelar Brandão Vilela; foram, em simultâneo, usina para as marcações de sua individualidade ou singularidade, estratégias de sobrevivência ou defesa frente ao outro, e produto dos momentos nos quais, na escrita, punha em marcha sua própria história.

No início da década de 1980, Dom Avelar Brandão Vilela passou a sofrer problemas de saúde que impediram o cumprimento normal de sua agenda religiosa. Em 28 de outubro deste ano, pela primeira vez, não assistiu à missa celebrada na Catedral Basílica de Salvador, em homenagem aos seus 45 anos de ordenação sacerdotal, e 34 anos de sagração episcopal. O bispo coadjutor, Dom João de Sousa Lima, presidiu a cerimônia que contou com mais trinta concelebrantes, e havia sido agendada como grande momento da vida do arcebispo. Dom Avelar, acometido de forte gripe, seguia repousando no Centro de Treinamento de Líderes de Itapoã, sob recomendações médicas.

Ao longo dos anos, o seu modo de lidar com as debilidades físicas foi modificado. Dom Avelar passou a autorizar o conhecimento público de seus problemas de saúde, através da divulgação à imprensa dos motivos de seus afastamentos, ao contrário do que ocorreu nos primeiros anos de seu apostolado em Teresina. Esta atitude refletiu as formas diferenciadas de participação popular na vida de personagens públicos, cujas agruras e conquistas □ fatores que os humanizam e os tornam figuras sacralizadas mais próximas dos dramas cotidianos □ passaram a ser objeto de maior interesse da imprensa e seu público. Apontou ainda uma forma de pensar sobre si a partir daquilo que o fragilizava, o aproximava do fim da existência terrena, e o estimulava a rever a trajetória que construiu ao longo dos anos. A realidade biológica, com suas limitações e angústias,

³⁵⁰ VILELA, Dom Avelar Brandão. **Quase meio século de sacerdócio**. A Prece que brota da vida. São Paulo: Salesiano Dom Bosco, 1983. p.19.

ganhou corpo ao lado da realidade espiritual que havia posto na centralidade durante toda a vida.

Viver é também caminhar para a morte, e a morte é sublime instrumento de caracterização dos legítimos valores do viver. Quero imaginar-me também um imortal dentro do tempo que passa, eu que sempre falei dos valores eternos.³⁵¹

O seu ritmo de trabalho seguia com vistas às comemorações do jubileu de ouro de ordenação sacerdotal, em 1985,³⁵² e planejamento do afastamento das funções religiosas por imposição das normas católicas. De fato, no início de 1984, divulgou à imprensa um plano de aposentadoria, que, mesmo sem fazer alusão direta ao tumor no intestino, retirado em novembro de 1983, em Salvador, rememorava o período afastado dos trabalhos da Arquidiocese, quando, por um mês e meio, buscou repouso e cura em viagens por Campos do Jordão, no Rio de Janeiro, Poços de Caldas e Guaxupé, em Minas Gerais e Campinas, em São Paulo.

O aparecimento do tumor em 1983³⁵³ e a sua publicação nos jornais, por iniciativa do próprio bispo, foi o marco mais visível da nova postura em relação a si mesmo. A imprensa foi utilizada como mecanismo de comunicação com os fiéis e clérigos de Salvador quando precisou se ausentar. A descoberta do retorno da doença, em 1986, reforçou esta forma particular de se posicionar.³⁵⁴

Após receber na Bahia o diagnóstico de câncer e a recomendação de tratamento em São Paulo, no Instituto do Coração do Hospital das Clínicas, convocou os jornais e comunicou o conteúdo do boletim médico. Daí em diante, a imprensa acompanhou cada passo de sua busca pela cura. A partida para São Paulo, no dia primeiro de outubro, em jatinho cedido pela Força Aérea Brasileira, foi publicada com intensidade à semelhança das coberturas que marcavam sua posse nos sólios anteriores.³⁵⁵ A Igreja baiana ficou a cargo dos monsenhores Gaspar Sadock, José Gilberto Luna, Manoel Pithon e do bispo auxiliar Dom Tomas Guilherme Murphy, e não mais voltaria a ser comandada pelo arcebispo. Receberia informações apenas pelas mensagens publicadas semanalmente,

³⁵¹ Discurso de posse na Academia Piauiense de Letras. Teresina, 17 ago. 1969. DANTAS, Deoclécio. **Dom Avelar Brandão Vilela, uma vida a serviço da paz**. Teresina: Gráfica do Povo, 2006. p. 54.

³⁵² Em 1985, em Salvador, aconteceram grandes solenidades pela passagem dos cinquenta anos de ordenação sacerdotal, contendo missa em ação de graças no dia 27 out. às 17 horas, no estádio Otávio Mangabeira (Fonte Nova). Foi criado um hino especialmente para a comemoração do jubileu sacerdotal de ouro.

³⁵³ Dom Avelar pensa o mistério da vida após ser operado. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 7 nov. 1983, 1º Caderno, p. 4.

³⁵⁴ Os médicos Silvano Raia e Dalton F. Chamone do Instituto do Coração, em São Paulo, assinaram, no dia 8 out. 1986, a carta com a conformação de existência de um tumor no estômago (adenocarcinoma em células do corpo do estômago com metástase comprovada) e recomendação de tratamento à base de quimioterapia, confirmando o laudo de exame feito ainda em Salvador pelos médicos Heonir Rocha, Fernando Didier e Helito Mascarenhas. O documento tinha data prevista para divulgação no dia seguinte e por isso continha no cabeçalho a data de 9 out. 1986.

³⁵⁵ Até a volta, Dom Avelar! **Tribuna da Bahia**, Salvador, 2 out. 1986, p. 9.

no *Boletim Arquidiocesano*, contendo orientações gerais aos fiéis para a participação nos eventos religiosos.³⁵⁶

Internado, Dom Avelar continuou a escrever intensamente. Redigiu do apartamento no Instituto do Coração versos de natureza mais íntima e menos clerical, tematizando-a sobre a natureza que envolvia o Engenho Mata Verde e um poema sobre sua doença.³⁵⁷ Manteve o quanto pôde a rotina sacerdotal, celebrando diariamente uma missa no próprio apartamento em companhia do padre Antônio Thadeu. À imprensa comunicou que providenciou sua confissão e programou a recepção da unção dos enfermos por entendê-la como auxílio para a alma e o corpo, e não pela certeza da morte. Divulgou estar tranquilo diante das adversidades.

Em oito de outubro de 1986, ao receber a confirmação sobre a malignidade do tumor, escreveu uma carta introdutória, anexou o laudo médico e o poema que fez sobre o próprio estômago, e enviou cópias aos principais jornais brasileiros, revelando a necessidade de submeter-se à quimioterapia. “Aos amigos comunicadores, se puderem, transmitam ao povo brasileiro esta página de fé, de humildade e de confiança”.³⁵⁸



Figura 17 – Dom Avelar partindo de Salvador com destino a São Paulo, onde realizaria tratamento no Instituto do Coração, em 1986.

Fonte: Acervo disponível na Cúria Metropolitana de Salvador

³⁵⁶ Dom Avelar publicou no boletim poemas em tom de retrospectiva da sua vida em todas as cidades vividas. Conforme, VILELA, Dom Avelar Brandão. 40 anos. Poema. *Boletim Arquidiocesano*. Salvador, ano VII, n. 16, p. 2, 29 out. 1986. Fez ainda versos a amigos seus que o visitaram no Instituto do Coração, em São Paulo.

³⁵⁷ VILELA, Avelar Brandão. Meu irmão estômago. Poema. Compõe acervo de documentação pessoal, 8 out. 1986, do Instituto do Coração. Constante no acervo pessoal. Laboratório Eugênio Veiga. Universidade Católica de Salvador. Ao final da cópia manuscrita acrescentou: “Não sou poeta. Quis apenas, sem maiores preocupações de rima e ritmo, exprimir sentimentos íntimos que mantenho com os órgãos doentes e com a própria doença”.

³⁵⁸ VILELA, Avelar Brandão. Introdução ao Relatório da equipe médica. São Paulo. Instituto do Coração, 8 out. 1985.

Dom Avelar passou quarenta e sete dias em São Paulo sob tratamento. No dia 17 de dezembro, a seu pedido, foi transferido para Salvador, ficando internado no quarto 506 do Hospital Português, em companhia da irmã Giselda Marinho Vilela e da sobrinha Isabel Vilela. Lá permaneceu até o falecimento às 23h55 do dia 19 de dezembro de 1986.

As cidades nas quais viveu sua experiência religiosa foram lembradas no testamento escrito à mão, em 14 de maio de 1985, quando desconfiou da gravidade da doença. O texto foi assinado apenas um dia antes de sua morte, quando, já em Salvador, solicitou aos seus auxiliares que datilografassem as cinco folhas do testamento. Folheto distribuído na missa de trigésimo dia de falecimento do arcebispo, realizada na Catedral Basílica de Salvador, traz trechos das últimas vontades de Dom Avelar. Apesar de longa, a citação é válida, por explicar por resumir a paixão pelas cidades, pela escrita e a identificação com o papel de bispo da Igreja Católica.

Não sei quando, mas é certo que, desta doença ou de outra, morrerei. A morte é irmã da vida. É ressurreição. É transfiguração. Quero ter direito a todos os favores que a Igreja confere a seus filhos, na hora da morte. Quanto ao meu sepultamento, que se faça conforme a Liturgia da Santa Igreja. Perdoo a todos os que me ofenderam. Peço perdão a quem porventura tenha ofendido. Meu caixão seja do tipo comum. Digno, mas simples. Gosto muito de flores e de crianças. Não desejo desperdício, absolutamente, mas desejo que as flores estejam presentes, nos momentos da partida. Deixo para as crianças um abraço amigo e um beijo de ternura. Que elas rezem por mim. Quanto ao local de meu sepultamento, não estabeleço exigências, a não ser que Salvador receba meu corpo e que se cumpram as normas a respeito. Viçosa, a minha terra natal, querida, sob todos os títulos. Aracaju é a terra onde me ordenei padre e me consagrei bispo. Petrolina foi o primeiro campo de meu apostolado episcopal. Quantas recordações! Teresina, a minha primeira arquidiocese muito amada. Salvador, a síntese de todas as terras que pisei. A Sé primacial do Brasil. Aqui, deverei ser sepultado. Despeço-me de todas as categorias sociais e culturais de Viçosa, Aracaju, Petrolina, Teresina e Salvador, sem distinção de classes, nem cor, nem credo político ou religioso. Declaro-me um homem feliz, porque consegui identificar-me com a minha vocação, apesar das minhas falhas. Jamais imaginei chegar a Cardeal Arcebispo Primaz do Brasil. Não fiz nenhum curso para além daqueles que são exigidos pela Igreja para a ordenação sacerdotal. O que pude acumular de conhecimentos foi fruto da vontade férrea de servir à Igreja e ao Cristo. Mesmo assim, a Providência Divina quis usar o seu servo para grandes coisas. Deixo para todos a PAZ que sempre procurei transmitir e a BENÇÃO que sempre procurei dar, em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo! Amém!³⁵⁹

O corpo de Dom Avelar foi enterrado dia 21 de dezembro de 1986, sob comoção.³⁶⁰ Compareceram às cerimônias fúnebres o presidente José Sarney, deputados, senadores e caravanas de fiéis das cidades nas quais trabalhou. Conforme

³⁵⁹ VILELA, Avelar Brandão. Trecho das últimas vontades publicadas em 18 dez. 1986. Lembrança da Missa de 30º dia de falecimento de Dom Avelar Brandão Vilela. Salvador, 19 jan. 1987, [s.n.].

³⁶⁰ Muita emoção no adeus a Dom Avelar. **Correio da Bahia**, Salvador, 22 dez. 1986, [s.n.].

seu pedido, permanece na Catedral Basílica de Salvador, no Terreiro de Jesus, Bairro do Pelourinho. O padre Gilberto Luna, ao tentar resumir o sentimento coletivo, produziu um poema que vai ao encontro do desejo do bispo de pertencer a todos os tempos, nas articulações pessoais e nas palavras que deixou registradas:

Tuas palavras [...] de tal modo nos marcaram
que ficaram presas a cada um de nós
Como rio ao leito,
o sorriso ao lábio,
o sangue à veia,
o pranto à dor [...]
E quando da ressurreição a luz brilhar
Seremos reconhecidos
Como irmãos amigos, fiéis a velar.³⁶¹

³⁶¹ LUNA, Pe. José Gilberto de. **Lembrando o pastor**. Poema dedicado a Dom Avelar no 30º dia de sua morte. Salvador, 19 jan. 1987.

5 A USINA E A FALTA DO FIM

Não há biografia histórica que contemple, por inteiro, a trajetória de uma vida. Impossível dar cabo de todas as faces do existir de Avelar Brandão Vilela ou de qualquer outra pessoa; por conseguinte, nesta pesquisa, há a falta do fim e pistas para outras investigações.

Parte dos vestígios deixados sobre esta personagem tem a marca de sua intencionalidade, pela consciência do peso dos cargos religiosos nos contextos vividos. Isto lhe confere uma singularidade a ser observada pelos estudiosos: se existem documentos construídos à sua revelia, calcados na impossibilidade de controle total sobre a produção em torno de si, há muito de sua condução pessoal na edição, controle e arquivamento dos vestígios compilados. Há um construto autoral presente, que não chega a invalidar os trabalhos científicos - tanto quanto o faria qualquer outra documentação construída pela mão humana - contudo, exige sensibilidade histórica para com a crítica dos documentos. O personagem monumentalizou o quanto pôde sua imagem, exigindo esta atenção especial; mas o diálogo e a reflexão a partir destes documentos não perdem sua validade, pois o propósito da pesquisa histórica completa-se na riqueza de olhares e na diversidade de significados que um mesmo corpus documental pode gerar. Apesar da preocupação pessoal com o material que deixaria para contar sua história, Dom Avelar não foi capaz de minar todos os espaços de manobra de quem o desejasse analisar.

A reflexão desta pesquisa o percebeu construindo a existência na sensibilidade aos contextos sociohistóricos e na tensão constante em prol de uma postura que dialogasse com esses contextos.

Comunicar é fazer história, segundo seu pensamento. Pelo apreço à palavra, sensibilidade às armadilhas e potencialidades da linguagem, estabeleceu o campo do equilíbrio e moderação como o próprio de sua imagem e da sua igreja. Ao menos

publicamente, agiu segundo o princípio de que sua história comunicada seria também parte da história comunicada sobre a Igreja Católica.

A oratória não era dom, mas sim trabalho, fundamentado nas relações com o outro, forjada nas práticas de seminário e situações específicas dos apostolados mediante a percepção das mudanças necessárias ou desejadas pela Igreja Católica. Pelos discursos, estabeleceu aproximação com os fiéis, articulou eventos religiosos nas cidades, geradores de múltiplos sentidos: do orgulho local pela demonstração de fé à vivacidade católica diante do crescimento de outros credos.

Em seus apostolados, os fiéis eram carentes do ponto de vista econômico e afetivo, na medida em que careciam de palavras de otimismo e direcionamento em prol de mudanças sociais significativas. Nesta lacuna, Avelar Vilela trabalhou, planejando grandes eventos religiosos e ações fora do campo eclesial, obtendo igual legitimidade social para ambos. Articulou temporalidades, conhecendo o ritmo histórico e socioeconômico, inerente às cidades nas quais trabalhou, propondo formas de conexão entre estas e outras temporalidades conhecidas ao percorrer estados e países na função de representante da Igreja.

Conseguiu a empatia suficiente para defender uma naturalidade híbrida e múltipla, dizendo-se alagoano, sergipano, pernambucano, piauiense e baiano, com mostras de que os povos desses locais também o percebiam como nativo. Foi apaixonado e despertou paixões nos habitantes destas cidades, ponto que chamou minha atenção como pesquisadora, logo nos primeiros contatos mais aprofundados com a sua figura.

Avelar Vilela não trabalhou sozinho, tampouco foi extemporâneo ou homem à frente de seu tempo. Foi personagem ciente de sua época, e a considerava ligada ao que era passado e ao que seria futuro. Guiou-se pela ciência de sua capacidade de mobilização, estimulando e obtendo o engajamento de poderes públicos e sociedade civil, católicos ou não, nas atividades de aprendizagem ou sindicalismo rural, construção de centros sociais, atividades religiosas, fundação de faculdades e intermediações de conflitos.

Uma quantidade crescente de adjetivos continuará a ser utilizada para etiquetá-lo como o arcebispo da paz, político, assistente social, padrinhos dos pobres, grande orador sacro, entre outros, sem que seja objetivo desta pesquisa apontar quais são os qualificadores mais corretos. As etiquetas importam menos que as relações que as geraram.

Avelar Brandão Vilela, quando pensado como personagem histórico, marcado de conflitos, tensões, consensos num conjunto das ações de intervenção social, práticas, escritos e obras, permanece como uma usina de novos questionamentos históricos, nos

quais pode ser o pretexto para estudo de conjunturas mais amplas ou tornar-se objeto de novas biografias.

A partir de sua trajetória de vida, há a intervenção da Igreja Romana nas igrejas particulares ou práticas católicas populares, entendidas aqui como ritos que o povo, distante da hierarquia eclesial arranhou para vivenciar sua fé, e que foram alvos da atenção hierárquica no sentido de corrigi-las e levá-las de volta à essência católica. Existe ainda um contributo de Avelar Brandão Vilela à educação, principalmente nos Estados de Pernambuco e Piauí, que renderiam novas investigações por significarem arranjos católicos, ora mais ora menos apartados dos poderes públicos, para o oferecimento de Ensino Fundamental e Superior. De igual potencial investigativo são as experiências de construção e funcionamento de centros sociais pioneiros em serviços de assistência médica, odontológica e nutricional, chegando à população periférica a atenção social que os poderes públicos, sozinhos, não tinham conseguido articular. Sua trajetória internacional junto ao CELAM e ao Vaticano constitui, ainda, outra janela para futuros estudos.

Imersa na missão de me inventar historiadora, mantenho-me convencida de que construir biografia histórica não é seguir linha de vida coerente, com origem e final determinados. É dar abertura para que a vida possa ser vista inclusive por outras simbologias, que não sejam uma linha, um curso, um caminho e possam se aproximar da ideia de conflito, alternância, luta, tensões e harmonizações em que o outro é uma referência em vista.

Ao analisar vestígios deixados em forma de silêncio e memória, informação, intenções, e subjetividades que os documentos não alcançam, há de se manter o espaço para a humildade e reconhecimento das limitações dos esforços de pesquisa. Existe, na minha narrativa, a falta do fim no ponto em que encontrei em Dom Avelar uma espécie de usina para novas propostas de estudo. Por questões burocráticas, foi encerrada, mas não pertence à origem nem ao ponto de chegada da vida de Avelar Brandão Vilela, nem poderia. História não é início ou fim, mas aquilo que se movimenta dentro dos interesses humanos e sobre os quais é sempre possível refletir e aprender.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Fontes orais: histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus van der. **História da igreja no Brasil**: ensaio e interpretação a partir do novo. Tomo II/3-2. Terceira época 1930-1964. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BARBOSA, Marialva Carlos. Meios de comunicação e história: um universo de possíveis. In: FERREIRA & RIBEIRO (Org.). **Mídia e memória**: a produção de sentidos nos meios de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BARROS, Jesualdo Cavalcanti. **Tempo de contar** (o que vi e sofri nos idos de 1964). Teresina: Gráfica do Povo, 2006.
- BRITO, Itamar Sousa. **História da educação no Piauí**. Teresina: EDUFPI, 1996.
- BRITO, Maria Creusa Sá Y. **Petrolina**: origem, fatos, vida, uma história. Petrolina: Tribuna do Livro, 1995.
- BONFIM, Maria do Carmo; PEREIRA, Maria das Graças Moita R.; SOUSA, Francisca Mendes de (Org.). Seminário presente do passado: a Faculdade Católica de Filosofia na História da Educação do Piauí - **Anais**. Teresina: EDUFPI, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- _____. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaina (Coord.). **Usos & abusos da História oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- CARDOSO, Elisângela Barbosa. **Múltiplas e singulares**. Histórias e memórias de estudantes universitárias em Teresina 1930-1970. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003.
- CARVALHO JÚNIOR, Dagoberto. **História episcopal do Piauí**. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1980.
- CÂMARA, Dom Helder. **Um olhar sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- CAVALCANTE, Pe.; Francisco José P. **Diocese de Petrolina**. 80 anos de evangelização. Petrolina: Gráfica Franciscana, 2004.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 14. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

- CNBB. A Igreja e o Vale do São Francisco. In: **Pastoral da Terra: Posse e Conflitos**. São Paulo: CNBB, 1976.
- CONTI, Mário Sérgio. **Notícias do Planalto**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- DANTAS, Deoclécio. **Marcas da ditadura no Piauí**. Teresina: Gráfica do Povo, 2008.
- _____. **Dom Avelar Brandão Vilela: uma vida a serviço da paz**. Teresina: Gráfica do Povo, 2006.
- DOBAL, H. **Roteiro sentimental e pitoresco de Teresina**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1992.
- DUBY, Georges. **Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo**. Rio de Janeiro: Graal, 1987.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- _____. **Mozart, sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 16. ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- _____. **O que é um autor?** 2. ed. Portugal: Veja, 1992.
- GONÇALVES, Wilson Carvalho. **Teresina: pesquisas históricas**. Teresina: Gráfica e Editora Júnior, 1991. p. 36.
- GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATTO, Vera Ivanise (Org.). **Concílio Vaticano II. Análise e perspectivas**. São Paulo: Paulinas, 2004.
- GOVERNO DO PIAUÍ. **Governadores do Piauí: uma perspectiva histórica**. Teresina: Fundação CEPRO, 1993.
- HOLANDA, Fabíola; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.
- IBGE. Conselho Nacional de Estatística e Contagem da População. **Estatísticas Básicas**. Série Retrospectiva. Rio de Janeiro, 1971.
- LEÃO XIII, Papa. Rerum Novarum. Carta Encíclica sobre a condição dos operários. In: JUNIOR, Pimentel (Org.). **A doutrina social da Igreja**. São Paulo: DOMINUS, 1963.
- LE GOFF, Jacques. **São Luis Biografia**. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- _____. **São Francisco de Assis**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- _____. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Unicamp. 2003.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da História oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 167.
- LIMA, Jackson da Silva. **Os estudos filosóficos em Sergipe**. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1995.
- LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos impressos. Fontes orais: histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LUSTOSA, O.P. Oscar de Figueiredo. **Os Bispos do Brasil e a imprensa**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1983. (Coleção Cadernos de História da Igreja no Brasil).

LUZ, Marta. **Cronologia Histórica e cultural de Petrolina**. Petrolina: Prefeitura Municipal de Petrolina, 1995.

MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e política no Brasil – 1916/1985**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MATOS, Maria Ivone. **Vultos da Academia Piauiense de Letras**. Cadeira 1. Teresina: Academia Piauiense de Letra, 1991.

MEDEIROS, Antônio José. **Movimentos sociais e participação política**. Teresina: CEPAC, 1996.

MELO, Antônio Maureni Vaz Verçosa de. Faculdade Católica de Filosofia do Piauí: renovação e transformação da educação do Estado. In: FRANCO, Roberto Kennedy Gomes; VASCONCELOS, José Gerardo (Org.). **Outras histórias do Piauí**. Fortaleza: UFC, 2007.

MELO, Padre Claudio. **Piauí Diocese e província eclesiástica**. Teresina: Arquidiocese de Teresina, 1993.

MENDES, Felipe. **Economia e desenvolvimento do Piauí**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003.

MICELI, Sérgio. **A elite eclesiástica brasileira**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2000.

MORAIS, J. F. de. **Os bispos e a política no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1982.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **História e memória da Rádio Pioneira de Teresina**. Teresina: Alínea Publicações, 2004.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. Projeto História. **Revista do programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC-SP**. São Paulo-SP, 1981.

PINHEIRO, Áurea da Paz. Fontes hemerográficas. In: **História e historiografia**. Recife: Bagaço, 2006.

PINHEIRO FILHO, Celso Pinheiro. **História da imprensa no Piauí**. 3. ed. Teresina: Zodíaco, 1997.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2. n. 5, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

QUEIROZ, Terezinha. **Os literatos e a república**: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. Teresina/João Pessoa: EDUFPI/UFPB, 1998.

REVISTA ECONÔMICA PIAUIENSE. Teresina, n. 1, v. 1, p. 5, jan./mar. 1957.

RICOUER, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo I. Campinas-SP: Papyrus, 1994.

ROJAS, Carlos Antônio Aguirre. La biografia como gênero historiográfico – algumas reflexões sobre sus possibilidades actuaes. In: SCHMIDT, Benito (Org.). **O biográfico**. Perspectivas interdisciplinares. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

ROSSOTO, Ricardo. **Universidade**: nove séculos de história. Teresina: EDUFPI, 2005.

SAID, Gustavo Fortes. **Comunicações no Piauí**. Teresina: Academia Piauiense de Letras/Banco do Nordeste, 2001.

SALVADOR, Arquidiocese de São. **Dom Avelar Brandão Vilela**. Meio século de pregação. Homenagem da Arquidiocese de São Salvador da Bahia pelo seu jubileu sacerdotal de ouro. Salvador: Arquidiocese de São Salvador, 1985.

SCHMIDT, Benito Bisso. Luz e papel, realidade e imaginação: as biografias na história, no jornalismo, na literatura e no cinema. In: SCHMIDT, Benito (Org.). **O biográfico**. Perspectivas interdisciplinares. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

SERBIN, Kenneth P. **Diálogos na sombra**: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVA, Halan Kardec F. **As formas incompletas**: apontamentos para uma biografia. Teresina: Oficina da Palavra/Instituto Dom Barreto, 2005.

SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: REMOND, Renê. (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: UFRJ/Fundação Getúlio Vargas, 1996.

TAVARES, Zózimo. **O Piauí no século XX**. 100 Fatos que marcaram o estado de 1900 a 2000. Teresina: Alínea, 2003.

TITO FILHO, Arimateia. **Memorial da cidade verde**. Teresina: Governo do Estado do Piauí, 1978.

VILELA, Dom Avelar Brandão. **A prece que brota da vida**. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1983.

VILELA, Daniel Marques. A igreja contra os coronéis. Artigo. In: **Revista História Viva**. São Paulo: Duetto Editorial, ano v, n. 60, p. 70, out. 2008.

ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro (Org). **Ditadura militar na Bahia: novos olhares, novos objetos, novos horizontes**. Salvador: UDFBA, 2009.

PIAUI, Governo do Estado. **A serviço da paz!** Teresina. COMEPI. [sem data]. (Coletânea de homilias e discursos de Dom Avelar Brandão Vilela).

Fontes hemerográficas

A Cruzada

A BOA Imprensa. **A Cruzada**, Aracaju, 10 fev. 1935. n. 1. p. 2.

CONTINUANDO a Jornada... **A Cruzada**, Aracaju, 10 fev. 1937.

ADLUCEM. **A Cruzada**, Aracaju, 10 fev. 1935, n. 1, p. 1.

LEME, Cardeal Sebastião. Ditadura gloriosa e vencedora da imprensa. **A Cruzada**, Aracaju, 21 abr. 1935, n.10, p. 1.

PADRE AVELAR BRANDÃO VILELA. **A Cruzada**, Aracaju, 24 nov. 1935, n. 40, p. 1.

PIO XI E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO. **A Cruzada**, Aracaju, 9 jun. 1935, n. 17, p. 1.

VILAS-BOAS, Monsenhor. Viçosa de Alagoas. **A Cruzada**, Aracaju, 1 dez. 1935, n. 41, p. 6.

VILELA, Avelar Brandão. Caridade, arcaísmo. **A Cruzada**, Aracaju, 11 ago. 1935, n. 26, p. 1.

_____. O ideal pedagógico. **A Cruzada**, Aracaju, 1 nov. 1936, n.70, p. 1-4.

_____. O problema religioso. **A Cruzada**, Aracaju, 23 fev. 1936, n. 50, p. 1.

_____. Os pecados, a ciência e a Igreja. **A Cruzada**, Aracaju, 31 out. 1937, n. 123, p. 6.

_____. A missão do jornal católico. **A Cruzada**, Aracaju, 13 out. 1935, n. 35, p. 1.

_____. Os de hoje e os de amanhã. **A Cruzada**, Aracaju, 18 ago. 1935, n. 27, p. 6.

_____. No retomar das posições. **A Cruzada**, Aracaju, 25 ago. 1935, ano I, n. 28, p. 3.

A Semana

SOARES, Pe. Manoel. Uma lembrança. **A Semana**, Aracaju, 6 e 7 fev. 1973, ano XII, n. 23. Não paginado.

A Tarde

CALASANS, José. Os padres de D. José. **A Tarde**, Salvador, 23 out. 1985, n. 1220. Não paginado.

CARDEAL pede apoio e ajuda para o Maciel. **A Tarde**, Salvador, 29 maio 1984. Não paginado.

DOM AVELAR vê no cardinalato maiores responsabilidades. **A Tarde**, Salvador, 3 fev. 1973. Não paginado.

VILELA, Dom Avelar Brandão. Coluna Destaque. **A Tarde**, Salvador, 6 fev. 1973. Não paginado.

Correio da Bahia

SITUAÇÃO dos invasores da Teotônio Vilela é crítica. **Correio da Bahia**, Salvador, 12 set. 1984, p. 1.

MUITA emoção no adeus a Dom Avelar. **Correio da Bahia**, Salvador, 22 dez. 1986. Não paginado.

Diário de Notícias

NÃO ME agrada ser instrumentalizado nem pela direita, nem pela esquerda. **Diário de Notícias**, Salvador, 22 e 23 abr. 1973, p. 2, Caderno 2, p. 7.

Diário de Pernambuco

FREYRE, Gilberto. Meu caro arcebispo carismático. **Diário de Pernambuco**. Recife, 2 out. 1986, p. 5.

Folha da Manhã

A. PACHECO. Coluna da cidade. **Folha da Manhã**, Teresina, 23 jan. 1958, n. 94, p. 2.

Gazeta de Alagoas

DAMASCENO, Alves. Nosso cardeal quase não se ordenava padre. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 8 abr. 1973. Não paginado.

Gazeta de Sergipe

DOM AVELAR continua a jornada da arquidiocese. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 15 nov. 1971, ano XVI, n. 4.602. Não paginado

Jornal da Bahia

DOM AVELAR luta pelas clínicas. **Jornal da Bahia**, Salvador, 14 jun. 1984, p. 1.

UM BISPO da Igreja Viva. **Jornal da Bahia**, Salvador, 1 jun. 1971, ano XIII, n. 3.678, p. 3.

Jornal de Brasília

ESPECIAL Dom Avelar. Um prazo para entregar o poder aos civis. **Jornal de Brasília**, Brasília, 10 abr. 1977, p. 16.

Jornal do Brasil

DOM AVELAR pensa o mistério da vida após ser operado. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 7 nov. 1983, 1º Caderno, p. 4.

Jornal O Dia

A LIÇÃO de Dom Avelar. **O Dia**, Teresina, 24 out. 1957, ano VII, n. 505, p. 1.

ASSEMBLEIA Legislativa aprovou voto de congratulações com o arcebispo. **O Dia**, Teresina, 15 jan. 1966, ano XV, n. 1740, p. 4.

A TUBERCULOSE EM TERESINA. **O Dia**, Teresina, 5 dez. 1957, n. 511, p. 2.

BARROMEU, Carlos. Maio em Flor. **O Dia**. Teresina, Edição do dia 10 de maio de 1956. n. 354. p. 02.

CALAMIDADES. **O Dia**, Teresina, 3 abr. 1960, n. 760, p. 2.

CARA OU COROA. Teresina, **O Dia**, 5 maio 1956, n. 396, p. 3.

CARAVANA operária vai a posse de Dom Avelar. **O Dia**, Teresina, 30 maio 1971, n. 3.221, p. 4.

CARVALHO, O. G. Rego de. Ensino Primário. **O Dia**, Teresina, 11 ago. 1957, ano VII, n. 484, p. 2.

_____. ABC da Filosofia. **O Dia**, Teresina, 14 jul. 1957, ano VII, n. 476, p. 3.

_____. Deus e os Homens. **O Dia**, Teresina, 13 out. 1957, ano VII, n. 503, p. 1.

DOM AVELAR entrega a cidade. **O Dia**, Teresina, 29 maio 1971, n. 3.322, p.1.

DOM AVELAR deixou Teresina chorando. **O Dia**, Teresina, 30 maio 1971, n. 3.223, p. 1-5.

EM TERESINA, desde ontem, o novo chefe da Arquidiocese. **O Dia**, Teresina, 6 maio 1956, n. 353, p. 1.

FALTA de higiene nos bares. **O Dia**. Teresina, 1 jan. 1959, n. 629, p. 1.

MENDES, Simplício de Sousa. D. Avelar. Coluna Televisão. **O Dia**, Teresina, 15 jan. 1966, ano XV, n. 1740, p. 3-4, ano XV.

NOSSO Aniversário. **O Dia**, 2 fev. 1956, p. 1.

OBRIGADO Dom Avelar. **O Dia**, Teresina, 5 maio 1971, n. 3.282, p. 3.

O DIA. Teresina, 2 fev. 1956, n. 326, p. 1.

O DIA. Teresina, 22 ago. 1957, n. 487, p. 3.

O DIA. Teresina, 31 ago. 1968, ano XVIII, n. 2520, p. 1.

O PAPEL de Dom Avelar. **O Dia**, Teresina, 16 ago. 1956, p. 2-3.

PELA Saúde do povo. **O Dia**, Teresina, 23 out. 1955, n. 30, p. 2.

PIAUI chora na despedida de Dom Avelar Brandão Vilela. **O Dia**, Teresina, 5 maio 1971, n. 3.282, p. 1.

PLANO de Ação de Dom Avelar. **O Dia**, Teresina, 16 ago. 1956, p. 1-4.

ROLLO, Orlando C. Ocorrência lamentável. **O Dia**, Teresina, 11 jul. 1957, n. 475. p. 2.

SILVA, Alberto Tavares. 15 anos de Santo apostolado. **O Dia**, Teresina, 5 maio 1971, n. 3.282. p. 1, 3 Caderno.

TITO FILHO, Arimateia. **O Dia**, Teresina, 14 abr. 1960, n. 763, p. 1.

TÓPICOS e Notícias. **O Dia**, Teresina, 15 jan. 1956, n. 322, p. 2.

TÓPICOS e Notícias. **O Dia**, Teresina, 29 mar. 1956, n. 342, p. 6.

TÓPICOS e notícias. **O Dia**, Teresina, 6 maio 1956. n. 353, p. 1.

TIRA GOSTO. **O Dia**, Teresina, 2 fev. 1956, n. 326, p. 3.

Jornal da Madeira

VISITA do cardeal primaz do Brasil ao Jornal da Madeira. **Jornal da Madeira**, Ilha da Madeira, 15 jun. 1977, ano XLVII, n. 14.321, p. 4.

Jornal do Piauí

A CIDADE. **Jornal do Piauí**. Teresina, 29 ago. 1957, n. 527, p. 3.

A RECEPÇÃO a Dom Avelar. **Jornal do Piauí**, Teresina, 10 maio 1956, n. 398, p. 1.

BEZERRA, Vitalino de Alencar. Revendo Teresina. **Jornal do Piauí**, Teresina, 13 mar. 1958, n. 580, p. 3.

CAVALCANTE, Godofredo Soares. Caminhando pela cidade. **Jornal do Piauí**, Teresina, 10 maio 1956, n. 398. p. 4.

LUZ. **Jornal do Piauí**, Teresina, 14 nov. 1957, n. 547, p. 3.

NOTAS E POLÍTICA. **Jornal do Piauí**, Teresina, 1 jan. 1956, n. 376, p. 12.

O SENTIDO DE UMA HOMENAGEM. **Jornal do Piauí**, Teresina, 10 maio 1956, n. 398, p. 1.

O TESTAMENTO DE D. SEVERINO. **Jornal do Piauí**, Teresina, 5 jun. 1955, n. 343, p. 3.

REGRESSA AO PIAUÍ O BISPO DE TERESINA. **Jornal do Piauí**, Teresina, 28 jul. 1956, p. 1.

SANTANA, R. N. Monteiro de. Necessidade de desenvolvimento econômico para o Piauí. **Jornal do Piauí**, Teresina, 12 dez. 1957.

O Farol

Recepção do Exmo. Sr. Dom Avelar Brandão Vilela. **O Farol**, Petrolina, 7 dez. 1946, ano XXXII, n. 11, p. 1.

SAUDAÇÕES a Dom Avelar Vilela. **O Farol**, Petrolina, 11 maio 1957, ano 42, n. 20, p. 1.

A CIDADE recebe hoje, sob intensa vibração cívico-religiosa, o seu terceiro bispo, S. Excia. Revma. Dom Avelar Brandão Vilela. **O Farol**, Petrolina, 14 dez. 1948, ano XXXII, n. 12, Capa.

VILELA, Dom Avelar Brandão. Ciência e Fé. **O Farol**, Petrolina, 21 jan. 1950, ano XXXV, n. 18, p. 4.

O Dominical

AVISO ao Revmo. clero e aos fiéis. **O Dominical**, Teresina, 16 fev. 1964, n.7/64, p. 1.

CERIMONIAL Litúrgico de posse do novo arcebispo. Cortejo para a catedral. **O Dominical**, Teresina, 5 maio 1956, n.19/56, p. 8.

DOM AVELAR e seu plano de Ação. **O Dominical**, Teresina, 26 fev. 1956, n. 6/56, p. 1.

DOM SEVERINO Vieira de Melo. *Post Mortem*. **O Dominical**, Teresina, 26 jun. 1955, n. 26/55, p. 3.

DOM AVELAR, arcebispo de Teresina. **O Dominical**, Teresina, 27 nov. 1955, n.48/55, p. 3.

HOMENAGEM a Dom Avelar. **O Dominical**, Teresina, 5 maio 1955, n.19/56, p. 3.

NETTO, Medeiros. Menino de Viçosa. **O Dominical**, Teresina, 10 jan. 1965, n. 2/65, p. 5.

O CONGRESSO em Marcha. **O Dominical**, Teresina, 4 set. 1960, ano XXIV, n. 36/60 p. 1.

P. L. S. Constatações. **O Dominical**, Teresina, 16 jun. 1955, n. 25/55, p. 1.

PROGRAMA de Recepção e Posse do novo arcebispo Dom Avelar B. Vilela. **O Dominical**, Teresina, 29 abr. 1956, n. 18/56, p. 1-4.

O Jornal

POR QUE os padres não podem casar? **O Jornal**. Rio de Janeiro, 5 nov. 1971. Não paginado.

Revista Caravana

CHAVES, Monsenhor Joaquim. Dom Avelar Brandão Vilela. **Revista Caravana**. Especial 1º Congresso Eucarístico de Teresina. Rio de Janeiro, ano XIV, jan. 1961. Não paginado.

PAULA, Alves de. Teresina: Primeiro Congresso Eucarístico. Editorial. **Revista Caravana**. Especial 1º Congresso Eucarístico de Teresina, Rio de Janeiro, ano XIV, p. 3, jan. 1961.

Revista Econômica Piauiense

VILELA, Dom Avelar Brandão. Carta à direção. **Revista Econômica Piauiense**, Teresina, n. 1, vol. 1, p. 5, jan./mar. 1957.

Revista Isto É

VILELA, Dom Avelar Brandão. São Paulo, 1982. Não sou oposição, sou pastor. Entrevista concedida à **Revista Isto É**, São Paulo, n. 287, p. 93, 23 jun. 1982.

Revista Paróquia de Fátima

BATISTA, Pe. Tony. **Revista Paróquia de Fátima**: sua história, sua gente, Teresina, p. 26, 2003.

PIRES, Padre Isidoro. **Revista Paróquia de Fátima**: sua história, sua gente, Teresina, p. 24, 2003.

Revista Veja

O renovador e o diplomata. São Paulo, 1973. **Revista Veja**, São Paulo, n. 231, p. 48, 7 fev. 1973.

A IGREJA e a reabertura. São Paulo, 1977. Entrevista concedida por Dom Avelar Brandão Vilela à **Revista Veja**, São Paulo, 2 nov. 1977, p. 3.

Tribuna da Bahia

O PRIMEIRO dia de Dom Avelar como arcebispo. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 1 jun. 1971. Não paginado.

ATÉ A VOLTA, Dom Avelar! **Tribuna da Bahia**, Salvador, 2 out. 1986, p. 9.

Voz do Paraná

DOM AVELAR Brandão Vilela. Curitiba. Entrevista concedida ao Jornal **Voz do Paraná** em 26 set. 1976.

Livros de Registros e estatutos

LIVRO I do Registro Histórico do Seminário Sagrado Coração de Jesus. Capítulo II – Da pensão, Artigo 19, p. 7, 15 nov. 1914.

LIVRO I do Registro Histórico do Seminário Sagrado Coração de Jesus. Capítulo X – Da piedade. Estatutos do Seminário Sagrado Coração de Jesus. Aracaju-SE, p. 9, 15 nov. 1914.

LIVRO I do Registro Histórico do Seminário Sagrado Coração de Jesus. Aracaju-SE. Capítulo XI – Dos deveres dos seminaristas, p. 12, 15 nov. 1914.

ESTATUTOS do Seminário Sagrado Coração de Jesus. Aracaju-SE. 15 nov. 1914.

Cartas, boletins, discursos e conferências

LUNA, Pe. José Gilberto de. Lembrando o pastor. Poema dedicado a Dom Avelar no 30º dia de sua morte. Salvador, 19 jan. 1987.

VILELA, Dom Avelar Brandão. A difícil posição de quem não aceita os radicalismos. Carta pessoal. 31 ago. 1973. Constante no acervo pessoal. Laboratório Eugênio Veiga. Universidade Católica de Salvador.

_____. Carta redigida de Petrolina, para sua mãe, Isabel Brandão Vilela, em Viçosa (AL), 17 out. 1957.

_____. Cartão de lembrança do seu Jubileu Sacerdotal de Ouro. Salvador, 27 out. 1985. Disponível em: Acervo pessoal do monsenhor Bernardino Pacífico da Luz, ordenado sacerdote em 19 dez. 1948, em cerimônia presidida por Dom Avelar em Petrolina(PE).

_____. Carta redigida do Seminário de Olinda, 11 out. 1934.

_____. Carta redigida do Seminário da cidade de Propriá(SE), durante viagem pastoral, 13 out. 1935.

_____. Igreja e mudança social. Conferência pronunciada na Fundação Joaquim Nabuco, em Recife(PE), 16 set. 1986.

_____. Carta pessoal do acervo da Cúria Metropolitana de Teresina. Teresina, 27 jul. 1970.

_____. Carta pessoal do acervo da Cúria Metropolitana de Teresina. Teresina, 16 jul. 1970.

_____. Carta pessoal do acervo da Cúria Metropolitana de Teresina. Teresina, 14 mar. 1962.

_____. Carta pessoal do acervo da Cúria Metropolitana de Teresina. Teresina, 23 mar. 1962.

_____. Discurso de posse na Academia de Letras da Bahia. Salvador, 12 ago. 1976.

_____. Oração por um dia feliz. Salvador, 13 set. 1971.

_____. Liberdade de Imprensa, Humanismo e Cristianismo. Conferência pronunciada na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 19 jun. 1970.

_____. Oração por um Dia Feliz. Rádio Pioneira, Teresina, 30 maio 1971.

_____. Postal do acervo do Laboratório Eugênio Veiga, Universidade Católica de Salvador. Salvador, [19--].

_____. Discurso de Abertura da II Conferência Episcopal Latino-Americana. Medellín. 26 de agosto de 1968. In: DANTAS, Deoclécio. **Dom Avelar Brandão Vilela, uma vida a serviço da paz**. Teresina: Gráfica do Povo, 2006. p. 74.

_____. Discurso de posse na Academia Piauiense de Letras. Teresina, 17 ago. 1969.

_____. Um mundo em contrastes. São Paulo, 25 ago. 1974. Discurso proferido na XIV Assembleia Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano. **Revista Vozes**, São Paulo, p. 144 -145, jul. 1974.

_____. Discurso de posse na Arquidiocese Primaz de São Salvador, na Bahia. Constante no Laboratório Eugênio Veiga. Universidade Católica de Salvador. Salvador, 30 maio 1971.

_____. Intervenção no encontro em Roma com o papa, a CNBB e membros da cúria, entre 13 e 15 mar. 1986. Registrado na 24ª. Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Itaici. São Paulo, 9 a 18 abr. 1986. Constante no acervo pessoal. Laboratório Eugênio Veiga. Universidade Católica de Salvador.

_____. Meu irmão estômago. Poema. Compõe acervo de documentação pessoal. Instituto do Coração. São Paulo, 8 out. 1986. Constante no acervo pessoal. Laboratório Eugênio Veiga. Universidade Católica de Salvador

_____. Introdução ao relatório da equipe médica. Instituto do Coração. São Paulo, 8 out. 1985.

_____. Lembrança da Missa de 30º dia de falecimento de Dom Avelar Brandão Vilela. Salvador, 19 jan. 1987.

VILELA, Isabel B. Bilhete disponível no acervo da Cúria Metropolitana de Teresina. Teresina, 7 jul. 1962.

_____. Carta pessoal do acervo da Cúria Metropolitana de Teresina. Teresina, 9 dez. 1969. p. 1.

Boletim Arquidiocesano

VILELA, Dom Avelar Brandão. 40 anos. Poema. **Boletim Arquidiocesano**, Salvador, ano VII, n. 16, p. 2, 29 out. 1986.

Encíclicas papais

AS ENCÍCLICAS sociais de João XXIII. *Mater et Magistra*. Comentários atualizados. **Pacem in Terris**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963. 2. v.

GAUDIM ET SPES. In: JUNIOR, Pimentel (Org.). A doutrina social da Igreja. **Rerum Novarum. Quadregésimo Anno. Mater et magistra**. São Paulo: Dominus, 1963. p. 132.

JOÃO XXII, papa. **Mater et Magistra**: sobre a evolução da questão social à luz da doutrina cristã. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/documenst>. Acesso em: 20 out. 2007.

Entrevistas

BATISTA, Pe. Tony. Teresina, 2008. Entrevista concedida à Sônia Maria dos Santos Carvalho em 1 ago. 2008.

DANTAS, Deoclécio. Teresina, 2009. Entrevista concedida à Thais de Araújo Carvalho em 20 maio 2009.

_____. Teresina, 2002. Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento em 19 mar. 2002.

LIMA, Carlos Augusto de Araújo. Teresina, 2002. Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento em 14 abr. 2002.

LUZ, Monsenhor Barnardino Pacífico. Petrolina, 2009. Entrevista concedida à pesquisadora Sônia Maria dos Santos Carvalho em 19 fev. 2009.

MENDES, Maria Cecília da Costa Araújo. Teresina, 2008. Depoimento concedido à Sônia Maria dos Santos Carvalho em 15 ago. 2008.

SANTOS, José Lopes dos. Teresina, 2001. Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento em 20 jul. 2001.

SILVA, Joel. Teresina, 2002. Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento em 20 jul. 2002.

TAJRA, Jesus Elias. Teresina, 2002. Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento em 2002.

VILELA, Dom Avelar Brandão. Teresina. Entrevista concedida a Ney Gonçalves Dias. Acervo da Rádio Pioneira de Teresina. [19--].

VILELA, Isabel Marinho. Entrevista concedida ao radialista Severino Filho. Arquivo da Rádio Pioneira de Teresina. [19--].

Monografias, Dissertações e Tese

ARAÚJO, Warrington Wallace Veras de. **Dom Avelar Brandão Vilela, entre o texto e o contexto:** trajetória e representações do arcebispo do Piauí (1956-1971). 2008. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, 2008.

BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro. **Os padres de D. José:** Seminário Sagrado Coração de Jesus (1913-1933). 2004. 201p. Dissertação (Mestrado). UFSE, São Cristóvão, 2004.

CARVALHO, Maria do Amparo Alves de. **História e repressão:** fragmentos de uma memória oculta em meio às tensões entre a Igreja Católica e o regime militar em Teresina. 2007. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História do

Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, 2006. Disponível em: <<http://www.ufpi.br/mesthistoria/amparo.php>>. Acesso em: 10 out. 2007.

MONTEIRO, Elias; ODORICO, Elane. **A outra igreja**: memórias das ações de Dom Avelar Brandão Vilela e a construção de um outro catolicismo no Piauí. 2008. Monografia (Conclusão de Curso). Curso de Comunicação Social da Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2008.

OLIVEIRA, Marylu Alves. **Contra a foice e o martelo**: considerações sobre o discurso anticomunista piauiense no período de 1959-1969: uma análise a partir do jornal O Dia. 2008. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, 2008.

PEREIRA, Luciana de Lima. **A igreja católica e os tempos modernos**: A luta pela construção de uma neocristandade em Teresina (1948-1960). 2008. Dissertação (Mestrado) □ Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.

PINHEIRO, Áurea da Paz. **O desmoronar das utopias. Abdias Neves (1876-1928)**: anticlericalismo e política no Piauí nas três primeiras décadas do século XX. 2003. Tese (Doutorado). Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, SP, 2003.

Anexos

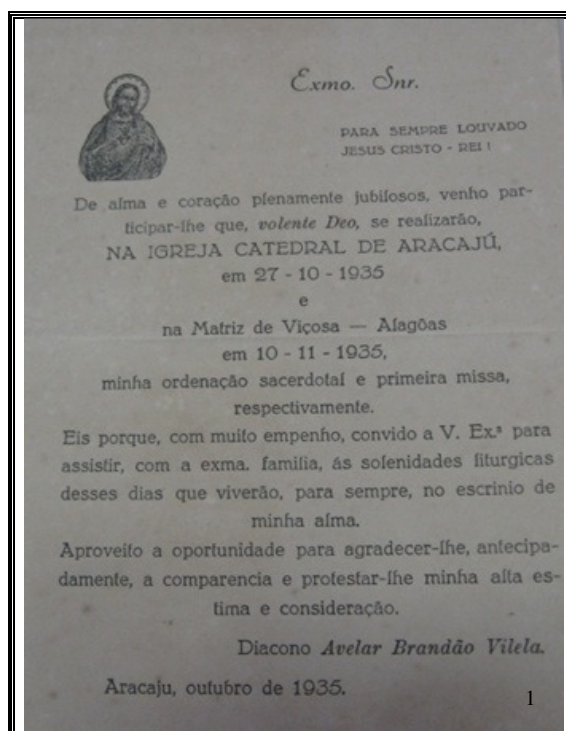


Figura 1 - Convite produzido no Rio de Janeiro, para as cerimônias de ordenação sacerdotal em Aracaju. E Primeira Missa em Viçosa, Alagoas, em 1935.

Fonte: Laboratório Eugênio Veiga, Universidade Católica de Salvador.

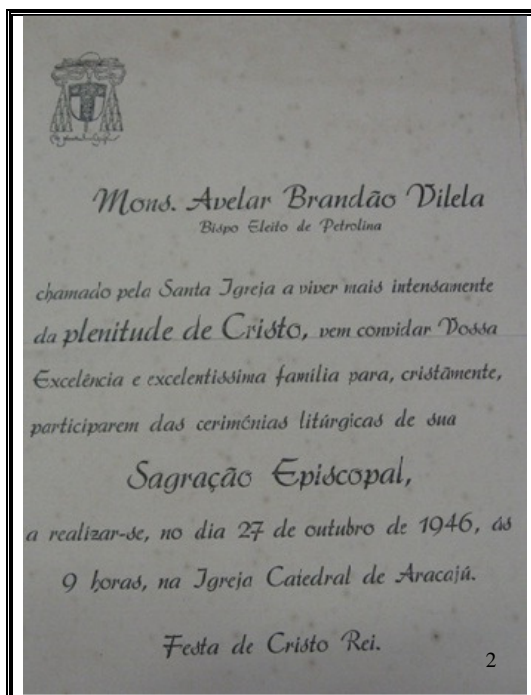


Figura 2 - Convite produzido no Rio de Janeiro para as cerimônias de sagração sacerdotal em Aracaju em 1946.

Fonte: Laboratório Eugênio Veiga, Universidade Católica de Salvador.



Figura 3 - Jornal O Dia, de Teresina, em edição de 05 de maio de 1971, especialmente produzido para a despedida de Dom Avelar Brandão Vilela do Piauí.

Fonte: 15 Anos de Santo apostolado. Jornal *O Dia*. 3 Caderno. Teresina. Edição especial do dia 05 de maio de 1971, n. 3.282, p. 1.



Figura 4 - Cartão produzido pelos fiéis do município de Valença e região para a cerimônia de despedida de Dom Avelar, do Piauí, em maio de 1971.

Fonte: Laboratório Eugênio Veiga, Universidade Católica de Salvador.



Figura 5 - Dom Avelar Brandão Vilela no momento em que devolveu simbolicamente as chaves da cidade de Teresina ao prefeito Joel Ribeiro, antes de ser transferido para a Arquidiocese de São Salvador, na Bahia.

Fonte: Jornal *O Dia*, Edição do dia 29 de maio de 1971, p. 1, n. 3.322.



Figura 6 - Parto com o Piauí no coração.

Fonte: Jornal *O Dia*, Teresina. Edição do dia 30 de maio de 1971, p.1, n. 3.223, p. 5.



Figura 7 - Posse na Diocese de Petrolina, em dezembro de 1946.

Fonte: Laboratório Eugênio Veiga, Universidade Católica de Salvador.



Figura 8 - Dom Avelar assina termo de posse no Sólido Primacial da Bahia, em 31 de maio de 1971.

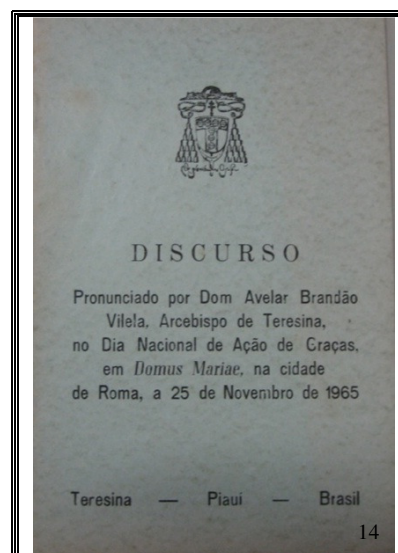
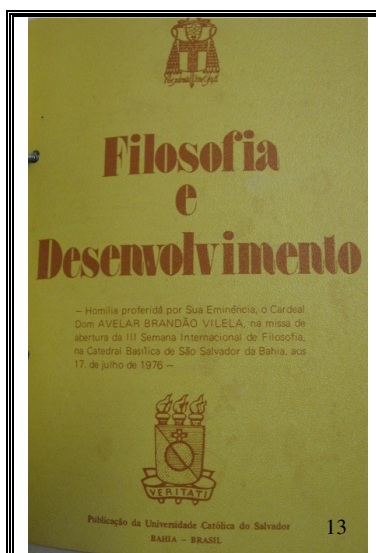
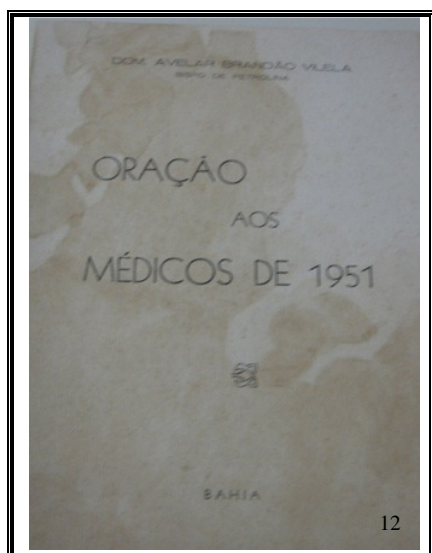
Fonte: *Jornal Tribuna da Bahia*, 01 de junho de 1971.





Figuras 9, 10, 11 – Visita à comunidade do bairro Maciel, em Salvador e recepções de populares em reivindicação no Palácio Campo Grande, em Salvador, na década de 1970.

Fonte: Laboratório Eugênio Veiga, Universidade Católica de Salvador.



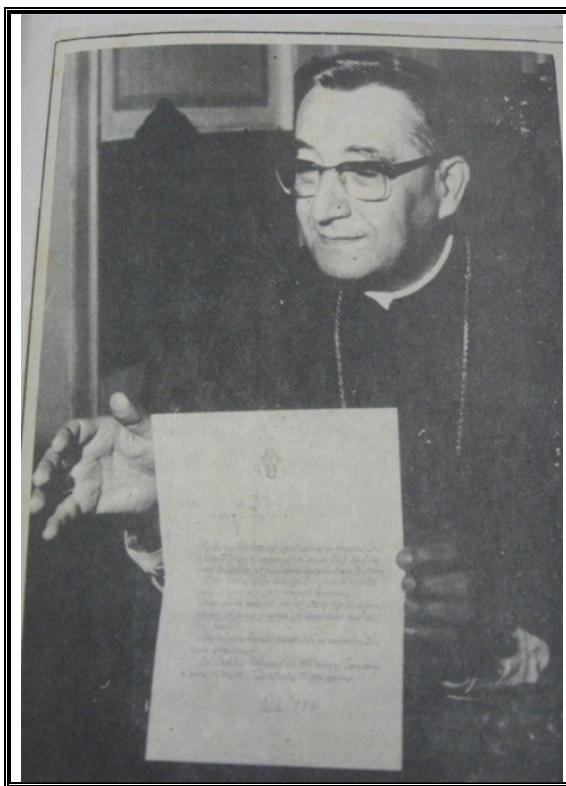
Figuras 12, 13, 14 - Capas de compilações de discursos e orações de Dom Avelar Brandão Vilela, produzidas com recursos da Arquidiocese de São Salvador.

Fonte: Laboratório Eugênio Veiga, Universidade Católica de Salvador.



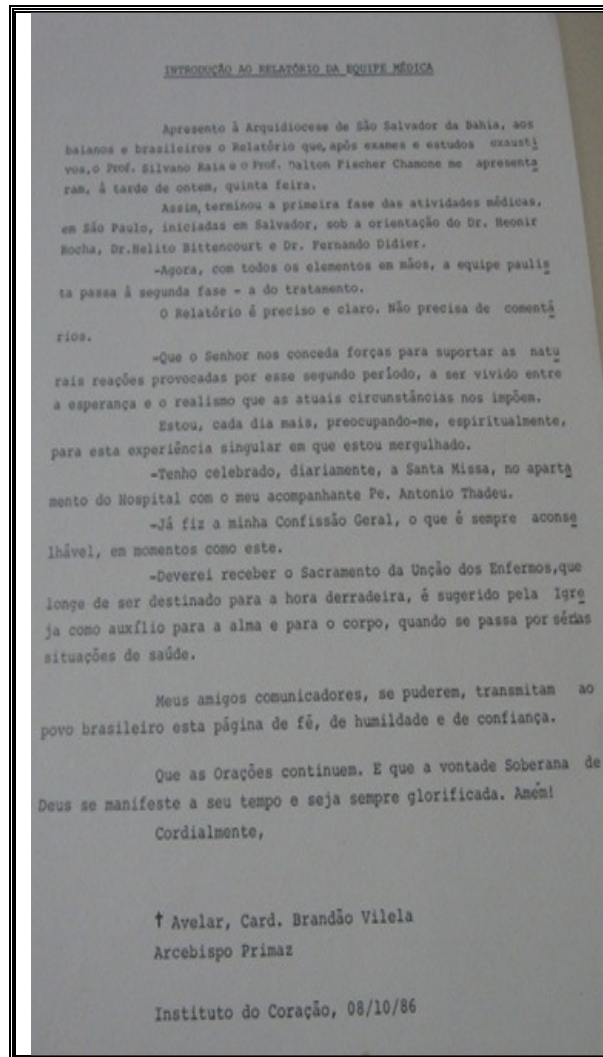
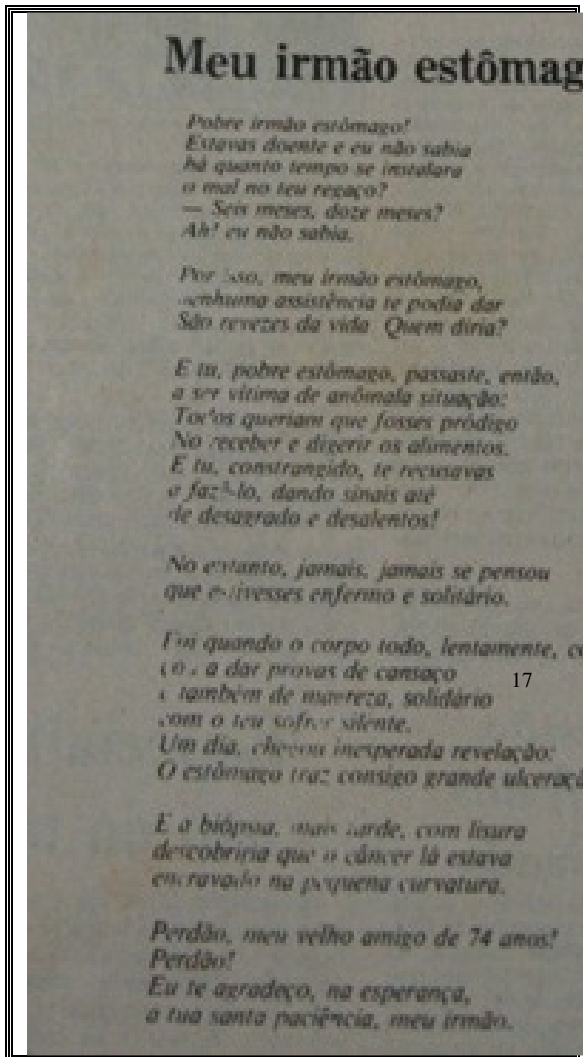
Figuras 15 - Dom Avelar Brandão Vilela recepciona o Papa João Paulo II na primeira visita de um chefe da Igreja de Roma ao Brasil, em 1980.

Fonte: Laboratório Eugênio Veiga, Universidade Católica de Salvador.



Figuras 16 - Dom Avelar Brandão Vilela exhibe comunicado oficial de sua eleição para o colégio de cardeais, em fevereiro de 1973.

Fonte: Jornal *A Tarde*. Salvador, edição do dia 03 de fevereiro de 1973.



Figuras 17, 18 - Poema temático sobre o estômago. E carta acrescentada por Dom Avelar Brandão Vilela ao laudo médico que diagnosticou câncer, em 1986. Ambos foram encaminhados à imprensa para a divulgação do estado de saúde de Dom Avelar.

Fonte: Laboratório Eugênio Veiga, Universidade Católica de Salvador.



Figuras 19, 20 - Cerimônia fúnebre de Dom Avelar Brandão Vilela, na Catedral Basílica de Salvador, em 21 de dezembro de 1986.

Fonte: Jornal *A Tarde*, 22 de dezembro de 1986.

1935

Eu, abaixo assinado, Diácono Avelar Brandão
 Mello, tendo apresentado ao Ex^{mo} Sr. Bispo
 requerimento para receber a Sagrada Ordem
 de Presbiterato, ao aproximar-se a Sagrada
 Ordenação e depois de seria reflexão deante
 de Deus, testifico sob juramento, que não sou
 impellido a receber esta sagrada Ordem por
 nenhuma coação ou violência, nem por qual-
 quer temor, mas que a desejo, espontanea-
 mente, e a quero de vontade sincera e firme,
 porquanto experimento e sinto realmente
 ser chamado por Deus.

Declaro conhecer plenamente todos os onus e
 demais encargos provenientes do santo pres-
 biterato que ardentemente quero e proponho,
 firmemente, receber, de livre e espontanea von-
 tade, prometendo guardá-los, diligentissima-
 mente, com o auxilio de Deus, que não me
 faltará, no decurso de toda minha vida.
 Principalmente, afirmo conhecer, em todo o seu
 alcance, a lei do celibato e, irrevogavelmente,
 me determino, com a protecção divina, a cumpri-
 la de boa vontade e a observá-la, integral-
 mente, até a morte.

Finalmente, prometo, com toda a sinceridade, obe-
 decer sempre, com animo totalmente submisso,
 segundo as normas dos sagrados Canones, a
 tudo quanto me for ordenado pelos superiores,
 e de mim exigir a disciplina da Igreja, dis-
 posto a dar exemplo de virtudes, já por fa-
 lavras, já por obras, e de tal modo que mereça
 a recompensa de Deus por tão grande mi-
 nistério. Assim o prometo, assim faço voto,

assim me ajude Deus e estes Santos Evan-
gelhos que toco com minhas mãos.

Aracaju, 23 de outubro de 1935.

Diacono Avelar Brandão Vilela.

Figuras 20, 21 – Manuscrito com os votos do seminarista Avelar Brandão Vilela, para o recebimento oficial da ordenação sacerdotal.

Fonte: Cúria Metropolitana de Aracaju.